



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Gleice Maria Mattos de Vasconcellos Luz

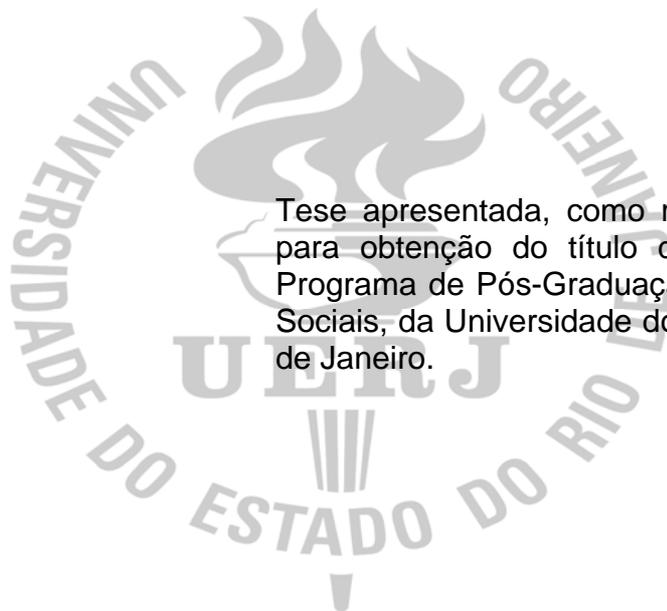
Noras e sogras: sobre relações familiares, conflitos e imagens

Rio de Janeiro

2010

Gleice Maria Mattos de Vasconcellos Luz

Noras e sogras: sobre relações familiares, conflitos e imagens



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Clarice Ehlers Peixoto

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

L979n Luz, Gleice Maria Mattos de Vasconcellos
Noras e sogras: sobre relações familiares, conflitos e
imagens. / Gleice Maria Mattos de Vasconcellos Luz. – 2010.
232 f.

Orientadora: Clarice Ehlers Peixoto
Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Sogras - Relações familiares - Teses. 2. Noras – Relações
familiares - Teses. 3. Família - Teses. I. Peixoto, Clarice Ehlers
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 301.185.14

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

Assinatura

Data

Gleice Maria Mattos de Vasconcellos Luz

Noras e sogras: sobre relações familiares, conflitos e imagens

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 31 de agosto de 2010.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Clarice Ehlers Peixoto (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Profa. Dra. Alda Britto da Motta
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA

Profa. Dra. Elaine Reis Brandão
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ

Profa. Dra. Myriam Lins de Barros
Escola de Serviço Social da UFRJ

Profa. Dra. Claudia Barcellos Rezende
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UERJ

Rio de Janeiro

2010

DEDICATÓRIA

Dedico esta Tese à Doça e Zezé, sogras queridíssimas!

AGRADECIMENTOS

À Clarice Peixoto, minha orientadora e amiga, pela atenção dedicada a este trabalho, sem a qual seria impossível realizar! Agradeço todos os seus incentivos, a confiança, a paciência e, principalmente, o aprimoramento teórico que vem me proporcionando ao longo desses anos.

À professora Alda Britto da Moda por sugerir a perspectiva de gênero neste trabalho.

À Professora Myriam Lins de Barros, que inspirou minhas primeiras reflexões sobre o parentesco por aliança, nas discussões ao longo do curso “Tópicos Especiais em Processos Culturais” em que fui sua aluna.

À Banca de qualificação pelas observações que fizeram no exame, fundamentais para alguns caminhos seguidos na tese.

Aos professores do PPCIS, pela transmissão de um conhecimento de excelência, contribuição decisiva na minha formação.

Aos queridos amigos que fiz na UERJ, companheiros nesta trajetória e que colaboraram com observações valiosas sobre o campo. Em especial, Andréa Freitas, Bárbara Copque, César Augusto Carvalho, Mariana Leal, Michel Alcoforado e Thaís Lemos.

Aos meus amores, André e Miguel, pelos suportes afetivo e material de todas as horas. Devo a vocês minhas maiores conquistas, pois me motivam a seguir!

À Maria José, minha mãe, minha amiga e minha vida, agradeço por todo amor, carinho e dedicação.

Aos meus primos, Marcone Lima e Rafael Lopes, pelo carinho com o qual disponibilizaram-se a facilitar o acesso às informações teóricas essenciais na elaboração desta tese. Com a atenção a mim dispensada, o tempo na apreensão dos dados foi melhor aproveitado.

Aos meus primos Ronaldo Lopes e Marie Labrousse que, atenciosos, contribuíram com informações importantes para o estudo proposto, além de presentear-me com alguns livros da bibliografia estrangeira aqui utilizada.

Ao meu querido irmão, Asclepiades Junior, que forneceu informações valiosas no campo jurídico, indicando referências e esclarecendo minhas dúvidas.

À querida amiga, Rosangela Castro, que, atenciosa, contribuiu com a revisão de alguns textos.

À todos os amigos que, de alguma forma, colaboraram para este trabalho, seja mediando o contato com as informantes, seja encaminhando textos, frases e músicas que tratam do universo pesquisado.

Às noras e sogras que participaram desta pesquisa, um agradecimento especial, pela generosidade com que compartilharam comigo suas histórias.

À FAPERJ pela concessão da Bolsa Nota 10, fundamental no apoio para a realização da pesquisa e na conclusão do presente trabalho.

Affinitas affinitatem non parit

Do Direito Romano: "A afinidade não gera afinidade."

RESUMO

LUZ, Gleice Maria Mattos de Vasconcellos Luz. **Noras e sogras:** sobre relações familiares, conflitos e imagens. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O presente trabalho tem como foco o parentesco por aliança, sendo esta uma relação que se estabelece sem o privilégio da escolha, tão cara aos indivíduos na contemporaneidade. Neste sentido, busca avaliar como se dá o processo de integração e inserção da nora na família por aliança e a percepção da sogra diante da chegada, na família, deste novo membro feminino; como os cônjuges, pivôs do parentesco por aliança, imprimem ritmo à relação com a parentela e ainda, que estratégias constroem para superação de tensões e conflitos. Os efeitos dos diferentes pertencimentos sociais sobre estas relações é um ponto que deve ser considerado na medida em que as trocas materiais são, muitas vezes, responsáveis pela aproximação dos indivíduos na família. Vale ressaltar as imagens de família como instrumento rico para análise das relações.

Palavras-chave: Relações familiares. Parentesco por aliança. Solidariedade e conflito familiar. Tensões entre noras e sogras. Imagens de família. Fotografias de família.

ABSTRACT

This current research focuses on the alliance relationship, which is a relationship that is established without the privilege of choice, so dear to people nowadays. In this sense, It assessed how it is the process of integration and insertion of the daughter-in-law in the family for alliance and the perception of the parents before the arrival in the family, this new female member, such as spouses, pivots of kinship by alliance, who gives rhythm to the relationship with relatives, and also that builds strategies to overcome tensions and conflicts. The effects of different social backgrounds on these relationships are a point that should be considered in that exchange materials which are often responsible for bringing the individuals in the family. It is noteworthy the family images like a rich instrument for analysis of relationships.

Keywords: Family relations. Alliance relationship. Solidarity and family conflicts. Tensions between daughters-in-law. Mothers-in-law. Family images. Family pictures.

.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	UM CAMPO FÉRTIL	17
1.1	Implicações da pesquisa	17
1.2	As noras e as sogras – breve apresentação das histórias familiares	29
1.2.1	<u>As noras</u>	29
1.2.2	<u>As sogras</u>	40
2	NORAS E SOGRAS/DIVERSIDADE CULTURAL - PARENTESCO POR ALIANÇA: UMA RELAÇÃO CONSTRUÍDA	50
2.1	O lugar do Consangüíneo x o lugar do Afim	51
2.2	Famílias Muçulmanas	61
2.3	Famílias Hindus – As Sograrias	64
2.4	Famílias Chinesas – Mudança, continuidade e singularidade	66
2.4.1	<u>Kwangtung – trabalho e relações familiarizas tradicionais</u>	67
2.4.2	<u>A família Lim – mudanças e permanências numa família taiwanesa</u> ...	76
2.4.3	<u>Os na – sem pai nem marido mas também sem nora e sogra Um caso singular na China</u>	79
2.5	Famílias francesas	81
2.6	Famílias portuguesas	91
2.7	A família ocidental x família oriental – algumas considerações	99
3	NORAS E SOGRAS DAS CAMADAS MÉDIAS E POPULARES: SOLIDARIEDADE E CONFLITO	101
3.1	Os apoios afetivos e materiais nas famílias brasileiras	102
3.1.1	<u>O significado das trocas entre aliadas</u>	106
3.1.2	<u>Dependência material x autonomia</u>	112
3.2	Identidade conjugal e hierarquia familiar: onde aparecem os conflitos?	119
3.2.1	<u>Hierarquização de papéis</u>	122
3.3	Relações Intergeracionais e de gênero	126
3.3.1	<u>Os limites na educação e cuidados das crianças</u>	128
3.3.2	<u>Conflitos entre noras e sogras: disputa “intra” gênero?</u>	131

3.4	Tensões e conflitos, superação e rupturas	139
3.4.1	<u>As estratégias: regulagens minuciosas</u>	144
4	FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIA: AUSÊNCIAS E DISTÂNCIAS	154
4.1	A fotografia de família e os novos contextos digitais	155
4.2	A fotografia como um registro intencional	161
4.3	A fotografia como artefato de memória familiar	167
4.4	Ausências subjetivas – Onde estão as noras e as sogras?	170
4.5	A fotografia como um ritual	182
4.6	Poses, hierarquias e representações	186
4.7	A fotografia na família individualizada	194
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
	REFERÊNCIAS	205
	ANEXOS A – Lista de entrevistadas	213
	ANEXO B – A abordagem do tema na internet – alguns exemplos	215
	ANEXO C – As anedotas	223

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1950, as transformações na família têm despertado o interesse de sociólogos e antropólogos que procuram compreender os efeitos das mudanças sociais nos arranjos e relações familiares. Dentre elas destaca-se o recolhimento dos indivíduos para o interior da família conjugal como resultado do processo de individualização para o qual caminhou a sociedade. A ênfase na família centrada no casal e nos filhos tem efeito direto na relação com os demais membros da parentela. Não significa que as relações familiares tenham sofrido rupturas, mas que a família conjugal prima sobre a família ampliada. A atenção destinada aos projetos pessoais e as escolhas deram um novo sentido para as relações da família contemporânea, onde o afeto tem um lugar central nas interações. Espera-se que a parentela interfira minimamente na vida da família conjugal, posto que valoriza sua autonomia sobre a família. Contudo, a descontinuidade das práticas e visões de mundo da geração mais velha, não suprimiu as trocas intergeracionais afetivas e materiais, sinal de que a solidariedade familiar é permanente e garante a continuidade do grupo familiar. (SINGLY, 2007)

Vale ressaltar que a solidariedade familiar, no entanto, não se restringe aos parentes consangüíneos. As ajudas também são oferecidas e demandadas entre parentes por aliança, ainda que estas relações sejam indesejáveis. Numa sociedade onde cada vez mais há a coexistência de três ou mais gerações, é inevitável que os cônjuges não se relacionem com os seus sogros e os avós com os netos. Mesmo nas situações mais tensas, cada cônjuge procura manter um relacionamento mais harmonioso com seus sogros na expectativa de que o seu marido ou mulher faça o mesmo: questão de evitar conflito com seus próprios pais.

Acredito que o estudo das relações de parentesco por aliança permite uma reflexão sobre a individualização na família e construção de espaços autônomos, principalmente daqueles entre noras e sogras, já que a conjugalidade implica na entrada em um novo circuito das relações de parentesco, numa outra rede familiar. São novos papéis a serem desempenhados. Assim, esta pesquisa procura analisar a relação entre noras e

sogra a fim de entender a dinâmica desta relação por aliança e as representações sobre ela.

Esta pesquisa de doutorado tem como foco o parentesco por aliança em famílias cariocas de camadas sociais distintas. Tomando a relação entre noras e sogras como objeto central da análise, a pesquisa busca avaliar a relação familiar que se estabelece sem o privilégio da escolha, condição valorizada pelos indivíduos na contemporaneidade. São também consideradas as nuances desta relação segundo o pertencimento social uma vez que as trocas materiais são, muitas vezes, responsáveis pela aproximação dos indivíduos na família. A inserção da nora na família do cônjuge, bem como a percepção da sogra sobre este novo membro da sua família, são o ponto de partida da análise e indicam os rumos dessa relação.

Poderíamos afirmar que os elos consangüíneos por si só garantem as trocas e ajudas no âmbito familiar uma vez que pressupõem certa incondicionalidade das relações, inclusive na família contemporânea, pautadas nos apoios afetivos e materiais. Será, então, que os princípios que fundamentam as relações afins são os mesmos que regem as relações? O que faz, por exemplo, com que sogras e noras se identifiquem como parte de uma mesma parentela e se ajudem mutuamente mesmo que a relação de parentesco não tenha sido uma escolha? Como explicar o fato de algumas noras tornarem-se cuidadoras de sogras em momentos de doença? É por obrigação ou por afeto? Por que a chegada dos filhos/netos transforma as relações entre noras e sogras? Quais os elementos detonadores de conflitos e que estratégias os indivíduos utilizam para minimizá-los?

Além dos aspectos que podem contribuir para a compreensão das representações e do sentido que garante o elo entre parentes por aliança na família contemporânea, outras indagações podem servir como subsídios para entender como os indivíduos constroem espaços autônomos nas relações não-consangüíneas e garantem sua individualidade sem deixar de preservar os laços familiares: Há diferença na relação entre noras e sogras quando a mulher é casada com o filho eleito? Isso pode aproximar ou dificultar ainda mais a relação entre parentes afins? Como as sogras abraçam a escolha dos filhos, sobretudo em situações onde ocorrem diferenças de classe, de escolaridade e

de cor? A dinâmica das relações entre noras e sogras se diferencia nos diversos segmentos sociais (populares, médios e burgueses)?

As análises baseiam-se na descrição das situações e práticas vivenciadas pelas noras e sogras na cena familiar para compreender o sentido que dão às interações e trocas entre elas. O resultado da pesquisa é, então, apresentado nesta tese em quatro capítulos: o primeiro trata dos aspectos metodológicos da pesquisa. Nele são abordados os principais problemas enfrentados no campo e os caminhos encontrados para dar seguimento à investigação, considerando que os enfrentamentos metodológicos dão o tom certo para o controle da subjetividade na pesquisa. As entrevistas semi-abertas e a análise dos discursos em torno das fotografias de família constituíram-se como instrumental fundamental para a pesquisa qualitativa desenvolvida, a fim de captar representações e comportamentos de noras e sogras. Para situar o leitor no campo, o capítulo traz ainda uma breve biografia das entrevistadas, informando sobre pertencimento social, idade, atividade profissional e as situações mais marcantes da relação com as aliadas. O objetivo é, antes, deixar o leitor familiarizado com as histórias das informantes a fim de que as situações empíricas problematizadas nos capítulos subseqüentes, embora fragmentadas, não escapem do todo.

O capítulo 2 discute as particularidades e diferenças entre o parentesco consanguíneo e por aliança, relações parentais assimétricas posto que uma pesa mais do que outras nas representações dos indivíduos. Assim, este capítulo busca compreender a natureza da relação entre noras e sogras, uma relação não eletiva, muitas vezes, forçada e suscetível a conflitos e tensões. A inexistência do laço consanguíneo, ainda que noras e sogras passem a se referenciar como membros de uma mesma família, pode dificultar o relacionamento entre elas uma vez que este laço é um fator determinante para a superação dos problemas e a garantia das trocas e ajudas mútuas na família contemporânea ocidental. A solidariedade familiar e o tempo são fatores fundamentais na construção do parentesco por alianças, porém, marcados por expectativas de reciprocidade.

São também apresentados no segundo capítulo comportamentos e práticas de famílias em contextos culturais diversificados, tomando como exemplo as relações na família paquistanesa, chinesa, indiana, francesa e

portuguesa. Embora apontem algumas diferenças nas práticas entre as sociedades oriental e ocidental, o conjunto revela tensões inerentes ao parentesco por aliança, mas que são diluídas, segundo as regras da cultura onde noras e sogras estão inseridas.

O capítulo 3 aborda os dilemas do encontro entre gerações diferentes. A reciprocidade entre noras e sogras provoca a percepção de comportamentos e visões de mundo consideradas modernas ou ultrapassadas, o que ocasiona dificuldades na construção desta relação.

É também problematizada a idéia presente no imaginário social de que as disputas entre noras e sogras são marcas do gênero feminino, “competitivo” por natureza. Entretanto, no levantamento bibliográfico sobre relações de gênero não foram encontradas pesquisas que analisassem os conflitos entre mulheres. O movimento feminista, debruçado nos estudos de gênero, direcionou suas pesquisas para as desigualdades e conflitos entre homens e mulheres. Neste sentido, diante da ausência de base teórica para analisar a relação entre noras e sogras sob a perspectiva de gênero, optei por apoiar-me na literatura sobre relações intergeracionais, pois trata-se também de uma disputa por manter ou conquistar um lugar e um papel no âmbito da família, muitas vezes carregados por conflitos originados nas diferentes percepções de gerações, muito embora o *locus* destes conflitos seja o âmbito do doméstico, um terreno, ainda, muito feminino.

As representações sobre a figura da sogra como um membro familiar de difícil trato nas relações são também mencionadas, embora o foco da pesquisa tenha sido o de analisar como o imaginário social se expressa nos comportamentos e práticas familiares. Tal expectativa é também manifestada por algumas entrevistadas. De todo modo, destaco a produção de piadas e músicas cujas sogras são protagonistas principais, sendo sempre retratadas como megeras ou uma presença indesejável¹.

São apresentadas algumas estratégias empregadas para que esta relação parental seja mais amistosa, como a construção de espaços

¹ Numa rápida pesquisa na internet, constatei que as sogras são o alvo principal de pilhéria nas relações por aliança, geralmente em situações que envolvem o genro. As piadas que ressaltam a relação com a nora são mais raras, assim como as piadas sobre cunhados. Diria que compõem apenas 2% do universo encontrado. As epígrafes desta tese demonstram, de certo modo, esta realidade. Assim, destacam-se mais frases sobre sogras, com raras menções às noras e, sempre, a sogra apontada como um entrave. Ver também Anexos.

autônomos na família contemporânea e a busca pelo equilíbrio entre os laços parentais e a unidade conjugal. A manutenção dos laços com a família por aliança vai depender de fatores como a inserção da nora na família do marido, da intensidade e qualidade do relacionamento com a sogra. As ajudas dadas e recebidas aparecem como fatores que minimizam ou mesmo anulam pequenas divergências, gerando a expectativa de mudança da relação familiar obrigatória para laços afetivos. Destaco a valorização do laço filial em detrimento do laço conjugal como fator que coloca em risco a relação dos cônjuges, pois tensões e conflitos nem sempre são suplantados e terminam em rupturas. As relações não conflituosas ou tensas também foram alvo de investigação nesta pesquisa de doutorado, uma vez que interessa saber o que determina um bom relacionamento entre parentes por aliança.

No capítulo 4 são abordadas as representações que noras e sogras têm uma da outra reveladas através das fotografias e álbuns de família, um instrumento importante para a compreensão desta relação. As fotografias de família, numa primeira análise, registram e perpetuam momentos que serão rememorados posteriormente bem como garantem, às gerações seguintes, o conhecimento de sua ascendência, reforçando a identidade e o sentimento de pertencimento ao grupo familiar. Os registros das cenas familiares podem demonstrar vínculos de afinidade que perpassam as relações de parentesco, sejam elas consangüíneas ou por aliança. Quem é mais fotografado, quem aparece menos e quem foi excluído das fotos pode ser um indicativo do grau de proximidade entre os indivíduos. E ainda, como noras e sogras se apresentam nestas fotografias posto que poses, atitudes corporais e composições cênicas podem revelar situações de demarcação de papéis e posição social na família.

Como veremos, serão apontados os principais dilemas da relação entre noras e sogras, que decorrem da fragilidade deste parentesco por aliança. A questão é saber se existe espaço para a dimensão afetiva e eletiva nesta relação parental ou se, incontornável, é essencialmente obrigatória.

1 UM CAMPO FÉRTIL

Sogra quando vai à Praia tem que colocar protetor solar na língua!²

1.1 As implicações da pesquisa

Que a família é o espaço onde a sociedade se reproduz biologicamente todos sabemos. Muito já foi dito que é também o primeiro local de socialização, de transmissão de valores e crenças. Sendo assim, a família se apresenta como o “porto seguro” onde os indivíduos encontram o suporte de que necessitam, seja material ou afetivo, independente do arranjo familiar ou do contexto em que esteja inserida. Contudo, com um olhar mais apurado, A. Britto da Motta percebe que a família,

[...] é o lugar social dos afetos radicais – onde as relações são quase simbióticas, as afeições mais doces e os embates entre os sexos/gênero e as gerações podem ser mais dolorosos. Onde se encontram os modelos de sentimentos em estado mais depurado: os amores, as aceitações ilimitadas, as mais fundas solidariedades; ou as rejeições mais chocantes, os conflitos cotidianizados, ressentimentos “inexplicáveis” e ódios. Explícitos ou recalçados. (1998, p. 71)

Nesse sentido, podemos pensar que, na família, são experimentadas algumas sensações fundamentais da existência humana, mas é na idéia de pertencimento ao grupo que os indivíduos se mantêm juntos, evocando os laços consanguíneos e por aliança para manter a coesão e o equilíbrio nas relações familiares.

A decisão em tomar as relações entre noras e sogras como objeto de pesquisa para o doutorado, originou-se na constatação de que, nas relações familiares, a construção dos laços no parentesco por aliança é talvez o mais complexo. A idéia surgiu durante a pesquisa que realizei no mestrado sobre os problemas enfrentados pelas famílias de camadas médias com o retorno dos

^{2 2} Todas as epígrafes desta tese são piadas e frases anônimas.

jovens casados à casa dos pais³. As situações levantadas nas entrevistas apontaram para algumas questões que envolviam esta relação parental, mas que não pude aprofundar naquele momento, tendo em vista que o alvo da pesquisa era o impacto do desemprego nas relações familiares. Retomando as relações entre noras e sogras no doutorado, precisava construir o campo. Quem seriam essas informantes? Onde as encontraria? Como abordá-las e estimular a conversa sobre a privacidade da vida em família? Quantas noras e sogras deveriam ser entrevistadas para que o campo fosse profícuo? Seria interessante considerar os efeitos dos diferentes pertencimentos sociais sobre essas relações?

A primeira surpresa no campo foi constatar que, em se tratando do assunto “relacionamento com a sogra, ou com a nora”, não existem constrangimentos para relatar a experiência⁴. E, assim, fui verificando ao transitar pelos lugares onde estabelecia o menor contato com as pessoas: no salão de beleza, na sala de espera dos consultórios médicos, nos transportes públicos, na ótica e, até mesmo, num rápido contato andando pelas ruas⁵. Bastava um olhar, e o tema “família” surgir para que eu me sentisse autorizada a tocar no assunto nora/sogra e as conversas seguissem fluidamente, noras reclamando das ingerências das sogras; sogras reclamando do modo como as noras cuidam dos filhos e dos netos. Interessante notar que o fato de não me conhecerem não gerava o menor desconforto para que discorressem sobre suas relações. Esse comportamento suscitou a seguinte dúvida: por que a relação entre noras e sogras é tão marcada por tensões e conflitos a ponto de todas terem uma história para contar, quase em tom de desabafo, para

³ Ver LUZ, 2005.

⁴ Um comportamento bem diferente do que encontrei durante o mestrado, onde tive que atentar para inúmeros detalhes na entrada no campo – a casa das famílias entrevistadas. Consistiam no cuidado na forma de abordagem, na apresentação do tema e em resguardar o anonimato dos entrevistados, a pedido da maioria dos informantes, através da alteração dos nomes na dissertação. Ver luz, 2005.

⁵ Certa vez, andando pela rua da Carioca fui esbarrada por uma senhora que, ao se desculpar gentilmente, justificou sua pressa dizendo que tinha que chegar a tempo na casa do filho para cuidar da neta, já que a nora tinha que trabalhar. Como seguíamos na mesma direção, prolonguei o assunto indagando sobre seu relacionamento com a nora. A senhora não se furtou a responder que ambas tinham um relacionamento amigável, mas não concordava com o modo como a nora educava a neta. Comentou também que o filho e a nora tinham alguns problemas no casamento mas que ela não se envolvia no assunto e seu interesse era ajudá-los no que fosse solicitada. Moradora do Flamengo, zona sul, segue todos os dias para o bairro do filho, em Jacarepaguá, na zona oeste do Rio de Janeiro, o que me levou a perguntar sobre o marido dela. Respondeu que se não fosse divorciada, certamente não poderia colaborar. Já a nora e a mãe não têm um bom relacionamento.

qualquer pessoa que as indague a respeito? A partir dessa pergunta inicial uma problemática começava a se instaurar, reunindo um conjunto de questões para serem analisadas e verificadas durante a pesquisa sobre o parentesco por aliança.

Portanto, a facilidade com que o tema era tratado favoreceu a construção do campo, formalizado através do convite para a participação nas entrevistas. Busquei as informantes na minha rede de relações, posto que o contato com elas seria fortalecido pela proximidade com o mediador. Essa estratégia pareceu ser uma opção melhor do que tentar dar continuidade à pesquisa com as pessoas nesses diálogos furtivos, embora tivessem sido importantes para indicar pistas e levantar questões sobre as relações entre noras e sogras. Assim, a metodologia adotada nesta pesquisa qualitativa consistiu em entrevistas semi-abertas, sobretudo, noras e sogras indicadas por pessoas próximas ou convidadas diretamente por mim nos contextos os quais circulo com mais frequência. Em nenhum contato estabelecido houve a rejeição pela pesquisa. O campo é formado por pessoas indicadas por amigas e amigos, vizinhas, mães e avós de colegas de escola do meu filho, diaristas e empregadas domésticas de amigas e que trabalharam para mim, manicures de salões, que costumo frequentar, e colegas de trabalho de meu marido. Uma rede bastante heterogênea, porque desconfiava que havia algo em comum na construção desse parentesco por aliança.

Ter a Família contemporânea como objeto de investigação é, também, um desafio metodológico para o antropólogo interessado em compreender as relações sociais nesse campo. Intrigante porque consiste, antes, em tornar exótico aquilo que lhe é bastante familiar, e isto se dá através de um constante exercício de controle de tal perspectiva. A consciência de que a produção do conhecimento do homem sobre o próprio homem implica o estranhamento de si mesmo é fundamental nas pesquisas, nas quais observador e observado têm experiências comuns, pois sujeito e objeto estão unidos pelo mesmo universo de significações.

Entretanto, é necessário que o pesquisador atente para que a familiaridade com o objeto não se transforme numa armadilha. Compartilhar os mesmos códigos sociais pode cristalizar certas prenoções a respeito do grupo, falseando a apreensão das variadas visões de mundo dentro da mesma escala

de experiências. Nesse sentido, é importante ter em mente que a “experiência próxima” não deve comprometer um olhar mais minucioso e detalhado sobre comportamentos e representações do objeto proposto. Como observa R. Da Matta,

O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os ‘porquês’) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação (1978, p. 28).

Por outro lado, a familiarização com o outro pode ser revertida em vantagem para a pesquisa. O conhecimento de alguns códigos de comportamento implica o domínio de repertórios que podem favorecer a entrada no campo. O antropólogo não é visto pelo informante como *outsider*, posto que, aos olhos do nativo, “compreende” o que está acontecendo. Assim, pode romper barreiras e pular etapas no processo de reconhecimento. Essa possibilidade de transitar de uma posição a outra não implica, entretanto, o controle total da relação entre pesquisador e entrevistado. O importante é que, no “retorno” dessa “experiência próxima”, o pesquisador consiga problematizar o empírico, que antes parecia óbvio, pois, segundo G. Velho, “o que vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido (...)”. (1989, p. 39).

Diria que a pesquisa sobre noras e sogras contribuiu para a reflexão sobre a os dilemas da experiência próxima e do distanciamento do objeto em análise antropológica, visto que também sou nora e tenho identificado inúmeras semelhanças vivenciadas por mim nas representações das entrevistadas. Diante do encontro entre o meu universo familiar e o universo pesquisado, acabei percebendo que a subjetividade do pesquisador e o comprometimento científico não são excludentes. Concordo com G. Velho quando diz que,

[...] não se trata apenas de manipular com maior ou menor habilidade técnicas de distanciamento, mas ter condições de estar permanentemente num processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao seu trabalho com o objeto de pesquisa de que, afinal, ele faz parte (1989, p.13)

A familiaridade, portanto, “introduz uma nova dimensão para o trabalho antropológico”. Transitar entre o mundo nativo e o mundo científico é uma

tarefa delicada, contudo acredito que o conhecimento que se tem de alguns códigos do grupo não deve ser anulado, mas, sim, redirecionado. Desse modo, tal dimensão subjetiva da pesquisa, inevitável, pode ser aproveitada do ponto de vista prático. Nesta investigação, as experiências em comum serviram como estratégia para encurtar distâncias e estabelecer um clima de confiança com as minhas entrevistadas, principalmente se pensarmos que, na pesquisa, o método de coleta de dados é gerado a partir de entrevistas, portanto, do breve contato com o informante. Assim, a relação que se tem com esse “outro”, penso, deve inspirar certa confiança. As trocas entre “sujeito” e “objeto”, no ato da entrevista, têm efeito direto nos relatos. Se elas forem desastrosas, poderão comprometer toda a pesquisa, à medida que as informações sejam omitidas ou falseadas.

A atenção constante sobre o que o pesquisador pode representar para o entrevistado é fundamental para dar ritmo à entrevista. A exemplo, cito o caso de uma sogra entrevistada, logo no início da pesquisa, e que evitou tocar nos problemas com a nora durante toda nossa conversa, restringindo-se a respostas curtas, quase monossilábicas. Nosso contato se deu através de uma amiga que, sobrinha da informante, introduziu-me alguns assuntos que envolviam os problemas que a tia enfrentava com a nora antes da entrevista. Ocorre que o filho dessa senhora é um músico famoso de um grupo de pagode e, penso, ela desconfiava de como seriam usadas por mim as informações da família. Talvez, ela não tivesse compreendido que a entrevista era uma pesquisa científica, embora eu esclarecesse e reforçasse essa informação a todo o momento, quando percebia que ela se mantinha reticente. Decidi, então, abandonar essa entrevista diante das informações mínimas recolhidas nesse encontro, embora pudesse insistir num novo contato, já que as portas não se fecharam e pelo fato de que, por outro lado, o campo se mostrou muito fértil. Prefiro dar atenção às informantes mais expressivas. De todo modo, considero relevante mencionar aqui esse caso, pois um dos enfrentamentos a que o antropólogo deve estar atento é o que ele pode representar para o grupo, a fim de que possa eleger caminhos e soluções para romper tais obstáculos. Nesse sentido, não se tem o controle do que o grupo pensa sobre o pesquisador, mas é necessário que exista uma consciência a esse respeito.

Algumas entrevistadas, noras e sogras, manifestaram curiosidade sobre a minha “situação” como nora, talvez para estabelecer simetria na relação pesquisador/informante através da identificação dos problemas. Costumo dar o *feedback* esperado por elas, uma vez que obtive bons resultados utilizando essa estratégia na pesquisa do mestrado.⁶ Como meu trabalho não consistia em uma pesquisa de campo sistemática, fundada na observação participante cotidiana, as distâncias eram, assim, encurtadas naqueles encontros programados. O clima descontraído se instaurava, principalmente com as noras. Não obstante, algumas sogras careciam de maiores explicações sobre a pesquisa e tão somente demonstravam-se mais confiantes em relatar suas histórias. Para ilustrar, cito o caso de Elisa (diarista, 60 anos), que se mostrou ser a sogra mais cuidadosa ao comentar suas impressões sobre a nora no início da entrevista. O contato com ela se deu por meio de sua patroa, uma pessoa que conheci recentemente. A entrevista foi realizada ao final de seu dia trabalho, na casa da nossa mediadora, sem a presença dela. À medida que nossa conversa se prolongava, Elisa me perguntava sobre o que eu fazia, meu local de trabalho e o objetivo da entrevista, levando-me a crer que foi “intimada” por sua patroa a participar da pesquisa, visto que não sabia muito bem do que se tratava. Ao poucos, foi mostrando-se mais entusiasmada à medida que esclarecia suas dúvidas. Nesse caso, o que “quebrou o gelo” entre nós foi a idéia de que se tratava de um trabalho científico, valorizado por ela, como algo que “gostaria de ter feito na vida”. Assim, Elisa passou a dar detalhes da sua vida familiar, sua relação com as noras, filhos e netos.

Luzia, também sogra, é um caso que se destaca entre as entrevistadas. Colega de trabalho de meu marido, teve conhecimento da pesquisa por meio dele e, imediatamente, identificou-se com o tema porque vivenciava um momento atribulado com a nora. Predispôs-se a participar, mencionando o assunto tão logo nos encontramos. Luzia é psicóloga e faz pós-graduação em sua área, portanto, compreende os meandros que envolvem uma pesquisa sobre relações sociais. Assim, aceitou participar também da segunda etapa do

⁶ As entrevistas eram realizadas com todos os membros da família, ou a maioria deles, em recoabitação. Identificar-me como uma pessoa que já vivenciara aquela situação deixava as famílias mais à vontade para falarem sobre suas dinâmicas. Houve casos em que minha presença transformava o encontro em quase uma terapia de grupo, e assim pude captar noções, práticas e valores, posto que os indivíduos tratavam de assuntos nunca antes mencionados entre eles.

trabalho, concordando em apresentar seus retratos de família. Como eu filmava tais encontros, Luzia, um pouco tímida, dizia “tudo em nome da ciência”, deixando-me a ambiguidade: se essa observação representava “arrependimento”, por deixar-se filmar, ou se realmente compreendia a importância da pesquisa social. Essa lacuna nunca será preenchida, de todo modo, seus depoimentos foram profícuos.

Um problema surgido no decorrer da pesquisa e que diz respeito à própria fragilidade da relação parental nora/sogra, gerou uma redefinição do universo entrevistado. A proposta inicial do trabalho visava à entrevista com mulheres da mesma família, porém tanto noras como sogras demonstraram certo incômodo ao serem perguntadas sobre a possibilidade de uma conversa com o outro membro da família (a nora ou a sogra). O receio das informantes, quase unânime, da participação de seu par opositor, levou-me a abandonar essa idéia. Diante das reações negativas, preferi não arriscar a empatia no contato inicial com as entrevistadas, além de temer que, talvez, as entrevistas conjuntas pudessem acirrar problemas ou gerar “mal-entendidos”.

Optei, assim, por entrevistas individuais com pessoas de famílias distintas, resguardando minhas entrevistadas. O que no primeiro momento parecia ser um problema, à medida que se configurava uma visão parcial das situações familiares, no decorrer das entrevistas, percebi que as informantes sentiam-se mais à vontade para tratar das situações delicadas da relação parental. O fato de saberem que a sogra ou a nora não participavam da pesquisa as deixava mais espontâneas ao contarem suas histórias. Não por acaso, os conflitos foram sendo logo mencionados, indicando que a nova estratégia adotada não comprometia a análise, ao contrário, favorecia a compreensão da complexidade envolvida no parentesco por aliança. Já no único caso em que nora e sogra são da mesma família, não foi mencionada qualquer tensão entre elas, nas conversas informais que tivemos, como ocorreu com Clara (nutricionista, 37 anos) e Celina (professora de biologia aposentada, 62 anos), mãe e avó de um colega de classe de meu filho, respectivamente. A participação das duas deu-se casualmente. Quando souberam o que eu estudava no doutorado, não se furtaram a comentar suas experiências. Assim, nossos encontros em torno das atividades das crianças

proporcionaram inúmeras conversas sobre suas relações familiares, desde o namoro de Clara com o filho de Celina até as trocas que ambas mantêm hoje em dia, mas sempre ressaltando o bom relacionamento entre elas. Não foi possível saber se existem tensões nessa relação nora/sogra especificamente, mas o que relataram não deixou de ser importante enquanto dado para a pesquisa.

Sendo assim, é possível afirmar que as conversas informais com algumas noras e sogras, mesmo quando são de famílias distintas, foram relevantes para elucidar questões sobre a dinâmica da relação entre elas, dimensionando a distinção do parentesco por consanguinidade e por aliança, destacando suas nuances e apontando perspectivas. Interessante ressaltar que algumas noras entrevistadas chegaram à pesquisa por iniciativa própria, ao tomarem conhecimento do tema, ora através de pessoas que já tinham sido entrevistadas, ora por outras que apenas sabiam do trabalho. A insistência em relatarem suas experiências fez com que duas noras fossem incluídas já na última etapa da pesquisa de campo, e as informações recolhidas através de seus relatos enriqueceram bastante as análises. Foi assim com Fabíola (estudante de Turismo, 31 anos) e Janine (estudante de comunicação, 25 anos). Fabíola mora no mesmo condomínio que eu e é muito próxima de uma amiga que temos em comum. Ela se ofereceu para a entrevista, mas recusei sua participação, alegando que já havia encerrado o trabalho. Diante de sua insistência, dizendo que “tinha muita coisa para contar”, aceitei sua oferta. E o saldo foi positivo, pois é uma pessoa expressiva, e logo direcionamos a conversa em torno de suas fotografias de família. Já Janine participou da pesquisa a convite de sua prima Elaine (dona de casa, 37 anos), uma das informantes eleitas para a segunda etapa. Fui avisada por Elaine que a prima estaria presente no nosso segundo encontro, pois considerou que seria interessante que Janine ouvisse nossa conversa, porque passava por sérios conflitos com a sogra⁷. No primeiro momento, Janine manteve-se em silêncio, preocupada com o fato de que o encontro estava sendo filmado. Declarou ser

⁷ Janine ainda não casou. No entanto, considerei seu depoimento relevante pois, as entrevistas com as demais informantes demonstraram que os indivíduos se identificam e usam como referência os termos “nora” e “sogra” desde a fase do namoro, sinal de que o estatuto parental já é estabelecido antes do casamento através das trocas entre a “namorada” e a “mãe do namorado”, que se percebem como noras e sogras logo neste primeiro momento.

reticente com a divulgação dessas imagens na internet. Expliquei os detalhes da pesquisa sem insistir na sua participação, até que, num determinado momento, ela não se conteve e decidiu relatar sua história, permitindo que seus depoimentos fossem filmados. Considerando os imponderáveis da pesquisa, diria que essas duas informantes serviram para a compreensão de que, em pesquisa qualitativa, não deve haver rigor na quantidade de entrevistas no campo. A possibilidade de estendê-las é abrir espaço para o recolhimento de novos dados. Mais ainda, é necessário estar atento a qualquer manifestação que possa gerar informação. Os depoimentos de Fabíola e Janine foram fundamentais nas análises sobre imagens na família.

Ao todo foram realizadas vinte e três entrevistas, sendo oito formais e cinco informais com noras; e sete formais e três informais com sogras. O fato do número de entrevistas com noras ser superior ao de sogras não desequilibra a análise considerando que o ponto de vista das sogras é bem representado neste pequeno universo. Já o aumento no quantitativo de noras é favorecido, por um lado, pela proximidade geracional na minha rede de amizades e pela maior predisposição e interesse das noras na pesquisa. Considerei importante para estas análises, os depoimentos de duas pessoas entrevistadas na pesquisa realizada no mestrado.

As entrevistadas são de pertencimentos sociais diversos, com pessoas de camadas populares e das variações dos estratos das camadas médias.⁸ As entrevistas com mulheres de origens sociais distintas pretendeu avaliar onde se aproximam e se distanciam as práticas, trocas e natureza dos conflitos. Para delinear o universo pesquisado, foram considerados os seguintes critérios de classificação: renda familiar, profissão e escolaridade dos pais, lugar e condições de moradia, coabitação ou não.

Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, considerei importantes os estudos antropológicos elaborados no Brasil e na Europa sobre solidariedade familiar e intergeracional, processos de constituição da autonomia e individualização e, ainda, o aporte teórico da antropologia visual e das emoções. As perspectivas teóricas aqui destacadas compõem um instrumental importante para a análise das representações e comportamentos da família contemporânea, que foram fundamentais na compreensão dos

⁸ Ver lista detalhada em anexo.

sentidos que noras e sogras dão às suas práticas, assim como o modo como interpretam essa relação parental neste universo pesquisado. Nesse sentido, as fontes foram referenciais fundamentais no diálogo com a pesquisa, principalmente na análise sobre os efeitos de gênero, geração e pertencimento de classe na constituição identitária das noras e das sogras e suas subjetividades. A. Brito da Motta chama atenção para essas categorias como capazes de expressar “diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias” (1999). Portanto, mantive um olhar mais atento a esses aspectos, posto que

Classe social, gênero, gerações são dimensões da vida social, que analisadas isoladamente dão apenas uma visão parcial da vida social. Expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias. Provisórias, porque na dialética da vida os lugares sociais se alternam, as situações sociais desestruturam-se e reconstróem-se em outros moldes. (MOTTA, 1999, p. 193).

Além das entrevistas formais e informais como metodologia de pesquisa, utilizei como fonte para a análise sobre o relacionamento entre noras e sogras as fotografias de família e o que elas podem desencadear em termos de relatos. Do ponto de vista das representações, os registros das cenas familiares podem demonstrar vínculos de afinidade que perpassam as relações de parentesco, sejam elas consanguíneas, sejam por aliança, pois as fotos são captadas por um membro da família, ou um profissional contratado, e classificadas por aquele que as conserva em álbuns de família ou em molduras expostas na casa. Considerei interessante eleger algumas informantes mais expressivas e, num segundo encontro, restabelecer um novo contato, retomando a conversa sobre a relação com as afins, por meio da observação das fotografias de família. Essa estratégia se configurou como um recurso para trazer à tona questões não abordadas no primeiro encontro e aprofundar outras, além da análise das próprias imagens. Por exemplo: Elaine (dona de casa, 38 anos), é dona de casa e foi criada pela tia-avó. Casou-se com Márcio (taxista, 48 anos) há 19 anos, sua relação com a sogra é distante e destituída de qualquer manifestação de afeto. Elas raramente se visitam. Elaine declara que Beatriz, sua filha (9 anos), tem mais intimidade com sua tia-avó do que com a avó paterna, e isso se manifesta nas ausências da sogra em suas

fotografias. Já Dona Laura (pensionista, 64 anos) teve muitos problemas com a nora no início do casamento de seu filho, que já dura 15 anos. Ela não frequenta a casa do filho e tem pouco contato com as netas. Assim, o que as imagens podem nos contar a respeito dessas relações familiares; das percepções das noras e sogras ao retomar as fotografias; de quem é mais fotografado e quem aparece menos ou quem está excluído das fotos; são dúvidas que nortearam o segundo momento da pesquisa.

Esses encontros em torno das fotografias foram filmados para que eu pudesse retomar posteriormente e analisar os efeitos da observação dos retratos e, assim, recuperar os depoimentos. Segundo Milton Guran (2000:p. 155), a “fotografia pode ser utilizada como instrumento de pesquisa ou como próprio objeto da pesquisa”. Diria que, para esta tese de doutorado, a fotografia teve essa dupla função: um instrumento para que as informantes rememorassem momentos em família, revelando o que estava para além daquele registro; e servindo como mais um dado sobre comportamento, relações familiares ou o modo como o parente por aliança é integrado na família, por meio da análise de como as fotos foram capturadas e classificadas. As fotografias acabam

[...] dando assim acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios [...], a possibilidade de uma percepção diferenciada da realidade [...]. Ainda que as informações fiquem no nível de simples impressões, elas podem ajudar a fazer emergir uma melhor compreensão da realidade estudada. (GURAN, 2000, p. 157)

As fotografias das entrevistadas revelaram ser um ótimo indicador para avaliar a intensidade das relações entre noras e sogras, um recurso metodológico de riqueza indiscutível, porque, por meio delas, pude resgatar uma gama de informações sobre situações diversas entre noras e sogras, para além daquele acontecimento familiar registrado, ao fazê-las lembrar de episódios, aparentemente, esquecidos. Como observa Carvalho (2005), as fotografias são “atos de memória”. Não por acaso, as imagens das fotos familiares, revistas pelas noras e sogras, revelam também suas reações ao relembrem o momento passado. Essas imagens integram o conjunto de dados recolhidos, importantes para a avaliação das emoções em jogo na relação entre elas. M. Guran observa que “o papel da fotografia como método

de observação não é apenas expor aquilo que é visível, mas, sobretudo, tornar visível o que nem sempre é visto.” (apud COPQUE 2003, p. 276)

Os enfrentamentos metodológicos dão o tom certo para o controle da subjetividade na pesquisa. Sistematizar os problemas enfrentados é um dos caminhos para tornar o trabalho mais científico menos panfletário. Tenho consciência de que esta pesquisa é somente uma visão sobre os fenômenos abordados, uma “experiência comunicada (...) filtrada e interpretada pelo autor que relata” (NUNES, 1978, p.15). A realidade é apreendida de formas diferentes, de acordo com a comunidade interpretativa a qual pertence o pesquisador (a), leia-se aí origem social, tipo de formação, orientação teórica, posição ideológica (VELHO, 1978, p. 41). Nesse sentido,

[...] ao menos aproximadamente, e não definitivamente, o pesquisador (a) divulga um conjunto de fenômenos da vida social, que poderão ser discutidos, testados e reavaliados por outros (as) pesquisadores (as), pois é o diálogo no âmbito da ciência que o conhecimento e a pesquisa podem avançar. (LUZ, 2005)

Assim, esta tese não tem a pretensão de apresentar um diagnóstico definitivo sobre comportamentos e representações, menos ainda propor uma teoria explicativa sobre o parentesco por alianças. A proposta aqui é, antes, chamar atenção para esse parentesco por aliança, suas nuances e a complexidade da relação entre noras e sogras.

1.2 **As noras e as sogras – breve apresentação das histórias familiares**⁹.

A seguir, apresento informações essenciais sobre as entrevistadas, com o intuito de proporcionar ao leitor um mapa biográfico antes de se debruçar nas páginas que seguem. Para situá-los, esclareço também a origem do contato com as informantes e o pertencimento social de cada uma delas, de modo a possibilitar a reconstituição da rede.

1.2.1 As noras

⁹ Os nomes apresentados são fictícios a fim de preservar a identidade das informantes.

Andreza, 38 anos, trabalha como secretária numa empresa privada. Casou-se com Rodrigues, aos 18 anos, quando o marido, militar, foi transferido para o Rio de Janeiro. Ambos possuem formação superior. Rodrigues morava com a família em Salvador – BA. Andreza conheceu a sogra quando ela e o marido ainda namoravam. O casal chegou a morar também um tempo na Bahia, mas Andreza conta que a sogra não foi muito receptiva com ela, ao contrário de seus cunhados. Depois que a filha do casal nasceu, a sogra fazia muitas críticas ao modo como Andreza cuidava de Luisa, e o marido costumavam aprovar as orientações da mãe, deixando Andreza em situação desconfortável. Retornaram ao Rio de Janeiro, mas Rodrigues costuma viajar para a casa dos pais todas as férias, levando a filha para ver a avó. Andreza preferia ficar no Rio de Janeiro e evitar o contato com a sogra. Nossas conversas ocorriam enquanto esperávamos as crianças na aula de natação, pois meu filho é da mesma turma que a filha de Andreza. Não foi possível formalizar a entrevista com ela em função de seus horários de trabalho. Andreza também alegou que não poderíamos conversar em sua casa nos finais de semana, por causa da presença de Rodrigues, o que não a deixaria à vontade para comentar sobre os problemas que teve com a sogra.

Glória é pedagoga e tem 34 anos e é casada com Marcos, 34 anos, estudante de Direito e analista de contratos em empresa privada de petróleo. Nossa primeira conversa iniciou-se numa festa de final de ano, realizada pela empresa onde nossos maridos trabalhavam. Como o assunto girava em torno dos filhos, o tema avó logo surgiu, sendo a deixa de que precisava para perguntar sobre o seu relacionamento com a sogra. Tivemos vários encontros em outros eventos da empresa, e como a conversa se aprofundava, decidi convidá-la para formalizar sua participação na pesquisa através de entrevista gravada. E, assim, encontramos-nos num café, no Centro da Cidade, onde pude colher maiores detalhes sobre Glória e sua sogra. Contou-me que conheceu Marcos no grupo jovem da igreja católica, quando ainda eram adolescentes. Durante o namoro, Glória visitava muito a família do marido e, após o falecimento de sua mãe, seu relacionamento com a sogra tornou-se mais estreito. Após quatro anos de namoro, resolveram se casar e durante o tempo que antecedeu o casamento, Glória foi morar na casa do noivo, a convite da

sogra. O objetivo era economizar dinheiro, deixando de pagar o aluguel do apartamento que dividia com uma amiga, pois seus familiares moram no sul. Segundo Glória, a relação com a sogra era absolutamente harmoniosa, e ela se sentia como “a filha que a sogra não teve”. Tudo perfeito até o dia em que marcaram o casamento. A sogra mostrou-se indignada, e Glória ficou impactada com essa reação. A sogra passou a intervir na vida do casal, desde a organização do casamento até a obra da casa que resolveram construir. Para Glória, a sogra não imaginava que o namoro fosse evoluir para o casamento, e ela “achava que era uma coisa de criança”. Glória e Marcos tiveram dois filhos e, já no nascimento do primeiro filho do casal, Glória e ela tiveram outros problemas. Glória, no entanto, contou com o apoio do marido nos conflitos e tensões, o que lhe autorizou reagir às intervenções da sogra.

Daniela é jornalista e trabalha como produtora, tem 32 anos. Ela é casada com João, jornalista, 35 anos. O casal resolveu morar junto quando ela ficou grávida. João ainda coabitava com os pais e mudou-se para o apartamento da mulher, situado no Jardim Botânico, zona sul do Rio de Janeiro. Lá residiram até bem perto do nascimento da criança. Ambos pertencem ao estrato alto das camadas médias. Filhos de profissionais liberais contaram com o apoio da família e, quando a filha do casal nasceu, os avós paternos cederam ao casal um de seus apartamentos, visto que o apartamento de Daniela contava apenas com um quarto. Mudaram-se para o Leblon, considerado bairro nobre da cidade, também na zona sul, para um apartamento de três quartos, na condição de assumirem somente as despesas do condomínio e da manutenção do apartamento. A sogra de Daniela passou a frequentar bastante o apartamento do casal, logo no começo. Suas constantes visitas se tornaram um problema para Daniela, diante das intervenções da sogra a respeito dos cuidados com o marido. Os problemas se intensificaram quando foram morar no imóvel dos pais dele.

Juliana Pontes, designer com formação na PUC-RJ, tem 35 anos. Conheceu o marido quando estagiava em sua empresa de design gráfico. Já no começo do namoro, Juliana passou a frequentar a casa da futura sogra, e ambas tornaram-se confidentes. Quando se casaram, foram morar em apartamento de quatro quartos na Gávea, de propriedade do marido, então

empresário. Os problemas com a sogra surgiram logo após o casamento, na lua de mel, que teve a presença da sogra. Juliana conta que a sogra viajou com o casal dizendo que estava indo visitar uma amiga que morava na cidade, entretanto hospedou-se no mesmo hotel em que eles ficaram e telefonava cedo para o quarto do casal, a fim de convidá-los para caminhadas. Segundo Juliana, a sogra só encontrou a amiga uma vez durante a semana em que viajaram e queria fazer todos os programas com ela e o marido. Juliana, chateada com a presença da sogra em sua lua de mel, muitas vezes recusou-se a sair com ela e o marido, usando a gravidez como desculpa, dizendo que estava indisposta. Muitos conflitos sucederam entre o casal por conta do elo forte entre o marido e a mãe, acirrando-se com o nascimento da segunda filha. A sogra costumava intervir na educação das netas e no relacionamento do casal. Hoje Juliana e o marido estão separados, e ela alega que a sogra é a culpada pelo seu divórcio.

Daniela e Juliana são amigas de minha prima, que atendeu meu pedido para a indicação de noras e sogras com este perfil socioeconômico. Ambas aceitaram participar da pesquisa e, já no nosso primeiro contato telefônico, entusiasmadas, afirmaram ter muitas histórias para contar. Daniela foi entrevistada em sua casa, e Juliana, no salão de festas de seu edifício, temendo que a empregada comentasse com a sogra e com o marido sobre nossa conversa, já que também trabalha para eles. Juliana, durante a entrevista, comentou que, nas fotografias de seu casamento, a sogra está posicionada entre o casal. Considerei que a análise dos seus retratos seria importante para a segunda etapa da pesquisa, mas Juliana preferiu não participar. Insisti dizendo que o objetivo era somente o da análise das fotografias e que resguardaria sua identidade, porém foi contundente: tinha medo de que a reconhecessem, pois Juliana pertence a uma família famosa da sociedade carioca. Resolvi por não insistir mais na continuidade da pesquisa com ela, contudo considero que as informações concedidas, já na primeira entrevista, foram significativas e que as fotos atestariam. De todo modo, esperava que o encontro em torno das imagens pudesse revelar outras informações, o que não foi possível constatar.

Lenita é manicure e tem 19 anos. Nas nossas conversas informais no salão onde trabalha, conta que seus dois filhos, uma menina de 4 anos e um menino de 1 ano, são filhos de pais diferentes, portanto, diz que tem “duas sogras”. A primeira é a mãe de seu ex-marido, com quem Lenita ainda mantém relações. Como moram na mesma comunidade, no morro do Turano, zona norte do Rio de Janeiro, a filha mais velha de Lenita costuma frequentar a casa da avó. Ela e a sogra tiveram muitas brigas no início do seu relacionamento com o pai de sua filha, pois a sogra dizia que ele não era o pai da criança. Continuou morando na casa dos pais, porque ela não se casou com o pai da menina, mas ainda mantinham o relacionamento. Lenita e sua família faziam exigências à família do rapaz em torno das despesas da criança. Como o pai não trabalhava, era a sogra de Lenita quem ajudava a manter sua filha. Lenita relata que sogra acobertava outros relacionamentos do rapaz e, para ela, esse era um dos motivos que os levou a romper. O pai do segundo filho de Lenita também mora com sua família de origem, em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense. Foi no baile *funk* da comunidade de Lenita que o casal se conheceu. O pai costuma visitar o filho e ajuda Lenita nas despesas. Lenita costuma passar os finais de semana na casa da família dele e relata que tem um “relacionamento tranquilo” com a sogra atual, mas alega que isso ocorre devido à distância geográfica.

Fabíola é estudante de Turismo e tem 31 anos. É casada com Márcio, 36 anos, estudante de administração e gerente de vendas em empresa de telefonia móvel. Moradora do Humaitá, bairro na zona sul da cidade, costumava frequentar uma casa de shows, próxima à sua casa. Segundo relata na entrevista formal, foi lá que conheceu o marido, que, no dia seguinte, convidou-a para tomar sol na piscina de seu prédio. Fabíola foi logo apresentada à família dele. Ela e a sogra “se deram muito bem”. Faziam muitos programas juntas. A sogra confiava em Fabíola, pois seu filho havia acabado de sair de uma clínica de recuperação para drogados, e a nora representava a certeza da continuidade do tratamento, posto que estivesse disposta a ajudá-lo. Os problemas entre elas surgiram quando o casal decidiu se casar. Nessa época, o marido de Fabíola foi morar com o irmão num apartamento que ganharam do pai, no Rio Comprido, bairro da zona norte. Como o cunhado

tinha plano de se mudar, Fabíola, praticamente, morava com o marido, pois sua permanência na casa dele era superior a de sua casa com sua família. Decidiram formalizar a união, e Fabíola iniciou os preparativos da festa, chegando a distribuir os convites. O sogro dela, entretanto, convenceu o marido de que o momento não era adequado para o casamento, uma vez que o imóvel onde moravam era dele e do irmão, e o rapaz não tinha emprego fixo. A sogra de Fabíola, embora fosse separada do marido, apoiou a atitude do pai, o que fez com que Fabíola se sentisse decepcionada e, a partir daí, todos os problemas com a mãe do marido se iniciaram, já que “perdeu a confiança nela”. Fabíola declara não ter o mesmo sentimento pelo sogro, pois “nunca esperou nada dele”. Mesmo com cancelamento do casamento, o casal continuou morando no imóvel e teve um filho. Hoje, ela desistiu de formalizar o casamento, mas não se sente a dona da casa, porque a sogra costuma visitá-los e entra no apartamento sem avisar, usando sua própria chave. Fabíola costuma visitar uma vez por ano, durante um mês, sua mãe que mora na Austrália. Quando retorna, encontra sua casa toda modificada, pois a sogra fica no apartamento no período em que se encontra fora para cuidar do marido de Fabíola.

A entrevista com Elaine foi formal e se deu nas duas etapas da pesquisa. Elaine tem 38 anos. Estudou Pedagogia, mas é dona de casa e está se preparando para concursos públicos. Casou-se com Márcio, taxista, 48 anos. Foi apresentada à família do marido três meses após o namoro, e seu relacionamento com eles era bastante distante, pois Márcio não se relacionava bem com o pai. O casal decidiu morar junto e comprou uma casa em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense, próximo à família de Elaine. Resolveram fazer uma festa de casamento, formalizando a união, cujos preparativos foram todos pagos por Elaine e Márcio. A família do marido foi comunicada do evento por meio do convite entregue, em mãos, pelo casal. Durante os cinco anos que levaram construindo sua casa, seus sogros nunca os visitaram. Elaine ficou grávida, e decidiram se mudar para a Tijuca, mesmo bairro onde moram os pais de Márcio, na zona norte, por ser mais próximo do trabalho dela e, assim, facilitando seu deslocamento durante a gravidez. Ainda que morassem no mesmo bairro, o casal pouco frequentava a família de Márcio

e, quando o faziam, eram encontros rápidos e formais. Elaine começou a se aproximar da sogra recentemente, após dezenove anos de casamento, segundo relata. Mesmo assim, essa proximidade é a das conversas ao telefone, mais frequentes atualmente do que antes.

Leandra é empregada doméstica e tem 33 anos. Conhecia o marido de vista, pois moravam em ruas próximas, no município de Belford Roxo, Baixada Fluminense. Entretanto, foi apresentada a ele pela sogra, que frequentava a mesma igreja evangélica que sua mãe. Leandra não era namorada do rapaz e ia bastante à casa dele, pois formaram um grupo de amigos que lá reunia para saírem depois. Seu relacionamento com a sogra era ótimo, segundo conta, até que a mãe do marido soube que os dois haviam iniciado o namoro. Na nossa entrevista formal, comentou que a sogra desaprovou o relacionamento do casal, pois ela já tinha tido iniciação sexual, fato que a sogra soube por meio da mãe dele, e a condenava, porque isso contrariava os preceitos da igreja. Mesmo assim, o casal manteve-se unido, marcando o casamento após poucos meses de namoro. A sogra de Leandra não esteve presente na cerimônia nem na festa de casamento. Devolveu o pedaço de bolo que Leandra mandou para ela, o que considerou “uma grande desfeita”. Ela declara que se sentiu profundamente magoada e decepcionada com essa atitude da sogra. A sogra não tardou a intervir no cotidiano do casal, dando orientações ao filho – que eram acatadas por ele – sobre como conduzir a família e reprovando a organização de Leandra nos assuntos da casa. Incentivada pela família de origem, Leandra decidiu se separar do marido e restringiu a entrada da sogra em sua casa, deixando apenas que ela chegasse até o portão, pois, mesmo depois da separação, ela insistia em opinar sobre os cuidados com neta. Leandra se casou novamente e teve mais dois filhos. Não tem muito a dizer sobre a mãe do seu segundo marido, porque a mesma morava distante do casal e morreu alguns anos depois do casamento.

Mônica tem 34 anos e é professora de Educação Física. Conheceu o marido quando fez pós-graduação no exterior. Estava num bar com uns amigos quando foi apresentada a Henry, 32 anos e atua na área de gestão de finanças e microcrédito para imigrantes em banco privado. Começaram a namorar algumas semanas depois, mas Henry demorou a apresentar Mônica para a família, pois achava que o relacionamento não seguiria adiante, embora

estivessem entusiasmados. Mônica acredita que a resistência de Henry se dava ao fato de não querer comentar com a mãe que tinham se conhecido num bar, já que era brasileira e, em alguns meios, existe certa representação negativa em torno das mulheres brasileiras que moram no exterior. A família de Henry mora a vinte minutos da cidade onde vive o casal. Quatro meses após iniciarem o namoro, Henry convidou Mônica para passar um final de semana na casa de sua mãe, e assim ela foi apresentada à família. Mônica conta que foi muito bem recebida, mas indagada pela sogra a respeito de sua família, o que a motivou mudar de país e sobre as atividades que desenvolvia naquele momento. O casal costumava viajar para a casa da mãe de Henry a cada quinze dias, introduzindo Mônica na família, já que aproveitavam para fazer visitas prolongadas aos outros membros que moram na mesma cidade e em cidade vizinha. O curso de pós-graduação de Mônica foi transferido para outra cidade e, enquanto preparava os papeis para se mudar, ficou um período na casa do namorado. Após a mudança, visitava-o nos finais de semana quando não iam para a casa da sogra. À medida que passaram a conviver mais, as tensões com a sogra começaram a surgir, e o grande problema para Mônica era a passividade do namorado diante das intervenções dela. Ao término do mestrado, resolveram morar juntos, e a mudança do estatuto de “namorada” para “casada” provocou uma transformação no relacionamento de Mônica com Henry, que esperava que ela se encarregasse de toda organização da casa. A sogra apoiava o filho e, usando sua experiência familiar como exemplo, alegava que as mulheres deveriam cuidar de tudo. Pouco tempo depois, Mônica engravidou, e inúmeros conflitos surgiram entre ela e a sogra em torno do nascimento da criança. Mônica é uma amiga e aceitou ser entrevistada quando esteve no Brasil visitando sua família.

Renata tem 29 anos e é formada em desenho industrial pela PUC. A dificuldade que enfrentou para atuar na área fez com que procurasse emprego no setor de serviços, pois precisava ajudar a compor a renda da família. Em sua casa, moravam ela, a mãe, a irmã e sobrinho pequeno. Renata, no entanto, engravidou do namorado, Hugo, 30 anos, comerciante, e o casal resolveu se casar. Como a família de ambos residia no mesmo condomínio no Rio Comprido, zona norte, alugaram um imóvel no mesmo lugar, assim podiam contar com o apoio dos dois lados. A mãe de Renata contribuía no cuidado

com neto para que ela pudesse trabalhar, e a sogra ajudava a manter o pequeno negócio do filho, uma loja de autopeças em São Cristóvão, bairro da zona norte. Nas conversas informais que tivemos no playground do condomínio, pois moro no mesmo edifício, Renata declarou que sua relação com a sogra era bastante distanciada, chegando a evitar a casa da família do marido. O nascimento da criança provocou uma maior proximidade com a sogra, uma vez que passou a receber visitas da mãe do marido ou acompanhar a criança nas visitas à avó. Somente nessas ocasiões conversavam. Renata foi uma das primeiras informantes desta pesquisa, e algumas mudanças ocorreram na sua vida durante os anos do meu doutorado. Hoje está separada do marido, mas continua morando no mesmo apartamento. A sogra também se mudou do condomínio, e a criança visita a avó paterna nos finais de semana que passa com o pai, não encontrando nenhuma resistência de Renata, porém nora e ex-sogra não mantêm mais nenhum tipo de contato.

Janine é estudante de jornalismo. Nossa entrevista aconteceu na casa de sua prima, Elaine, também informante nesta pesquisa. Janine começou o namoro com o médico Rafael, 27 anos, há dois anos. Foi rapidamente apresentada à família e declara que ela e a sogra se deram muito bem no início. Janine tinha pela sogra um afeto filial, já que não se relacionava bem com a mãe. Rafael e Janine ficaram noivos e, desde então, ela e a sogra passaram a ter desavenças. Na visão de Janine, a sogra não quer que o filho assuma as responsabilidades de um indivíduo adulto, como, por exemplo, formar uma família. Embora a nora continue frequentando a casa da futura sogra, declara sentir-se “atacada” por ela, devido às provocações e intervenções na vida pessoal do filho.

Valéria é diarista e tem 38 anos. Chegou à pesquisa através de uma amiga minha para a qual trabalha. Realizei a entrevista com ela na casa desta amiga, ao final do dia de trabalho de Valéria. Ela conta que conheceu o marido num baile promovido na comunidade do morro do Boréu, na zona norte do Rio de Janeiro. A família de Valéria reside em Caxias, na baixada fluminense e ela, na ocasião, morava na casa da família onde trabalhava como doméstica, em Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro. Logo que começaram a namorar Valéria passou a dormir na casa do namorado, uma casa alugada de dois quartos. O casal dormia no mesmo quarto que o cunhado e o tio do namorado.

Segundo relata, teve muitas brigas com a sogra e as cunhadas, pois era alvo de fofocas e provocações que justifica, alegando o ciúme que elas sentiam do seu marido. Após um ano de namoro Valéria engravidou, e o casal passou a se declarar como casados e moravam com os pais do marido. Valéria perdeu o bebê ao final da gestação. Logo depois engravidou novamente e, desta segunda gravidez, nasceu seu filho que, hoje, está com treze anos. Durante esta gravidez, ela e o marido foram morar numa casa alugada na baixada fluminense, mas fazia o pré-natal no município do Rio de Janeiro. O médico de Valéria recomendou que ficasse mais próxima do hospital onde nasceria o bebê e, assim, voltaram para a casa dos pais do marido. Quando o bebê completou cinco meses, foram morar em uma casa na Tijuca, nos arredores da comunidade em que reside a família do marido, mas tinham que pagar aluguel. Através do cunhado, conseguiram uma casa de quarto e sala, modesta, no alto do morro e nos fundos do terreno da família do marido, unindo os quintais. Como a situação da casa era precária e precisava de muitas reformas, o casal coabitou três anos com a família dele. Neste período tiveram outra criança. As brigas constantes fizeram com que Valéria, o marido e as crianças se mudassem para a casa com a obra ainda inacabada. O casal vem fazendo melhorias na residência ao longo dos anos. Recentemente Valéria conseguiu colocar piso no quarto das crianças utilizando o dinheiro que juntou das faxinas. Para trabalhar, conta com o apoio da sogra no cuidado dos filhos.

Destaco também os casos de Patrícia e Neide, ambas informantes da pesquisa do mestrado e cujos casos foram os primeiros sinais de que valeria a pena aprofundar a pesquisa de forma mais ampliada. Nesse sentido, são mencionadas também nesta tese, pois a relação com as sogras proporcionaram análises mais elaboradas do que no mestrado. Patrícia é cabeleireira e, na época da pesquisa, estava com 33 anos. Ela e o marido se conheceram no Rio de Janeiro, mas, logo após o nascimento da filha, tentaram abrir um restaurante em Fortaleza, onde mora toda a família de Patrícia. O casal, no entanto, não teve sucesso no empreendimento e perdeu todo o investimento que fez. Resolveram voltar para o Rio de Janeiro, onde o marido se empregou como garçom, e ela trabalhava como autônoma, no horário em que a filha estudava. Passaram a morar com a família do marido, na Glória, bairro da zona sul. Na residência de três quartos, viviam sua sogra, o padraсто

de seu marido e mais dois cunhados. O apartamento funcional era de propriedade do Hotel Glória, onde o marido da sogra trabalhava. Patrícia, o marido e a filha dividiam o quarto maior com o cunhado mais velho, já que ele dormia ali antes do retorno do casal. O método de pesquisa consistiu em várias conversas informais em diferentes momentos. Nossa aproximação se deu espontaneamente, pois a filha do casal estudava na mesma sala que meu filho. Durante as esperas no pátio da escola, fui me aproximando de Patrícia e de sua sogra que, se revezavam para buscar e levar a criança. Dada a proximidade geracional, Patrícia foi quem primeiro começou a falar da sua vida familiar. A sogra, aos poucos, tecia alguns comentários sobre a educação da neta, sempre em tom de crítica à nora e quando esta estava ausente. Demonstrava ter a expectativa de ouvir minha opinião a respeito. Para manter certa imparcialidade, restringia minhas respostas dizendo “é muito difícil”, “entendo você”, pois temia que se instaurasse uma cumplicidade prejudicial para minha relação com Patrícia, informante potencial. Certo dia, numa festa de aniversário de uma amiga de nossos filhos, comentei que realizava uma pesquisa sobre recoabitação familiar e perguntei se não gostariam de participar de uma entrevista com toda a família. Tanto Patrícia como o marido demonstraram certo desconforto, alegando que seria difícil organizar o encontro, porque a sogra viajava muito. Embora eu conhecesse a sogra, diante do comportamento do casal, decidi não insistir na entrevista conjunta, pois percebi o constrangimento entre eles. Ao longo dos nossos encontros, procurei direcionar as conversas com o objetivo de tentar compreender a dinâmica daquelas relações familiares, principalmente aprofundando na questão do conflito, tão evidente entre eles.

Os problemas entre Neide e sua sogra foram mencionados por Antônio, o marido, meu informante na pesquisa de mestrado. Antônio tomou conhecimento do tema da minha pesquisa, na época, por meio das conversas dos corredores da universidade. Percebendo que sua história contribuiria para minhas análises, ofereceu-se para ser entrevistado, pois, no início da década de 90, ele e Neide haviam morado com sua mãe. Convidei o casal para a entrevista, já que, naquele período, trabalhava com pesquisas em conjunto. Contudo, Antônio revelou que Neide não somente se recusou a participar como

também proibiu que Antônio indicasse sua mãe para dar entrevista. A reação de Neide já antecipava que os problemas entre nora e sogra eram complexos, mas a declaração de Antônio foi fundamental, posto que suscitasse uma questão inicial para ser aprofundada no doutorado: sua surpresa frente a recusa da mulher em tratar do assunto. Ele não sabia que as questões conflituosas entre ela e a sogra, durante a recoabitação, tinham sido tão traumáticas para ela. Ao refletir sobre o estarecimento de Antônio, pude notar que entre parentes por consanguinidade as tensões são mais facilmente dissolvidas, mas, para os parentes por aliança, alguns eventos da relação familiar são tão marcadamente dramáticos que, para alguns, é impossível esquecer e rememorar. Quando os pais de Antônio se divorciaram, a mãe foi morar em outro imóvel da família. Alguns meses após o divórcio, Antônio começou a namorar Neide, que veio morar com ele e seu pai no apartamento da família em Copacabana. O pai mudou-se para um *apart-hotel*, e o casal passou a morar sozinho no imóvel. A mãe de Antônio, no entanto, retornou para o apartamento e reivindicou seu lugar como “dona da casa”. Muitos foram os conflitos e disputas “territoriais” entre nora e sogra. Neide e Antônio são museólogos e, na época da entrevista, 2004, estavam com 39 e 40 anos, respectivamente.

1.2.2 As sogras

Celinha é empregada doméstica e trabalha há vinte anos na casa de uma família tijuicana. Tem 54 anos e reside em Nova Iguaçu, na baixada fluminense. Seu regime de trabalho inclui a estada na casa do empregador, indo embora para sua residência nos finais de semana. Durante o ano de 2008 e 2009, obtive várias informações, entre outras conversas, a respeito do relacionamento de Celinha com sua nora, já que nos encontrávamos duas vezes por semana, no período de uma hora e meia, enquanto esperávamos as crianças na aula de inglês. Meu filho era da mesma classe de inglês que o filho dos patrões de Celinha, e ela o acompanhava em suas atividades. Celinha contou que o casamento de seu filho foi ocasionado pela gravidez da namorada. Namoravam há menos de três meses quando receberam a notícia

de que seriam pais. Alugaram uma casa próxima à de Celinha. Ela contribuía com pequenas quantias em dinheiro para ajudar o casal, pois a renda de seu filho era baixa, e a nora não trabalhava. Logo após o nascimento dos gêmeos, o casal se separou, pois muitas eram as brigas entre eles, segundo Celinha “porque ela era muito ciumenta”. O filho voltou para sua casa, e a nora permaneceu na casa alugada e contava com a ajuda da família dela para se manter. A nora restringia as visitas das crianças ao pai, o que deixava Celinha muito chateada posto que tivesse um contato mínimo com os netos. Por outro lado, era Celinha quem contribuía com as despesas dos bebês. Ela e a nora pouco conversavam e, após a separação, chegaram a discutir na porta de sua casa, já que a nora costumava ir até lá para cobrar do ex-marido as ajudas materiais de que as crianças necessitavam. Segundo Celinha, todo o problema era “o jeito que ela falava” e o fato de “não aceitar a separação”. A nora ficou ainda mais agressiva quando soube que o filho de Celinha havia iniciado um novo relacionamento com a vizinha. Para retaliar, não permitiu mais a visita das crianças e acionou a justiça para receber pensão alimentícia, paga muitas vezes por Celinha durante o período em que o filho esteve desempregado. Os netos de Celinha hoje estão com 5 anos, e a nora está mais flexível em relação a visita das crianças, permitindo que frequentem sua casa em dias além do estipulado na vara de família. Celinha declara que a nora “está mais calma agora” porque superou a separação, e lamenta muito a escolha do filho.

Doninha é diarista e tem 38 anos. A entrevista foi realizada na casa de uma amiga para a qual Doninha trabalha. Conta que seu filho mais velho levou a namorada para morar com a família com pouco menos do que três meses de namoro. Moravam numa casa popular, de quarto e sala, no bairro de Sepetiba, zona oeste. O casal dormia na sala com os outros filhos de Doninha. Após cinco meses, conseguiram alugar uma casa próxima a casa de Doninha, porém, devido as brigas constantes, seu filho sempre passava uns dias com ela até reatar o relacionamento com a mulher. Essas brigas, no entanto, eram violentas e terminavam sempre em sua casa. Doninha conta que se sentia envergonhada perante a vizinhança pois, além dos escândalos, chegou a receber a polícia algumas vezes por conta das denúncias anônimas. Doninha decidiu se mudar para um bairro distante do casal a fim de se afastar dos problemas do filho com a nora. Ocorre que ambos estão sempre em sua casa,

pois contam com seu apoio na procura de emprego. Doninha declara que a nora, comumente, se envolve em discussões com as amigas de suas filhas, por ciúme do marido. Costumam comemorar juntos as Festas de final de ano, mas comenta que sempre acaba em briga, pois, segundo Doninha, a nora tem um temperamento difícil. Para ela, a nora “coloca olho grande” em tudo e provoca a briga entre seus filhos, ao incitar o marido contra os irmãos. Declara que a nora encoraja o marido a lhe pedir dinheiro quando recebe a pensão alimentícia dos filhos menores, gerando brigas com seu filho. O casal largou os estudos e seu filho trabalha fazendo pequenos biscates, já a nora é dona de casa. Apesar dos conflitos, Doninha procura ensinar a nora a confeccionar blusas, a fim de que possa gerar alguma renda para o casal.

Dora trabalha como recepcionista em consultório médico e tem 68 anos. Nossa conversa, informal, ocorreu no playground do edifício onde moro, pois ela também mora lá, no Rio Comprido. Dora tem dois filhos e uma filha, com idades entre quarenta e trinta e sete anos. Segundo declara, “nunca se mete na vida dos filhos e, se eles estiverem errados, fica sempre do lado das noras ou do genro”. Quando o filho mais velho de Dora começou a namorar, ficou muito feliz, pois ele vinha de um casamento problemático, cujas brigas entre o casal eram violentas. Desse primeiro casamento, Dora comenta que foi um choque para ela os desdobramentos negativos, pois a ex-nora pertencia à camada média-alta da sociedade carioca, e ela tinha a expectativa de que não tivesse tal desfecho, por ser um “bom casamento”. Já a nova namorada, segundo relata, causou certo rumor na família por ser negra e de origem social mais baixa. Embora representasse socialmente o oposto da ex-nora, a nova namorada era advogada e funcionária pública e isso, para Dora, era sinal de que a “moça era responsável”, deixando-a “despreocupada” com o relacionamento do filho. Para ela, a nova nora “tinha feito muito bem a ele”, inclusive tornando-o “uma pessoa melhor”. O novo relacionamento foi ficando mais sério, e a nora comprou um imóvel no Grajaú, na zona norte do Rio de Janeiro para que morassem juntos. Dora conta que se dava muito bem com ela, chegando a elogiá-la para toda família, mas achava que o casal deveria oficializar a união, tanto no civil como no religioso. Chegou a conversar com a nora para saber suas intenções, pois o filho investira boa quantia na reforma do apartamento e achava justo que ambos definissem previamente os direitos

sobre o bem. O trabalho do filho de Dora, no entanto, envolvia constantes viagens, pois ele era vendedor numa empresa distribuidora de óleos lubrificantes. Num determinado retorno de viagem, ele encontrou a mulher com outro homem no apartamento e contou para toda a família o incidente. Dora ficou muito abalada e, embora o casal tivesse resolvido o problema e optado por permanecer junto, ela não conseguia mais aceitar a nora como antes. Declarou “sentir muita raiva” e “rezava” para que o filho desistisse da nora. O casal, mais tarde, decidiu morar em casas separadas, mas continuam se relacionando. Dora lamenta que o filho “ainda goste dela” e exigiu que ele nunca mais a levasse em sua casa, de modo que elas não mais se encontraram desde o incidente.

Eliane trabalhou na minha casa como empregada doméstica e tem 48 anos. As informações dadas por ela foram obtidas através dos diálogos no nosso cotidiano. Optei por omitir o tema do meu trabalho e manter como estratégia as conversas informais, pois temi que a formalização da entrevista comprometesse a fluidez com que o assunto era tratado. A história da família de Eliane foi importante para perceber o que existe de particular nas relações com noras diferentes. Eliane tem dois filhos e suas mulheres costumavam dormir, com frequência, na casa da família, em Campo Grande, na zona oeste, na ocasião em que ainda eram namorados. Quando trabalhava para mim, o filho mais velho de Eliane estava terminando de construir uma casa no mesmo quintal para receber a mulher e a filha recém-nascida. Eliane não permitiu que a nora fosse morar com a neta em sua casa, pois, segundo declarou, a despesa recairia toda sobre ela, liberando a família da nora das ajudas com a criança. Assim, a nora permanecia morando com a mãe dela, enquanto a casa do casal não ficasse pronta. Entretanto, a nora e a neta passavam os finais de semana em sua casa. Eliane preferia contribuir na obra a “assumir” a família do filho em sua casa, embora não deixasse de colaborar com fraldas e leite para a neta. Já o filho mais novo de Eliane e a noiva tinham, recentemente, recebido a notícia de que seriam pais, deixando Eliane bastante agitada, uma vez que já ajudava o mais velho que estava desempregado. Preocupava-se também no modo como dividiria o seu quintal para as duas novas famílias, pois nele já havia uma casa onde morava a enteada com marido e filha. A saída seria construir verticalmente, mas teriam que conseguir recursos e, naquele

momento, somente Eliane e o filho mais novo estavam empregados, ambos compunham a renda familiar que mantinha todos os membros da família. A relação de Eliane com as noras é bastante amistosa no seu ponto de vista, embora os comportamentos diferenciados de ambas afetem suas representações sobre elas.

Elisa é diarista, tem 60 anos. Conta que tem quatro filhos, três netas e uma bisneta. Do atual casamento de seu filho mais novo, Elisa conta que tem um bom relacionamento com a nora. O filho a ajuda a pagar o aluguel de sua casa em Madureira e costuma receber a visita do casal nos finais de semana. Raramente visita os filhos. Declara que não precisa ajudar os filhos pois todos estão empregados, mas dá apoio à filha, recebendo a neta de 2 anos para dormir em sua casa diariamente porque a família da filha mora num apartamento conjugado. A ex-mulher de seu filho mais velho foi, segundo Elisa, um problema em sua vida. Casaram-se bem jovens e ela era vizinha na rua onde moravam, em São João do Meriti, baixada fluminense. Conta que a nora era “brigona” e as duas chegaram a se agredir porque a nora não queria deixar o filho lhe presentear com uma antena de TV. Elisa não aprovava a educação que nora dava aos três netos e lamenta que ainda hoje não tenha proximidade com eles. Alega que a nora impediu que estreitassem os laços. Para Elisa, seu filho era permissivo e ela passou vê-lo com mais frequência depois que se separou da mulher. Ela e a ex-nora ficaram muitos anos sem se ver, e só voltaram a se falar há dois anos em função do nascimento de sua bisneta, filha de seu neto mais velho.

Luzia é funcionária pública e tem 57 anos. Mãe de três filhos, sua participação é intensa na vida deles, interferindo conscientemente nas tomadas de decisão dos rapazes. Declara ser “possessiva” e “ter muito cuidado com eles” porque teve que criá-los sozinha. Sua ligação com o filho mais velho destaca-se em relação aos outros e, para ela, foi “um choque” ser apresentada à primeira namorada dele, quando o rapaz tinha 18 anos. Conta que teve “uma crise de ciúmes” e foi para o quarto “respirar fundo”, mas depois procurou ter um bom relacionamento com a moça. O filho mais velho, inclusive, tinha por hábito levar as namoradas para frequentar casa, situada em Botafogo, na zona sul, e Luzia declara que ele as “empurrava goela abaixo”. Já o filho mais novo, segundo Luzia, tinha “um outro jeito de apresentar”, e o do meio não

costumava levar ninguém. Um dia, o filho mais velho chegou com uma nova namorada. Luzia não simpatizou com ela e atribuiu isso “pela maneira com que ela a olhou”, que pareceu ser “arrogante”. Para Luzia, ela sentia-se a “dona do pedaço”. O filho de Luzia estava com 28 anos na época, e a namorada era quatro anos mais velha, um dado que Luzia fez questão de destacar. O namoro foi se fortalecendo, e a nora passou a frequentar a casa da família todos os finais de semana, chegando a permanecer por lá durante três ou quatro dias. A nora também tinha muitos problemas familiares e, ao menor sinal de conflito, partia para a casa de Luzia. Seu filho chegou a fazer uma cópia da chave de casa para ela, mas Luzia não permitiu que usasse. Também não permitiu que a nora fosse morar em sua casa de praia numa das brigas que teve com a família, apesar dos apelos do filho. Segundo Luzia, a nora “passava dos limites”. Muitos problemas entre elas ocorreram, e Luzia se ressentia quando o filho e a nora rompiam, pois, nas idas e vindas do casal, o rapaz ficava muito abalado. A notícia do casamento não foi bem aceita por Luzia que, mesmo assim, colaborou com a festa. O casal foi morar em Niterói, outro município do Rio de Janeiro e, durante um bom tempo, Luzia contribuía com quantias em dinheiro para ajudar o filho sustentar a casa, já que nora não conseguia se manter no mercado de trabalho, e ele, empregado no setor de serviços, recebia baixos salários. As ajudas materiais de Luzia cessaram logo após o filho ser aprovado num concurso. Entretanto, outros suportes dava a ele, já que costumava retornar para a casa da mãe quando brigava com a mulher. Luzia e a nora se desentendiam muito nessas ocasiões. Luzia participou, também, da segunda fase da pesquisa.

Dona Laura é pensionista e tem 64 anos. Mora numa casa antiga no Estácio, zona norte. O filho tinha 17 anos quando se envolveu com o tráfico e engravidou uma namorada, o que fez com que dona Laura fosse passar uma temporada com o rapaz no Nordeste a fim de afastá-lo dos problemas. Chegando lá, o rapaz começou a namorar uma moça da vizinhança e, um mês depois, ela também ficou grávida. A família da namorada foi conversar com Dona Laura e exigia que os dois se casassem. Como a família da futura nora era “muito pobre”, dona Laura resolveu trazê-la para o Rio de Janeiro, responsabilizando-se por ela junto ao juizado de menores. Dona Laura conta que a nora “mal a olhava nos olhos” durante a viagem e só falava o necessário.

Não puderam retornar ao bairro onde moravam, posto que o rapaz se envolvera com problemas no local. Dona Laura tinha um apartamento em Jacarepaguá, na zona oeste, e, para lá, levou o jovem casal, dando-lhes todo apoio de que necessitavam, já que ambos não trabalhavam. Dona Laura passava a maior parte do tempo com eles e ensinava a nora a cuidar da casa e a fazer a comida do jeito que o filho gostava. O rapaz conseguiu se empregar como atendente de padaria, enquanto a nora se preparava para o nascimento da neta. Apesar de todo o suporte que dava, a nora não conseguia estabelecer nenhum vínculo com ela e, segundo declara, “nem teve tempo de gostar dela, pois foi tudo muito rápido”. Para dona Laura, a nora não gostava de sua presença e sentia ciúmes do rapaz, pois ela e o filho “eram muito agarrados”. Dona Laura conta que o problema mais grave com a nora foi uma discussão séria que tiveram logo após o nascimento da neta e que quase as levou à agressão física. A nora não respondia às perguntas que dona Laura fazia e não aceitava mais a sugestão dela nos cuidados com criança e na organização da casa. O filho de dona Laura iniciou um curso de Fisioterapia na faculdade particular onde trabalhava como inspetor e passou a depender menos de suas ajudas materiais. O tempo foi passando e dona Laura deixava de freqüentar, aos poucos, a casa do casal, mas continuava dando ajudas financeiras como faz até hoje. Afastou-se, definitivamente, quando a neta completou quatro anos. O casal teve mais uma filha, e dona Laura, sequer, viu a segunda gravidez da nora. A primeira neta de dona Laura hoje está com 15 anos, e a família visita sua casa esporadicamente, somente em dias festivos quando podem comparecer. O contato entre ela e o filho é feito, principalmente, através do telefone. Ela e as netas também não têm um vínculo maior, posto que moram longe e pouco se vêem. A nora, embora dona Laura comente que “está bem melhor”, também não estreitou os laços com ela. Interessante ressaltar que dona Laura acabou criando a neta, da gravidez da namorada que o filho deixou quando foram para o nordeste. A mãe entregou a criança para dona Laura aos cinco anos, alegando não ter condições de criá-la. Essa é a neta pela qual dona Laura possui mais afeto, embora o filho não tenha reconhecido a menina como filha, e o assunto seja tratado superficialmente por ela. Hoje, a menina está com dezesseis anos. Dona Laura participou das duas etapas da

pesquisa e suas informações foram também fundamentais para as análises sobre as fotografias de família.

Dona Nely tem 72 anos, é advogada aposentada e mora na Tijuca, bairro da zona norte. Seus dois filhos se casaram e se mantiveram morando no mesmo bairro dos pais, todos em casa própria assim como dona Nely. Seu filho mais velho é da marinha, e a nora trabalhava na iniciativa privada. O filho mais novo é advogado e a nora psicóloga empregada no setor público. Dona Nely conta que as noras são muito diferentes uma da outra, mas que as tratava do mesmo jeito, “com muita cerimônia”, e recebe o mesmo tratamento por parte de ambas. No entanto, sempre deu o apoio às noras nas atividades das crianças, embora elas recorressem mais às mães. Assim, dona Nely costumava levar os netos, filhos do mais velho, à escola quando eram pequenos, e hoje leva a neta, filha de seu mais novo, em todas as atividades da criança, já que a mãe da nora está doente. Comenta que nem sempre concorda com a educação que as noras dão aos netos, porque foi “criada do modo mais antigo”, mas não costuma se intrometer por considerar que os pais é que devem educar os filhos. Assim, declara que “podia até ver o que estava errado, mas não falava nada”. Para dona Nely, o fato de “não se meter” terminou por afastá-la dos netos, apesar de almoçarem todos os domingos juntos, antes de partirem para Londres. Dona Nely conta que se relaciona melhor com a mulher do filho mais novo, porque é “mais calma do que a outra nora”, embora ressalte que o filho “poderia ter se casado com uma moça mais bonita”. Diz que sente mais afeto por ela, porque a nora tem um “jeito de discordar” que, “quando fala ela nem percebe”, ela se sente mais à vontade com esta nora. Já a outra, segundo declara, é mais “ciumenta” e “geniosa”, e ambas não têm muita intimidade. Dona Nely evita conflitos com ela, mas não deixa de falar o que pensa, e vice-versa. Conta que já ficou magoada com algumas atitudes dessa nora, mas não costuma estender os problemas e, pouco tempo depois, agem como se nada tivesse acontecido.

Rita é enfermeira e instrumentadora, tem 53 anos. Seu filho está casado há dois anos. A nora foi a primeira namorada apresentada pelo filho, que a levou à sua casa logo no início do namoro. Antes, Rita conversava com ela através do telefone, mas não imaginava que fosse um namoro sério, já que outras moças ainda ligavam para sua casa. Rita comenta que teve uma ótima

impressão da nora, embora declare que “como toda pessoa, existe sempre alguma coisa que ela não concorde”, mas “aceita o jeito dela”. Apesar de morarem no Estácio, zona norte, a nora não costumava frequentar sua casa. Era comum encontrarem-se ocasionalmente pelas ruas do bairro. Já seu filho frequentava bastante a casa da futura mulher. Quando se casaram, continuaram morando no mesmo bairro, em apartamento alugado por eles. O filho de Rita tem 34 anos e é formado em Administração, mas atua como técnico de informática. A nora tem 29 anos e é estudante de pedagogia. Na ocasião da entrevista, ela fazia estágio num colégio particular do bairro. Rita contribui com alguma ajuda em dinheiro quando o filho solicita. Ele, no entanto, costuma devolver o dinheiro emprestado, embora Rita não faça essa exigência. Sua participação no relacionamento do casal é mínima, restrita às conversas que tem com a nora quando ela a procura. O temperamento de seu filho é a causa de alguns conflitos entre o casal, e ela procura aconselhá-lo. Considera que ambos são muito inexperientes e declara que “brigam por besteira”. Rita tornou-se minha informante através de seu filho, que era meu colega na academia onde fazemos ginástica. Numa conversa, comentei sobre a pesquisa, e ele indicou sua mãe. Entrei em contato com ela e marquei nossa entrevista em sua casa.

Um caso à parte

Clara, 37 anos, é nutricionista, e Celina, 62 anos, professora de Biologia aposentada. Como já mencionado, nora e sogra são o único caso de mulheres da mesma família nesta pesquisa. As informações sobre elas foram obtidas informalmente, nos encontros em torno de nossos filhos, embora estejam cientes de que estão inseridas nas análises desta tese. Clara casou-se com Luis, dentista, 38 anos, quando ainda terminavam a faculdade em Ribeirão Preto, São Paulo. Celina, carioca, voltou para o Rio de Janeiro logo após a morte do marido. O filho resolveu morar perto da mãe com sua família e mudou-se também de cidade logo que o filho nasceu. Embora morassem na mesma cidade, Clara não pode contar com a ajuda da sogra quando Tiago era bebê, pois Celina cuidava de sua mãe com idade avançada. Clara adiou sua entrada no mercado de trabalho para cuidar do filho, já que sua família mora

em Botucatu, São Paulo, e não tinha parentes no Rio de Janeiro. O casal também não dispunha de recursos para contratar uma babá. Depois que Tiago entrou para a escola, Clara retomou suas atividades profissionais. Celina passou a ficar mais com neto, logo após o falecimento de sua mãe. No entanto, os encontros entre avó e neto não são obrigatórios, pois Clara organizou sua vida de modo que consegue trabalhar quando o filho está na escola. Nora e sogra têm um relacionamento muito amigável. Celina diz que seu papel é “ajudar” e não “atrapalhar”, assim, segue com rigor as orientações da nora em relação à educação do neto. E Clara está sempre disponível para programas com a sogra. Ambas são muito unidas em todas as questões que envolvem a criança e se ajudam mutuamente em suas questões de saúde.

Para o pesquisador interessado na análise das relações familiares, é importante estar atento ao contexto sociocultural em que elas se reproduzem. As estruturas e arranjos dizem muito sobre as representações e comportamentos dos indivíduos. O universo acima demonstra a heterogeneidade do campo, uma vez que é composto por pessoas de diferentes pertencimentos sociais, formação e idade. A questão da dificuldade ou da particularidade da construção dos elos no parentesco por aliança é o que, no entanto, as colocam no mesmo patamar, sugerindo certa universalidade implícita nestas relações. Embora as estratégias para solução de tensões e conflitos sejam diferentes, a maior parte dos problemas apontados pelas entrevistadas é da mesma natureza: disputas em torno dos cuidados com crianças, conflito de gerações a partir das diferenças de visão de mundo, disputas que envolvem a atenção do filho/marido. São estes aspectos que irei me debruçar nos capítulos seguintes, a fim de compreender como se constrói os laços desse parentesco por aliança.

2 NORAS E SOGRAS/DIVERSIDADE CULTURAL - PARENTESCO POR ALIANÇA: UMA RELAÇÃO CONSTRUÍDA.

Feliz foi Eva, que não teve sogra!

Sou casada, feliz e acabei de ter filho. A vida não poderia estar melhor. Porém, tenho um problema com a minha sogra. Desde que comecei a namorar o meu marido ela me crivava de perguntas: se já usei drogas, se conheço alguém com AIDS, se meus pais bebem. Eu achava que era protetora e não dava importância. Até que ela perguntou se eu gastava muito o dinheiro do filho dela. Uma ofensa. Ignorando minhas qualificações profissionais e que a minha família tem ótimas condições financeiras, a pergunta foi descabida e desnecessária. Conte para meu marido e ele disse que eu deveria tê-la confrontado. Só que não sou assim. Aprendi a respeitar os mais velhos e tenho medo de que a família fique contra mim. Quando ela vem nos visitar fico nervosa, sei que vou sofrer alguma agressão. Já tive gastrite, cefaléias e fui para o hospital com dores no peito. Não sei o que fazer. Fico com medo de ficar sem leite. (Eliane. Revista O Globo. 15 de junho de 2008. Coluna Consultório, por Alberto Goldin)

Em resposta, o psicanalista dirá que “dentre a infinita variedade humana, existem boas sogras e más pessoas. O destino quis que a Eliane, junto com um casamento feliz, tivesse o azar de ter uma má sogra”. Julga, Alberto Goldin, que Eliana deu o “azar” de ter como sogra, uma má pessoa. O que diremos, então, das inúmeras noras que relatam não manter um bom relacionamento com suas sogras? Ou ainda, das sogras que lamentam a escolha de seus filhos? Sofreriam todas elas o revés de terem de conviver com uma pessoa de má índole? Generalizando, arriscaria dizer que, seguindo esta lógica e tomando como referência o outro, existem muitas pessoas más desempenhando os papéis de nora e sogra. Ocorre que outros relatos dizem o contrário: noras são como filhas e sogras como mães, mas acabam evidenciando tensões nas nuances desta relação. Afinal, mães e filhas também não se desentendem? Em sendo assim, poderíamos pensar que os conflitos aparentes ou tensões acortinadas não se reduzem às interações entre pessoas “más” ou “boas”. Tudo leva a crer que esta relação entre parentes por aliança, não é menos complexa do que a relação entre parentes consaguíneos, pois

também envolve disputas e contradições ainda que não sejam da mesma natureza da relação materna e filial.

Este capítulo procurará entender como a relação entre noras e sogras é estabelecida entre famílias cariocas, bem como em famílias de outras sociedades a fim de entender a forma como indivíduos constroem a relação de parentesco por aliança num quadro de diversidade cultural, tendo como foco os principais problemas que envolvem a convivência entre noras e sogras.

2.1 O lugar do consanguíneo x o lugar do afim

Deus fez a mãe, mas o Diabo inventou a sogra.

O Subtítulo II do Título I do Livro IV do Código Civil é dedicado às regras pertinentes ao parentesco. O art. 1.593 do Capítulo I determina que “o parentesco é natural ou civil, conforme resulte de consanguinidade ou outra origem”. Das duas formas de parentesco aceitas pelo ordenamento jurídico, o parentesco consanguíneo é entendido como o que vincula os indivíduos através da descendência de um mesmo tronco ancestral, da linhagem materna ou paterna; enquanto que parentesco civil, também chamado de parentesco por afinidade ou aliança, é aquele que une os indivíduos através de vínculos de casamento ou união estável. Os graus do parentesco por aliança são, segundo a legislação, equiparados aos graus consanguíneos. Assim, nora, genro, sogra e sogro são parentes diretos, de primeiro grau, como os pais e os filhos. Os cunhados são considerados colaterais. Vale ressaltar que no parentesco por aliança, a lei é clara: não são incluídos outros parentes além dos ascendentes, descendentes e colaterais do cônjuge. Os demais membros da parentela são “contraparentes” e não têm nenhuma prerrogativa de parentesco para fins de partilha e união. Assim, como assinala W. G. Filho (2010),

[...] genro (filho afim) e nora (filha afim) estão reciprocamente em relação ao sogro (pai afim) e a sogra (mãe afim) na mesma posição que o filho e a filha em relação ao pai e a mãe, em primeiro grau de afinidade. Resulta desta regra básica da afinidade, que uma pessoa também é parente por afinidade em linha reta de segundo com os avós do cônjuge ou companheiro (avós afins), bem assim dos netos destes (netos afins), *ad infinitum*. Na linha colateral, um cônjuge ou companheiro tem um parentesco por afinidade em segundo grau com os irmãos do outro. Tudo analogamente ao parentesco consanguíneo.

O dado mais interessante é que, na dissolução do casamento ou da união estável - por morte ou divórcio - o parentesco por aliança, por ser uma criação legal, extingue-se, posto que o vínculo que o criou desaparece. Exceto no que dispõe § 2º do art. 1.595, segundo o qual “na linha reta, a afinidade não se extingue com a dissolução do casamento”, isto é, os afins diretos continuarão parentes, já entre os cunhados o vínculo é extinto. Assim, do mesmo modo que a filha não pode casar com o pai, a nora não pode casar com o sogro.

S. Resedá (2006) argumenta que, existem duas justificativas para que a legislação preveja a permanência do vínculo: uma ligada aos aspectos meta-jurídicos. São questões éticas e morais sobre a organização da família, baseadas no princípio exogâmico que institui os impedimentos, quem não pode se casar na família¹⁰; a outra diz respeito ao direito sucessório, pois na divisão do patrimônio os indivíduos não podem acumular vínculos parentais, deixando a partilha mais justa. Assim, no âmbito do direito das sucessões, o casamento entre afins poderia colocar em concorrência parentes, que naturalmente podem ser herdeiros (ou meeiros) do falecido em questão. Por exemplo: A nora é viúva e se casa novamente, mas com o sogro. No falecimento deste último, ela se beneficiaria duas vezes na partilha da herança – como meeira, já que é mulher do sogro, e na porcentagem que herdou do marido, já que é pré-morto na partilha. A herança da nora será maior do que a dos demais descendentes.

Em situação de precariedade da sogra ou da nora cujo o vínculo social tenha se dissolvido, por falecimento do filho/marido ou divórcio dos cônjuges, uma pode requerer auxílio da outra perante o judiciário. Tudo dependerá da interpretação do juiz, mas a lei abre o precedente.

Neste sentido, a sogra e a nora serão, também, sempre parentes. Mais do que os vínculos jurídicos, ressalto que o parentesco por aliança, assim como o consaguineo, envolve vínculos sociais e afetivos. As relações entre afins são obrigatórias, incontornáveis e não eletivas. Raros são os casais que não se relacionam com os seus sogros. Considerando que, hoje em dia, o prolongamento da vida contribui para a coexistência de três ou quatro

¹⁰ A lei também é clara na proibição da relação entre padrastos/madrastas e enteados (as).

gerações, a probabilidade de não conviver com os parentes por aliança é menor e quase inevitável.

Embora o processo de individualização tenha transformado o sentido das relações entre os membros da família contemporânea ocidental, os laços com a parentela se mantêm. A família, centrada no casal e nos filhos, procura atender mais aos seus projetos e escolhas, em detrimento da parentela. Isto não significa uma ruptura das relações com a parentela, mas que elas interferem menos nas decisões do casal conjugal. Deste modo, o distanciamento físico e mesmo geográfico nem sempre implica em uma distância afetiva e, menos ainda, na ruptura dos laços familiares (PEIXOTO, C. 2000). Este centramento na família conjugal, entretanto, contribui para que as interações sejam mais pautadas nas escolhas, no afeto, na reciprocidade e na solidariedade.

Nas relações parentais ocidentais podemos dizer que os únicos indivíduos eleitos são os cônjuges¹¹, os demais convivem lado-a-lado durante o curso de vida, em família, e ao atingirem a vida adulta se afastam ou se aproximam de uns e de outros. O laço consaguíneo é a certeza que mantém as trocas e ajudas, ainda que num dado momento sejam definidos limites e distâncias segundo uma ordem fundada no afeto.

A relação nora/sogra não contraria o desejo de estar mais perto ou mais longe, condição bastante valorizada na interação da família contemporânea ocidental. Entretanto, em qualquer sociedade ou qualquer cultura¹² a nora é um novo membro cuja interação não se estabeleceu desde o nascimento; ela é uma estranha que começa a fazer parte da rede familiar¹³.

¹¹ Ainda que a escolha dos cônjuges não se dê em segmentos sociais muito diversos, como observa F. Singly (2007). Os indivíduos se situam dentro de um mapa social e identitário cujos casais, com raras exceções, se constituem dentro de sua rede de relações ou nas proximidades geográficas.

¹² Exceto em culturas onde não se estabelecem laços por aliança, como os *Na* da China. Trataremos deste assunto mais adiante.

¹³ Lévi-Strauss já apontou a proibição do incesto e a troca de mulheres como elementos indispensáveis e universais na sociedade. O tabu do incesto é a regra primeira que funda o caráter social das relações. Incide sobre o sexual porque é o único ato instintivo que para se definir precisa do outro. O incesto é a condição da existência da sociedade. Primeiro é preciso negá-la para depois formá-la através de laços afins. Então o indivíduo “deixa o pai e a mãe” e casa com outro indivíduo, para assim formar novos laços parentais. A família se amplia e amplia o grupo. Neste sentido, a proibição do incesto é a regra que possibilita a formação da sociedade, é inevitável e está presente em todas as culturas. As relações familiares são, portanto, relações de troca e compõem um sistema de comunicação entre os indivíduos e os grupos. Deixar a família de origem é abrir caminho para a troca e comunicação com o outro, é a possibilidade da humanidade se desenvolver culturalmente. A família, a partir de Lévi-Strauss é pensada para além de suas fronteiras biológicas. Ele coloca a discussão no terreno da cultura: é a partir da troca

O início de um relacionamento conjugal é sempre uma incógnita: difícil saber como se comportarão os novos atores da vida familiar que inicia. Ou seja, inúmeras são as dúvidas que podem surgir na família acolhedora – a da sogra.

Nas famílias ocidentais, mais comumente se desconhece a história da candidata à nora, seus hábitos, comportamentos e origem social, o que torna os primeiros contatos mais reveladores. No entanto, na maioria das culturas existe um dado em comum segundo o qual noras e sogras são chamadas a estabelecer um laço parental: relacionar-se com a mãe de seu cônjuge chamando-lhe de sogra, ou com a mulher eleita pelo filho chamando-lhe de nora. Muitas vezes, nem sempre é tarefa fácil, considerando que são pessoas que nunca ou pouco conviveram e que devem criar um laço de família, independente da empatia, ou não, que possa haver entre ambas. Este é o caráter incondicional desta relação.

A incondicionalidade da relação nora/sogra é bem diferente daquela encontrada no laço entre consaguíneos. Neste, além de sentimentos de deveres e dívidas que perpassam a relação destaca-se, principalmente, o afeto entre mães e filhas estabelecido ao longo da vida. Mães e filhas freqüentemente superam os conflitos e as tensões de modo mais fluido, ou menos atribulado, do que noras e sogras. Como observa C. Lemarchant¹⁴ (1999, p.207)

A consangüinidade é uma relação natural. Recusa-se chamar seus sogros como se chama seus pais. A coexistência dos dois parentescos se coloca não somente em termos de diferenciação, mas também de hierarquização. Em geral, a norma é que a consangüinidade prima sobre a aliança. As relações com os pais são mais fortes e mais diretas. A preferência pelos afins é percebida como ilegítima e contrária a ordem das coisas.

Não é à toa que dona Nely, uma das entrevistadas nesta pesquisa, aceita com resignação o lugar que lhe foi atribuído na vida dos netos, filhos de

que ela se estabelece e não através de sua reprodução biológica. A troca e a aliança fazem a passagem da natureza para a cultura. (SARTI, 2005)

¹⁴ A autora analisou a relação por aliança lançando um olhar atento sobre os casais, seus laços com a parentela e o modo como os indivíduos conciliam laços conjugais e laços filiais. A autora trabalhou com histórias de vida, entrevistando 92 noras, de idade e meios sociais diversos entre 1987 e 1990, na Bretanha e na Normandia. Usou uma pesquisa complementar feita com estudantes universitários da Bretanha ocidental que lhe deu acesso ao ponto de vista das sogras.

seu primogênito, no que concerne à frequência das visitas e das ajudas oferecidas, diz ela que

Se me chamar eu vou, se precisar de mim, eu vou. Ela tinha a mãe e as irmãs, então ficou mais para o lado da mãe dela. A gente se via sempre, mas a família dela deu muito mais assistência quando ela teve o primeiro filho, que é o meu primeiro neto. [...]. Quando meus netos cresceram, eu levava e buscava no colégio e ajudava no dever de casa, ensinava tabuada para eles, um método mais fácil de aprender. Agora, se você perguntar sobre afinidade entre eu e a outra avó, a outra avó está em primeiro lugar porque eles tiveram muito mais contato com ela do que comigo. (advogada aposentada, 72 anos)

De todo modo, ainda que os parentescos não se confundam, para equilibrar a relação afim algumas famílias criam a estratégia de forjar discursos com afirmações formais e gestos de delicadeza buscando, ao menos simbolicamente, a simetria entre o parentesco consaguíneo e o parentesco por aliança. Dona Laura assim declara:

Nunca consegui ter raiva dela. Ela nunca foi de me paparicar. Ela se dirigia a mim como a mãe do Cláudio, nunca escutei ela me chamar de minha sogra, nem dona Laura. Ela nem me chamava! Sempre manteve uma distância. Eu sempre comprava roupa, cinto, sapato pra ela, querendo agradar e ela nada. Eu tinha pena por ela não ter a mãe perto, e tentava fazer um carinho, mas ela me afastava.¹⁵ (pensionista, 64 anos)

Neste sentido, na família são reforçadas as diferenças nas relações entre aliados e consaguíneos, de modo a ser demarcada uma “linguagem especial para elas”, pois

Pelo próprio mecanismo de reafirmação dos laços de afinidade – os de consanguinidade não precisam ser lembrados porque são concebidos como naturais, não necessitando, portanto, ser reafirmados -, cria-se um campo de relações formalizadas. A linguagem formal só é realizada quando colocada em confronto com a linguagem da relação entre pais e filhos. (BARROS, 1987, p. 55)

O tempo é um fator que favorece a aproximação entre noras e sogras, pois ao longo da convivência abrem-se espaços para trocas materiais e simbólicas que fortalecem os laços entre elas, ou os destroem. Nas relações

¹⁵ A questão do tratamento e referência ao membro da família é alvo das análises de C. Lemarchant sobre o relacionamento entre noras e sogras, abordado no item 2.6 deste capítulo. A autora observa que a dificuldade em criar um termo para designar o parente por aliança na sociedade francesa pode significar, além da tensão da relação por aliança, o desejo de se distanciar daquele laço específico (1999, p.50). O caso da nora de dona Laura é bastante emblemático a este respeito, demonstrando que o mesmo ocorre em algumas famílias brasileiras, embora o uso dos termos “minha sogra” e “minha nora” sejam muito mais utilizados do que “ma belle-mère” e “ma belle-fille” na França, considerados antiquados.

mais longevas há noras e sogras que constroem uma interação pautada senão no afeto, em laços morais que se aproximam das relações entre mães e filhas, seguindo a mesma representação dos laços familiares observada por M. Lins de Barros entre seus entrevistados. Diz a autora:

[...] a família é percebida como um grupo de pessoas que, unidas pelos laços de parentesco e da afinidade, estabelecem entre si códigos próprios capazes de fazer fluir inúmeras facetas de relacionamento. A comunhão de uma linguagem que reafirma a presença de uma história não só de laços de sangue [...]. Através dessa história, são alinhavados os laços de parentesco, ao mesmo tempo em que se delinea uma unidade moral familiar. (1987, p.20).

O depoimento de Glória, 34 anos, pedagoga, casada há nove anos e mãe de dois filhos, é bastante esclarecedor a este respeito e demonstra como ela e sua sogra conseguiram superar os problemas do início da relação:

Há mais ou menos um ano atrás, achei interessante ela falar sobre nosso relacionamento. Estávamos na minha casa, nós duas. O assunto era sobre a importância das crianças nas nossas vidas, como vivemos para eles, como nada parece tão ruim. Ela concordava e começou a falar sobre a relação dela com os filhos. Ela confessou como foi duro para ela quando casei com Marcos. Em um dia, eu era a filha que ela não teve, no outro eu era a mulher que levou o filho dela de casa, mesmo que fosse para a casa dos fundos. O fato é que eu tinha tirado o filho dela. Não era mais a ela que ele beijava quando chegava e etc. Pude perceber, agora que sou mãe [de dois meninos], que realmente deve ser muito difícil, até meio insano, mas muito difícil. Ela viveu para o marido e dois filhos. Fazia tudo por eles e, de repente, um a menos... Enfim, aprendi a respeitar e a entender. Isso ajuda a lidar com essa relação que, por minha vontade, vai perdurar por muitos anos e, portanto, que seja da melhor forma possível. Hoje, as festas de família são organizadas por mim. Acho até engraçado quando ela me liga perguntando como será nosso Natal. Passei de mera coadjuvante para protagonista nestas ocasiões e isto prova as conquistas dentro da família e a evolução do nosso relacionamento. Dia das mães, dia dos pais, dia as crianças... Eu, a mulher que roubou o filho, sou ouvida, dou palpites, idéias... Sou chamada para colaborar. Nenhuma nora ou cunhada da família da minha sogra conseguiu este feito porque nenhuma presta. Um horror! Acho que isso mostra o amadurecimento da nossa família. E, posso estar errada, mas acho que tudo permeia o relacionamento entre sogra e nora, pois se nosso relacionamento fosse ruim, esses eventos em família não aconteceriam.

O tempo pode, neste sentido, ser um aliado na manutenção dos laços entre noras e sogras. Seria, como observa V. Das o “sentido de pretérito composto, continuamente recomposto” dando conta de conflitos no dia-a-dia familiar (*apud* JARDIM, 2007, p. 142). Mas ele pode, igualmente, contribuir para deteriorar relações que a princípio demonstravam ser amistosas. É na convivência cotidiana que os indivíduos abrem espaço para expressar suas idiosincrasias, que podem resultar em tensões e conflitos.

Alguns estudos¹⁶ já demonstraram que a solidariedade é um dos elementos fundamentais para a reprodução social do grupo familiar. Fundada em princípios de reciprocidade, deveres e dívidas, e auxílios mútuos. As trocas envolvem sentimentos afetivos que são construídos pouco a pouco entre noras e sogras. Em geral, a solidariedade familiar, particularmente a solidariedade intergeracional, é acionada para socorrer os membros em momentos difíceis seja no socorro financeiro, seja para apoios logísticos nas separações conjugais ou no cuidado dos netos, ou em casos de doença de uns e outros. Como afirma C. Peixoto “é em função da situação social dos doadores e recebedores que se forma o circuito das solidariedades e das transmissões entre as gerações, elementos centrais da reprodução familiar”. (2005)

Como tais apoios independem da consangüinidade, não por acaso certas sogras e noras se identificam como parte de uma mesma parentela e se ajudam mutuamente, mesmo que a convivência seja um pouco tensa. Há ainda casos em que as noras tornam-se cuidadoras das sogras quando estas estão doentes. Trata-se, afinal, de uma obrigação moral porque é a mãe do marido ou de um afeto construído no curso da vida em família? Por mais autônoma que a família conjugal seja da sua parentela, por que, com a chegada dos filhos, as noras tendem a se aproximar dos sogros?

Andreza (secretária, 38 anos) não tem um bom relacionamento com a sogra e, apesar das críticas, permite que sua filha passe as férias com a avó, que mora em outro estado. Assim ela declara:

A Luisa gosta da avó dela e gosta de viajar para Salvador. Às vezes tenho vontade de não deixar ela ir porque eu sofri muito quando morei lá, mas também não posso impedir que as duas tenham essa convivência. É a avó dela! Depois eu ia me sentir culpada se Luíza crescesse sem a lembrança da avó de lá. Ela não tem nada a ver com nossos problemas!

Já vimos que Dona Laura não hesita em ajudar o filho e sua família em particular, mesmo tendo um relacionamento distanciado da nora e das netas. Diz ela:

Até hoje ainda ajudo eles, dou meu salário quase todo. Esse mês eu dei 340 reais. Agora é que ele está melhorando mas ganha muito pouco, tem duas

¹⁶ Cito aqui três trabalhos franceses interessantes: C. Martin 2002, J. T. Goudbout e J. Charbonneau 1994 e C. Attias-Donfut 2002, que apresentam uma ampla discussão sobre solidariedade familiar.

crianças. Ganhando só 500 reais é difícil. Aí eu ajudo meu filho, o que eu puder eu faço por ele. Todo mês eu deposito. (pensionista, 64 anos)

Nas relações por aliança, o afeto se constrói ao longo do tempo, fruto das interações. No plano simbólico, a transformação do parentesco por aliança em parentesco por consangüinidade gera uma expectativa de mudança da relação familiar obrigatória para laços afetivos. Em diversos contextos sociais, quando o assunto em pauta é a relação entre nora e sogra, não raramente ouvimos frases como “eu a tenho como uma filha” ou “eu a tenho como uma mãe”, demonstrando ser uma estratégia de convivência criada pelas famílias. De todo modo, como assinala M. Lins de Barros, o fato de elevar o aliado à categoria de consanguíneo já demonstra a existência da distinção, posto que,

Dizer que o genro ou a nora [ou o sogro e a sogra] são como filhos [ou como pai ou mãe] é falar, na verdade, que não são como filhos [ou pais] mas que há momentos e circunstâncias em que podem ser tratados como tal. (1987, p. 53)

Já em famílias onde as relações são mais conflituosas, para minimizar as tensões no grupo, os sujeitos evocam seus papéis sociais expressos em frases tais como “suporto tudo isso por causa da minha neta ou do meu filho”, “aturo minha sogra por causa do meu marido”. Ou seja, tanto em uma situação como na outra os papéis de mãe, filha e de avó são evocados para a construção do laço afetivo entre afins, ou na hora de superar problemas. Dona Laura declara que a nora raramente frequenta sua casa, mas faz questão de que as filhas tratem a avó com respeito. Segundo ela, a nora chama a atenção de suas netas para que dêem atenção e respondam à avó quando esta as solicita. Dona Laura acha que a nora tem, agora, consciência de tudo o que fez por ela no início do casamento com seu filho, há quinze anos e age assim por gratidão.

As relações no âmbito familiar, neste sentido, não são neutras, sobretudo no parentesco por aliança e são os sentimentos de deveres e dívidas que tornam, no decorrer das práticas rotineiras, as diferenças mais suportáveis.

A chegada dos filhos representa, assim, um momento especial na vida familiar promovendo maior proximidade entre os pais dos cônjuges. As ajudas

dos parentes afins se intensificam embora se dêem mais no aspecto material, pois os cuidados do bebê são geralmente solicitados às avós maternas, revelando uma cumplicidade entre mãe e filha pouco percebida entre nora e sogra. As sogras oferecem presentes úteis ao recém-nascido e contribuem com as novas despesas do casal/neto como financiar a hospitalização para o parto, o salário da babá, plano de saúde do bebê, etc. A chegada da criança intensifica, portanto, o contato entre pais e filhos adultos. Mais importante ainda,

ela [a criança] acentua o caráter familiar do laço afim, lhe dá uma tonalidade nova e um elemento de consangüinidade. Nora e sogra têm um ponto em comum: elas se tornam duas ascendentes em linha direta de uma nova geração. A criança as reúne numa mesma árvore genealógica e situa as relações afins numa longa duração. Ela faz com que essas relações perdurem após as rupturas conjugais, mesmo que isto pareça ter pouco sentido. Através da criança se operam transformações identitárias no ciclo da vida. (LEMARCHANT, 1999, p. 94)¹⁷

Por outro lado, o privilégio concedido à sogra no cuidado dos filhinhos, pode revelar muito mais uma deterioração da relação entre mãe e filha do que uma proximidade entre nora e sogra, como bem observa C. Lemarchant (1999). É o caso de Clara, (nutricionista, 37 anos), casada há 10 anos e que declara ser muito unida à sogra. Clara não tem um bom relacionamento com a mãe e mudou-se de estado, indo morar na mesma cidade da sogra. Desse modo dividem os cuidados com Tiago. A sogra acolhe o neto de oito anos às sextas-feiras, para que o casal tenha momentos de privacidade. Clara costuma, junto com o marido e o filho, almoçar aos domingos na casa da sogra e ambas vão às compras juntas, organizam passeios em família, numa convivência harmônica que seria impossível estabelecer com sua mãe. Segundo Clara “às vezes sinto saudade, mas não consigo ficar mais do que cinco minutos com minha mãe no telefone”.

De todo modo, embora a relação entre nora e sogra se fortaleça com a chegada da criança, o valor simbólico da relação consangüínea tem um peso maior e é destacado nos depoimentos da maioria das entrevistadas tanto noras como sogras. Não por acaso as noras demonstraram que solicitam mais as suas mães para auxiliar nos primeiros cuidados dos bebês e nos demais

¹⁷ Tradução livre.

apoios necessários ao longo da vida da criança. Já as sogras afirmaram ter uma participação menor na vida dos netos, filhos de seus filhos.

C. Fonseca (2000) observa que o laço consaguíneo tem uma importância na família contemporânea no que diz respeito às redes de ajuda mútuas. Isso é percebido tanto nos estudos de camadas médias, que apontam para a importância do laço de sangue e sua interação com o princípio conjugal na organização doméstica, como nos estudos de populações de baixa renda. Neste caso, o foco analítico é deslocado da conjugalidade para a consangüinidade e permite observar que as dinâmicas familiares não são “desviantes” como apontavam os estudos funcionalistas e sim “alternativas”. Do mesmo modo que a discussão não deve estar focada nas relações de gênero, como a idéia de “mulher chefe de família” ou de modelos matrilocais, pois existem contextos onde a rede de parentesco em sua dinâmica contraria este caminho de análise, como se configuram as relações entre parentes por aliança e consaguíneos em comunidade de baixa renda no sul do Brasil. Na comunidade pesquisada por C. Fonseca mães e irmãs dão sempre apoio moral aos filhos e irmãos quando estes se separam, colocando-se contra as ex-mulheres destes. Irmãs e esposas competem nas ajudas e, diante da vulnerabilidade do laço conjugal do parente masculino, são as relações consangüíneas que dão suporte ao grupo familiar dividido entre aliados e os rivais. Ou seja, o laço de sangue é determinante. Segundo a autora,

[...] na vila, tem-se a impressão de que os laços consaguíneos são privilegiados exatamente porque são considerados os únicos que permanecem. Em outras palavras, na ótica local, o laço entre parentes afins é tão efêmero quanto aquele entre consaguíneos é duradouro. (FONSECA, 2000, p. 75)

A discussão sobre aliados e rivais na família foi tratada por Radcliff-Brown, que apontou para a tensão existente no parentesco por aliança, quando analisou as relações jocosas entre genro e sogra como forma de atenuar os conflitos. Diria que na sociedade ocidental a jocosidade é uma alternativa a qual os genros recorrem frequentemente, mas pouco ou quase nunca utilizada pelas noras e sogras, talvez por serem os conflitos entre elas mais dramáticos. É importante destacar que entre algumas noras e sogras existe uma “rivalidade”, ambas disputando a atenção de um mesmo homem. O que difere,

portanto, da relação entre genro e sogra. Como nesta pesquisa não foram entrevistados genros e tampouco se falou sobre eles e suas sogras, ressalto que observei mais entre as noras do que as sogras, a brincadeira e a pilhéria direcionada à aliada. São frases e apelidos que revelam sentimentos de descontentamento em tom de desabafo. A piada aparece como a vingança pelas situações difíceis do dia-a-dia as quais tiveram que se submeter. Leandra (empregada doméstica, 33 anos) teve muitos problemas com a sogra no seu primeiro casamento, inclusive separou-se do marido após dois anos de casada. Segundo ela, ele era sempre a favor da mãe, alegando que a mesma só queria ensiná-la já que ela era muito jovem. As interferências da sogra iam desde a arrumação dos armários à influência nas decisões sobre o orçamento da casa, excluindo-a e mantendo segredos com o filho. Leandra criou um apelido para se referir à sogra, usado tanto por ela quanto por seus familiares consaguíneos, na ausência da sogra. Riu bastante ao contar isso e disse: “esse (o atual marido) graças a Deus veio sem sogra, porque sogra boa é igual cerveja: só serve geladinha em cima da mesa”. A frase é bastante popular e foi usada também por Elaine (dona de casa, 38 anos) durante a entrevista.

Abaixo destaco alguns estudos sobre famílias em contextos culturais variados, que demonstraram aspectos do parentesco consaguíneo e por aliança em seus principais focos de tensão e conciliação. Este breve panorama talvez permita uma reflexão sobre o que é particular e universal na família, considerando que as transformações na sociedade, oriundas dos processos de globalização nas últimas décadas, ocorrem de maneira desigual em diferentes regiões e culturas.

2.2 Famílias muçulmanas

As famílias de origem muçumana têm como característica a preservação da vida comunitária e a valorização dos ritos. Nas sociedades virilocais o casamento é um ritual de iniciação, e ao mesmo tempo rito de passagem, uma vez que a noiva vai morar na casa da família do noivo, coabitando assim com seus parentes por aliança.

O casamento arranjado é muito praticado nessas culturas e costuma ser realizado entre primos cruzados ou paralelos, pois é vergonhoso entregar suas

mulheres a alguém que não faça parte do grupo parental, além de ser uma solução para eliminar possíveis disputas por heranças e estreitar os laços entre irmãos. O casamento entre primos é uma prática corriqueira já que facilita a relação entre pessoas que são próximas. Se o ingresso na residência da sogra é considerado difícil, o casamento entre filhos de irmãos pode facilitar a adaptação da esposa na residência virilocal, conforme observa Mandelbaum apud Novaes (1996, p. 109).

A família paquistanesa analisada por S. Caiuby Novaes¹⁸ segue este modelo no qual os rituais de casamento envolvem as famílias dos noivos e podem durar semanas. Nesse caso, a noiva paquistanesa iria se casar com um primo, filho de uma tia materna; além de sobrinha se tornaria nora da tia. O Paquistão é uma sociedade onde as dinâmicas de gênero são bem delimitadas e no período que antecede a cerimônia de casamento, alguns rituais são exclusivos às mulheres e outros aos homens. Nas reuniões femininas as mulheres das duas famílias se encarregam de conduzir os ritos, tendo as cunhadas e a sogra grande participação.

A principal informante da antropóloga-cineasta é a própria noiva, uma jovem paquistanesa que ao concluir seus estudos de medicina na Inglaterra, retornava ao Paquistão para o casamento. Ao falar sobre suas amigas inglesas, a noiva deixa claro a sua percepção sobre as diferenças entre a cultura ocidental e a muçulmana. Ela observa que na sociedade ocidental o casamento, a escolha do cônjuge e o divórcio são mais individualizados. A ausência da autonomia conjugal em sua cultura paquistanesa é justificada pela certeza da origem do cônjuge, de que o casamento inter-familiar é mais seguro. Ela considera, ainda, que o casamento por amor pode ser perigoso, por desconhecer os costumes e hábitos da família do noivo. Embora não considere um problema o fato de não escolher seu marido, um processo tão caro para sociedade contemporânea ocidental, ela declara que a qualidade relacional é

¹⁸ A pesquisa resultou no vídeo *Um casamento no Paquistão* (46 min., HI-8, cor), apresentado por S. Caiuby Novaes para seu pós-doutoramento no Granada Centre for Visual Anthropology (Manchester), em 1995. A antropóloga frequentou a *Al-Masoom*, uma organização formada por paquistanesas que na época da pesquisa, arrecadou alimentos para as populações em conflito no Paquistão. Ela também militava pelo fim da violação de mulheres e da violência contra crianças na Bósnia. S. Caiuby Novaes foi convidada por uma das mulheres para ir ao casamento de sua filha no Paquistão e registrou com detalhes os rituais do casamento muçulmano bem como as representações da noiva sobre o seu casamento arranjado.

um fator cada vez mais apreciado pela nova geração de mulheres paquistanesas.

Nos casamentos contemporâneos ocidentais o sentimento amoroso é determinante na formação de casais. Ele significa a autonomia dos parceiros face ao controle familiar e às estratégias matrimoniais explícitas, por isso tão raro entre as famílias Paquistanesas. No entanto, os arranjos onde a sogra é também a tia materna sugerem que a entrada da noiva na casa do noivo é menos conflituosa uma vez que sogra e nora possuem, ao mesmo tempo, parentesco por consangüinidade e por aliança. Ou seja, nora e sogra compartilham a história e os códigos de uma cultura familiar comum, superando uma etapa do relacionamento entre parentes por aliança que é o conhecimento recíproco. Este pode até ser desastroso, como indicam estudos sobre as famílias ocidentais bem como o relato de algumas noras e sogras desta pesquisa, mesmo que as escolhas se baseiem em homogamia cultural ou social conforme já assinalou F. de Singly a respeito de conjugalidade e homogamia de classe (2007).

Assim, embora entre os parceiros eleitos o sentimento amoroso seja priorizado, os indivíduos tendem a compartilhar capitais simbólicos e culturais, que lhes proporcionam, de antemão, a identificação que necessitam para consolidar a união. Vale ressaltar que esses fatores não eliminam as tensões do parentesco por aliança, uma vez que a família ocidental é diversificada nas suas práticas e nos valores internos familiares, o que não ocorre em culturas mais fechadas.

Não sabemos como se deu a relação da noiva entrevistada por S. Caiuby Novaes, transformada em nora de sua tia/sogra. O filme não nos dá pistas de como a relação parental se tornou com a incorporação dos novos papéis pela sobrinha e a tia. Valeria investigar se a organização da família paquistanesa, em particular, favorece e reforça os laços entre nora e sogra, o que não foi detectado em outras sociedades virilocais como veremos a seguir.

2.3 Famílias hindus – as sograrias

As famílias de origem indiana também têm por costume realizar casamentos arranjados, embora ampliem as possibilidades de aliança para fora da parentela.

As sograrias constituem-se como o laço e o lugar que une um indivíduo aos seus parentes por aliança, sendo a residência virilocal mais comum entre as famílias indianas. Em redes migratórias, a sograria pode se apresentar de forma difusa, conforme assinalou M. Jardim em sua pesquisa sobre práticas de famílias hindus em Inhambane, cidade situada no sul Moçambique¹⁹. Assim, o casal nem sempre mora na mesma unidade doméstica dos pais do marido, ainda que as noras continuem submetidas ao domínio moral da sograria. (JARDIM, 2007).

A partir da observação informal da rotina das cozinhas, M. Jardim acompanhou o cotidiano de noras e sogras que não possuem laços de sangue, recolhendo dados importantes sobre práticas e comportamentos de famílias hindus no parentesco por alianças²⁰.

As relações de sograria, para a autora, se configuram como uma possibilidade de remontar a história da família indiana em sua relação com contextos migratórios, no caso a sociedade africana. Em se tratando de famílias indianas residentes fora da Índia, para a autora, o sistema de castas como categoria de análise, isolada de seu contexto social, não é suficiente para explicar as relações familiares em outros países, pois ele perde sua força coercitiva dando lugar a outras práticas. Do ponto de vista analítico, M. Jardim elimina a associação entre rede familiar e sistema de castas como um fator de isolamento e recusa o argumento segundo o qual o sistema de castas não se reproduz nas sociedades sul-africanas, embora sobreviva com a reprodução de práticas endogâmicas. A autora considera importante a observação de práticas que não têm relevância exclusiva para populações indianas na África, e, desse modo, procura reconstruir histórias de mulheres casadas indianas e os processos hierárquicos dentro da família. Observa que o sentido atribuído aos

¹⁹ O objeto de pesquisa foi tema de tese de doutorado em 2006, na Universidade Estadual de Campinas. Sua pesquisa estava inserida num projeto mais amplo, cujo objetivo era investigar as implicações da oposição "forasteiro x nativo" em diferentes contextos pós-coloniais. Neste artigo, a autora dá continuidade à pesquisa de doutorado sobre as práticas das famílias hindus em Moçambique. (JARDIM, 2007)

²⁰ É importante ressaltar que a autora utilizou outras fontes de pesquisa, como relatos de outras histórias de casamento; literatura sobre a presença indiana na África e a opinião de não indianos sobre a sua pesquisa. 2007.

laços parentais é dinâmico na medida em que se relaciona com processos de mudanças nos países onde residem as famílias indianas. Por este motivo, ao invés de considerar o sistema de castas como um fator de isolamento, a autora percebe a conexão das relações familiares com processos históricos e políticos segundo os contextos migratórios. (JARDIM, 2007, p. 144)

Ao analisar as relações familiares, deixando a questão de castas apenas como pano de fundo em sua pesquisa, M. Jardim demonstra que, nas sograrias, as noras devem obedecer a todo um sistema de organização familiar da mãe do marido, configurando uma relação de aliança totalmente hierárquica na qual a nora ocupa lugar inferior.

Nas famílias indianas, o início da relação entre noras e sogras é marcado pelo anelado, isto é, quando a família do pretendente a marido estabelece um contrato de casamento com a família da noiva escolhida. A futura nora passa a frequentar a família do futuro marido. Esse período que antecede o casamento é bastante amistoso e se configura como um momento de adaptação e reciprocidade. As diferenças intrafamiliares não são vistas como um problema para o estreitamento dos laços. As futuras sogras elogiam as futuras noras, dão a elas presentes, as convidam para participar da vida doméstica da casa, sem que seja, no entanto, uma obrigação. M. Jardim observa nas narrativas sobre este momento, que as situações pitorescas e os desentendimentos entre noras e sogras são lembrados em tom de brincadeira. Já a ruptura de um anelado é algo indesejável e criticável, muitas vezes indicando que a iniciação da nora na sograria se deu de forma desastrosa. O anelado é, portanto, um momento em que nora e sogra estão “(...) avaliando a possibilidade de casamento, a partir de campos morais legitimamente distintos”. (2007, p. 153)

Após as cerimônias do casamento, o relacionamento entre noras e sogras começa a tomar novos contornos, baseados em jogos hierárquicos nos quais a sogra faz valer sua autoridade na família. A nora tem uma posição mais vulnerável dada sua condição de aprendiz silenciosa das tradições e hábitos da casa. Os problemas emergem de práticas cotidianas, como observa M. Jardim,

[...] nora e sogra percebem as diferenças na forma de resolver problemas comuns. Ambas olham com antipatia para essas diferenças. O limpo e o sujo são conteúdos dessas observações. Sogras reclamam que noras não sabem

cuidar das roupas: não sabem lavá-las, ou não as lavam na periodicidade adequada. Noras suspeitam das louças lavadas pelas sogras. Noras falam da repugnância com que comem a comida das sogras. Sogras exigem das noras que se apresentem sempre mais limpas para que possam tocar em qualquer alimento a ser preparado.

O casamento é marcado por momentos de tensão que são gradativamente contornados. A assimetria na relação nora/sogra só é minimizada com a chegada do primeiro filho, principalmente se for do sexo masculino. Ocorre também uma flexibilidade nos jogos hierárquicos quando, no ciclo de vida das famílias indianas, a nora se torna sogra; ela ascende na hierarquia familiar porque passa a constituir a sua sograria: agora ela tem ascendência sobre a mulher do filho mas continua obedecendo a sua sogra, até a morte dela.

Tanto as famílias hindus como as muçulmanas sugerem, portanto, que as tensões do parentesco por aliança, nestas culturas, são diluídas em função da organização do grupo. A cultura, os ritos e as tradições são pilares desse sistema de relações familiares; suas permanências e continuidades, descartam as alianças que envolvem escolhas e afeto, ao menos no primeiro momento.

2.4 Famílias chinesas – Mudança, continuidade e singularidade.

O contexto cultural é um dos fatores responsáveis pelas variações nas transformações sociais e os processos de individualização que afetam as esferas pessoal e emocional, e atingem diretamente a esfera familiar. Na China, as mudanças político-sociais e econômicas da segunda metade do século XX afetaram a família que, gradativamente, deu novos contornos a algumas práticas e comportamentos mais tradicionais. No entanto, observa-se uma diferença entre as famílias dos grandes centros urbanos e aquelas que vivem na zona rural: as primeiras concorrendo para que as relações familiares se tornem mais igualitárias, enquanto que as famílias camponesas preservam ainda traços do modelo familiar tradicional chinês, com graus variados de incorporação de novos valores nas aldeias do interior do país.

Após a Revolução Cultural, em 1966, uma das mudanças significativas relacionadas à família atingiu o casamento, que passou a ser interpretado

legalmente como um contrato de trabalho e, portanto, passível de dissolução nos casos de incompatibilidade. Já neste século, segundo A. Giddens (2000), embora as taxas de divórcio tenham sido menores do que nos países ocidentais porque o Estado chinês tende a dificultá-las, observa-se o aumento dos divórcios e das uniões informais. Muitos indivíduos que optaram pelo divórcio vieram de casamentos arranjados. Algumas famílias da zona rural, no entanto, ainda preservam a organização patrilocal, formando unidades econômicas onde todo o grupo familiar participa das atividades agrícolas privadas e os filhos casam a partir dos acordos firmados entre pais.

É importante destacar alguns aspectos político-econômicos da China que concorreram para promover algumas transformações na família. A prática da agricultura familiar só foi permitida após o declínio do *Great Leap Forward* (Grande Salto para Frente) ²¹. Durante esse plano econômico, as propriedades privadas foram extintas e as famílias deveriam trabalhar nas comunas populares e na cooperativização agrícola, iniciada em 1955. Foram criadas instituições públicas como refeitórios, creches e confecções com o objetivo de liberar mão-de-obra dos serviços domésticos para as atividades agrícolas. Não por acaso, o Estado promovia propaganda ideológica para incentivar a participação das mulheres nos grupos de trabalho no campo. Entretanto, com o fim do *Great Leap Forward*, as obrigações domésticas, antes promovidas pelo Estado, retornaram à família e, conseqüentemente às mulheres e crianças. (PARIS; WHITE, 1978, p. 202).

Veremos abaixo alguns estudos de caso sobre famílias chinesas camponesas, que apontam as particularidades da organização familiar desta sociedade, em parte fruto das mudanças que se instauraram no país após as Revoluções de 1949 e 1966.

2.4.1 Kwangtung – trabalho e relações familiares tradicionais

Kwangtung é uma província situada na costa sul da China e foi estudada por W. Parish e M. White, interessados em avaliar as mudanças na família

²¹ Plano econômico e social adotado entre 1958 e 1961 pela República Popular da China. O objetivo era usar a população chinesa para transformar rapidamente o país, de uma economia essencialmente agrária em uma moderna sociedade comunista através do processo de agriculturalização e industrialização. Mao Zedong baseou este programa na Teoria das forças produtivas, mas resultou numa catástrofe que provocou fome generalizada e cerca de trinta milhões de mortes no país.

chinesa e nas relações internas após a Revolução cultural de 1966. Ao observarem as atividades das famílias camponesas em algumas vilas da província, perceberam que as funções na agricultura variavam conforme as estações e, embora não houvesse uma estação completamente ociosa, a administração local preenchia os períodos de baixa da produção com a recuperação de terras, construção de canal de reparos e outras tarefas, utilizando todos os camponeses, homens e mulheres.

Durante a alta temporada agrícola a família trabalhava no campo, diariamente, em período de doze horas e, na baixa temporada o trabalho coletivo girava em torno de oito horas. A flutuação sazonal afetava a atividade doméstica e o tempo destinado ao trabalho da pequena agricultura familiar. Poucas vilas em Kwangtung possuíam creches públicas, e as tarefas domésticas como os cuidados das crianças, lavanderia e preparação das refeições eram exercidas pela unidade familiar individual na qual a avó tinha um papel fundamental.



Kwangtung - China

Em função do tempo dedicado ao trabalho coletivo, as tarefas domésticas eram realizadas antes do café da manhã, durante o almoço e no período de descanso, os homens trabalhando no terreno privado e as mulheres cozinhando, cuidando das crianças e limpando a casa. Outras tarefas que requeriam mais tempo eram realizadas durante os feriados, como o corte da grama da montanha para combustível ou para vender, tarefa geralmente

realizada pelas mulheres e crianças, ou as compras no mercado para a aquisição de gêneros necessários.

No momento da pesquisa, final da década de setenta, a família camponesa chinesa demonstrava uma clara divisão sexual do trabalho no seu interior, embora esta divisão fosse silenciada nos grupos de trabalho agrícolas onde homens e mulheres realizavam as mesmas atividades. Como observam W. Parish e M. White, alguns homens de outras aldeias realizavam certas tarefas domésticas, entretanto, tal participação não configurava igualdade entre os sexos na partilha das tarefas domésticas. Assim, concluem que, as mulheres de Kwangtung estavam tão sujeitas a jornada dupla de trabalho como as mulheres de outros países capitalistas. (1978, p. 204).

Os autores observaram que as famílias das aldeias da província de Kuangtung realizavam casamentos arranjados nos quais as noivas eram, geralmente, prometidas de aldeias vizinhas. Sendo as famílias patrilocais, os filhos casados permaneciam na casa paterna, recebendo suas mulheres para ali formarem sua nova família.

Interessados nas mudanças na família depois de 1949, W. Parish e M. White afirmam que o Estado chinês, embora não promovesse campanhas ou dedicasse esforços oficiais para mudanças nas relações sociais, orientava a sociedade em ideais igualitários, baseados na ajuda mútua e respeito.

Os autores analisaram as díades pai-filho, irmão-irmão, marido-mulher, e sogra-nora e demonstraram um conjunto de mudanças sutis na esfera familiar, que já configuravam novos rumos nas relações parentais consangüíneas e por aliança. As relações entre esses pares preservam uma estrutura mais tradicional, fundamentalmente patriarcais. Assim, na relação pai-filho, cabe ao pai criar o filho e prove-lo de uma esposa e herança, enquanto o segundo deve respeito e subserviência ao pai, dando-lhe descendentes homens, provendo sua velhice e cultuando seu espírito após a morte. Ainda que no ciclo de vida o pai abandone sua autoridade como patriarca em favor do filho mais velho, ele é sempre consultado e decide sobre as questões familiares.

Os autores afirmam que os pais das gerações mais velhas eram mais severos em seus relacionamentos com os filhos, principalmente nas famílias abastadas e influentes onde o pai reforçava sua posição de patriarca autocrático. Entre as famílias mais pobres a relação parental parecia ser menos

autoritária. Os filhos, de todo modo, raramente se rebelavam contra os pais ou contrariavam suas expectativas mesmo depois de casados. O padrão desta relação é de respeito e disciplina, uma inversão de autoridade somente é possível na velhice dos pais, quando o filho mais velho assume a responsabilidade pelos bens da família.

Pouca mudança foi notada, a não ser a tendência maior dos filhos em se separar da família extensa, indo morar em sua própria casa. Tudo indica, dizem os autores, que há certa flexibilidade nesta relação pai-filho quando o filho sai para uma outra unidade residencial. Mas, a distância geográfica não representa autonomia completa em relação à influência paterna, muitos ainda temem a autoridade do pai. Observam que, nas famílias chinesas, a divisão familiar e a separação de renda não implicam na separação da família, que se mantém ligada em assuntos como a educação dos filhos-netos, a construção e a manutenção da casa. Mesmo nos relacionamentos menos hierárquicos e mais igualitários espera-se que o filho independente economicamente permaneça demonstrando respeito aos seus pais. Em muitas localidades esse padrão de comportamento - de respeito e relacionamento igualitário – é mantido até a morte dos pais. Segundo W. Parish e M. White (1978, p.213), na China,

as relações pai/filho se tornam mais flexíveis a partir do momento em que o filho amadurece (...) Na maioria dos casos o relacionamento continua a ser mutuamente benéfico até mesmo para os pais inválidos, mesmo que pareça ser uma relação automática e obrigatória. Não há rebelião dos mais jovens ou rejeição dos pais e provavelmente a natureza dessa relação não apresente muita mudança para a maioria das famílias.²²

No que diz respeito ao relacionamento entre irmãos, a expectativa das famílias é marcada pela idéia de que os filhos, ao se casarem, devem cooperar para juntos manterem o prestígio, o patrimônio e as economias de toda família, sempre sob a orientação do pai. Irmãos mais velhos devem proteger os mais novos e esses demonstrar respeito aos primeiros. Inevitavelmente, os conflitos surgem em torno da partilha após a morte dos pais. A divisão da propriedade é realizada em partes iguais ou o filho mais velho recebe um pouco mais por ter cuidado dos pais. Brigas e ressentimentos devido ao lucro familiar e à herança são muito comuns entre os membros da família e afetam também o relacionamento entre as cunhadas, sobretudo no que se refere a posição da

²² Tradução livre.

mulher na relação com a família extensa. Disputas entre cunhadas geram, muitas vezes, a divisão dos bens familiares antes mesmo da morte do pai. Conflitos de partilha à parte, os entrevistados de W. Parish e M. White discordavam sobre o ideal de proximidade entre irmãos naquela conjuntura, mas concordavam que o relacionamento entre eles não era especialmente marcado por conflitos, como outros relacionamentos familiares.

W. Parish e M. White constataram que a prática dos casamentos arranjados é, ainda muito comum²³. Em Kuangtung é alto o número de casamentos entre pessoas da mesma vila ou da mesma linhagem, porém muitas uniões passaram a se constituir sem a participação da família. Entretanto, a possibilidade de escolha não significa uma valorização de sentimentos românticos entre os chineses, salvo raras exceções. Os autores observam que “mesmo àquelas que tomam a iniciativa de escolher seus próprios parceiros, geralmente não desenvolvem uma relação pessoal mais próxima com o noivo como ocorre nas culturas onde existe o namoro” (1978, p. 213). Tal comportamento nos faz pensar que as uniões que se estabelecem a partir da escolha do cônjuge ainda trazem uma herança de comportamentos mais tradicionais na vida conjugal da família chinesa. Nela, o casal deve guardar uma distância afetiva, principalmente em público, mesmo nos casos de relações longevas, sinal de que estão imbricados elementos de continuidade e mudança nestas relações familiares

Foi notado ainda que, embora alguns aspectos da relação marido/mulher na família chinesa tradicional estivessem sendo substituídos, gradativamente, por novos comportamentos, sobretudo entre os mais jovens, as atividades sociais do casal continuavam a ser separadas por gênero. Assim os homens se relacionam entre eles enquanto as mulheres se dedicam as atividades e encontros de caráter mais feminino nas vilas e feiras locais. Os casais, quando saem juntos, caminham separados: o homem na frente, a mulher atrás, o que pode demonstrar certa distância afetiva. Esse comportamento público entre os cônjuges se reflete também no modo como eles se referem um ao outro. Marido e mulher evitam chamar pelo nome, dando preferência ao termo “*we*”

²³ Relembro que os autores analisam a sociedade chinesa no final dos anos 1970.

²⁴. O uso do nome pessoal entre os cônjuges passou a ser utilizado entre os mais jovens, substituindo a forma tradicional de tratamento, um indício talvez, do início de mudanças nas relações conjugais, e quem sabe, nas transformações da intimidade entre o casal. Os casais mais velhos, comumente se reportavam aos cônjuges usando expressões como “meu homem” e “minha mulher”, ou “meu senhor” e “minha senhora”, o nome pessoal jamais era pronunciado nas conversas que envolviam uma terceira pessoa. Um novo tratamento surgiu entre jovens casais, semelhante ao da sociedade ocidental, que são “minha amada”, “meu amado”, vale ressaltar que são empregados nos centros urbanos.

Com as transformações nas relações conjugais, os autores observam que os “novos” maridos passaram a ter menos controle e autoridade, mas ainda havia em algumas províncias a expectativa de que as mulheres demonstrassem respeito e disciplina, solicitando e seguindo as orientações do marido em assuntos importantes da família, demonstrando que os relacionamentos não eram assim tão igualitários.

As mudanças nos relacionamentos conjugais são o que mais interessam à minha pesquisa, pois afetam diretamente a relação entre noras e sogras. A maioria das famílias nas vilas da Kuangtung mantinha uma organização virilocal. As noras deveriam submeter-se à autoridade do sogro e prover a família com descendentes masculinos, preferencialmente. As obrigações da jovem mulher envolviam o trabalho agrícola nos campos da família do marido e o trabalho doméstico sob a supervisão da sogra. Mesmo nos casos em que os cônjuges moravam em unidades domésticas separadas da família do marido, a mulher deveria trabalhar em casa sob a supervisão de seus sogros.

O controle das tarefas domésticas se configurou como a principal causa de conflitos entre noras e sogras, sendo mencionado até mesmo entre as famílias aparentemente mais harmoniosas. Nos casos onde as gerações mais velhas perderam o controle econômico, as noras fortaleceram sua posição no interior da família, sofrendo menos influência da autoridade das sogras. Este comportamento foi encontrado nas vilas mais pobres e isoladas cujos pais, que viviam em precárias condições materiais, raramente exigiam a obediência de

²⁴ Que corresponde à interjeição “ei”, usada na língua portuguesa para chamar pessoas.

seus filhos, que por sua vez, apoiavam suas mulheres nos conflitos com suas mães. Este padrão se opunha de certa forma, a noção de que o desenvolvimento econômico, como constatado nos centros urbanos, promoveria o fortalecimento da relação entre marido e mulher, e individualização da família conjugal.

Foi observado igualmente, em outras localidades, que nas situações de tensões e litígios havia a expectativa que o marido tomasse partido dos seus pais e não da sua mulher. Ou seja, que ele fizesse prevalecer a subordinação da sua mulher à autoridade materna, ainda que pelo uso da força física. Esta expectativa tradicional, reforçada pela opinião da comunidade, conforme observaram W. Parish e M. White, passava por mudanças substanciais. Primeiro, o argumento dos maridos para tomar o partido da mãe deslocava-se da idéia de autoridade da geração mais velha para uma piedade filial em função da idade dos pais. Segundo, uma porcentagem significativa dos entrevistados alegava que os maridos optavam por se manterem neutros nos conflitos entre a mulher e a mãe. Os autores perceberam uma variação nos comportamentos de vila para vila, e concluem que

O que o padrão sugere não é uma substituição dos laços filho/pai pelos laços marido/mulher, mas sim um balanço das duas relações de forma igualitária. (...) Em algumas vilas os laços marido/esposa ganharam maior importância, mas na maioria das localidades esses relacionamentos estão balanceados. (PARISH; WHITE, 1978, p. 217)

As razões mais comuns que levavam uma mulher a decidir retornar à casa de seus pais eram a tensão e o tratamento áspero recebido de sua sogra. No entanto, as noras mais obedientes, que desempenhavam bem as tarefas cotidianas da casa e, principalmente, que eram mães de meninos, conquistavam uma posição segura na família por aliança, sendo agraciadas com certo poder informal. Não obstante, tal poder só se tornava legítimo quando o filho, ao se casar, trazia sua mulher para o interior da família, dando à nova sogra o poder de decidir sobre a vida doméstica, outrora praticada pela mãe de seu marido.

As sogras normalmente queixavam-se das tarefas realizadas pelas noras, da maneira como cuidavam dos filhos, de se ausentarem com

freqüência para visitar a família de origem, ou de não corresponderem à submissão esperada. Conforme afirmam os W. Paris H e M. White:

as brigas mais freqüentes são entre sogra e nora porque é mais fácil de existir conflito neste par do que entre marido e mulher. Isso acontece porque a mais velha tenta controlar tudo e ser bem exigente. Ela quer deixar a mais nova sob o seu controle, esta é a razão mais óbvia. (p. 216)

As noras, por sua vez, reclamavam da sobrecarga de tarefas domésticas e da falta de colaboração das sogras. As informações obtidas pelos autores apontavam para a permanência dos problemas entre noras e sogras, como se fossem transmitidos de geração à geração. Os conflitos entre elas ocasionam muitas divisões familiares e a formação de unidades individuais. Não por acaso, já naquele contexto, alguns casais optaram por se separar da família parental após o casamento.

W, Parish e M. White (1978, p. 22) assinalam que o dados obtidos não eram suficientes para concluir que as relações de intimidade conjugal estavam se desenvolvendo rapidamente nas vilas de Kuangtung, ainda que já indicassem o começo de transformações na família chinesa e a difusão de “idéias modernas” igualitárias sobre a vida familiar, que influenciavam, as relações marido/mulher, pai/filho e sogra/nora.

Os autores destacam os papéis hierárquicos na família em Kuangtung bem como as desigualdades legitimadas por eles. Eles apontam para as novas nuances dos relacionamentos familiares e, infelizmente não indicam mais precisamente os rumos que tomaram os laços parentais na China.

[...] o relacionamento marido/mulher [em Kuangtung] não se tornou o que é considerado padrão nas famílias americanas, mas uma mudança nas divisões de tarefas e a consulta de decisões entre marido e mulher estão acontecendo nesse país. Ao mesmo tempo a importância do laço conjugal na família tem aumentado enquanto a hierarquia natural de pai e filho tem diminuído de alguma forma. Futuras pesquisas têm que investigar se essa situação dos maridos sobre seus pais e sobre suas mulheres é estável ou se essas mudanças nos laços conjugais são só um interesse imediato e, [ainda] se isso ganhará força quando esses filhos adultos se tornarem pais.

Kuangtung, também conhecida como Guangdong²⁵, é hoje uma das províncias mais prósperas da China. Situada na costa sul do país. Já em 2005

²⁵ Kwangtung foi uma alternativa do nome da província em inglês.

se tornou a província mais populosa, com 79 milhões residentes permanentes e 31 milhões de imigrantes que lá viviam, pelo menos, seis meses. Em 2008 possuía o maior PIB de todas as jurisdições em nível provincial, tornando sua economia aproximadamente do mesmo tamanho que a da Suécia ou a da Indonésia, e tendo cerca de 12% da produção econômica nacional. A província abriga as instalações de produção e os escritórios de um vasto conjunto de empresas multinacionais e chinesas. Abriga a maior Feira de Importação e Exportação da China chamada a Feira de Cantão, que é organizada pela cidade de Cantão - capital da cidade de Guangdong. Diante de todo este desenvolvimento, valeria investigar como anda a organização da família na província analisada por W. Parish e M White no ano de 1978 e se as tradições sucumbiram, em alguma medida, à força das mudanças econômicas e sociais, sobretudo àquela que nos interessa para este trabalho, como as relações entre noras e sogras. A. Giddens (2000, p.61), no entanto nos fornece algumas pistas de que a China ainda é, hoje, um misto de tradição e modernidade ao assinalar que,

(...) na vasta zona rural chinesa (...) o casamento e a família são muito mais tradicionais - apesar da política oficial de limitação de nascimentos mediante uma mistura de incentivos e punição. O casamento [ainda] é um arranjo entre duas famílias, decidido mais pelos pais que pelos indivíduos em questão. Um estudo recente na província de Gansu, que tem um baixo nível de desenvolvimento econômico, verificou que 60% dos casamentos ainda são arranjados pelos pais.

2.4.2 A família Lim – Mudanças e permanências numa família taiwanesa

M. Wolf, em 1959, conviveu durante alguns meses com a família taiwanesa Lim, residente em Peihotien, uma pequena vila situada no norte de Taiwan. Utilizando entrevistas com membros da família, vizinhos e outros parentes, e observando os comportamentos em variadas situações familiares, M. Wolf construiu uma narrativa cuja finalidade era, além de contar uma boa história, apresentar um estudo de caso sobre o modo como uma família chinesa era formada.

A família Lim, assim como as famílias em Kwangtung organizava-se em torno do seu membro mais velho, devendo-lhe obediência e respeito. Com a morte dos pais e do irmão mais velho, quem comandava os Lim era o segundo

filho. As mudanças nas relações familiares, na China, afetaram também os Lim. Assim, embora a posição herdada de patriarca fosse reconhecida pelos membros da família, e pela comunidade local, as ações do novo chefe da família Lim passaram a ser questionadas, sobretudo aquelas que envolviam o patrimônio familiar. O chefe da família era constantemente acusado pela cunhada e o sobrinho, respectivamente mulher e filho do irmão mais velho falecido, de desviar os lucros da produção agrícola da família, que deveria ser repartido entre todos, para sanar as dívidas de sua fábrica no vilarejo, um pequeno negócio particular. Assim, qualquer decisão que envolvesse os bens da família deveria passar, antes, pelo crivo da viúva. Diante das ingerências do cunhado ela incitava seu primogênito a cobrar do tio a partilha dos bens familiares, antes que este colocasse tudo a perder, deixando-os desprovidos de quaisquer riquezas. Mãe e filho tinham uma relação de conflito com o novo patriarca da família. Esta situação demonstra com clareza duas situações inconcebíveis numa estrutura familiar tradicional: 1) desafiar a autoridade do chefe do grupo; 2) deslocamento do patrimônio familiar para um projeto individual, afastando os demais membros da família dos ganhos da produção agrícola familiar. Vale ressaltar que nem todos os Lim trabalhavam na sua pequena propriedade rural, desenvolvendo outras atividades econômicas²⁶.

Outras mudanças demonstram também a introdução de novas práticas e comportamentos, a começar pela descentralização de seus membros da principal unidade residencial. Assim, morava na casa de origem o membro mais velho juntamente com sua mulher e filhos, os demais membros da família moravam em residências próximas à casa principal.

Outras situações na família eram alvo de crítica por parte da comunidade local, conforme presenciou M. Wolf ao acompanhar as conversas entre as senhoras da vizinhança em seus encontros sociais. A dissolução do casamento do filho mais velho falecido, bem como sua segunda união, era bastante comentada embora todos reconhecessem as virtudes da segunda mulher como uma trabalhadora respeitada. Contudo, não era esperado que um marido abandonasse a primeira família. O casamento da filha mais velha, desta

²⁶ Um dos filhos da primeira união do filho mais velho falecido trabalhava numa farmácia em outra vila. Na segunda família, o genro era jornalista e também trabalhava fora da comunidade. A filha mais nova trabalhava na pequena fábrica do tio. A segunda mulher ganhava dinheiro abrindo sua casa para jogos de cartas, como um pequeno cassino.

segunda união, também provocava grandes comentários na vila e na família. Todos julgavam que os problemas de relacionamento do casal, brigas e traições do marido, eram o resultado de uma união que se realizou a partir da escolha da filha, e não por meio do arranjo entre famílias conhecidas. Os Lim, deste modo, anunciavam através das relações familiares novos contornos nas relações familiares.

No que diz respeito às relações entre noras e sogras, no entanto, a autora informa sobre uma prática adotada pelas famílias chinesas da época, sobretudo as desprovidas de riquezas. Comumente os arranjos familiares envolviam dotes a serem pagos para a família da noiva. Na impossibilidade de constituir um dote, e para assegurar uma esposa para o filho, as famílias camponesas costumavam adotar as esposas ainda bebês, criando-as como filhas até que atingissem a idade para casarem com o filho mais velho. Algumas famílias abastadas também davam preferência à adoção das futuras noras ainda crianças, sob o argumento de que a vantagem estava na garantia de um futuro familiar harmonioso, pois uma filha adotiva se tornaria uma boa nora na medida em que, além de socializada aos moldes da casa, estaria também ligada à mãe do marido por laços afetivos.

A introdução de uma jovem mulher no seio familiar quase sempre resulta numa competição e normalmente gera um relacionamento hostil entre a sogra e a nora. A noiva adulta inevitavelmente acaba comparando a sua vida na família de origem com a nova vida na família por aliança. A noiva que cresce no seio da família do marido não tem padrões de comparação e aceita o tipo de vida familiar porque não conhece outro (1959, p. 76). Deste modo, ao que indica, as famílias taiwanesas criaram a estratégia da adoção para evitar os problemas que a envolvem a relação nora/sogra.

Os Lim, mesmo sem saber se teriam condições de pagar um dote, assim o fizeram e a mulher do filho mais velho era, igualmente, irmã adotiva. Lim A-Po, como era chamada, reunia em cada papel familiar que desempenhava, uma dupla noção de parentesco. Era ao mesmo tempo esposa/irmã, cunhada/irmã e nora/filha. Como observa M. Wolf, Lim-A-Po evidenciou todo comportamento esperado por famílias que adotam filhas, aceitando reprimendas e punições com resignação e trabalhava em qualquer tipo de tarefa, respeitando o patriarca e a mãe/sogra. O casamento com o

marido/irmão resultou numa família com três filhos, sendo o primogênito do sexo masculino, bastante valorizado pela família. Segundo a autora, o sogro/pai era amável com ela e dirigia elogios à filha/nora por seu trabalho, tanto nos campos de arroz da família como nas tarefas domésticas. A-Po foi a maior informante sobre os costumes de adoção e o tratamento de filhas adotadas, apesar, como diz a autora, de escapar do assunto quando o tema era sua própria infância. Ao ser questionada sobre qual dos papéis familiares preferia, respondeu que nunca havia sido uma filha. A-Po podia transitar de um papel a outro sem, no entanto, esquecer que não fazia verdadeiramente parte daquela linhagem. Sabia que sua obrigação era casar-se com o marido/irmão e que não deveria se opor a esta união, embora soubesse que o marido mantinha certa distância afetiva, e inúmeros relacionamentos extraconjugais. Assim observa a autora,

Se ela recusasse o casamento, não terminaria somente com obrigações de ter um marido mas terminaria com a obrigação da família em ajudá-la. (...) as conseqüências desse ato seriam muito severas, já que não tinha para onde ir nem quem ajudá-la. Havia muitas vantagens neste casamento. A simples cerimônia fazia dela a mulher e nora e isso melhoraria seu status na vila e na própria família. E como mulher do filho mais velho, poderia ter controle do próprio futuro, particularmente quando as gerações mais velhas dessem lugar à sua autoridade. (WOLF, 1959, p. 77)

Para A-Po ser a nora mais velha de uma família abastada compensava a inexistência de um bom relacionamento conjugal. Se ela pesou todas as vantagens e desvantagens deste casamento, não sabemos, mas o comportamento esperado de uma jovem chinesa naquele contexto era obedecer a seus pais/sogros e manter a tradição da família e ela assim o fez. Não por acaso M. Wolf a descreve como uma pessoa séria e voltada para o bem-estar de toda família, tanto material como zelando pelos antepassados através dos rituais de homenagem aos ancestrais da família.

O comportamento de A-Po com a família adotiva sugere que sua relação com a mãe/sogra e o pai/sogro seguia dentro das prerrogativas. Os problemas familiares surgiram após a morte dos pais e do ex-marido. Enquanto o pai e o marido eram vivos ela herdaria os bens da família e os privilégios de uma posição confortável através da autoridade de seu filho mais velho, porém o novo patriarca, ao assumir o lugar do irmão falecido, deslocou tais

prerrogativas de A-Po para sua mulher, gerando na família uma nova gama de conflitos, agora em torno dos cunhados/irmãos.

2.4.3 Os na – “sem pai nem marido” mas também sem nora e sogra. Um caso singular na China.

A sociedade camponesa *Na*²⁷ fica nas montanhas próximas à Birmânia e ao Tibet. Trata-se de uma sociedade matrilinear e matrilocal, e os *Na* desconhecem completamente a figura paterna. Cabe à linhagem da mãe dar legitimidade ao filho, sendo todos os membros adultos responsáveis pelas crianças da família. Tal sistema de parentesco se reflete na língua local, pois não há termo equivalente para “pai” e “marido”.

A reprodução biológica do grupo se dá a partir de visitas sexuais noturnas, realizadas somente pelos homens, com o consentimento da mulher. A mulher pode receber vários parceiros do mesmo modo que os homens podem visitar várias mulheres. Os encontros são discretos e os parentes consaguíneos devem ignorá-los. Muito raramente ocorrem encontros declarados, com o conhecimento da linhagem da mulher, no entanto, quando um homem dá preferência a uma única parceira o grupo passa a ridicularizá-lo pois entre os *Na* a fidelidade é vista como anomia. A mulher que se relaciona de forma declarada com um homem pode, no entanto, continuar recebendo visitas furtivas assim como o homem pode também praticá-las. Sentimentos de posse como o ciúme são criticados pelo grupo.

²⁷ Os *Na* foram objeto de pesquisa de doutorado do antropólogo Cai-Hua, que resultou no livro *Une Société sans père ni mari. Les Na de China*, Paris PUF, 1997 e no filme *Sans père ni mari*, 1994, 25 min. Para maiores detalhes ver PEIXOTO; BOZON (2003).

A organização sexual dos *Na* bem como seu sistema de parentesco, elimina a aliança conjugal e descarta a possibilidade de reconhecimento paterno e, desse modo inexistem os direitos e deveres morais e econômicos do genitor. Os bens do grupo doméstico permanecem na matrilinearidade, responsável pela fonte de subsistência do grupo e pelas crianças, já que os filhos são considerados de todos. Como as mulheres podem receber várias visitas, nem sempre sabem de quem é o filho, e isto não importa. Diferentes daquelas que recebem visitas mais freqüentes de um só homem, seus filhos podem até saber quem são seus genitores, mas não há relevância simbólica tal qual outras sociedades imprimem aos laços paternais e filiais. Os *Na* constituem uma sociedade com características singulares. Como observa C. Peixoto, entre os *Na* “(...) não existe paternidade nem no nível simbólico. Isto nos lembra que a paternidade, como a maternidade, não é uma aspiração natural, mas uma instituição, uma construção social” (2003, p. 175).

Alguns sistemas de parentesco matrilineares, entretanto, não eliminam a figura do marido e do pai biológico, como os *Na*, embora a paternidade também não seja considerada importante. Nessas sociedades não matriarcais, o controle do grupo recai sobre o tio materno; os homens devem transmitir os bens para seus sobrinhos e, em alguns contextos, inclusive a sucessão política – avunculato. Malinowski, a exemplo, observou entre o *trobriandeses* que ora o poder dos tios maternos era ameaçado pela presença permanente do pai, ora os filhos reclamavam a herança dos pais, que por direito, era de seus primos, ou seja, dos sobrinhos de seus pais. Os pais procuravam transmitir aos filhos prestígio, gerando conflitos de interesse difíceis de solucionar dentro do grupo. Malinowski observou ainda que, para além das questões de poder e herança, existia uma outra de ordem psicológica relacionada ao direito e ao amor paterno. Os homens *trobriandeses* viviam o dilema de conjugar o papel de pai e o de marido com o de tio materno; por um lado desejavam manter o controle dos seus filhos e a mulher, por outro tinham também o dever de controlar as suas irmãs e sobrinhos. Tratava-se da tensão entre o ‘direito da mãe e do tio’ e o ‘amor do pai’. Era nessa tensão que Malinowski se interessava e toma emprestado da psicanálise o conceito de “ambivalência” para melhor analisá-la: a oposição entre motivos conscientes e sentimentos inconscientes. Sentimentos antagônicos que coexistem; o conflito entre a regra jurídica da

matrilinealidade e o forte sentimento de amor paterno. Conclui o antropólogo que o sistema matrilinear ao deslocar o poder coercitivo da família conjugal, fonte de conflito, para o tio materno ajusta melhor fatores psicológicos e elimina a rivalidade e o ciúme entre pai e filho. No entanto, Malinowski observa que existe uma distância entre o ideal e o real, o que ocorre na prática, na realidade da vida social e o que a distancia dos padrões ideais. (WOORTMANN, 2002).

Diria que entre os *Na* a organização social e sexual do grupo dá conta de outra gama de possíveis conflitos no interior da família. Por ser a reprodução biológica matrilinear – só se cria o filho da irmã – e os relacionamentos serem descontínuos, sem a construção de vínculos conjugais, os indivíduos desconhecem as figuras da nora/genro e sogra/sogro e do cunhado/cunhada e, assim, os meandros desta relação de parentesco, muitas vezes forçoso. Possuem, por conseguinte, regras fortes para evitar relações incestuosas e garantir a organização sexual do grupo, excluindo qualquer tipo de contato físico entre irmãos e irmãs, tios e tias, sobrinhos e sobrinhas, eles não podem se tocar, tampouco dançar, brincar e mesmo ver televisão juntos. Sentimentos de obrigação e a incondicionalidade das relações se restringem unicamente aos consaguíneos, já que não há parentes por aliança.

Os *Na*, portanto, vivem em unidades matrilocais onde os consaguíneos nunca saem ou recebem membros de outras unidades domésticas, considerando constrangedor substituir a família de origem por outra. Não há a possibilidade da construção do parentesco por aliança e por conseqüência, toda a gama de problemas inerentes as relações por aliança. Uma sociedade sem casamento, sem pai nem marido, mas também sem noras e sogras.

2.5 Famílias francesas

A França é um país que possui um “Estado-Providência do tipo familista”, com sólida política social voltada para o bem-estar da família, capaz de oferecer assistência aos indivíduos em diversas etapas do ciclo de vida. Iniciada ao final da segunda guerra, o governo tinha o claro objetivo de aumentar a taxa de natalidade no país e estimular a fecundidade, criando políticas de concessão de abonos às famílias com mais de dois filhos. Já nos

anos 70, os programas se voltam ao apoio às famílias de mães trabalhadoras e, nos anos 80, estende-se a outros setores voltados para o bem-estar da família francesa como as políticas de emprego e educacionais e às políticas para a população com idade avançada²⁸. (PEIXOTO, 2007)

Interessante destacar que esse modelo francês é bastante diferenciado se comparado aos países da Europa do sul e do centro:

(...) se distingue dos países liberais, como a Inglaterra, que não intervém nesse domínio, pois considera de natureza estritamente privada, mas também dos países da Europa do Sul (Itália e Espanha), onde os valores familiares e as ajudas entre as gerações são consideradas evidentes e onde o Estado não elabora políticas de apoio à família, ou os países do Norte, como a Suécia, que têm políticas generosas voltadas para os indivíduos, para favorecer a igualdade entre homens e mulheres. (PEIXOTO, 2007, p.12)

Inúmeros estudos sobre comportamento da família francesa foram realizados desde que a sociologia se volta para este campo²⁹, ao constatar que mudanças significativas na esfera familiar vinham transformando as relações parentais e a organização da família. Os reflexos da entrada da mulher no mercado de trabalho e do divórcio se transformaram num terreno fértil para as investigações sobre gênero, assim como os estudos sobre gerações, conjugalidade e relações parentais ocuparam grande parte das análises sobre a família³⁰. Numa avaliação ampla sobre resultado dos estudos voltados à família, F. de Singly observa que as pesquisas demonstraram que a família

²⁸ A criação de creches públicas ou guardas garantidas pelo Estado através das assistentes maternas, que recebem às crianças em sua casa ou vão à casa das famílias cujos pais trabalham fora remonta os anos 80. Foi também criada em 2002 o "licença-paternidade", que tem por finalidade incluir os progenitores nos primeiros cuidados dos filhos. No apoio à velhice o governo francês oferece abono para internação em casa geriátrica ou apoio financeiro para a família que opte por cuidar de seus idosos. O apoio à família no setor de transportes também aponta a França como um país com políticas sociais sólidas, dando descontos de até 50% nas passagens de transporte público: "Carte Senior" é o desconto voltado para maiores de 60 anos; "Carte 12-25" para quem tem entre 12 e 25 anos; "Carte Famille Nombreuse" para famílias com 3 ou mais crianças (desconto válido para todos os membros da família, mesmo se não acompanhados das crianças); e "Carte Enfant-Famille", que disponibiliza um lugar para crianças com idade até 4 anos (que viajam de graça) e dá desconto para crianças entre 4 e 12 anos, assim como para os adultos que as acompanham (quatro no máximo). Para melhor compreender as políticas sociais voltadas para família ver PEIXOTO; CLAVAIROLLE (2005); MINOZIO (2000), NEZOSI (2000); ATTIAS-DONFUT (1995).

²⁹ Nos anos 70, o modelo tradicional de família em sua hierarquia de papéis e educação autoritária passa a ser contestado pela sociedade. É a partir desta década que a sociologia, preocupada em compreender os problemas sociais, se debruça sobre a família propondo novas categorias, esquemas explicativos e analisa comportamentos e representações. (SINGLY, 2001)

³⁰ Destaco as análises sobre gerações e solidariedade familiar na França de C. Attias-Donfut e M. Segalen (1998), C. Peixoto (2000), e C. Martin (2002); M. Segalen (2002) sobre relações parentais; V. Cicchelli (2000) e F. de Singly (2000) sobre família e processos de individualização, J-F. Kaufmann (2001) e M. Bozon (2001) sobre relações conjugais, entre outros.

contemporânea, sobretudo a francesa, se caracteriza por uma grande dependência em relação ao Estado, logo, independência em relação à parentela e a independência entre homens e mulheres³¹. Assim,

Os homens e as mulheres, os adultos e as crianças organizam a sua vida privada no quadro desta dualidade: uma reivindicação de independência coletiva e individual e uma dependência enorme da esfera pública. (SINGLY, 2007, p. 30)

Deste modo, na França, em função da solidariedade pública, pouco se recorre à solidariedade familiar nos cuidados das crianças, dos jovens e dos velhos; as mulheres, ao deixar de ser cuidadoras puderam investir no trabalho profissional. Nessa sociedade a família é individualizada e a intervenção do Estado contribui para este processo, diminuindo os laços de dependência da família em relação à parentela. Neste sentido, as solidariedades familiares podem ser de outra natureza, na medida em que sua função, sua regulação e seus efeitos sociais são diferentes das ajudas dispensadas pelo governo (DÉCHAUX apud CICCHELLI; PUGEAULT, 1998, p.89). Assim, elas se apresentam, por exemplo, na forma de presentes ou ajudas que irão colaborar para a formação profissional dos filhos e netos. Como bem esclarece C. Peixoto:

Na França, a ajuda [...] se dá principalmente através da compra de livros, do pagamento de cursos suplementares e de atividades culturais, além de viagens e colônias de férias [...] doações e os empréstimos de dinheiros, ou mesmo os presentes caros – videocassete, computador, bicicleta, etc. - solicitados pelos netos no aniversário e no natal [...]. (2000, p. 107, 109).

Por este motivo, a relação parental é marcadamente pautada pelas escolhas, o que não exclui conflitos e tensões no relacionamento entre os parentes por aliança, muito semelhantes aos que ocorrem na família brasileira, mesmo sendo esta mais relacional.

³¹ A autonomização da família na sociedade francesa associada às escolhas afetivas concorreram para a fragilização conjugal e aumento do divórcio, porém com efeitos distintos segundo o pertencimento social dos indivíduos. As mulheres tornam-se independentes dos maridos em função das atividades profissionais, mas as que pertencem às famílias de baixa renda acabam entrando na linha da pobreza de modo que, na França, as famílias monoparentais chefiadas por mulheres são as mais pobres. Não por acaso, em 1984, o governo francês determinou um abono salarial às mães que não recebem pensão alimentícia dos maridos. Neste sentido, reduz-se a dependência da mulher em relação ao marido, mas aumenta-se em relação ao Estado. (SINGLY, 2007).

Considerando a experiência da família francesa ao conciliar as relações conjugais com as relações parentais, destaco a pesquisa de C. Lemarchant como um estudo importante para a compreensão do parentesco por aliança neste contexto onde os indivíduos valorizam a individualidade da família conjugal. A pesquisadora investigou o relacionamento entre noras e sogras na França, com o objetivo de analisar a relação entre parentes por aliança. Lança um olhar atento sobre os casais, seus laços com as famílias de origem e o modo como os indivíduos conciliam laços conjugais e laços parentais³². C. Lemarchant observa de que maneira as mulheres, hoje como ontem, acumulam papéis dentro da família, ainda que a definição dos papéis de esposa e nora tenha modificado. Identifica, assim, na família francesa os motivos e os processos que produzem tensões entre parentes por aliança e consanguíneos dentro da cena familiar.

A família contemporânea, cada vez mais sensível à qualidade das relações, dá um destaque especial para o afeto. Do ponto de vista da família restrita, é no espaço onde habita a família conjugal que a intimidade é compartilhada. A família francesa tem demarcado e, separado, o espaço e os limites onde interagem a família restrita e a família extensa, segundo uma lógica fundada na escolha, na liberdade e na gratuidade das relações. Esta receita em que se baseia a relação conjugal se amplia para as relações parentais, definindo proximidades e distâncias entre os membros da família, com tendência ao centramento na família conjugal a medida que ela se torna autônoma em relação a família de origem. Observa-se uma variação na frequência dos encontros entre os familiares no curso do tempo. Os casais, ao tornarem-se autônomos progressivamente, diminuem o número de visitas. Mais do que medir a frequência dos encontros e das trocas é necessário compreender o sentido que os indivíduos dão a eles. A relação com a parentela não é mais o centro da construção das identidades. A família francesa é marcada pela “reivindicação da autonomia e a desvalorização da dependência intergeracional”. Como observa F. de Singly

³² Sob orientação de François de Singly, C. Lemarchant entrevistou 92 noras de idades e meios sociais diversos, entre 1987 e 1990, na Bretanha e na Normandia. Usou uma pesquisa complementar feita com estudantes universitários da Bretanha ocidental que lhe deu acesso ao ponto de vista das sogras.

Essa nova aliança, que redefine as formas de viver entre os indivíduos no seio das famílias conjugais e no interior da parentela, constitui um dos efeitos das mudanças sociais, principalmente do peso maior do capital escolar e da criação de um Estado-Providência que garante certa autonomia aos indivíduos. (2007, p. 86)

Assim, conforme apontam os dados da pesquisa de C. Lemarchant, as relações entre parentes por aliança são bastante formais, pouco íntimas, e restringem-se aos momentos mais cerimoniais que envolvem toda parentela. A coabitação, que pode promover a proximidade dos laços entre afins, é muito rara e pontual na França. Quando ocorre é indesejada e ligada às dificuldades financeiras, ausência temporária do marido ou a uma distância geográfica grande que acaba por promover visitas mais prolongadas entre a parentela.

Entretanto, não é por ser a França um país com Estado-Providência forte que a solidariedade familiar tenha sucumbido às ajudas públicas, pois existe na família um tipo de proteção que o Estado não dá conta e que está no plano das trocas afetivas. Porém, “[...] a vida privada com uma ou várias pessoas próximas é desejada pela grande maioria das pessoas – sob certas condições, ou seja, se a família não é percebida como sufocante.” (SINGLY, 2000, p. 15)

Sendo, no entanto, a família um lugar tradicional de solidariedades entre seus membros, a circulação de bens e serviços permanece na família francesa ao lado da solidariedade pública, mas podem se constituir como ajudas de subsistência ou de promoção³³. As ajudas concedidas aos filhos no começo da vida conjugal, seja para aquisição da moradia ou concedendo empréstimos em dinheiro, são aceitas desde que não coloquem em risco a independência do casal.

No que se refere à proximidade e distanciamento da família por aliança foram observados entre as entrevistadas por C. Lemarchant, três critérios significativos que determinam as interações e os encontros na família francesa e estão relacionados às etapas do ciclo de vida onde ocorrem a chegada de filhos do jovem casal, a idade avançada e a doença dos velhos.

³³ Segundo A. Pitrou (apud SINGLY, 2007, p. 110), as ajudas de subsistência são mais percebidas entre as camadas populares e são compostas por suportes oferecidos ao longo da vida a fim de evitar transtornos originados em imprevistos; as ajudas para promoção são aquelas cujo objetivo é garantir ou favorecer o acesso a estatutos mais elevados, tal suporte é mais praticado entre camadas médias e superiores.

O nascimento dos netos imprime uma outra dinâmica na vida familiar e tende a forçar a interação entre noras e sogras e, assim, surgem alguns problemas relacionados à educação e os cuidados das crianças. Nem sempre as idéias são compatíveis, pois as sogras, geralmente, reivindicam a eficácia de seus métodos. Difícil saber respeitar os limites de uns e outros porque as fronteiras não são as mesmas para pais, avós e netos, pois a cada geração as visões de mundo, os valores e os comportamentos se modificam. Na família, diz C. Attias-Donfut,

[...] as linhagens estão igualmente em contínua transformação, sobre o efeito da sucessão das gerações e das novas alianças. De fato para cada nova aliança, o encontro de duas linhagens produz uma cultura plural. A comunidade que se constitui [...] produz seus próprios valores, mais ou menos coerentes entre eles, e os estende no conjunto dos seus membros, que aderem ou que se opõem (2002, p. 122).

Portanto, nas famílias com crianças este é o momento das transmissões desses valores, comportamentos e normas que são aceitos, reformulados ou recusados. A relação entre noras e sogras se inscreve dentro do repertório das relações intergeracionais e estão, portanto, sensíveis às questões que envolvem descontinuidades e/ou a permanência de valores e práticas. As recomendações da sogra baseadas nas práticas de sua geração nem sempre são acompanhadas das percepções sobre as mudanças e transformações sociais.

Não ter filhos é um fator que contribui para o espaçamento das visitas entre filhos casados e seus pais, posto que na sociedade francesa há uma hierarquia nas relações familiares e a vida conjugal é mais valorizada, conforme aponta a pesquisa de J. Kellerhals³⁴.

As famílias contribuem na criação dos filhos, quando solicitadas. Geralmente a ajuda doméstica é centrada na guarda dos netos. A sogra pode participar de apoios de outra natureza. Quando os netos chegam a ficar com as elas³⁵ é porque estão mais disponíveis ou moram mais perto do que as avós

³⁴ A pesquisa de J. Kellerhals *et al* realizada no início dos anos 80 demonstra que entre as camadas populares 94% dos jovens responderam que a vida conjugal é a que mais contribui para a felicidade pessoal e bem-estar contra 42% que afirmaram ser a relação com os parentes. Nas camadas mais escolarizadas a família conjugal também se destaca. (SINGLY, 2007, p. 101)

maternas. Na pesquisa de C. Lemarchant, mais de ¼ das noras declara a preferência pelo apoio das mães ao invés das sogras. Tal preferência sugere certo controle na relação entre avós e netos. Recorrer à ajuda das sogras depende também de alguns fatores como a saúde da avó materna, a distância/proximidade geográfica da casa da família de origem de um dos membros do casal, ou/e a confiança recíproca e a proximidade relacional entre nora e sogra.

As noras da pesquisa de C. Lemarchant raramente visitam sozinhas suas sogras. Em geral estão sempre acompanhadas dos filhos e o objetivo dos encontros é promover o estreitamento dos laços entre avós e netos. C. Peixoto assinala que a frequência das visitas entre avós e netos na França, quando consideradas sistemáticas, ocorrem a cada quinze dias ou uma vez por mês (2000, p. 103). Vale ressaltar que os pais e os sogros se deslocam menos para visitar os filhos (as) genros e noras. É mais comum que os mais jovens visitem a parentela, configurando uma estratégia para evitar que a vida conjugal se torne alvo da intromissão dos pais, e também, do sogro e da sogra (SINGLY, 2007, p. 106).

Os dados de C. Lemarchant demonstram, ainda, que as visitas desacompanhadas dos filhos, em geral, se dão nos ciclos de vida cuja relação entre nora e sogra tenha se estreitado e, portanto, estejam isentas de regras estritas para esses encontros. Embora caracterizando certo grau de liberdade nas relações, os encontros se inscrevem num quadro definido de sessões: não se vai à casa dos afins sem avisar e os encontros acontecem em torno de eventos. Assim,

[...] formalizar as relações corresponde a uma necessidade de fixar um quadro de visitas para colocar limites aos 'territórios' comuns – um modo também de respeitar e se dar ao respeito à intimidade de um jovem ou velho casal (LEMARCHANT, 2000, p. 41).

C. Lemarchant observa duas concepções a respeito da boa distância: uma, valoriza o calor dos encontros; a outra, privilegia a autonomia em relação ao restante da parentela e o respeito à vida privada, sendo esta

³⁵ C. Peixoto mostra que as avós francesas são solicitadas para o cuidado e a guarda dos netos nas quartas-feiras, quando as escolas não funcionam, e/ou nos finais de semana e férias. O que define a escolha pela ajuda familiar ao invés da pública – babás credenciadas e centros recreativos - é a qualidade do relacionamento com a parentela ou, ainda, a condição econômica da família que pode optar pela contratação de babás. (2000, p. 101)

frequentemente mais adotada entre as entrevistadas pela autora. Encontros familiares e momentos com maior possibilidade de convivência como as férias, institucionalizada entre os franceses, introduzem uma proximidade que pode favorecer o estreitamento dos laços entre noras e sogras como também a deflagração de tensões. Algumas noras declaram evitar tal convivência para não se sentirem sufocadas pelo olhar crítico das sogras. Talvez seja este o motivo segundo o qual os avós franceses viajem com os netos ou os recebam em casa. Do ponto de vista dos avós, as férias representam a possibilidade de estreitamento dos laços com eles. Conforme demonstra a pesquisa de C. Peixoto

[...] na representação dos franceses entrevistados, viver junto durante as férias não tem o mesmo sentido de uma coabitação [...] Trata-se, portanto, de uma visita prolongada na qual as desvantagens da vida cotidiana são menores, as relações de intimidade mais tênues e os sentimentos de desconforto e incômodo estão ausentes. (2000, p. 105)

Fica a dúvida: tal representação se configuraria do mesmo modo se a referência fosse a nora e não os netos? Uma pena C. Lemarchant nos apresentar uma visão parcial sobre as férias da família francesa, deixando-nos apenas os depoimentos das noras, foco principal de sua pesquisa.

Por outro lado, o universo entrevistado por C. Lemarchant demonstra que o passar do tempo define o lugar de cada um e o casal tende a perceber que a sogra não demanda necessariamente a repetição/continuidade de sua casa. Algumas noras chegaram a declarar que, ao contrário, as sogras passaram a apreciar a novidade e a se interessar por aprender. É o que a autora chama de “sociabilização ao inverso”: as sogras também aprendem com as noras. Conforme observa,

O mito da juventude, quer dizer o da renovação de si, no centro da modernidade das sociedades contemporâneas constitui um dos valores de referência que pode provocar certo reequilíbrio da relação nora/sogra: a sogra passa então do papel de “crítica” para um papel de “aluna” inscrita em um curso da formação contínua, ao menos por um tempo ou para certas práticas. (LEMARCHANT, 1999, p. 15)

K. Mannheim observa que na relação entre as gerações existe a dimensão temporal que as distingue. Está na ordem dos fatores biológicos por onde perpassam transmissões da herança cultural, no entanto, não prescinde a

dimensão histórica e social. Na dialética da inter-relação com as gerações mais novas, as gerações mais velhas estão cada vez mais abertas à novas experiências em função das transições ininterruptas que resultam do caráter dinâmico e mutável da sociedade.

[...] se o processo social não envolvesse qualquer mudança de gerações, os novos impulsos que podem originar-se em organismos novos não poderiam ser refletidos sobre os representantes da tradição; e se a transição entre as gerações não fosse contínua, essa ação recíproca não poderia ocorrer sem atrito (MANNHEIM apud SOUZA, 2006)

Neste sentido, afirmar que somente as gerações mais novas estão mais abertas a novos hábitos e influências da cultura atual porque sua orientação primária e contato com a cultura do momento diferencia-se do contado com a geração mais velha é algo contestável (Souza, 2006). Os depoimentos da pesquisa de C. Lemarchant expressam que, no limite, as relações intergeracionais podem promover transformações nos modos de vida específicos de algumas sogras. Não por acaso Mannheim observa que, assim como uma “situação de classe”, não resulta na “consciência de classe”, a “situação de geração” não é suficiente para estabelecer a existência de um “conjunto de geração” real fundado num vínculo que una todos os indivíduos num mesmo destino ou situação histórica capaz de engendrar “princípios estruturantes” gerais. Ao contrário, um “conjunto de geração” pode ter escolhas diversificadas, e se subdividir em “unidades” que se afinam segundo conteúdos comuns de consciência, representações, crenças e valores (19--). Talvez, por este motivo, algumas sogras francesas - nascidas num momento onde a família se comportava segundo um modelo pouco receptivo às “novidades” das gerações mais novas -, na esteira das mudanças da sociedade e do domínio de novas tendências implantadas pelos mais jovens, não tenham uma percepção negativa das novas práticas.

A velhice também inaugura uma demanda da parte dos pais e sogros, assim como a viuvez. As ajudas podem ser mais evasivas, quando a família decide não recorrer à solidariedade pública. Os apoios, porém, não são simétricos comparados aos recebidos no passado, pois o casal jovem recebe mais em forma de ajuda financeira e material do que doa. Isso se inverte com o

tempo, porém diferem na proporção. Segundo C. Lemarchant, na França, a sogra de mais idade recebe mais do que do a nora.

Em se tratando dos primeiros encontros entre noras e sogras, alguns sinais apontam para a dificuldade em estreitar os laços, a começar pela escolha do tratamento que as noras dirigem às sogras, um problema que estende no decorrer dos relacionamentos. Os tratamentos e suas justificativas revelam o modo de funcionamento das relações por aliança, permite que noras e sogras se situem na interação entre elas. “O ato de nomear [...] constrói a relação por aliança e lhe dá uma existência social”. Assim, conforme observa C. Lemarchant, os termos “*beau-père*” e “*belle-mère*”, os únicos termos formais para designar o parentesco por aliança, são tidos como antiquados e não mais usados nas famílias francesa. A autora se pergunta se tal rejeição não sugere também a recusa pela identidade afim. Segundo denotam as entrevistadas, estão deslocados da realidade atual da relação por aliança, já que esta traz em si uma atmosfera tensa e complicada. Assim, ao evitar este tratamento,

[...] nos desviamos de um termo muito específico para expressar nosso desejo de 'estabelecer um laço mais forte que aquele próprio da aliança' (P. Le Guirriec *apud* Lemarchant, 1999). Distanciamos-nos de um termo que poderia reforçar as características (supostamente negativas) do elo, e de evocar distância e estranhamento. (Lemarchant, 1999, p. 50)

As entrevistadas declaram, portanto, dificuldade em nomear suas sogras. E comentam: “eu nunca sei como chamá-la”; “Eu costumo chamá-la de ‘*vous*’ é uma fórmula que encontrei”; “Prefiro não chamá-la”. Algumas declaram, ainda, evitar chamá-las pelo nome ou por *madame*, tratamento muito formal, mas uma solução provisória, pois a medida que o relacionamento conjugal se torna duradouro e ambas se relacionem com mais frequência, o termo “*madame*” acaba sendo substituído pelo nome da sogra, se esta consentir. O nascimento dos filhos põe fim, para uns, nesta tensão, pois as noras tendem a chamar as sogras pelo tratamento que os netos dão à elas. Mais do que isso, as colocam numa relação parental onde os “lugares” e “papéis” marcam a posição de cada uma delas na família através dos termos “vovó” e “mamãe” que uma e outra utilizam para se chamarem.

Neste sentido, mesmo numa sociedade fortemente individualizada, noras e sogras não estão livres das interações e dos processos que envolvem

a vida familiar, como afirma C. Peixoto, “Transmissões materiais, transmissões afetivas e apoios diversos formam o circuito das solidariedades e das transmissões entre as gerações e constituem elementos de base da reprodução familiar”. (2000, p. 110)

Nas famílias francesas, portanto, as trocas permanecem apesar de toda a solidariedade pública e, na cadeia geracional, são os avós e netos os maiores atores dessa engrenagem ainda que as descontinuidades entre as gerações estejam marcadamente expressas nas relações familiares nesta sociedade³⁶ e que a valorização da individualidade expresse “uma proximidade respeitosa sem forçar as portas da intimidade” (SINGLY). A reflexão que permanece é se não seriam as relações entre avós e netos responsáveis por imprimir um ritmo nas relações entre noras e sogras, funcionando como um vetor que aproxima os indivíduos, arbitrariamente ou não.

2.6 Famílias portuguesas

Portugal, assim como outras sociedades ocidentais contemporâneas, está inserido no contexto das mudanças sociais que no final do século XX concorreram para as transformações na família. Entretanto, foi um país cujos reflexos nas relações familiares ocorreram mais tardiamente do que nos outros países da Europa, que já deram sinais de mudança a partir dos anos sessenta. Somente na metade dos anos 1970 o divórcio alcançou altos índices e as taxas de natalidade, casamento e uniões consensuais começaram a oscilar. Por outro lado, tais transformações no campo da família e da conjugalidade bem como das recomposições sociais se deram mais rapidamente, comparado as suas formas graduais nos demais países europeus.³⁷

³⁶ F. de Singly destaca, dentre os processos de descontinuidade, a escolha do nome dos filhos na sociedade francesa, que passou a ter sentido diferente para as gerações mais novas. Sobretudo nas sociedades rurais, a parentela religiosa – padrinho e madrinha – nomeavam os afilhados. Este modelo foi substituído pelo nome dos avós, e os padrinhos pertenciam à parentela de origem. Na família conjugal contemporânea, o nome é uma escolha aleatória e um signo individual, uma marca onde a criança deve inventar um repertório próprio, livre das referências parentais. A escolha dos cônjuges e o centramento na família conjugal são também descontinuidades das práticas geracionais. (2007).

³⁷ Segundo A. Torres, as pesquisas realizadas em Portugal nas quatro últimas décadas do século XX sobre as perspectivas de simetria entre homens e mulheres, demonstraram que o país apresentou uma surpreendente mudança em relação aos valores de igualdade e significativa transformação nas práticas relacionadas a família e trabalho. Nos anos 60, somente 6,4% da população jovem universitária considerava que a mulher deveria trabalhar ao longo da vida. Esta porcentagem saltou para 80,7% nos anos 80 e manteve-se superior à média dos resultados das pesquisas dos demais países da Europa que

A pesquisa de A. Torres³⁸ teve como um dos alvos a análise das relações conjugais em Portugal, suas dinâmicas internas e externas, tomando como pano de fundo os efeitos de gênero e classes sociais. A socióloga observa na sociedade portuguesas formas de conjugalidade³⁹ e centramentos diferenciados, segundo os ciclos de vida e pertencimentos sociais. Seu universo de pesquisa inclui casais vivenciando os primeiros dez anos de casamento, momento onde “confrontam-se expectativas e realidades, processam-se adaptações e reformulações identitárias, desenvolve-se ou adiam-se projetos” (TORRES, 2002, p. 113); e casais em momento posterior, onde foi possível detectar um espaço maior para realização de projetos mais autônomos. Assim, analisa trajetórias, dinâmicas e formas de conjugalidade através das descrições sobre os aspectos da vida conjugal.

As representações e práticas, os modelos normativos e recursos são analisadas a partir do ponto de vista de cada membro dos casais. As interpretação dos entrevistados em torno desses aspectos permitiu que A. Torres identificasse três formas de conjugalidade nas famílias portuguesas, a saber: a institucional, a fusional e a associativa, nem sempre percebidas do mesmo modo por cada membro dos casais, e nem sempre convergindo discurso e prática.

Nuns casos homens e mulheres tendem para a mesma forma de conjugalidade, com versões ligeiramente distintas, enquanto noutros existe nitidamente a defesa de formas de conjugalidade diferentes [...] é a forma de conjugalidade defendida e praticada pelos homens, a sua maneira de ver e de fazer, que acaba por se tornar dominante. [...] mais em certos setores do que noutros, que as mulheres procuram negociar alguma margem de manobra e autonomia manifestando mais ou menos explicitamente sua insatisfação. (TORRES, 2002, p. 40)

Os tipos de centramento variam conforme as formas de conjugalidade. São modalidades diferenciadas de investimento na relação conjugal, na família,

realizaram pesquisa em torno da mesma formulação nos anos 90. Para uma análise aprofundada ler TORRES, 2002.

³⁸ Tese de doutoramento intitulada “Trajectórias Dinâmicas e Formas de Conjugalidade. Assimetrias Sociais e de Gênero no Casamento”, 2000, resultou, mais tarde publicada em três volumes cujo o segundo é dedicado ao casamento em Portugal, também título do livro publicado em 2002.

³⁹ Ressalta-se que A. Torres utiliza uma perspectiva diferente de Simmel sobre o conceito de forma, onde a análise das interações dos indivíduos enquanto “formas sociais” prescinde de seus conteúdos e contextos. Para A. Torres, as “formas de conjugalidade são inseparáveis de seus conteúdos, incluem um conjunto de modalidades específicas de estruturação e organização da vida conjugal, [...] modelos normativos e as representações [...] que os atores sociais convocam” (2002, p. 36)

no trabalho e nas realizações pessoais, que podem modificar ao longo dos ciclos de vida, deslocando a ênfase de um tipo de investimento para outro.

Assim, A. Torres entende como forma de conjugalidade institucional aquela na qual os indivíduos têm como objetivo de vida o casamento que, como uma instituição, deve ser preservado acima de tudo. Os papéis e responsabilidades estão bem definidos e o centramento está mais na relação parental do que na conjugal. Verifica-se uma clara diferenciação sexual dos papéis, que origina certa assimetria na divisão do trabalho doméstico em detrimento da mulher, ainda que ela trabalhe fora de casa. O casamento para o homem é associado a perda de liberdade e para a mulher à valorização estatutária, incluindo a realização pessoal na maternidade. Esta forma de conjugalidade é mais observada entre indivíduos de setores operários com idade superior a quarenta anos e, também, entre setores burgueses proprietários e profissionais, ressaltando que, neste último, a prática institucional não coincide com o discurso mais igualitário. Fatores ideológico e religioso contribuem para esta perspectiva de relação conjugal e familiar.

A conjugalidade fusional tem como centramento a relação conjugal e parental, pois se trata da “fusão” dos projetos, cujas expectativas e perspectivas dão sentido aos indivíduos. O afeto tem lugar importante na inauguração da família e os filhos são a consequência do amor do casal. Embora com menor diferenciação dos papéis, cabe ainda à mulher as tarefas e cuidados familiares, porém, com consciência e autorizado por elas. Esta assimetria nas relações de gênero é atenuada em relação às formas de conjugalidade institucional, já que os homens tendem a participar mais da vida doméstica. Segundo A. Torres, as famílias que se localizam nesta perspectiva fazem parte de setores mais jovens do operariado qualificado e das camadas médias empregadas nos setores técnicos e de serviços em diferentes gerações e duração de casamento.

Na forma de conjugalidade associativa a perspectiva romântica funda a relação familiar, mas na

[...] “associação” de dois indivíduos autônomos em deveres e direitos, com vista à promoção do bem-estar conjugal e familiar. Este não pode colidir nem sacrificar a autonomia individual e os projectos de realização pessoal [...], os indivíduos não esgotam o essencial da sua identidade nas dimensões familiares e conjugais, assumindo a existência de diversos projectos

personalizados. (TORRES, 2002, p. 39)

Este modelo conjugal prevê, ainda que ideologicamente, uma tendência para uma maior simetria no desempenho dos papéis de gênero, onde homens e mulheres devem investir da mesma maneira para a vida doméstica e profissional, embora na prática esta perspectiva não seja alcançada.

A autora observa na sociedade portuguesa, alguns padrões de comportamento nos quais encontra tanto casais que compartilham objetivos e têm percepções semelhantes sobre a vida conjugal como casais com idéias divergentes e desentendimentos cristalizados e, ainda, casais com perspectivas diferenciadas mas que um membro se submete à visão do outro. Segundo demonstra, em Portugal, as práticas, as representações e os valores, sobretudo referentes às relações conjugais, acompanham certas tendências centrais, mas se diversificam conforme os contextos sociais e os percursos anteriores ao casamento. Assim,

[...] vão de um pólo em que é o indivíduo a impor as suas condições à forma de funcionar da instituição, adequando-a aos seus interesses, ao pólo oposto, de sujeição, sem graus de autonomia, aos constrangimentos institucionais, que a ausência de recursos e alternativas transforma em dependência. (TORRES, 2002, p. 2)

A questão feminina é um elemento importante para compreender algumas mudanças na vida privada e pública no século XX, pois, as mulheres, ao se deslocarem para o “exterior”, alteram seu lugar na vida doméstica. As transformações das práticas e representações no cotidiano contribuíram para a igualdade de direitos entre os sexos, afetando a esfera macro-social. Assim, as novas dinâmicas internas e externas das relações conjugais que envolvem a valorização da liberdade individual, acabaram se refletindo na esfera pública, dentre outros aspectos, nas mudanças legislativas do Direito Familiar.

Se a inserção das mulheres no mercado de trabalho deu novos contornos à relação conjugal porque passaram a depender menos, economicamente, dos homens, conforme observa A. Torres, a família portuguesa apresenta elementos de modernidade e tradição nos comportamentos, sobretudo naqueles que envolvem rupturas como o divórcio.

As mulheres das camadas populares, ativas economicamente, tomam mais a iniciativa de desfazer as relações conjugais insatisfatórias, enquanto que as que não desenvolvem nenhuma atividade profissional raramente se divorciam: ou suportam mais a degradação relacional ou se divorciam por iniciativa masculina. Ocorre que, entre as trabalhadoras, por mais que a iniciativa de ruptura seja valorizada, uma outra ordem de problema as acompanha no ato do divórcio e estão para além das dificuldades financeiras enfrentadas com a diminuição da renda familiar: a “estigmatização” da mulher divorciada por parte dos membros do contexto em que está inserida. O olhar negativo que imprimem sobre elas gera certos constrangimentos segundo A. Torres. Mães e amigas cobram das divorciadas uma reparação por “dissolverem” a família e, assim, evitem refazer novos laços conjugais.

Embora muitas delas tenham contrariado as expectativas do grupo, lembrando que estas mulheres tinham idade em torno de 35 anos, os sentimentos gerados devido a “exigência” das outras mulheres revelam uma perspectiva tradicional neste estrato da sociedade portuguesa, na qual a mulher deve se manter submissa, suportar situações intoleráveis e controlar a liberdade e a sexualidade. A. Torres chama atenção para o fato de que, “[...] em última instância, a modernidade tende a sobrepor-se à lógica da tradição, já que a percepção de insatisfação e mal-estar se traduz, não em conformismo, mas em tentativa de mudar a situação” (2002, p. 10)

Do ponto de vista das mudanças geracionais, A. Torres verificou que as mulheres mais jovens, cada vez mais, elaboram projetos de vida que ultrapassam a idéia de realização pessoal plena através da formação da família conjugal e da maternidade. Mas, se os interesses da família gerarem tensões e se tornarem contraditórios aos projetos pessoais, elas tendem a suprimir tais realizações, de modo que a afirmação da identidade feminina, nos espaços além do âmbito familiar, está submetida aos condicionamentos de gênero. Os ciclos de vida no contexto conjugal “tanto são produtores de maiores constrangimentos como permitem aumentar as margens de manobra individual dos atores sociais” (TORRES, p. 17). Deste modo, o início da relação conjugal, quase sempre marcado pela chegada dos filhos, gera a necessidade de centramento na vida familiar de um dos cônjuges, ou de ambos. Por coincidir com a etapa onde os indivíduos estão se estabelecendo profissionalmente,

muitas vezes as adaptações na esfera familiar exigem maior concentração dos esforços em prol do grupo em detrimento dos projetos individuais. Segundo A. Torres,

[...] vimos os mais novos, e sobretudo as mulheres jovens com formação universitária e com filhos muito pequenos, a revelarem um certo retraimento, mesmo involuntário, em relação à actividade profissional, ainda que dessem a entender que se encontravam numa situação de transição e espera. (2002, p. 17)

Contrariando a expectativa de que no contexto universitário as entrevistadas demonstrariam uma vivência da plena igualdade, a pesquisa demonstrou que no contexto conjugal a realização dos projetos pessoais das mulheres é mais adverso. Assim, os primeiros anos da vida conjugal contribuem para certa assimetria na relação de gênero.

As variações em função dos contextos sociais podem reforçar ou atenuar tais diferenças, uns valorizando mais a igualdade de gênero outros confirmando a hierarquia entre os papéis feminino e masculino, de forma que o último apresenta maior preponderância sobre o primeiro. Em ambos os casos, conforme verificou na pesquisa, a assimetria é justificada pela convicção dos próprios atores sociais onde determinadas responsabilidades são exclusivas às mulheres; ou até mesmo condicionada por fatores externos como ritmos de trabalho impostos aos homens que os retira das responsabilidades da esfera doméstica.

Tudo passa como se a construção social do gênero – das práticas e representações consideradas adequadas no masculino e no feminino – assumisse regras específicas em contextos específicos. Mais lassa e permissiva nalguns deles, mais estrita e constrangedoras noutros. (TORRES, 2002, p. 20)

Em certos setores sociais onde as mulheres tendem a afirmar sua autonomia e paridade de direitos, os efeitos na família aparecem de modo que os papéis instrumentais desempenhados por homens e mulheres ultrapassem a idéia de identidades demarcadas, e os homens tendem a participar das atividades consideradas expressivas, sobretudo no cuidado das crianças. Interessante notar que as mulheres mais participam de atividades antes consideradas masculinas do que o contrário: os homens ainda compartilham menos as atividades consideradas femininas. O resultado é uma maior

sobrecarga das mulheres em dupla jornada de trabalho. Nos casamentos de dez a dezenove anos de duração, com filhos adolescentes ou adultos, os indivíduos têm maior margem de manobra para dar conta dos projetos mais autônomos.

Entre jovens casais das classes operárias observa-se uma lógica mais fusional de relacionamento. Embora com maior predisposição para a participação masculina nos assuntos da casa, A. Torres observa assimetria na divisão do trabalho doméstico, onde a mulher é responsável pelos cuidados com os filhos e as refeições da família, com uma ou outra participação do marido. Este modelo é reforçado pela expectativa de comportamento de gêneros, de modo que marido e mulher sentem-se satisfeitos pelos papéis desempenhados. Embora as mulheres assumam mais as responsabilidades na manutenção da casa, elas não se sentem “vítimas” pelo fato dos homens participarem apenas como colaboradores, muito pelo o fato dos homens também não se recolherem “masculinamente no trabalho” externo, exercendo o papel de único provedor da família. Embora existam territórios de ação marcados pelo gênero, as mudanças identitárias e de papéis onde os indivíduos passam a “gostar do que se deve fazer e ter prazer no dever cumprido” (2002. p. 126). Nestes contextos sociais fazem com que o centramento esteja nos projeto parental, um tanto diferente das camadas médias portuguesa cuja forma de conjugalidade é pouco mais autônoma e igualitária, estando os indivíduos centrados na realização afetiva.

Os capitais econômicos e sociais condicionam a forma de viver a conjugalidade, as práticas e os valores a elas associados. As formas de conjugalidade e centramentos envolvem, portanto, a relação da família conjugal com o restante da parentela, e será mais individualizada ou não conforme a necessidade da solidariedade familiar e os recursos que a solidariedade pública oferece. Portugal é um país que vem fortalecendo as ajudas públicas. Na Grande Lisboa, a solução socioeducativa para a guarda das crianças é, preferencialmente, acionada no lugar de “soluções de tipo familiar”. A oferta de equipamentos públicos tais como creches ou jardins de infância pode substituir os recursos familiares como os cuidados dos avós e outros parentes. As soluções familiares, portanto, são possíveis e não as mais frequentes,

(TORRES, 2004, p. 91-93). Nos casos em que o casal permanece coabitando com a família de um dos cônjuges o apoio da família é inevitável.

A participação da parentela na vida do casal, nos cuidados e na educação dos netos impõe certos constrangimentos mais naturalizados por uns do que outros, porém, apontam dificuldades que giram em torno dos parentes por aliança. Num dos casais entrevistados por A. Torres, a família por aliança tem participação na vida do casal, e é a sogra quem ajuda nos cuidados do neto recém nascido uma vez que moram todos juntos. Não foi mencionado qualquer tipo de tensão em torno da relação entre nora e sogra, entretanto, embora a mulher não se ressinta por realizar mais as tarefas domésticas e com a ajuda da sogra, menciona que o marido teria uma participação maior no cotidiano da família caso morassem sozinhos. (2002, p. 115). Ao que indica, o fato de morarem na casa da sogra inviabiliza a realização do projeto familiar onde é desejável que o marido tenha uma participação maior nas tarefas domésticas, isentando-se das responsabilidades através das ajudas de sua mãe. Já outro casal entrevistado, atribui a existência dos conflitos entre eles ao fato de coabitarem com os pais da mulher. Segundo declara o marido, o casal seria mais feliz se não morassem com a parentela, já que a sogra e o sogro interferem bastante na educação de seus filhos. Uma terceira entrevistada conta com a sogra para pegar sua filha na escola e considera como penoso ter que dividir os cuidados da filha com a mãe do marido. A. Torres observa certo desconforto desta nora no discurso sobre a sogra, dando sinais de que gostaria de ter mais independência da parentela por aliança, apesar de também não explicitar os problemas. Ainda que os ascendentes tenham um papel importante na solidariedade familiar, em Portugal,

[...] tende-se a privilegiar cada vez mais a separação entre aspectos afetivos da troca entre ascendentes e descendentes – que é, de resto, muito valorizada – e a prestação de serviços e cuidados que podem ser efetuados por outros meios. (TORRES ; SILVA, 1998 apud TORRES, 2002, p. 127)

Nos casos citados, a coabitação inviabiliza a autonomia da família conjugal, entretanto, embora tenha sido observada certa insatisfação por dependerem em alguma medida dos aliados “[...] provavelmente mais agravado por não se tratar de laços de sangue [...]” conforme observa a socióloga, estes casais demonstraram que os interesses coletivos estão acima das realizações

mais individuais. É no diálogo entre os cônjuges que os problemas são solucionados, demonstrando que em Portugal a família vem incorporando valores que seguem uma “filosofia companheirista, de interajuda, fusional” (TORRES, 2002, p. 123). Assim, se não existe uma simetria na distribuição das responsabilidades domésticas, ao menos compartilha as grandes decisões da família, pois, como chama atenção F. de Singly,

O amor, as solicitações de escuta, a ajuda na construção da identidade pessoal de cada um demanda certa igualdade entre os parceiros, e esta deve se inscrever muito mais no domínio das decisões do que naquele da realização das tarefas. (2007, p. 150)

A família portuguesa, segundo A. Torres, se modifica em função das transformações das normas da conjugalidade - concentrada que está na afirmação de valores afetivos -, mas também em novos aspectos dos comportamentos de homens e mulheres. Constatou-se que regras e normas no interior da família estão em transição de modelos mais igualitários ou menos e que condicionam práticas e representações, com variações nos diferentes contextos sociais, todos concorrendo para a individualização da família, uma tendência nas sociedades ocidentais.

2.7 A família ocidental x família oriental – algumas considerações

O panorama ora apresentado sugere que o parentesco por aliança é difícil de construir em qualquer contexto cultural. Variadas estratégias são elaboradas a fim de tornar este elo mais fluido, menos problemático, seja promovendo o casamento entre consaguíneos, seja estabelecendo regras rígidas de comportamento nos papéis representados, como nas sociedades muçulmanas, hindus e a chinesa tradicional; seja valorizando os laços conjugais e a individualidade do casal como os franceses e os portugueses, seja até mesmo eliminando a figura da nora e da sogra como vimos entre os *Na*.

Temos, portanto, entre as famílias chinesas, apesar das mudanças iniciadas, uma configuração entre parentes por aliança bastante parecida com a que ocorre entre as famílias hindus e muçulmanas. Já as relações familiares na sociedade francesa e portuguesa, aqui tratadas como um contraponto entre

as práticas das famílias orientais, assemelha-se em grande parte com as práticas e comportamentos das famílias cariocas cujas experiências serão analisadas nos capítulos que seguem.

É importante ressaltar, como observa A. Giddens, que a revolução global nos comportamentos é, sob certos aspectos, uma das transformações mais difíceis e perturbadoras (2000), principalmente nas sociedades cujas instituições são bastante rígidas, com controle familiar e comunitário. Não por acaso poucos países tem escapado ou se anulado das discussões que envolvem a igualdade sexual e os rumos da família nestes últimos anos, com evidentes repercussões nas relações parentais. A repressão de governos autoritários e de grupos fundamentalistas sobre os debates em torno da família tem sido combatida em contextos locais ou nacionais pelos membros da sociedade civil envolvidos com os rumos das políticas familiares. Em casos extremos onde a integridade física de seus membros é violada, o debate se amplia e envolve a comunidade internacional em favor da proteção e preservação dos direitos humanos, com impactos nas relações entre países.

Do lado das sociedades ocidentais, as estratégias matrimoniais explícitas deram lugar ao casamento fundado no amor mas, vale ressaltar, que as uniões homogâmicas são evidentes. Os indivíduos, não muito raro, ainda casam dentro do mesmo grupo social, “ainda que se respeitem as limitações da ideologia amorosa, do sentimento de liberdade dos cônjuges e da ausência da pressão doméstica” (SINGLY, 2007, p. 98). O capital cultural e social proporcionado pelos pais contribuem para a escolha do cônjuge dos filhos dentro do mesmo universo, de modo que as escolhas sejam baseadas em estratégias educativas. A linhagem na família ocidental não é declaradamente uma condição para que as relações conjugais sejam estabelecidas, muito menos a idéia de agregar valores materiais através do casamento. No entanto, as seleções matrimoniais homogâmicas não são capazes de evitar as tensões e conflitos entre afins, sinal de que para além dos valores capitais e afetos, outra gama de julgamentos está em jogo e passa pela questão da individualização da sociedade contemporânea. As expectativas dos pais em relação ao casamento dos filhos é um caso a se pensar, principalmente, nos casamentos onde não ocorre a equivalência social.

3 NORAS E SOGRAS DAS CAMADAS MÉDIAS E POPULARES: SOLIDARIEDADE E CONFLITO

Sogra não é parente, é castigo!

No capítulo anterior fizemos uma breve discussão sobre parentesco por aliança e por consanguinidade. Suas diferenças e representações sobre os laços familiares revelam as nuances e os elementos que os constituem. A construção do parentesco por aliança em contextos culturais diferentes, demonstra como os indivíduos organizam e estruturam a família na sociedade contemporânea em sua diversidade.

Este capítulo analisa a relação entre noras e sogras nas famílias cariocas de camadas médias e populares. Os efeitos dos diferentes pertencimentos sociais sobre estas relações devem ser considerados na medida em que as trocas materiais são, muitas vezes, responsáveis pela aproximação/distanciamento dos indivíduos na família. Para tal, teremos como foco as trocas que circulam entre as famílias parental e conjugal e em que medida a solidariedade familiar imprime certa simetria nesta relação. A natureza das trocas e da solidariedade familiar, a autonomia e dependência financeira como elementos agregadores/desagregadores entre noras e sogras são aspectos dessa relação que pretendo investigar. Como as noras são recebidas na família do cônjuge e como se adaptam ao novo laço de parentesco, a percepção dos papéis que nora e sogra devem desempenhar na rede familiar e as expectativas que elas têm uma em relação à outra são o foco dessa análise. Onde há mais dependência material existe mais conflito? O que

muda na escassez de recursos? De que natureza são as ajudas e quais as expectativas de reciprocidade? As trocas são da mesma natureza em todos os ciclos de vida? E, se assim for, qual o efeito dessas ajudas na construção da relação nora/sogra no decorrer da vida familiar? Como os indivíduos solucionam os conflitos e estabelecem limites?

Sem a pretensão de dar conta de todas as diferenças econômicas, sociais e culturais de classes, tenho por objetivo apontar alguns aspectos relativos à construção do parentesco por aliança, no que diz respeito a comportamentos, práticas e representações.

3.1 Os apoios afetivos e materiais nas famílias brasileiras

No Brasil, as políticas sociais voltadas para a família ainda são precárias. Elas se reduzem a programas de transferência de renda direcionados somente às famílias consideradas em estado de pobreza e extrema pobreza com o objetivo de combate à miséria. O Programa Bolsa Família é o carro-chefe da política compensatória adotada pelo governo federal⁴⁰. Embora venha contribuindo para redução da miséria⁴¹ e seja um avanço em termos de políticas de combate à pobreza no Brasil, o Programa Bolsa Família não é universal. Segundo S. Abranches, a política social convencional ultrapassa a fronteira da carência absoluta, ao contrário das políticas de combate à pobreza cujo caráter seletivo tem foco nos grupos mais vulneráveis a fim de garantir uma rede de proteção aos mais pobres (1994, p.

⁴⁰ Criado em 2004, o Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda para beneficiar famílias que estão em situação de pobreza e extrema pobreza. O Programa tem quatro tipos de Benefícios: Básico, Variável, Variável Vinculado ao Adolescente e Variável de Caráter Extraordinário. O Benefício pode variar de acordo com a renda *per capita* da família, o número de crianças e de adolescentes com até 17 anos. O Benefício Básico, de R\$ 68,00, é concedido às famílias na linha de extrema pobreza com renda mensal de até R\$ 70,00 por pessoa, mesmo que não tenham crianças ou jovens. O Benefício Variável, de R\$ 22,00 é pago às famílias pobres, com renda mensal de até R\$ 140,00 por pessoa, desde que tenham crianças e adolescentes de até 15 anos. Cada família pode receber até três benefícios variáveis. O Benefício Variável Vinculado ao Adolescente (BVJ), de R\$33,00, é concedido às famílias com adolescente de 16 a 17 anos frequentando a escola. Cada família pode receber até dois BVJs. E o Benefício Variável de Caráter Extraordinário (BVCE) é pago às famílias que migraram de Programas anteriores como o Auxílio-Gás, Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Cartão Alimentação para o Bolsa Família a fim de compensar as perdas financeiras. O valor varia de caso a caso. Fonte: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/> Em: 19/03/2010.

⁴¹ Vale ressaltar que o “4º Relatório Nacional de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” aponta queda da pobreza extrema de 12% em 2003 para 4,8% em 2008. O documento pode ser encontrado no endereço eletrônico <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/>

15), escapando os que não se enquadram nas condicionalidades, porém não menos carentes da solidariedade pública. Ou seja, o país ainda não implementou uma política consistente de proteção familiar que estenda a todas as camadas sociais os programas existentes e criando outros que atendam a criança, os jovens e os velhos⁴². As famílias pertencentes as frações mais baixas da camada média, por exemplo, têm a mesma demanda de apoio sócio-econômico mas estão fora das atuações da solidariedade pública.

Neste sentido, é a família a quem se recorre em momento de crise, é nela que seus membros encontram suporte de variadas naturezas. Na década de 90 a crise econômica, os altos índices de desemprego e baixos salários promoveram mudanças na dinâmica da família brasileira. A vida familiar, diretamente afetada pelos problemas econômicos, teve que se adaptar a conjuntura, uma vez que o Brasil não oferecia (e ainda não oferece) políticas sociais universais de apoio às famílias. Não por acaso, foi grande o número de aposentados que retornaram ao mercado de trabalho para manter a família, estendendo apoios aos filhos casados desempregados e netos (PEIXOTO, 2004). Outra consequência observada foi a recoabitação entre pais e filhos em função do desemprego, que contribuiu para que jovens casados retornassem com suas famílias à casa dos pais de um dos cônjuges, conforme assinalam C. Peixoto e G. Luz (2007). As autoras apontam, ainda, para um aumento na coabitação permanente, pois a saída da casa dos pais é cada vez mais adiada, os jovens prolongam os estudos ou esperam se inserir no mercado de trabalho para só então viver a vida independente.

A. Pitrou observa que as ajudas se diferenciam segundo as camadas sociais, revestindo-se em apoios para “promoção social” nas camadas altas e médias, e apoios de “subsistência” entre as camadas populares; modelos aplicáveis em sociedades com forte desigualdade social. (apud PEIXOTO, 2005)⁴³.

⁴² Conforme demonstrado no capítulo anterior, cito a França como um país que possui equipamentos de apoio social universais.

⁴³ As trocas referentes à promoção social são, sobretudo, doações, empréstimos, serviços, relações e herança, que podem contribuir à ascensão social dos filhos. Já entre as camadas menos favorecidas a solidariedade familiar se traduz em apoios emergenciais nos casos de doenças, desemprego e inúmeros serviços prestados que não demandam uma ajuda financeira, mas que dão conta das necessidades cotidianas de sobrevivência, como observa Peixoto (2005). Ressalto aqui, que as camadas médias dividem as formas de apoio, sendo os relacionados à promoção social os mais praticados pelos segmentos altos e nos segmentos mais baixos são os apoios de subsistência.

De todo modo, a solidariedade familiar atravessa as transformações sociais e familiares e permanece como fonte de sustentação dos laços parentais, uma vez que a família responde muito mais rápido e é eficaz do que, no caso brasileiro, o Estado. Além disso, a família dispõe de alguns apoios que os serviços públicos não oferecem, é mais ágil porque responde no campo das relações afetivas e não do das relações burocrático-administrativas.

Do ponto de vista dos apoios familiares, inúmeras pesquisas já demonstraram que, no Brasil, as gerações mais velhas têm uma participação significativa na vida das gerações mais novas. Segundo os indicativos ibegeanos, a renda média das pessoas de 60 anos ou mais é maior do que a dos jovens com menos de 30 anos. Talvez por isso, as gerações mais velhas são as que apresentam proporção mais elevada entre as pessoas que moram em casa própria, dando suporte aos filhos. Não por acaso observou-se que em situação de desemprego ou demora na entrada no mercado de trabalho duas situações são geradas: a recoabitação familiar e, a inversão dos papéis familiares na qual os filhos adultos deixam de ser chefes de família e se tornam dependentes dos pais, muitas vezes já idosos. As pesquisas de P. Saad (1999), A. A. Camarano (1999) e C. Peixoto (2004) têm apontado para isso e foram reconfirmadas pelas informações obtidas na minha pesquisa de mestrado⁴⁴.

Diante da dependência econômica dos filhos, incluindo os casados e com filhos, os pais são chamados a fornecer suporte material, antecipando e, de fato, substituindo o Estado nas ajudas públicas. Uma das estratégias criadas pelas famílias brasileiras para superar a crise do desemprego tem sido a recoabitação, na qual os pais acolhem os filhos casados e sua progeneritura. Observa-se que novos arranjos familiares são criados para as situações onde vivem, pelo menos, três gerações: avós, pais e netos. Assim, segundo A-A. Camarano,

Arranjos familiares são uma forma importante de transferência e suporte entre gerações. [...] observa-se que tem cabido às famílias grande parte do cuidado com seus segmentos 'dependentes'. Esse cuidado se traduz em parte, pela co-residência, o que, em certas situações, beneficia as gerações mais novas, e em outras, as mais velhas [...] O fato de compartilhar o espaço físico possibilita o compartilhamento de renda,

⁴⁴ O Impacto do Desemprego nas Relações familiares: Solidariedade e Conflito em Famílias de Camadas Médias. 2005.

cuidados domésticos, das crianças, transporte, cuidados médicos, etc., ou seja, acredita-se que os arranjos familiares afetam e são afetados pelas condições de vida. (2003, p. 7)

São ajudas financeiras para variados fins: apoio no desenvolvimento profissional dos filhos, no pagamento de aluguel ou para a aquisição e construção de imóveis, nos nascimentos dos netos, suporte financeiro para a vida doméstica dos filhos casados e cuidados dos netos. Por outro lado, os filhos e as noras retribuem esses apoios de variados modos no plano doméstico: nos cuidados dos pais e sogros em caso de doença, acompanhamento nas consultas médicas, serviços bancários e nos pequenos favores domésticos como arrumação da casa, compras no supermercado e outros pequenos serviços. Tais intervenções no plano doméstico criam um vínculo de confiança entre os indivíduos. Como chama atenção J. Coenem-Huther,

[...] as relações de parentesco se inscrevem na sua duração, os contatos não devem mais ser restabelecidos cada vez que uma nova circunstância necessita uma intervenção: existe uma certa "memória" do suporte, que muitas vezes aumenta a sua eficácia. (1994, p. 28)⁴⁵

Neste sentido, o apoio aos consaguíneos e aos afins pode se constituir como suporte psicológico para os momentos difíceis e, também, suporte financeiro ou serviços. Existe uma polivalência de intervenções que não são encontradas na esfera pública. Na família, os indivíduos sentem-se inseridos num todo e não divididos em seções burocratizadas, embora a facilidade da ajuda familiar em detrimento do apoio público traga alguns inconvenientes aos olhos das pessoas engajadas no processo de ajudas.

Deteremo-nos aqui nas trocas entre noras e sogras, pois o que se pretende evidenciar são as representações em torno deste parentesco. No decorrer da convivência familiar, elas constroem possibilidades de interação baseadas em geral nas trocas de pequenas ajudas e serviços. Nesta pesquisa observei que, em menor ou maior grau, os apoios instrumentais estão presentes tanto nas famílias de camadas médias como nas famílias de camadas populares. As relações familiares entre consanguíneos e afins seguem, como observa C. Sarti (1996), uma dinâmica pendular onde a balança

⁴⁵ Tradução livre.

pesa ora para o lado conjugal ora para o lado consanguíneo. Resta saber em que contexto os apoios dados e recebidos recairão mais sobre uns do que outros. Considerando que o elo principal entre uma nora e uma sogra é o marido da primeira, que é filho da segunda, as ajudas entre elas diminuem em caso de conflito ou cessam com rupturas tais como o divórcio, liberando a linhagem de um dos cônjuges de qualquer compromisso para com o ex-cônjuge do parente consanguíneo? Na ausência de discordâncias e rupturas, as ajudas direcionadas aos afins têm o mesmo sentido que aquelas direcionadas aos consanguíneos? E quando o elo são as crianças a quem realmente se ajuda, ao parente consanguíneo ou ao parente por aliança? Existe uma consciência por parte de doadores e recebedores a respeito do destino dessas ajudas? Como se estabelecem os laços de confiança? Existe afeto nesta relação? A assimetria das ajudas pode representar a perda da autonomia para os recebedores?

3.1.1 O significado das trocas entre aliadas

No aniversário da sogra, a nora chega com uma cama pra dar de presente, quando a sogra monta a cama percebe que é uma cama redonda e fica impressionada.

- Sogra: minha nora que presente maravilhoso uma cama redonda.

- Nora: É, afinal de contas, cobra só dorme enrolada.

Os apoios materiais são diferenciados segundo os recursos das famílias, e as trocas afetivas dependem da amplitude dos limites estabelecidos entre nora e sogra. Nos casos onde há conflitos entre elas, no divórcio de casal com filhos, o apoio da sogra é declaradamente destinado somente aos netos, pois o laço consanguíneo entre neto e avó prevalece e a nora não se furtará a aceitar as ajudas ofertadas, principalmente, quando em situação de precariedade de recursos.

O caso de Celinha é bastante elucidativo. Empregada doméstica (54 anos) ela contribui para os cuidados dos netos comprando fraldas, leite, remédios ou o que eles necessitarem apesar das desavenças que tem com a ex-nora. Celinha se ressentiu do fato de a ex-nora restringir o contato de seu filho, o pai da criança, com os netos e diz “não suportar a ex-nora”. A ajuda é

limitada e deixa claro: “dinheiro eu não dou para ela sair gastando por aí”. Neste caso, a solidariedade familiar é acionada, porém conscientemente direcionada aos parentes consanguíneos e não ao afim. A ajuda é para os netos e não para a ex-nora cujo laço seria completamente rompido caso não existissem as crianças, um vínculo indissolúvel, conforme afirma Celinha. Se sua nora não necessitasse de seu suporte, provavelmente seu relacionamento com os netos estaria em xeque, posto que “em muitos casos, após uma separação ou um divórcio em que as crianças ficam a viver com a mãe, as relações com os avós paternos tendem a enfraquecer” (LOBO, 2009, p. 65). Geralmente são as avós maternas as mais acionadas no divórcio das filhas, uma vez que a guarda das crianças é frequentemente destinada às mães.

As sogras entrevistadas que vivenciam conflito com as noras raramente recebem ajudas destas, o que sugere certa unilateralidade do suporte e a inexistência de trocas de natureza mais subjetivas, como as trocas afetivas que envolvem também apoios domésticos, visitas e cuidados. A contrapartida das noras reduz-se a “permissão” às visitas das crianças concedidas à família paterna, aspectos que abordarei mais adiante.

Nas famílias cujos laços conjugais não foram rompidos, noras e sogras estabelecem ajudas recíprocas, nem sempre simétricas conforme já assinalado, porém há mais espaço para as trocas uma vez que o filho/marido é o elo que as une e permite que se expressem por meio dos papéis de nora e sogra. Eliane (48 anos, empregada doméstica) prefere confiar na palavra da nora. Na ocasião em que seu filho recebeu os direitos financeiros por uma rescisão de contrato de trabalho, ela esperava uma contribuição à família, já que ele ainda morava com ela e Eliane contribuía com o casal no sustento da neta recém-nascida desde que o filho ficou desempregado. Desconfiada de que o filho não quisesse dar o dinheiro, recorreu à nora e não à ele para saber tomar conhecimento do montante recebido, pois confia e gosta dessa nora. Ela tem pela mulher do filho mais velho, total confiança e apreço, uma vez que dividem as tarefas domésticas. O que não acontece com sua outra nora, noiva do filho mais novo, que pouco participa da vida doméstica da família. Neste sentido, as trocas entre Eliane e a primeira nora podem estar ancoradas nos termos de em confiança e cooperação, pois como observa C. Rezende

a noção de confiança enquanto sentimento de segurança ou crença no comportamento do outro é essencial para a articulação entre experiência subjetiva e organização social e política [...]. Em certos contextos históricos e socioculturais, o fato de haver ou não confiança tem consequências vitais para a dinâmica da cooperação no sentido mais amplo do termo. (2002, p. 28)

Mônica (professora de educação física, 34 anos), afirma que no começo de sua relação com o marido ela e a sogra se davam muito bem. A cada quinze dias eles visitavam a sogra, que mora em outra cidade. Nesses encontros costumavam passear e conversar muito. Mônica declara que era atenciosa com a sogra, posto que é uma mulher sozinha, difícil e de poucos amigos. Assim, ouvia suas lamentações sobre o marido, as reclamações sobre os outros filhos e as noras. Chegava a dar conselhos, nunca aceitos, mas ambas tinham alguma abertura para conversar sobre a intimidade conjugal da sogra e seu relacionamento com os outros membros da família. Mônica reconhece que esta proximidade se dava pelo fato de que ela é a mulher do filho “querido”, e pelo o fato de que a sogra não tem um bom relacionamento com as outras noras. No entanto, elas tiveram um confronto sério em uma noite de Natal e, desde então, Mônica se mantém distante. Seu depoimento indica sua decepção com a sogra e que afetou também a confiança que nutria por ela, reforçados por outros episódios na cena familiar. Assim declara que tem receio de deixá-la sozinha em sua casa:

Eu não tenho confiança nela, sei que ela vai mexer em tudo, abrir as coisas. Meu problema é que ela ia ficar bisbilhotando as coisas do Rodrigo. Não confio porque uma vez deixei umas coisas minhas na casa dela, e ela usou meus cremes e comentou que eles eram muito bons para o corpo. Mas não eram para o corpo, eram para os cabelos e ela não sabia porque os cremes eram brasileiros. Ela usou meu batom, usou minhas coisas sem pedir.

As declarações de Mônica revelam que a confiança é uma noção que se constrói no dia-a-dia, através também dos apoios morais, e podem ser dissolvida se os limites forem ultrapassados.

Já Luzia (funcionária pública federal, 57 anos) teve dificuldades para aceitar a nora, mulher do filho mais velho, afirmando que a considerou “arrogante” logo quando foram apresentadas. Para Luzia, a futura nora não a conquistou como fizeram as namoradas anteriores de seu filho. Ao ser perguntada sobre o que seria essa conquista, ela diz “se estiver fazendo um

bolo, aí senta, conversa, bate um papo, amassa um pastelzinho, fala da lua”, sinal de que as pequenas ajudas são carregadas de sentido onde o que está em evidência é a reciprocidade nas relações.

Quando o filho de Luzia resolveu se casar, ela arcou com todos os custos da cerimônia e da festa de casamento e passou a dar uma contribuição mensal para ele, ajudando-o nas despesas da casa durante os primeiros anos do casamento, até o momento em que ele passou num concurso público e não necessitou mais de suas ajudas materiais. Ela fala sobre sua participação no casamento do filho:

Primeiro, eles foram morar juntos. Roberto ganhava pouco, o dinheiro do aluguel, o restante e mais nada. Pouquíssimo para poder sobreviver... É aquele tal negócio, eu sou mãe, trabalho no BNDES e tenho um salário razoável, não ia deixar meu filho passar por aquela situação. Nem entrar em uma casa com a casa pelada. Eu falei: o que você precisa? Aí eu mobiliei a casa, ajudei a pagar, a mãe dela ajudou um pouquinho, mas não abriu mão dele pagar o aluguel. Aí ficou todo mundo contra, mas o que acontece, o aluguel é o sustento dela [imóvel da mãe da noiva]. Então falei: nada mais do que justo. Ela tentou se justificar comigo, disse que dependia daquele dinheiro... aí, eu mobiliei a casa toda, e ainda dava uma mesada para ele por mês que era uma ajuda de custo e fui ajudando o máximo que eu pude. Aí eles resolveram se casar. “ah, vamos fazer uma recepção para 50 pessoas, família de um lado e do outro”. Aí daqui a pouco ela: ah, dona Luzia, quero casar na igreja - e nem batizada ela era. Ela é meio que a ovelhinha da família.

Aí vamos ver a igreja: Tanto. Uma recepçãozinha, mais tanto. Virou festão! E de x que eu tinha foi pra tanto. Eu falei: Roberto vamos parar por aqui. Ele falou: pelo amor de Deus, não faz isso comigo senão a Jaqueline desiste. Aí, sinceramente, me deu uma vontade de falar, Roberto desiste. Mas é meu filho! Gastei uma grana! Paguei o casamento todo. Ela pagou lá a roupa dela, essas coisinhas mínimas e básicas.

Na família de Doninha (diarista, 38 anos), o filho e a nora estão desempregados e, embora seu relacionamento com a mulher do filho seja tenso e sempre no limite das discussões, ela os abriga em sua casa a fim de colaborar para que o filho consiga trabalho. Esclarece o porquê de receber a nora, apesar das brigas:

[...] Ela [a nora] fala: vocês são obrigadas a me engolir. Eu falo: Meu filho te quer, o problema é dele. Quantas vezes ela já falou isso para mim e para minhas filhas. Eu falei: eu não sou obrigada a te engolir não... aí a gente ficava uma época de mal com ela. Eu falo para as meninas: não, a gente até aceita ela aqui dentro de casa porque eu, não aceitando ela, vou desprezar ele. Eu já falei para ele: “eu não quero que ela entre aqui não, você pode entrar, morar, dormir aqui se quiser.” Só que ela está junto com ele, vai ficar um clima.

Ela também vai botar na cabeça dele para ir contra a gente. Então é nesse ponto, não que a gente goste, nem a despreza, mas amizade a gente mesmo não tem, nem minhas filhas. Eu sempre dou um dinheirinho para

ele. Hoje mesmo ele ficou de começar num serviço aí e eu estou segurando a barra dele. Eles estão lá em casa.

As trocas de serviços entre afins dependem do nível de coesão das relações entre consanguíneos. Quando a relação com a família é estável, a nora tende a recorrer menos à sogra, solicitando mais a ajuda da mãe. Quando não é possível, devido a distâncias geográficas, financeiras ou mesmo conflitos familiares a nora se aproxima da sogra, buscando uma convivência amigável e por vezes, estabelecendo um forte laço afetivo com ela, como já foi demonstrado no caso de Clara, (37 anos, nutricionista, 37 anos) e sua sogra. Celina (professora aposentada, 62 anos), que ao comentar o problema da nora com a mãe declara: “Parece até que ela é que é a sogra e eu sou a mãe”.⁴⁶

Já o que aproxima Valéria (diarista, 38 anos) de sua sogra é a distância entre sua casa e a de sua mãe. Morando no mesmo quintal⁴⁷ que a família do marido, Valéria conta com o apoio da sogra para cuidar de seus filhos quando vai trabalhar. Ao ser perguntada sobre o sentimento que nutre pela sogra, declara: “não sinto nada, ela é a mãe de meu marido, avó dos meus filhos [...] não tem amizade [entre elas]. Eu só chego em casa de noite, vou para casa, fico com as crianças, e vou dormir”. A proximidade neste caso é meramente instrumental e a nora retribui se oferecendo para qualquer tipo de ajuda quando solicitada: “Aí eu falei dona Celina eu estou aqui, [...] mas a filha dela foi lá, limpou a casa. E eu falei: o que a senhora precisar de mim, lavar roupa, passar roupa...” Valéria, no entanto, se ressentiu do fato da sogra não ter auxiliado nos cuidados de seu pós-parto da segunda gravidez, “[...] eu achava que ela podia fazer uma comida pra mim, só isso, mas eu não pedia também [...] e minha mãe tinha muito neto e não podia vir”.

⁴⁶ Clara e Celina foram as únicas nora e sogra da mesma família entrevistadas nesta pesquisa. As conversas, no entanto, eram informais e ocorreram em momentos variados, conforme esclareço no capítulo 1.

⁴⁷ S. Guedes (1998) analisou as famílias de trabalhadores e sua organização no espaço urbano. O quintal reúne casas independentes no mesmo lote. São construídas para receberem pessoas da mesma família. As casas são projetadas prevendo sua ampliação para abrigar os filhos que se casam. Constitui-se como forma de residência onde a rede de parentesco se organiza. C. Peixoto e G. Luz, (2007) demonstraram que jovens casais impossibilitados de ter uma casa recorrem à família de origem, para recoabitar ou construir a casa no terreno dos pais. A pesquisa de C. Sarti (1996) aponta, porém, a hierarquização de gênero nas famílias de baixa renda, pois cabe ao homem a responsabilidade de ser o provedor, renda principal da família, mesmo quando a mulher trabalha fora. Não muito raro o casal reside com a família do marido, já que é ele o responsável pelo sustento da mulher. Sendo assim, a relação entre noras e sogras é mais estimulada por força do convívio diário.

Em geral, as ajudas entre mães e filhas são maiores do que entre noras e sogras, salvo nos casos em que a mãe da nora é ausente (e os motivos são diversos) ou quando a sogra não tem filhas para apoiar na vida doméstica. Dona Nely (advogada aposentada, 72 anos) declara que participa intensamente dos cuidados de sua neta, filha de seu filho mais novo, porque a mãe da nora ficou incapacitada fisicamente logo que a neta Letícia nasceu (hoje com 9 anos). Certa de seu lugar enquanto parente por aliança ela afirma que

Por conta do que aconteceu com a mãe dela, eu não saberia te dizer se a Letícia estaria comigo, porque sempre puxa pro lado da mãe, né? E mesmo que a mãe dela estivesse viva e pudesse acompanhar, ela morava em Niterói e por causa da distância talvez eu fosse até um pouco mais solicitada. Mas já que houve isso, desde os três meses da Letícia eu ajudo minha nora em tudo. Eu que levo no médico, no inglês, no dentista, em tudo o que for preciso.

As ajudas e as trocas de natureza diversa favorecem igualmente o que P. Bourdieu chama de “parentesco prático”, ou seja, caracterizado entre a tensão, o relativismo e o objetivismo. O autor observa que “as relações entre ascendentes e descendentes não existem senão ao preço incessante de tecê-las por meio de uma economia das trocas materiais e simbólicas entre gerações”. (apud JARDIM, M. 2007, p. 147). Diria que o relacionamento entre algumas noras e sogras segue a mesma lógica, ainda que pautado por acordos tácitos e limites muito bem estabelecidos, uma estratégia de boa convivência entre afins. A solidariedade familiar é, portanto, um importante elemento para a construção da relação entre noras e sogras.

Existe um conjunto de regras que legitimam a entrada da nora na família e que ultrapassam a formalização da relação conjugal. Eles dizem respeito as pequenas tarefas domésticas que aliviam os encargos da sogra, nos casos de recoabitação. Por exemplo, Eliane (doméstica, 48 anos) se queixava da pouca participação de uma de suas noras nos serviços da sua casa. Ainda noiva de seu filho, ela passava os finais de semana na sua casa. Comparando o comportamento das noras ela diz o seguinte:

A Josiane é mais preguiçosa. A Michele ajuda em casa lavando uma roupa, o banheiro. Ajuda na cozinha, isso sem eu ter que pedir. A Jose tenho que dar uns cortes nela pra ver se ela me ajuda porque ela é muito preguiçosa mesmo.

O depoimento de Eliane revela que as representações nas famílias de baixa renda sobre os deveres de uns e de outros não distinguem os parentescos consanguíneo e por aliança, como chama atenção S. Guedes

[...] a preexistência de relações de parentesco considerado consanguíneo ou por aliança não implica, necessariamente, a inclusão em uma rede social. O parentesco é frequentemente questionado quando o comportamento não corresponde às expectativas geradas por sua preexistência. (2006, p. 141)

Tudo leva a crer que auxiliar nos serviços domésticos é condição fundamental para que a futura nora seja considerada membro da família, tal como um rito de passagem no qual ela deve respeitar os códigos de obrigações familiares. Isto foi mais recorrente nas famílias populares entrevistadas, que consideram quem participa da vida doméstica somente as pessoas “de casa”, portanto, parente. Vale ressaltar que Eliane, ao ser entrevistada em outro momento da pesquisa, mudou o discurso em relação à nora que pouco participava da vida doméstica, dizendo que esta já havia mudado de comportamento dentro de casa, passando a ajudá-la nas tarefas. Ou seja, considerando que a reciprocidade é condição fundamental na relação entre afins, ela é constantemente reavaliada para fortalecer, ou não, os laços entre noras e sogras.

3.1.2 Dependência material x autonomia

Uma mulher chega correndo em casa e diz à sua Sogra:
- Pode fazer as malas. Ganhei na loteria!
A Sogra pergunta:
- Eu preciso pegar roupa de inverno ou de verão?
Ela responde:
- Pegue todas. Você vai embora!

A dependência material pode ser um elemento detonador de conflitos entre noras e sogras de camadas médias, uma vez que pode representar a perda da autonomia por parte dos dependentes financeiramente. Entre as

camadas populares as percepções em torno das ajudas recebidas e doadas se diferenciam. Para algumas famílias de baixa renda os conflitos decorrentes da valorização de processos individuais se diluem em função da própria organização e funcionamento da família. Como observa C. Sarti,

[...] A família pobre não se constitui como um núcleo, mas como uma rede, com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo; configurando uma trama de obrigações morais que enreda seus membros, num duplo sentido, ao dificultar sua individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar sua existência como apoio e sustentação básicos. (1996: p. 48)

A constituição dessa rede é favorecida pela própria percepção que se tem da família como o “próprio substrato de sua identidade social [...] parâmetro simbólico que estrutura sua explicação no mundo. (SARTI, p. 33). A família é mais do que um laço afetivo e tampouco a rede pode ser explicada como estratégia de sobrevivência⁴⁸. Não por acaso, o atual crescimento econômico brasileiro e a diminuição das taxas de desemprego não mudaram a organização do espaço e os limites entre as famílias de baixa renda que, conforme as famílias entrevistadas nesta pesquisa, mantiveram-se organizadas em redes. Sem a expectativa de morar longe da família do cônjuge, noras mantêm-se próximas às sogras e ambas se relacionam segundo uma ordem moral cujos papéis familiares são acionados para justificar a ausência de um elo afetivo. Assim, ao responder sobre o sentimento que nutre pela sogra, Valéria (diarista, 38 anos), que mora no mesmo quintal da sogra, responde: “eu não sinto nada, é a mãe do meu marido, avó dos meus filhos”. A sogra, entretanto, cuida das crianças para que Valéria possa trabalhar. Assim ela descreve a relação com a sogra:

A gente leva tudo na brincadeira. A gente brinca muito no quintal, eu e ela. Ela, perguntou: o que tem hoje aí na geladeira para as crianças comerem? Eu disse: o Luis [o marido] está em casa hoje! Quando vou trabalhar deixo a chave com ela. Ela é boazinha, entendeu? É que a idade vai chegando.

A rede familiar é acionada por um sentimento de obrigações mútuas. Um laço moral que se estabelece, impondo um modelo segundo o qual a família

⁴⁸ Alguns conceitos foram criados para explicar a realidade de famílias de baixa renda, como o de “estratégia de sobrevivência”. Seriam adaptações a situações de pobreza e extrema pobreza. C. Fonseca observa, porém, que tal conceito reduz o comportamento da família a uma dimensão utilitarista. 2000.

conjugal só se realiza ao ser incorporada por esta rede, situando-se num mesmo espaço físico, embora em unidades residenciais distintas. Este laço moral é percebido também entre famílias de camadas populares que não habitam no mesmo quintal, uma vez que o suporte familiar em rede ultrapassa os limites geográficos. É o caso de Doninha (diarista, 38 anos), que presenciou brigas sérias do seu filho com a mulher, o que a levou a se mudar para um bairro distante. Hoje, mora na Pavuna e o filho em Sepetiba e costuma recebê-los em sua casa. Assim ela narra a história da família

[...] eu saí de perto por causa de briga deles. Ficava sempre dando polícia na minha porta, aquele escândalo! Às vezes, vinha de madrugada, ele pegava as trouxinhas dele e vinha embora para minha casa e ela não aceitava. Aí começava a briga lá, pancadaria mesmo e acabava na minha casa. Eu nunca apoiei ele para ele bater nela, mandava ele parar. Eu me metia separando, mandando ele parar. Aí ela falava assim: “se você não apoiasse ele, não fazia o que faz!” E eu: “Você quer que eu faça o quê? Que ele chegue aqui e eu coloque ele pra rua? Vai virar bandido! Se tiver de virar já vira, né? A gente apoiando e fazendo o que faz, imagina se não fizer?” Aí a briga toda dela era essa. Aí era a discussão eu tinha que me meter, minhas filhas tinham que se meter e acabava a porrada entre minhas filhas e ela também, porque tava defendendo o irmão. [...] Agora tem dois anos que eu mudei de lá e não teve mais briga. Pelo menos não veio mais pra minha casa porque eu falei pra ele: quer brigar, briga pra lá. Aqui eu não quero mais briga de vocês. [...] Acabei desistindo, larguei eles pra lá. Ele hoje fala que eu não gosto dele que eu desprezo ele porque larguei de mão ele pra lá, mas ajudo ele, conforme agora ele tá lá em casa e eu ajudo como posso. Eu sempre dou um dinheirinho. Hoje mesmo ele ficou de começar um serviço aí estou segurando a barra dele, entendeu? Mas não é que eu não goste dele é que nem sempre a gente tem que ta se metendo em tudo. A gente fica mal e eles ficam bem!

Se, entre os estratos médios, há um foco maior na família conjugal e o desejo de acionar bem menos a rede de parentesco para garantir autonomia mesmo usufruindo de apoio moral e material, nas famílias de baixa renda a parentela tende a ser muito mais atuante nas trocas e ajudas. A dependência material é percebida de forma menos dramática pelas noras e sogras, levando a crer que existe um *ethos* no qual esses apoios estariam implícitos. Não por acaso a nora de Doninha costuma ficar na casa da sogra sempre que precisa, apesar dos problemas que implicam. Doninha diz que,

Agora eles têm ido mais porque estão desempregados e estão ficando mais lá em casa. É que é mais fácil arrumar serviço e eles estão procurando. Eu banco tudo, mesmo assim se ela tiver que arrumar problema ela arruma. É chato, é esquisito, ou seja, a gente não vive mais à vontade na minha casa. Ele liga e fala: “mãe estou indo pr’aí hoje”. Eu falo: “A Érica vem?” Ele diz: “O que eu posso fazer?” Aí é tenso! Ele tem ficado o final de semana todo, a semana toda. Eles saem todo dia para arrumar trabalho. [...] Ela tenta me agradar, fazendo as coisas dentro de

casa: “ih, vou fazer almoço para minha sogrinha”. Vai lá, faz o almoço, ela diz que me ama. Eu falo: “Você sabe que eu não gosto de você!” Ela não leva a sério não, mas às vezes é sério mesmo. E ela diz: “Mas eu te amo assim mesmo, você não gosta de mim, mas eu te amo!”

Já do ponto de vista de algumas noras, a dependência material pesa bastante na relação que mantém com suas sogras. Patrícia (cabeleireira, 33 anos) já recusou trabalho porque não tinha com quem deixar sua filha. Na época, morava com a família do marido e não tinha parentes no Rio de Janeiro⁴⁹. A sogra não permitia que o casal contratasse uma babá, alegando a perda da privacidade familiar. Como num círculo vicioso, Patrícia não trabalhava e, com isso, não conquistava sua independência financeira. A renda do marido não era suficiente para arcar com as despesas de moradia do casal. Tudo isto afetava a sua autonomia para educar a filha. Sentia-se, também, oprimida por não ter o próprio espaço e por não poder manifestar sua opinião. Segundo ela, o fato de “viver de favor” era o “preço que pagava por ter que ficar calada”. Assim, procurava superar as desavenças com a sogra para evitar discussões na frente da sua filha pequena, ainda que se sentisse “humilhada” pelas ajudas financeiras da sogra, inclusive para comprar os alimentos especiais da filha. Este depoimento expressa, como assinala C. Lemarchant, que

[...] a dependência material e/ou financeira para com os sogros torna a nora dependente e impossibilita as duas partes de estar em pé de igualdade. O sentimento de dívida pode então exercer uma pressão muito forte e macular as relações (1999, p. 236).

Tomar a perspectiva da dependência material como explicação para os conflitos entre noras e sogras, seria reduzir a complexidade da relação entre afins a um determinismo econômico. Não se trata de descartar o impacto das condições materiais de existência da família na construção de suas relações e configurações, mas de considerar outros elementos em jogo, como as assimetrias dos papéis sociais no interior da família.

⁴⁹ Patrícia foi entrevistada na pesquisa para o Mestrado, que analisou jovens casais em situação de desemprego e o impacto nas relações familiares a reconstituição. O objetivo era analisar a solidariedade familiar, mas também os conflitos que se descortinavam com a perda da autonomia no processo de retorno à casa dos pais. As situações entre parentes por aliança foram mencionadas, embora não se configurando como principal objeto de análise naquele momento. A respeito ver LUZ, 2005.

Em algumas famílias, os códigos de lealdade e de obrigações recíprocas são valorizados e privilegiam a rede social de parentesco. Eliane, (empregada doméstica, 48 anos) mora no mesmo quintal da família do cônjuge. No lugar, além de sua casa, existem outras três: a dos seus sogros, que hoje pertence à cunhada mais velha e mais duas casas onde moram as famílias de outros dois irmãos do seu marido. Ainda nesse terreno foram construídas mais duas casas: uma casa para a enteada casada e outra para o seu filho mais velho, casado e com uma filha recém nascida. Seu filho mais novo também planeja construir uma casa no seu quintal, já que a noiva está grávida e irão casar. Morar no mesmo terreno é fato dado, pois, para Eliane

eles têm mais é que ficar aqui mesmo, eu fiquei com o Jovino [marido]! Eles têm que ficar aqui com elas [as mulheres]. Se eles tivessem como construir lá na casa das mães delas, mas só eu é que tenho um terreno bom e dá muito bem pra eles fazerem as casinhas deles.

Segundo S. Guedes (2006), as redes sociais familiares nestes quintais fazem com que a família conjugal ultrapasse os muros da casa e se abra à parentela. Não por acaso as crianças circulam livremente entre as casas. Valéria, embora afirme evitar a casa da sogra, diz que “chego na porta dela e peço um cafezinho e ela me dá, mas não entro, de vez em quando eu dou um pulinho lá”. Ela não faz objeção à transição da filha na casa da avó e de outros parentes que moram no mesmo quintal. Diz:

A minha filha não sai muito, ou fica na casa da tia ou da avó. Ela acorda de manhã e vai pra casa da avó, toma café com ela, a minha sogra espera ela. Ela acorda cedo, já está acostumada, e fala: “vou pra casa da vovó”. Ela trata meus filhos muito bem, não gosta que eu bata. (diarista, 38 anos)

Neste sentido, as famílias de camadas populares aqui analisadas, e que moram em quintais, reforçam as conclusões da pesquisa de S. Guedes (1998) que apontam para os princípios sócio-culturais nesta forma de organização. É a parentela da casa original que gerencia as questões práticas do terreno bem como decide quem irá construir e residir com o grupo. Não por acaso este núcleo se encarrega, também, dos dilemas gerados na convivência cotidiana dos membros da família. Nos quintais podem morar parentes colaterais e aliados dos consaguineos, integrados à rede segundo a dimensão moral do

parentesco, onde a noção de obrigação é valorizada. Assim, “a unidade mínima da própria rede não são os indivíduos mas famílias nucleares” (p. 205)

C. Sadenberg, em seu estudo sobre rede de ajuda mútua entre mulheres numa vila operária de Salvador⁵⁰, ao analisar a coabitação entre três ou mais gerações, assinala que ela se dá, geralmente, de forma verticalizada para comportar as novas famílias conjugais que se formam. Assim os arranjos familiares incluem parentes por aliança e de sangue morando sob o mesmo teto. Em geral, as mulheres da geração mais velha são figuras de autoridade central, posto que são proprietárias da casa. A solidariedade da organização familiar em rede que contribui para que as gerações mais novas se insira no mercado de trabalho, não exclui os conflitos internos familiares. Diz ela,

[...] brigas de toda sorte minavam os relacionamentos, tanto entre marido e mulher quanto entre eles e os demais residentes. Eram conflitos entre os gêneros e gerações, que eclodiam não apenas devido às idiossincrasias e particularidades das pessoas, mas principalmente pela confusão que se estabelecia entre os papéis doméstico-familiares que elas deveriam supostamente assumir [...] as disputas se davam entre sogras e noras pelo papel de *dona-de-casa* e entre genros e sogras pela chefia do grupo doméstico. (1998, p. 39)

Segundo a autora, os conflitos, mais notados entre aliados, seguiam a lógica delineada por K. Woortmann na qual um indivíduo para ter autoridade e se tornar “chefe de família” necessita de autonomia em relação à parentela, que se realiza através da residência neolocal e da formação do núcleo familiar. A coabitação com a parentela representa a violação destes princípios básicos e inviabiliza o controle exercido na família através das categorias “pai de família” e “mãe de família”, no caso da organização do grupo doméstico ser de sua responsabilidade, e autoridade,

[...] no controle sobre a produção de valores de uso essenciais à reprodução de seus membros, e é esse controle que define a essência de ser *dona de casa* (...) supõe um *locus*, que é dado pela residência independente (...) a categoria *mãe de família* (...) não pode ser realizada numa casa com mais de uma família – em cada casa só pode haver uma *dona-de-casa*. (WOORTMANN apud SARDENBERG, 1998, p. 40).

⁵⁰ A pesquisa foi realizada em Plataforma, vila operária situada no subúrbio Salvador, bairro que se formou em torno da Fábrica São Braz, indústria de fiação e tecidos. Os operários tinham acesso à moradia. Posteriormente a fábrica passou a pertencer a Cia. Progresso e União Fabril, bem como as casas e outros lotes do bairro. Ver SARDENBERG, C. 1998.

A autora destaca a boa relação entre mães e filhas, mas também a deterioração da relação entre essas filhas e seus maridos, favorecida pelo apoio das mulheres da parentela. Dentre os casais que permaneceram juntos, há o caso do marido assumiu a chefia da casa somente após a morte da sogra. Segundo C. Sardenberg, um dos fatos que justificam a organização familiar matrilocal e sua continuidade nas gerações seguintes é a preferência pelo trabalho feminino na fábrica que originou a vila, valorizando a posição da mulher na família. A dependência das gerações mais novas devido ao desemprego e precariedade das gerações mais velhas também reforça o papel de “mulheres focais”. (1998).

Deste modo, é preciso levar em consideração que, nas redes de ajuda mútua, sobretudo nas camadas populares, dada a dependência dos filhos, mesmo os adultos e casados, as trocas entre as gerações são intensas, numa relação inversa de cuidados que reforça a hierarquia entre as gerações, sendo relevante a autoridade dos ascendentes. As ajudas se configuram como uma categoria multidimensional,

[...] que retém o poder de referir-se simultaneamente tanto aos atos do cotidiano em que esta troca se dá – e que possibilitam tornar menos difíceis as condições de vida destas pessoas – quanto à dimensão moral de que são investidos. (GUEDES, 1998).

Entre as noras de camadas médias percebe-se uma ênfase maior na autonomia individual, posto que em contextos individualizadores⁵¹ as relações com a família são revistas segundo os projetos de individualização. A questão é tentar dar conta da tensão entre os projetos mais individualizantes e as relações mais hierárquicas e assimétricas na família. (BARROS, 2009, p. 347).

3.2 Identidade conjugal e hierarquia familiar: onde aparecem os conflitos?

*Sogra é que nem onça, todo mundo quer proteger,
mas ninguém quer ter uma em casa.*

⁵¹ Tomando aqui a definição sugerida por G. Velho, de contexto individualizador enquanto instância da individualização na sociedade moderno-contemporânea. O indivíduo é entendido como “unidade significativa e em torno do qual se desenvolve um sistema de relevância” (BARROS, 2009, p. 337)

Os ciclos conjugais são formados por processos de conhecimento mútuo na dinâmica das interações, regulamentações conjugais e fortalecimento dos laços. J-C. Kaufmann identifica três momentos-chave nas trajetórias conjugais, que provocam transformações nas referências identitárias com vistas à construção de um futuro em conjunto. Segundo ele, o primeiro período do ciclo conjugal é composto de incertezas, mas também de descobertas carregadas de sentimentos, “o essencial é investido na relação que une duas pessoas [...] a descoberta de um futuro possível e de uma identidade conjugal” (2001, p. 121). Em seguida são definidas as regras da vida conjugal, as “microdecisões que inscrevem imperceptivelmente os dois novos cônjuges em um contexto doméstico, fixando paulatinamente o contexto da relação” (KAUFFMAN, 2001, p.124). O terceiro ciclo é o “tempo do conforto”. As identidades e os papéis estão mais do que definidos no processo de constituição conjugal. Aqui, a intimidade das interações gera um “apego mútuo, que difunde indulgência, devoção, um amor tranquilo produzido pelo apego, que por sua vez o reforça” (KAUFFMAN, 2001, p. 126).

Meu interessante é chamar atenção para outra dimensão na construção dos laços conjugais: a interação do casal com o restante da parentela e as transformações que também ocorrem nas relações entre a família conjugal e a de origem durante os ciclos mencionados por J-C. Kaufmann, em especial as interações entre noras e sogras. No casamento, o indivíduo organiza sua própria rede, revendo sua idéia de família. O parentesco por aliança não é simplesmente acrescentado ao parentesco de origem, mas ocasiona uma redefinição deste. O surgimento de novas interações provoca uma redefinição de novos papéis, de um novo quadro familiar.

Segundo F. de Singly, a relação conjugal nas sociedades contemporâneas ocidentais tem um peso maior do que em outros tempos, tornou-se fonte de sentido e norma de referência das relações interindividuais. Tudo leva a crer que a família contemporânea formula e define quem deve ser privilegiado nas relações parentais. Isso não significa, contudo, que o casal se isole do restante da parentela. Algumas famílias estabelecem uma hierarquização das relações em favor das famílias conjugais. Segundo o sociólogo francês a família contemporânea segue este “modelo social”, cujas normas relacionais prevêm o centramento no casal. (2007).

No universo pesquisado observei, entre algumas famílias, que nem sempre a relação conjugal tem peso maior sobre a parentela, mais especificamente quando se trata da relação com a mãe do cônjuge, motivo pelo qual são gerados os conflitos entre noras e sogras, com envolvimento ou não do marido/filho. As mulheres se vêem impossibilitadas de realizar tal modelo social que prevê a valorização da individualidade do casal, e este comportamento foi encontrado entre mulheres de camadas sociais distintas e em diferentes ciclos da trajetória conjugal.

Na mesma medida em que o casal passa pelo processo de reconhecimento identitário no primeiro ciclo da trajetória conjugal, noras e sogras são chamadas a construir seus laços. Assim como são constituídas as regras de troca entre os casais, as aliadas regulam suas relações, porém, nem sempre de forma simétrica. Neste sentido, ambas se inserem nos processos de interação,

[...] como toda pessoa em situação de relação social (sobretudo se essa relação não foi socialmente enquadrada por experiências anteriores) é levada a “tipificar” o outro em face, ou seja, a classificá-lo em uma categoria que define suas expectativas, seu comportamento, sua linguagem, para poder se adaptar a ele. (KAUFMANN, 2001, p. 124)

Quando os julgamentos e as realizações individuais de cada membro da família se tornam inconciliáveis com as expectativas dos demais, afloram-se as tensões, que podem se prolongar para os demais ciclos da vida conjugal ou serem minimizados com o passar dos anos, posto que “o sentido das relações constrói-se no tempo” (SEGALEN, 1999, p. 125).

Na trama cotidiana das relações familiares contemporâneas nem todos compartilham os mesmos valores e visões de mundo. As tensões geradas por estas divergências podem colocar em risco o equilíbrio do grupo, posto que a coerência familiar se mantém para além do sistema de trocas e dos direitos e deveres, mas na expectativa de uma contrapartida, muitas vezes contrariada. Como observa C. Peixoto, “as trocas familiares são bilaterais, já que sempre se retribui o apoio recebido ainda que dificilmente se compense um serviço por outro do mesmo tipo” (2005). Quando tal bilateralidade é rompida e os apoios não são retribuídos, as relações podem ficar estremecidas, pois por afeto ou dever, os credores sempre estarão à espera de gestos de gratidão,

contribuições materiais ou apoio nas tarefas cotidianas. Os devedores tentarão atender tal expectativa, porém nem sempre da maneira como os credores gostariam. As percepções sobre as trocas entre noras e sogras também se situam nesta escala de expectativas.

Quando fomos passear na Paraíba eles se conheceram e meu filho acabou engravidando a moça. Ela era de família muito pobre, não tinham condição de fazer nem o pré-natal dela. Eu trouxe ela e os dois foram morar no meu apartamento em Jacarepaguá. Eles eram novinhos, ela tinha 16 anos e ele 17. Então eu ia lá fazer comida pra eles, cuidar da casa. Ela nunca trocava uma palavra comigo. Ela ficava aborrecida quando eu chegava e não me dava nenhuma confiança. Chegamos a ter uma briga séria porque eu perguntava as coisas e ela não me respondia, mesmo depois da minha neta ter nascido. E eu pagava tudo, luz, telefone, fazia as compras de mês porque eles não trabalhavam. Ela nem me chamava, se referia à mim para as outras vizinhas sempre como a mãe do Cláudio. Era pra ela ser minha amiga, não conhecia ninguém aqui. Só tinha a mim, mas não. Ela não me dava confiança e eu ficava muito aborrecida. (Dona Laura, pensionista, 64 anos)

Assim, o que está em jogo é a possibilidade de se conseguir afrouxar os laços, quando se tem vontade, para garantir a manutenção da individualidade e da identidade na família contemporânea. O desejo de se manter fora do cotidiano parental não implica na desvinculação total com os laços familiares. Em geral, os indivíduos reconhecem na família de origem a sua base e o lugar onde se constituíram, onde encontram o apoio incondicional e o afeto. Significa dar conta do equilíbrio entre um “indivíduo com” e um “indivíduo só”, como já assinalou F. de Singly (2000), a família contemporânea é ao mesmo tempo “relacional e “individualista”.

3.2.1 Hierarquização de papéis

A sogra é muito forte. Nela, dengue é apenas mito.
Ao ser picada pelos Aedes Aegypti,
quem morre é o mosquito.

Um aspecto importante a considerar é a hierarquização dos papéis na família, sobretudo naquelas de baixa renda. Como chama atenção C. Sarti, a hierarquia existente entre homens e mulheres de camadas populares contribui para dificultar a individualização nas relações entre homens e mulheres, expressa como uma questão de ordem moral na qual as mulheres têm um

papel subordinado aos homens na hierarquia familiar. Tal subordinação influencia na realização da individualização plena, fazendo com que as mulheres coloquem em primeiro plano as obrigações familiares, o que não exclui, entretanto, o desejo de conciliar seus projetos pessoais com as responsabilidades e obrigações dos vínculos familiares. Porém,

[...] este conflito – ainda que existente, porque os pobres fazem parte do mundo capitalista, moderno e individualizado – aparece pouco acentuado pela procedência do todo – a família – sobre as partes – os indivíduos -, fazendo com que as relações familiares entre os pobres sigam um padrão tradicional de autoridade e hierarquia. (SARTI, 1996, p. 1)

Não por acaso, algumas noras entrevistadas deixaram o trabalho formal e contribuem para a renda familiar através da venda de artesanatos e produtos de beleza. A permanência dessas mulheres na moradia intensifica a convivência com suas sogras, já que moram no mesmo terreno, assim como afloram os conflitos em função desta proximidade. Diria que entre as famílias de baixa renda existe também uma hierarquização na relação entre sogras e noras⁵², uma vez que as noras tendem a obedecer ao sistema de organização familiar da mãe do marido, bastante semelhante às relações de sograria nas sociedades hindu, como observou M. Jardim (2007) em estudo sobre famílias hindu no Moçambique, citado no capítulo anterior. O jogo hierárquico está marcadamente presente nesta relação, que se torna tensa uma vez que a sogra faz valer sua autoridade na família, cabendo à nora, numa posição mais vulnerável, a condição de aprendiz silenciosa das tradições e hábitos da casa. Não tão silenciosas são as noras brasileiras, mas reconhecem que existe esta reivindicação por parte das sogras, de uma posição mais privilegiada. Leandra faz o seguinte comentário: “Ela enchia o meu saco, queria que eu fizesse tudo de acordo com o jeito dela, e eu tenho meus costumes e ela tem o dela, aí não deu certo porque a gente brigava muito!” (empregada doméstica, 33 anos)

⁵² Jovens casais impossibilitados de ter uma casa acabam recorrendo à família de origem, ou entram em processo de recoabitação, como apontam C. Peixoto e G. Mattos (2007) ou ainda constroem a casa no terreno dos pais. A pesquisa de C. Sarti aponta, porém, um dado também percebido entre as famílias entrevistadas nesta pesquisa. Como é forte a hierarquização de gênero entre as famílias de baixa renda, cabe ao homem a responsabilidade de ser o provedor, de ter a renda principal da família, mesmo quando a mulher trabalha fora. Não muito raro o casal mora com a família do marido, já que ele é o provedor. Sendo assim, a relação entre noras e sogras é mais estimulada por força do convívio diário.

C. Sarti adverte para o fato de que, nesta hierarquização familiar existe uma divisão complementar de autoridade onde a casa é domínio da mulher, cabendo a ela funções que vão desde a organização da vida doméstica à própria manutenção da unidade do grupo. “A casa é da mulher e a família é do homem. O par é complementar, mas hierárquico” (1996, p. 43). De todo modo, a autoridade feminina no espaço doméstico é exercida pela mãe/sogra. Na relação entre noras e sogras, moradoras do mesmo quintal, as sogras fazem valer sua autoridade com mais afinco. Eliane (doméstica, 48 anos) não hesita em marcar sua posição, quando perguntada sobre com qual das noras ela se relaciona melhor:

E eu tive que botar rochedo. Ela queria ir lá pra casa na sexta e só sair uma semana depois. Já falei pro Angelo: “não casa não filho, é muito prejuízo!” [antes de saber que a nora estava grávida]. Essa aí já não dá pra mim. Não é aquela pessoa de “eu vou cativar minha sogra”. Já a Michele, quando ela chega e me vê fazendo alguma me pergunta: Tia, ela me chama de tia, a outra de Eliane mesmo, o que tem pra eu fazer?

Ressalto que a forma de tratamento pode dar pistas da negação da hierarquia de papéis entre algumas noras e sogras, sobretudo as das camadas médias. Não por acaso algumas noras entrevistadas se dirigem às sogras pelo nome, assim como as sogras desta pesquisa confirmaram receber o mesmo tratamento por parte das suas noras. Chamar alguém pelo nome pode representar proximidade, reconhecimento mútuo, cumplicidade, liberdade e, portanto, exclui a noção de qualquer tipo de hierarquia, poder e autoridade. (LOBO, 2009, p. 49) Para algumas, representa a equidade da relação nos termos da amizade, como declara dona Nely:

Elas me chamam de Nely. Porque eu digo para elas: eu não quero ser sogra, eu quero é ser amiga de vocês! Eu não quero que me chamem de sogra, eu quero é ser amiga! Porque sogra não gosta de ser sogra não. E nós somos amigas! (Nely, advogada aposentada, 72 anos).

Mais interessante ainda foi notar que a referência à nora ou sogra para terceiros, não muito raro, é feita a partir dos termos “a mãe do meu marido” e “a mulher do meu filho”, evitando utilizar “minha sogra” ou “minha nora”, principalmente nos casos onde as relações são conflituosas ou distanciadas. Como observa C. Lobo, este tratamento talvez se traduza

na recusa de decalcar o papel de padraсто do parental, na medida em que esta relação entre padraostos e enteados não é fundada na “ordem do nascimento” mas na “ordem do social”. A partir do momento em que o casamento, nas sociedades ocidentais, já não constitui o garante do sistema da parentalidade, é, então, chegada a altura de repensar o significado do biológico e reconstruir a representação dos fundamentos complexos da parentalidade [biológica e social]. (2009, p. 49).

A hierarquização dos papéis também é percebida no modo como algumas sogras dirigem-se às noras em se tratando de assuntos que estão fora da esfera da organização doméstica, como até mesmo na troca de presentes. Elisa (diarista, 60 anos) faz questão de marcar as posições na família:

Tem uns dois anos que ela fez aniversário, não me pergunte a data porque eu esqueci, eu comprei uma calça. Um dia desses, eu perguntei: “cadê aquela calça que eu te dei?” Ela: “Está guardada.” Eu falei: “então por que você não dá? Não usa!” Ela: “quem foi que te disse que eu não uso, uso sim!” Eu: “para que ficar com uma coisa guardada que não usa?” Ela: “e você que tem um monte de coisas que não usa, e nem dá?” Eu falei: “Opa, seu nome é Jéssica e não Elisa!”

Ao que indica, o comportamento de Elisa direcionado à nora demonstra a autoridade da sogra, reforçando a assimetria em detrimento da nora. A sogra reivindica respeito, embora a discussão apresente tom jocoso, uma forma de amenizar a tensão latente entre elas. Elisa ainda declara que a nora é logo “colocada para trabalhar” quando vai visitá-la e por isso imagina que seja considerada uma pessoa mandona. A sua autoridade também está implícita no seu comportamento quando, ao contrário, vai visitar o casal: “Eu já vou fazendo, eu acordo cedo, entro na cozinha já faço um arroz e um feijão, dou uma adiantada na cozinha para ela”, sem ao menos saber se esta é a expectativa da nora, como aconteceu com Mônica (professora de educação física, 34 anos). Sua sogra também demonstra marcar a autoridade na família, rejeitando a organização doméstica da nora em sua própria casa. Mônica recebeu a visita da sogra durante um final de semana, pois ela mora em outra cidade. Como trabalhava e não podia dar atenção, deixou a comida preparada no dia anterior a sua chegada, entretanto o comportamento da sogra foi suficiente para que se sentisse desrespeitada. Segundo relata, quando retornou do trabalho, sua sogra havia descartado toda comida preparada por ela na véspera, alegando que o arroz deveria ser preparado na hora do consumo e que o frango não estava bom. A sogra foi, ainda, ao supermercado comprar novos alimentos. Mônica sentiu-se invadida e sua autonomia foi

colocada em suspenso dentro da sua própria casa. E a sogra, ao impor suas regras, ultrapassou o limite da individualidade do casal e reforçou o seu “poder” sob eles, autorizada pelo filho.

3.3 Relações intergeracionais e de gênero

- Querida, onde está aquele livro: 'Como viver 100 anos? '
- Joguei fora!
- Jogou fora? Por quê?
- É que a sua mãe vem nos visitar amanhã e eu não quero que ela leia essas coisas!

C. Attias-Donfut observa que a consciência de geração – a percepção do tempo - resulta do processo de socialização e da diferenciação entre uns e outros. Marcam as relações intergeracionais os processos de rupturas e continuidades. É na relação de reciprocidade entre as gerações que ocorre tal tomada de consciência bem como a percepção das diferenças de práticas e comportamentos. Assim “passado, futuro, continuidade e ruptura podem ser percebidos na reciprocidade entre as gerações”. (1992).

Sabemos que a família se reproduz biológica e socialmente a partir das relações intergeracionais e de gênero e que, no curso da história essas relações se reelaboram, promovendo transformações importantes na família contemporânea. Ou seja, a relação entre pais e filhos, avós e netos, marido e mulher se organiza sob novos códigos, representações e expectativas em torno dos papéis desempenhados por cada membro da família. A relação entre noras e sogras também se inscreve na articulação das relações intergeracionais, posto que são duas mulheres que pertencem a gerações diferentes construindo a história familiar.

Certos conflitos e tensões entre noras e sogras estão associados a comportamentos mais autônomos e a reivindicação de maior, ou total, privacidade no interior do núcleo conjugal. Ainda que o casal esteja centrado em si, ele dificilmente consegue se isolar da convivência com a parentela. Sendo a família contemporânea o *locus* de maior expressão do indivíduo, afloram-se dilemas difíceis de serem contornados quando coexistem diferentes percepções de autonomia e solidariedade. Ocorre que as gerações mais novas

são mais individualizadas na realização plena de seus projetos pessoais e na construção de sua identidade. Já a geração mais velha, nascida na primeira metade do século XX, período de transformações sociais que se refletiram na dinâmica interna da família⁵³, experimentaram situações familiares cuja ênfase estava no grupo e não no indivíduo. Segundo K. Mannheim, este comportamento é uma tendência “inerente” a uma posição social, pois na identificação de geração,

[...] os indivíduos têm em comum uma posição no processo social e histórico, e uma limitação da extensão específica da experiência potencial, predispondo-lhe um certo modo característico de pensamento e experiência [...] e restringe o raio de expressão aberto ao indivíduo a certas possibilidades circunscritas. (p. 136)

Assim, para a geração mais velha, a coesão na família deve ser mantida com vistas a realização dos projetos comuns e do bem-estar coletivo. Mesmo que tenham incorporado algumas práticas da vida moderna, certos valores transmitidos pelas gerações passadas ainda perduram. Assim, “a identificação das gerações resulta da oposição entre uns e outros [...], referência constante na definição e na formação das gerações [...] procede de rupturas e continuidades, de reação e contra-reação, ou seja, sempre tomando como referência a geração que a precede e a que segue”. (ATTIAS-DONFUT, 1992, p. 420). Certas noras descartam determinadas práticas domésticas transmitidas pelas sogras, ou sugestões nos cuidados dos filhos por considerá-las ultrapassadas. Não hesitam, assim, em marcar sua posição diferenciada pautada em comportamentos considerados mais “modernos” ou “atuais”. Por outro lado, as sogras cariocas com mais de 60 anos, ao serem indagadas sobre sua condição de noras no passado foram unânimes em declarar a ausência de tensões e conflitos com suas sogras, identificando o bom relacionamento como um comportamento de sua geração, totalmente diferente da geração de suas noras. Esta memória representa

[...] uma referência temporal, a consciência de um tempo próprio que dá acesso à consciência de historicidade [...] a geração representa um símbolo temporal com a função de socializar o tempo individual no quadro de um destino coletivo que reagrupa o conjunto anônimo de seus membros (ATTIAS-DONFUT, 1992, p. 427).

⁵³ Inserção da mulher no mercado de trabalho, aumento do divórcio, diminuição das taxas de fecundidade, surgimento dos anticoncepcionais e planejamento familiar, para citar somente algumas.

Ocorre que na existência das gerações existem fenômenos básicos que dão ritmo à vida social. O aparecimento contínuo de novas gerações e seus repertórios tem consequências nas relações intergeracionais. À medida que as novas gerações se formam, novos modelos sociais e mentais passam a coexistir com os anteriores. Este processo de transição contínua das gerações promove resignificações que afetam os comportamentos. Os indivíduos vivenciam a tensão entre incorporar ou descartar as mudanças e heranças culturais.

As percepções em torno das diferenças geracionais podem, neste sentido, gerar conflitos entre noras e sogras que se descortinam nas situações mais críticas, chegando a enfraquecer as interações familiares. Como já assinala anteriormente, as ajudas não são eliminadas como, por exemplo, os apoios materiais embora nem sempre eles sejam acompanhados de sentimentos de afeto, que possam superar as diferenças de padrões de comportamento entre as gerações das noras e sogras. Ainda que ocorram rupturas e tensões, a solidariedade entre as gerações também permanece como o elo que as mantém próximas, representando uma proteção para os momentos mais críticos, ou a possibilidade de se transmitir às gerações seguintes a idéia de família, quando há crianças.

Como observam C. Attias-Donfut e M. Segalen, os avós podem representar “um pilar” de estruturação das identidades dos mais novos, e constituir uma fonte de estabilidade para os seus netos, em qualquer momento da trajetória conjugal dos seus filhos (1998). Neste sentido, é inevitável a relação entre noras e sogras, posto que os netos passam a ser o elo entre elas.

Algumas noras entrevistadas demonstraram disposição para preservar os laços entre avós e netos. Em casos conflituosos, sobretudo com divórcio, no qual as noras deixaram explícitas a rejeição pelas sogras, ou as sogras pelas noras, a relação dos netos com as avós segue a rotina das visitas programadas judicialmente, com raras exceções. Ao que tudo indica, os laços intergeracionais entre avós e netos estão condicionados às interações entre noras e sogras. Quanto melhor a relação entre elas mais intensa a relação dos netos com as avós.

Valéria tem um relacionamento distanciado de sua sogra, embora morem no mesmo quintal. Mesmo afirmando não serem amigas, a sogra a auxilia no cuidado das crianças. Quando perguntada sobre o relacionamento dos netos com a avó, ela não hesitou em reforçar a importância dos laços e do tratamento que os filhos com os avós. Ela diz: “Não deixo meus filhos responderem nem xingarem ela, não deixo. Mesmo com o avô, eu digo: abaixa a cabeça. Não levanta a cabeça nem pro seu avô, sua avó ou sua tia”.

Já Renata (comerciarista, 29 anos) visita a sogra eventualmente para que Daniel, seu filho de 5 anos, não perca o contato com a avó paterna, já que sua mãe é a principal cuidadora de seu filho. C. Lemarchant (1999) observa que a valorização e a manutenção dos laços entre avós/netos tem a função de sustentar a imagem unificada de família e reforçar o reconhecimento das origens. Trata-se de numa lógica de encadeamento das gerações na qual o parentesco representa a continuidade, ou seja, o pertencimento a uma linhagem é fundamental para o equilíbrio da criança. É ainda importante destacar que a autonomia da relação entre avó e neto pode indicar um bom entendimento entre a nora e a sogra, o contrário, pode favorecer a distância entre eles.

3.3.1 Os limites na educação e cuidados das crianças

Detetive: Achamos sua sogra
Nora: E o que ela disse?
Detetive: Nada!
Nora: Então não é minha sogra!

A educação e o cuidado dos mais novos também envolve questões delicadas ao ambiente familiar, pois as sogras evocam sua experiência para cuidar dos netos e as noras reivindicam sua autonomia no cuidado dos filhos e é, neste momento, que emergem inúmeros conflitos e tensões entre noras e sogras. Neste sentido, as tensões recaem sobre princípios educativos e o lugar atribuído de uma e outra. Do mesmo modo que a criança aproxima, ela pode ser também o motivo de desacordos. Os cuidados com os filhos acabam se transformando em alvo de disputas e objeto de tensão. Em nome do bem-estar dos netos, e evocando o direito de participar do cuidado deles, principalmente

quando estão na sua casa, seja em visita ou férias, seja morando com eles, as avós ficam tentadas a exprimir sua opinião, quando não tentam impor suas práticas. Elas têm consciência de seu papel no processo de transmissão familiar e querem fazer valer seus “direitos” de avós. (LEMARCHANT, 1999, p. 90). Vários são os depoimentos em torno desta questão enunciados pelas entrevistadas nesta pesquisa. Destaco apenas dois deles:

Eu não dava doce para as meninas, mas sabia que elas iam para lá [a casa da avó] e se enchiam de biscoito recheado, chocolate e chiclete porque quando voltavam vinham passando mal ou ficavam me pedindo pra comprar essas coisas. Eu brigava com minha sogra e ela dizia que na casa da avó elas faziam o que queriam. Então, ficou mais simples pra mim, agora eu tinha um bom motivo para elas não irem mais lá. Passei a não deixar, e ela só via as meninas quando vinha ao Rio e quando o pai as pegava para passear. (Juliana Pontes, designer, 35 anos)

Quando Roberto nasceu, digamos que eu já estava "vacinada" e ganhando imunidade nessa relação. Fizemos questão de sempre deixar as coisas bem claro. Inclusive no quesito cuidar do neto. Ele era meu filho, portanto, eu cuidava dele. A responsabilidade era minha. Não deixei que ela invadisse o meu direito e dever de ser mãe. Meus filhos, eu cuido, eu educo, eu crio, eu mando. Você é avó, brinca, paparica, curte, etc. No fundo, acho que ela gostou disso. Relutou, tentou diversas vezes interferir e em todas às vezes não me calei, o diálogo foi direto e franco: "Olha, entendo que você tem todo direito de discordar, mas nunca me chame atenção na frente dos meus filhos. Sabe que te respeito como a uma mãe e entendo que você só quer ajudar. Da mesma forma, peço que me respeite me chamando num canto e falando comigo sobre o que pensa, não na frente das crianças." Ela sempre concordou e pediu desculpas. Enfim, acho que dessa forma fui conquistando o respeito dela. Jamais incentivava que façam algo que eu não permito ou algo assim. Não sinto que ela "compete" comigo na educação dos netos. Posso estar enganada. Hoje, me sinto à vontade para deixá-los dormir na casa dela aos finais de semana quando queremos sair para 'namorar'. Ficam na avó no sábado à noite e pego domingo de manhã, ela fica danada, pois quer mais tempo. Passaram uma semana de férias lá, quase morri, mas acho que ela merecia essa "credibilidade" (Glória, pedagoga, 34 anos).

Mônica (professora de educação física, 34 anos) alega que as intervenções da sogra na sua família conjugal passaram e incomodá-la muito mais depois que seu filho nasceu. Ela não admite que a sogra dê palpites no modo como cuida do bebê.

Três meses depois do nascimento do Rodrigo nós fomos na casa dela. Se ele chorava um pouquinho eu já ia ver o que era. E ela dizia que eu estava acostumando ele mal, e ela reclamava que eu estava trocando a fralda dele toda hora. Eu não estou deixando por menos, não sou grossa, eu sei como falar, mas já disse: "Por favor, já falei que não quero que você, nem meus pais se intrometam na educação do meu filho." Ela ri, acha que é brincadeira, eu falo: "Sei que os avós são sempre muito legais, adoram os netos, mas querem sempre dar palpites. Eu já falei com meu pai e minha

mãe que eu não quero, e agora eu estou falando com você!”. Para já ir cortando.

Patrícia (cabeleireira, 33 anos) entra constantemente em conflito com a sogra, pois afirma que elas possuem concepções divergentes sobre a educação de sua filha Eduarda (4 anos). Patrícia faz profundas críticas aos hábitos da sogra, da mesma forma que recebe outras tantas da sogra, fundamentadas na sua “inexperiência” para cuidar da criança. Diz Patrícia,

Ela tem um jeito completamente diferente do meu de educar. Acontece que a Eduarda está cheia de hábitos que eu não gosto. Eu tenho que ficar o tempo todo chamando atenção da Eduarda porque eu falo uma coisa e minha sogra diz outra. Ela deseduca minha filha e isso é muito desgastante.

Por outro lado, à medida que as crianças crescem, as mães passam a observar o tratamento que os filhos recebem das avós paternas e isto tanto pode aumentar a estima da nora pela sogra ou provocar um distanciamento maior entre elas, ainda que as noras valorizem as relações intergeracionais. Duas noras entrevistadas nesta pesquisa declararam ser um tanto reticentes em se relacionar com suas sogras, mas não pretendem afastar seus filhos das avós e até estimulam os laços avós/netos. Destaco o depoimento de Elaine (38 anos, dona de casa):

se eu não levar a Bia (9 anos) até lá, eles são capazes de ficar sem vê-la por um ano (...); só no Natal e no aniversário dela é que trazem presentes. Fiquei até surpresa de terem ido ver a Bia dançar na Festa Junina da escola.

Em casos mais extremos de conflito, o contato entre avós e netos é quase inexistente. A exemplo, cito o caso de Elisa (diarista, 60 anos). Ela afirmou não gostar da ex-nora e por isso nunca foi muito próxima. Os motivos do desafeto vão desde a discordância na educação do neto até o comportamento da mesma. Elisa, no entanto, sempre contribuiu com ajudas em dinheiro para os cuidados da criança, em contrapartida pouco recebia a visita da família de seu filho, nem nas Festas de fim de ano. Elisa atribui este afastamento ao “domínio” da nora sobre o seu filho, não permitindo que ele leve o neto para passar alguns dias com ela. Ao ser questionada sobre a educação da nora para com os netos, afirmou: “ela é muito brigona, muito

diferente da forma como criei meus filhos, até hoje eles me pedem benção!”. E sobre sua relação com o neto declarou:

A gente se encontra, mas não tem assim aquele afeto. No domingo nós nos vimos no chá de bebê da tia, a minha filha que mora em Jacarepaguá, mas a gente não tem assim aquele carinho. Ele dá benção, me abraça e me beija, mas é só isso.

No entanto, outras noras entendem que “permitir” a participação da ex-sogra na vida de seus filhos é uma retribuição ao apoio recebido. Como observa C. Lemarchant as noras têm certa margem de manobra sobre as relações entre as gerações, pois

A relação entre noras e sogros é, em parte, uma relação assimétrica em detrimento da nora, mais jovem, menos estável socialmente e, por vezes, dependente deles materialmente. Essa assimetria pode se inverter quando ela se torna mãe. Ela se sente mais autorizada a se afirmar e hesita menos em se posicionar. Como mãe ela toma consciência de seu valor e de seu papel no processo de transmissão familiar; paralelamente ela faz valer também seus direitos de mãe. (2000: 90)

Juliana Pontes (designer, 35 anos) não depende economicamente da família do ex-marido. A participação da ex-sogra na vida de suas filhas restringe-se aos finais de semana alternados, quando as crianças ficam com o pai, segundo determinação do juiz. Juliana ainda “permite” que as crianças conversem com a avó ao telefone e passem férias com ela, uma concessão extra-oficial que considera um favor, pois “eu até deixo as crianças viajarem para a casa dela!”. Já a nora de Celinha (doméstica, 54 anos) concedia a visita dos filhos aos avós e ao pai, que após o divórcio voltou a morar com eles, mesmo antes da definição judicial sobre os dias de guarda paterna. Além disso, sua nora quebra o contrato deixando as crianças comemorarem aniversários e Natal em sua casa, ainda que não coincida com a data da visita.

Observei que as crianças, tanto em famílias de baixa renda como de camadas médias, permitem que as relações entre afins perdurem após as rupturas conjugais, mesmo que exista a vontade das noras de romper os laços entre as duas famílias, mais do que as sogras, posto que são avós, principalmente quando há forte rivalidade entre elas. Através das gerações mais jovens se operam transformações identitárias no ciclo da vida, que definem os papéis de todos os membros e que devem ser administrados em

nome de um bem comum: a criança. Ser mãe e avó deve prevalecer às identidades de nora e sogra, melhor dizendo de ex-nora e ex-sogra. As trocas traduzem-se no apoio direcionado aos netos, e a contrapartida é a permissão das visitas, não havendo nenhuma abertura a outro tipo de relacionamento entre noras e sogras que não seja referente à criança.

Neste sentido, a relação intergeracional que envolve noras e sogras, avós e netos aponta para dois aspectos importantes: as divergências entre noras e sogras surgem das diferentes visões de mundo geracionais; a inevitabilidade das relações entre avós e netos, seja em nome do afeto ou em função dos apoios materiais reforçam os laços entre essas duas gerações, que podem ser mais estreitos ou não.

Vales ressaltar que os problemas entre noras e sogras estão inscritos em outra dimensão que não apenas o das gerações.

3.3.2 Conflitos entre noras e sogras: disputa “intra” gênero?

O rapaz apresenta três mulheres lindíssimas à sua mãe. Depois de conversarem durante algum tempo o rapaz pergunta:
 - Então mãe, você é capaz de adivinhar com qual delas irei me casar?
 A mãe responde: - Com a do meio.
 O rapaz, surpreso, pergunta:
 Mas como é que adivinhou?
 A mãe responde: Não gostei dela!

A pesquisa de C. Rezende sobre amizade na Inglaterra⁵⁴ aborda, entre outros aspectos, as representações dos indivíduos sobre as características de gênero e o modo como afetam os comportamentos. Entre seus entrevistados prevalece a idéia de que as mulheres têm um interesse maior pelas emoções e dão um lugar especial às questões do *self* – sentimentos, relacionamentos, fofocas, etc. – expressando-os com mais facilidade que os homens. Observa

⁵⁴ Esse tema foi objeto de sua pesquisa de doutorado, realizado na London School of Economics, em Londres, no ano de 1993.

que as constituições psicológicas são os fatores que afetam os comportamentos, constituindo a identidade do gênero feminino, também, o espírito competitivo, sobretudo entre elas mesmas.

Em recente publicação, C. Rezende e M. C. Coelho (2010) observam que no campo da etnopsicologia ocidental moderna, a noção de pessoa é fundada na oposição entre corpo e mente, onde as emoções dizem respeito ao corpo, enquanto a razão à mente. Esclarecem que,

Nesta visão de mundo, as emoções são pensadas como tendo, muitas vezes, origem no funcionamento do corpo. Dois exemplos desta idéia são as concepções dos hormônios e do funcionamento neurológico do cérebro como causadores e/ou reguladores das emoções [...] [que] [...] explicariam muitas características emotivas do gênero. (p. 21)

Na perspectiva da etnopsicologia ocidental moderna, determinadas reações emotivas das mulheres estão relacionadas aos hormônios. Neste sistema de conhecimento as emoções são, também, entendidas como fenômenos universalmente compartilhados, uma vez que estão ancoradas na unidade biológica e psicológica do ser humano. Estariam livres das influências socioculturais, ainda que se considere que a sociedade influencie no modo de expressá-las, mas como são um fenômeno produzido no corpo, “estariam menos sujeitas também ao controle externo, sendo assim menos variáveis e mais constantes através das culturas” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 23).

Seguindo esta lógica, poderíamos afirmar que, na origem dos conflitos entre noras e sogras, as influências do gênero feminino são determinantes posto que o começo dessa relação é marcado por sentimentos e emoções causadores dos jogos de afirmação e domínios de territórios no interior da família. Mais ainda, por se tratarem de sentimentos femininos poderíamos afirmar que as disputas entre noras e sogras são universais. É preciso ressaltar que o objeto de convergência das interações entre essas mulheres é o marido da primeira, que é filho da segunda. De fato, observei que algumas sogras consideram que o seu lugar na vida do filho foi ocupado pelas noras, o que representa uma “invasão” no cotidiano da família, principalmente, porque as noras ocupam um lugar central na vida dos seus filhos, sem a sua autorização. A nora, por sua vez, precisa provar que é capaz de fazer parte daquele grupo familiar ou, simplesmente, pode mostrar ser indiferente a isso. Daí uma

profusão de desentendimentos entre essas duas mulheres que podem se tornar rivais na vida familiar.

A dúvida que se coloca sobre as disputas entre essas noras e sogras é se existe mesmo um dilema “natural” do gênero feminino ou se estão relacionadas às características de personalidade ou idiossincrasias: uma sogra possessiva, outra nora ciumenta, etc. De um jeito ou de outro, a análise reduziria o problema às questões psicobiológicas - ainda que oriundas das interações sociais – ou às subjetividades individuais e particulares. (REZENDE ; COELHO, 2010). Se esse argumento da competitividade como algo do gênero feminino fosse consistente, seria inerente à espécie humana, portanto universal. Mas como explicar o fato de que em grupos onde os papéis na família são mais hierarquizados, as disputas relacionadas ao afeto - aquelas que fogem às questões ligadas ao cotidiano, a organização da casa ao cuidados das crianças - estão fora de questão? E se as disputas estão no plano das subjetividades, das características de personalidade e das idiossincrasias estariam os homens livres desses sentimentos na família, sendo menos competitivos entre si? Seria o mesmo que afirmar que, nas relações familiares, somente as mulheres sentem ciúme ou são mais possessivas.

Como chamam atenção C. Rezende e M. C. Coelho, de fato as emoções variam segundo os contextos culturais.

O ciúme não é, assim, um sentimento universal, decorrência espontânea de exigências de exclusividade sobre aqueles a quem amamos; ao contrário, sua eclosão é pautada por “regras de relacionamento”, que o tornam legítimo e esperado em relações governadas por expectativas prescritas de reciprocidade e exclusividade, mas que o condenam em outros modelos de relacionamento nos quais a “regra” é o compartilhar do outro [...]. (2010, p. 12)

Nas sociedades orientais, conforme vimos no capítulo anterior, as tensões entre noras e sogras são de outra natureza. Não que o ciúme seja um sentimento inexistente nessas sociedades, mas, talvez, na teia das relações entre as aliadas, pelo fato dos casamentos serem arranjados desde cedo a mãe do noivo tem a certeza de que o filho dará continuidade ao grupo familiar e, portanto, está certa que, no futuro, irá “compartilhá-lo” com outra mulher. Neste sentido, as autoras observam que as emoções fazem parte “[...] de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interações com o ambiente

social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto.” (REZENDE; COELHO, p. 30)

Nas famílias ocidentais nas quais os papéis sociais são mais hierarquizados, como as famílias organizadas em rede, o lugar da mãe do marido já está mais do que definido. As noras não entram neste mérito e os problemas surgem de outros aspectos da vida em conjunto.

Por outro lado, algumas noras de camadas médias observam que há um lugar a construir na família e não descartam as rivalidades. Os depoimentos de Janine e Elaine são esclarecedores a este respeito. No diálogo, ambas falam sobre a rivalidade com suas sogras:

Janine: É muito agressivo [o jeito] da sogra com a nora, não é? Por isso é difícil gostar de sogra! Porque é sempre num tom atacado, elas atacam! Umas atacam mais, outras menos! A dona Maria [a sogra de Elaine] é uma mulher super calma, outro nível, completamente diferente da minha sogra. Só que ela ataca de uma outra forma, mas ataca, completamente diferente da minha sogra, a Neuza.

Elaine: Ela veio da roça, veio do interior...

Janine: E a minha sogra é completamente diferente, sendo que as duas atacam de formas completamente diferentes, mas atacam. A minha sogra é mais urbana e a da Elaine da roça, elas têm mais ou menos a mesma idade, são da mesma geração, o nível cultural é diferente, mas as duas atacam. Ou será que nós também, as noras, nos doemos demais? Será que a gente não disputa e a gente fala que não!

Elaine: Essa rivalidade de querer disputar! Mas eu nunca disputei, não! Eu até falava com o Márcio quando ele fazia alguma ignorância com a mãe dele: “É sua mãe, precisa falar dessa forma?”.

Janine: Mas eu também falava [para o noivo não brigar com a mãe]! Eu não excluo completamente a minha culpa, não mesmo! Por mais que eu tenha me decepcionado com ela, sei que em algum momento eu deva ter feito alguma coisa que tenha deixado ela aborrecida comigo. Eu acho que foi quando contei para ela que meu relacionamento com a minha mãe não é dos melhores. Acho que ela começou a se preocupar com o Rafael. Eu estava me confidenciando com ela e ela se apegou a isto: “não é boa filha, não vai ser boa para o Rafael”. Eu não sou de disputar, mas eu vou te dizer uma coisa que de certa forma é uma disputa, que é quando ele decidiu ir ao aniversário do meu irmão. A decisão foi dele, eu não o convidei, quem convidou foi meu irmão e foi uma coisa resolvida entre eles. Porém, o fato dele ir ao aniversário do meu irmão, me dá certo prazer por ele não ter ido no da mãe. Foi ela quem inaugurou essa disputa, eu estou tendo uma reação ao que ela fez!

Neste sentido, são as emoções em jogo nas relações entre noras e sogras que as levam a “disputar”, e não emoções próprias do gênero feminino, posto que não se trata de duas mulheres que competem por “natureza”. Ao contrário, tais emoções estão ancoradas nos papéis sociais e o que eles

representam para cada uma delas; eles é que imprimem o tom do relacionamento, uns mais amistosos e colaborativos, outros mais carregados de disputas e rivalidades, moldando também as reações.

Interessante notar que no senso comum, sobretudo na família ocidental, existe uma expectativa prévia de que ambas entrem em choque. A idéia de que a sogra é uma ameaça à vida conjugal da nora e que isto é, na verdade, um problema do gênero está presente entre muitas entrevistadas. Tudo indica que se trata de uma construção social incorporada no imaginário coletivo e os indivíduos já entram nos relacionamentos familiares com esta perspectiva, que pode ou não se realizar. Não à toa, Doninha faz uma reflexão sobre o comportamento da nora, legitimando a noção sobre a natureza da mulher e do comportamento de sogra. A idéia de que o relacionamento entre nora e sogra é incompatível é naturalizado por ela:

Muitas das vezes ele [o filho] fica contra mim a favor dela. Porque mulher é fogo, mulher faz a cabeça do homem, porque nós também fazemos! Eu me ponho no lugar de nora porque eu também já tive sogra, tanto que eu falo assim: eu só vivi bem com homem que não teve mãe. Os que tiveram mãe, a gente nunca ficou bem! (diarista, 38 anos)

Não se espera, neste sentido, que o vínculo da maternidade se sobreponha ao vínculo conjugal. A família consaguínea precisa reconhecer a presença deste novo membro familiar: a mulher do filho. E a nora precisa reconhecer e preexistência do vínculo entre o marido e sua mãe. Não por acaso Mônica (professora de educação física, 34 anos) declara que botou um “ponto final” na sua relação com a sogra, e observa que o marido ainda “não cortou o cordão umbilical”. Entretanto afirma: “[...] botei um ponto final, não na relação dele com ela porque é a mãe dele, eu não vou nunca proibir”.

Algumas sogras esperam que as noras dêem seguimento ao tratamento dedicado aos filhos, dirigindo a elas expectativas de comportamento que nem sempre são correspondidos. A nora é percebida pela sogra como sua “quase substituta” e alguns filhos/maridos conservam esta idéia. Esta “transferência de papéis” muitas vezes tem impacto negativo do ponto de vista das noras, gerando insatisfações e conflitos diversos. O caso de Mônica demonstra este comportamento.

Algumas noras não são seguras do sentimento das sogras em relação a elas e sentem-se minoria junto à família do marido, sobretudo quando o vínculo entre a sogra e o marido é forte, colocando em xeque a sua posição na família. Dos sentimentos de rejeição desdobram-se outros como os receios, a raiva, a humilhação e o desprezo. Os casos de Leandra (empregada doméstica, 33 anos) e de Andreza (secretária, 38 anos) são bastante elucidativos neste sentido. As sogras que se vêem perdendo o lugar para as noras, quando o filho privilegia a família conjugal, também manifestam sentimentos nesta mesma ordem. C. Rezende e M. C. Coelho, ao analisarem os estudos de C. Lutz e J. Katz⁵⁵ sobre os sentimentos de raiva e humilhação, observam que nas sociedades por eles pesquisadas

[...] a expressão de sentimentos de raiva fala da violação de valores culturais importantes, seja o controle de si e de sua identidade ou o compartilhamento de bens e pessoas [...] por isso o julgamento moral do responsável pelo ato que produz a emoção [...] há divergências entre os mundo ideal e real e delas resultam os conflitos. (2010, p. 42)

Diria que a percepção das noras e das sogras sobre os seus conflitos segue este mesmo parâmetro, diferenciando-se “[...] o quão vigorosamente, coletivamente, verbalmente ou não verbalmente se resolve o problema ou a ofensa”. (LUTZ apud COELHO; REZENDE, 2010, p. 42).

Neste sentido, nem questão de gênero nem de personalidade, os conflitos que emergem dessas disputas estão diretamente relacionados aos modelos de comportamento contemporâneos mais individualizados que, por um lado valorizam o afeto - o amor entre mãe e filho – e, por outro a família conjugal – que privilegia o amor entre os cônjuges. Talvez, o que esteja em jogo seja a dimensão micropolítica das emoções que estão inseridas nos papéis sociais dentro da família, manifestados ora por uma ora por outra, segundo os ciclos de vida⁵⁶, e que dificultam a construção do elo afetivo entre noras e sogras posto que,

[...] a afetividade está ligada à natureza social dos homens, de forma que tanto indivíduos quanto as coletividades constroem sua segurança e seus

⁵⁵ Os autores analisam os sentimentos de raiva e ódio entre os Ifaluk, na Micronésia, e os americanos, respectivamente. A respeito ver COELHO e REZENDE, 2010.

⁵⁶ Como já demonstrado, o nascimento dos filhos gera uma inversão de poder na relação entre noras e sogras, onde a mãe passa a ter maior margem de manobra na relação entre avós e netos.

temores em função de laços sociais significativos [...] (REZENDE; COELHO, 2010, p..35).

Na relação noras e sogras os sentimentos que emergem das demarcações de limites e disputas são uma construção social e podem variar segundo o contexto em que estão inseridas. Mais ainda, diria que a questão das disputas entre elas pode ser problematizada a partir da análise das relações de poder no interior da família, ancorada na idéia de dominação dos mais velhos. Não por acaso o marido de Leandra, segundo ela, justificava a ingerência de sua mãe em função da sua idade e experiência quando concordava com as intervenções dela, ou à sua decrepitude quando acatava as reclamações da mulher e pedia que desconsiderasse os atos da mãe. Leandra declara que, “tudo para ele era a idade da mulher, da Perpétua, o nome dela é Conceição. Eu fala assim: idade? Mas ela não é tão velha assim!”

Segundo A. Britto da Motta, na análise das categorias sociais o conceito de experiência é fundamental para a compreensão da sua dinâmica interna. Ótimo para pensar o envelhecimento, mas também pertinente para entender as diversidades dentro das demais categorias sociais. Assim, na categoria de gênero, existem homens e mulheres com diferentes condições de existência – classe, idade, cor, etc., e que pode imprimir uma hierarquia interna dentro do próprio gênero, posto que

[...] depende da valorização social de cada um desses aspectos e/ou da vivência que se tem deles. Há então, hierarquias internas [...]. É interessante pensar que essas diversidades e similitudes no interior de cada categoria [...] se dão exatamente em função da existência de outras categorias da mesma magnitude. É como um jogo, porém, sempre pleno de hierarquias. (MOTTA, 1999, p. 197).

Essas condições também promovem diversidade e hierarquias dentro do universo feminino. Os antagonismos entre noras e sogras, neste sentido, dizem respeito muito mais às diferenças geracionais no que tange aos processos ligados às discontinuidades e permanências, do que à uma suposta luta interna fundada no estereótipo da competitividade entre mulheres como um comportamento biológico/natural.

3.4 Tensões e conflitos, superação e rupturas

Duas amigas:
- Minha sogra é uma Santa!
- Sorte sua, a minha ainda está viva!

C. Lemarchant (2000) observa que a relação entre os parentes por aliança, sobretudo as sogras e os sogros, é uma relação inevitável e muitas vezes forçada. As insatisfações não são exclusivas das gerações mais velhas, elas são latentes entre as gerações mais novas, sobretudo, entre os parentes por aliança, como genros e noras. Na trama cotidiana as incompatibilidades podem se potencializar. Evidentemente, nem todas as famílias conseguem superar as pequenas desavenças. Vale ressaltar que há casos em que as vicissitudes detonam problemas latentes, gerando conflitos entre noras e sogras e entre mães e filhos causados por noras ou mesmo entre marido e mulher relacionados às sogras⁵⁷. Tais conflitos podem gerar rupturas mais ou menos duradouras. Situações mais dramáticas podem provocar a separação do casal. É o caso de Juliana Pontes, cuja relação com a sogra tornou-se tão conflituosa que decidiu não frequentar mais sua casa e que, com o tempo, levou à separação do marido.

Quando me casei com Felipe tudo eram mil maravilhas. Nossos programas de final de semana eram visitar a mãe dele ou recebê-la na nossa casa. Saíamos muito, fazíamos tudo juntos. Viajávamos juntos. Até que comecei a notar que não tínhamos nossa privacidade. Ela queria se meter em tudo: aonde a gente ia morar, o que íamos comprar no supermercado, a decoração da casa, o lugar das nossas férias. Eu comecei a ficar chateada com isso e Felipe não gostava que eu reclamasse dela, a gente brigava sempre. Ficou tão insuportável que comecei a exigir que ele não permitisse a invasão dela.

⁵⁷ Os conflitos e tensões podem gerar, além de casos de separação, problemas extremos que envolvem violência doméstica ou mesmo morte. Em abril de 2010, o marido confessou que empurrou a mulher da varanda durante uma briga por causa da discussão que a vítima teve com a sogra na véspera do crime. O caso ocorreu na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Ver: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/04/24/marido-confessa-que-empurrou-mulher-de-varanda-na-tijuca-916423644.asp>

Ele não aceitava que eu falasse mal da mãe dele. Foram muitas brigas por causa dela e acabamos nos separando. (Juliana Pontes, 35 anos, designer)

O mesmo ocorreu com Leandra (empregada doméstica, 33 anos). A sogra, com a permissão do marido/filho, participava e opinava na vida do casal, no cuidado da neta. Leandra comenta que recebia muitas críticas da sogra a respeito da comida que fazia, da limpeza da casa e dos cuidados com a roupa do marido. Assim narra o resultado dos problemas com a sogra

Eu lembro que deixei a papinha da menina dentro da geladeira e ela falou que eu tinha que ter feito na hora e eu discuti feio com ela, e disse que na minha casa não queria ela. Aí meu marido ficou do lado dela e começou a briga: eu, ela e meu esposo. Com certeza me separei por causa dela, porque ela falava que meu jeito não combinava com o dele, que ele era de um jeito e eu era de outro, e várias brigas que eu tive com ele e ele apoiando ela.

Há também que se considerar a convivência entre pessoas com culturas familiares diferentes e que podem entrar em choque na vida cotidiana, pois, como chama atenção C. Attias-Donfut, cada linhagem possui um sistema composto de um conjunto de disposições e regras, explícitas ou implícitas que forma uma “cultura da casa”, porque

[...] no meio da mesma linhagem, os comportamentos de ajuda e da concessão da amplitude de direitos e obrigações de reciprocidade comportam numerosas similitudes, como se houvesse uma aprendizagem familiar específica sobre o jeito de dar e receber. Uma cultura que estabelece os contratos tácitos entre os membros, inscritos nas suas histórias entrecruzadas e nas histórias de suas relações. Esta história combina as transmissões, as reciprocidades, as práticas e falas [...] (2002, p. 122).

Ao contrair os laços matrimoniais, ou ao morar sob o mesmo teto, o casal cria um novo universo doméstico, cujas rotinas e regras de organização diferem da casa da família de origem. Quando os pais interferem na vida do novo casal as tensões aumentam, acirrando os conflitos. A invasão dos territórios⁵⁸ pessoais é a principal causa destas dificuldades relacionais. A maioria das noras desaprova atos de ingerência da parte das sogras nos domínios que consideram pessoais ou conjugais. Não por acaso Leandra chegou a tomar uma medida extrema:

⁵⁸ Território é aqui pensado nos termos definidos por C. PEIXOTO como “um espaço simbólico de pertencimento (...) vinculado à permanência de certos comportamentos sociais”. (2000, p.47).

eu falei para ele que não dava mais, que era para escolher: ou eu ou ela. E ele disse que ela era mais importante... Amor de mãe é amor de mãe pra filho, mas às vezes extrapola, né? Tem mãe que extrapola. (empregada doméstica, 33 anos)

Em situações de coabitação os conflitos entre noras e sogras são mais acirrados.⁵⁹ Antônio (museólogo, 41 anos) declarou que o desgaste no relacionamento entre sua mãe e sua mulher foi tão traumático que sua mulher, Neide (museóloga, 39 anos), se recusa, ainda hoje, a falar sobre o período em que morou na casa da sogra. No início do casamento, há 15 anos, quando ambos ainda não tinham emprego fixo, Antônio levou Neide para morar na casa de seus pais: um imóvel de três quartos na zona sul do Rio de Janeiro. Os pais de Antônio estavam em processo de separação e sua mãe havia saído de casa. O pai, foi morar em outro imóvel da família, deixando o casal sozinho. Antônio e Neide já tinham estabelecido uma rotina própria quando na partilha da separação, sua mãe resolveu voltar para casa⁶⁰. Segundo ele, a família não costumava se reunir para conversar, pois “a casa grande não favorecia e os encontros eram no corredor mesmo”. Por isso não havia conflito “ideológico”, segundo Antônio, e as tensões giravam em torno da questão territorial e da organização doméstica. Ele assim os descreve:

A Neide já se sentia em casa e estava situada... “dona da casa”. Nosso problema não era espaço, pois minha mãe tinha a suíte dela e praticamente não saía de lá e nós ocupávamos o resto todo. A questão mesmo era a disputa pela liderança da casa. Nós também não tínhamos nenhuma disciplina de horário e organização em geral. Nunca fomos um casal tradicional. Tanto é que na nossa casa a gente não tem nada certo. Não tem comida no armário nem na geladeira, a gente lava louça uma vez por semana e a gente mal arruma a cama e convive muito bem com isso. Só que começou a incomodar a minha mãe. Ela chegava do trabalho e via cinco pratos na pia e ia lavar. A Neide se sentia agredida. E como ela fazia muito barulho com a louça, a Neide achava que era para dar indiretas. Minha mãe chegou a reclamar também, do uso de um sabão em pó caro e isso chateava muito minha mulher. E desse modo foi tendo uns picos de agravamento até que em dois anos fomos morar num outro apartamento.

Para F. de Singly, o modo como os casais se comportam na intimidade é diferente da maneira como se agem diante dos outros. Algumas jovens

⁵⁹ Antônio foi entrevistado na pesquisa do mestrado, já mencionada anteriormente. Dentre os problemas da recoabitação, ele destacou os conflitos e tensões entre sua mulher e sua mãe, que considerei interessante retomar aqui.

⁶⁰ De todos os entrevistados na pesquisa o caso de Antônio foi o único em que a recoabitacao se deu ao inverso, a mãe voltando para a casa onde estava o filho, não alterando os problemas entre eles posto que a mãe ainda era a proprietária do imóvel.

mulheres modernas, nos encontros familiares, se protegem do olhar crítico da sogra reproduzindo algumas práticas e comportamentos da geração mais velha que, muitas vezes, não são validados por elas próprias (1999, p. 14), outras preferem negá-los. Elisa, ao comentar uma característica de sua personalidade, assinala a recusa da nora em seguir sua recomendação quando o casal vai visitá-la:

Ah, eu sou mandona... porque se eu chegar em casa e não foi o que eu deixei eu vou reclamar. Ela fez um arroz lá em casa e quando eu cheguei se eu tivesse ficado quieta mas eu reclamei: "o arroz está duro". Ela disse: "não está não!". Aí outra vez eu falei: "Jéssica faz o arroz?" E ela disse: "ah, não! Você acha que meu arroz é duro!". E eu disse: "mas eu falei com você, não falei de você para os outros! Eu só acho que você devia fazer melhor!"

E também Neide, apoiada pelo marido Antônio (museólogo, 41 anos), não se preocupava com o julgamento da sogra a respeito do cuidado da casa e de como deveria conduzir sua vida conjugal. Assim, Antônio diz que sua mãe gostaria de disciplinar sua mulher à moda de uma família tradicional, ele, no entanto, afirma que ambos "não se sentiam com obrigações de marido e de mulher e ninguém cobrava um do outro esses papéis".

Para algumas sogras, as noras representam a ruptura com a continuidade da cultura familiar uma vez que, ao organizarem suas vidas conjugais de forma distinta, rompem com algumas práticas familiares, muitas vezes difíceis de serem aceitas pela sogra. Glória conta que sua sogra ressentia-se do filho não manter os hábitos anteriores após o casamento. Comenta:

Quando casamos fomos morar na casa que construímos nos fundos da casa deles, no mesmo quintal. Há pouco tempo - um ano mais ou menos - ela me confessou que ficava no terraço para espiar por cima do muro (de 3m) como que eu tratava o Marcos. Confessou que ficava indignada dele tomar banho quente e sair para estender a toalha no varal do quintal. Ela não deixava ele tomar banho quente e disse que em 25 anos, ela nunca tinha deixado o filho exposto desse jeito. Ela achava um absurdo eu não estender a toalha dele, que ele sempre foi muito doente, por causa da bronquite. Ela também disse que ficava irritadíssima ao ouvir o apito do microondas, pois o filho dela tinha que se alimentar direito e era sinal e que estava comendo alguma coisa industrializada. (pedagoga, 34 anos)

Elisa (diarista, 60 anos) constata diferenças na criação de seus filhos e de sua nora: "Ela sempre foi arredia. Eu acho que vem da família, da formação.

Porque meus filhos nunca foram assim, sempre respeitando os mais velhos, o trabalho. Sempre ensinei: no trabalho fale menos e ouça mais, não faça coisa errada”.

Por outro lado, a nora, ao entrar para a família do marido, pode representar para a sogra a solução para alguma situação que considere de risco para seu filho. Foi o caso de Fabíola (estudante de turismo, 31 anos), que conheceu o marido quando este acabara de sair de uma clínica para recuperação de drogados. Ela e a sogra foram cúmplices no auxílio ao marido/filho para superar o problema. Fabíola declara:

Ela sempre foi muito simpática comigo. Quando eu conheci o Márcio, ele tinha acabado de sair de uma clínica para drogados, ele ficou internado por seis meses e tinha dois meses que ele estava limpo, sem usar drogas. Ele não saía à noite! No dia que ele saiu a gente se conheceu e desde esse dia estamos juntos até hoje. Fizemos nove anos agora em março. [...] Era Deus no céu e eu na terra porque eu segurei ele firme, estava saindo das drogas. Eu parei de beber, parei de sair à noite...

Na tentativa de serem aceitas pelas sogras, algumas noras acabam aderindo a certas práticas domésticas caras às sogras, o que não significa que este esforço seja reconhecido e sequer valorizado. (SINGLY, 1999, p. 14). Estas situações são muito comuns nas reuniões de família na casa do jovem casal; elas se transformam em verdadeiros momentos de tensão para as noras, alvo de observação constante da sogra. Como assinala F. de Singly, para os jovens casais, a vida privada é o lugar onde se quer ser livre de julgamento. As sogras são vistas como juízas por inúmeras noras que se sentem, também, despossuídas de seu poder de decisão. (LEMARCHANT, C. 1999)

Segundo F. de Singly, “o tempo pode definir o lugar de cada um e o casal percebe que a sogra não demanda necessariamente a repetição/continuidade de sua própria prática, ela pode também apreciar a novidade e querer aprender.” (LEMARCHANT, C. 1999). Daniela (produtora, 32 anos) comenta como se sentia na presença da sogra

A mãe do João cozinha muito bem. Ela é do tipo que vive fazendo doces, bolos, comidas especiais para o final de semana e todo mundo adora a comida dela na família. Quando ela ia lá em casa, logo que nos casamos, eu ficava desesperada porque sabia que ela ia criticar o que eu estava fazendo e queria me ensinar a fazer do jeito que ela achava que o João gostava. Agora ela se mete menos nos meus almoços e até pega umas receitas de comida natural comigo porque nós fizemos umas mudanças na nossa alimentação. Agora estamos mais relaxadas uma com a outra!

3.4.1 As Estratégias: regulagens minuciosas

A sogra vai visitar o filho e a nora. Ela toca a campainha, a nora abre a porta e diz empolgada:
 - Sogra! Há quanto tempo a senhora não aparece! Quanto tempo vai ficar conosco desta vez?
 Querendo ser gentil, a sogra responde:
 - Até vocês ficarem cansados de mim!
 Então, a nora diz:
 - Sério? Mas a senhora não vai nem tomar um cafezinho?

A valorização e a reivindicação da autonomia, requeridas à família de origem, são fundamentais para a construção da identidade conjugal, assim como as estratégias de superação de tensões para evitar os conflitos gerados a partir da contrariedade das expectativas e dos limites estabelecidos ou mesmo para garantir o relacionamento amistoso, conforme demonstraram as entrevistadas. Como não se nasce nora e sogra, quais os limites desta relação e como se constrói o afeto entre parentes por aliança nesta convivência também permeada por disputas? Que estratégias elas apontam para superar tensões, manter a autonomia e preservar a individualidade?

C. Lobo, ao se debruçar sobre as estratégias de construção social do papel de padrasto⁶¹, a partir do modelo de I. Théry que identifica duas lógicas – perenidade e substituição – vai mais além, desdobrando a estratégia da perenidade em outras três sub-estratégias: Perenidade conflituosa, formal e informal. No primeiro caso, o padrasto desempenha a função de pai devido a relação conflituosa da família com o pai biológico das crianças, não chega a substituí-lo posto que está simbolicamente presente, mas esta “quase substituição” é melhor percebida como “transferência de papéis”; no segundo caso, a relação entre o padrasto e os enteados não ultrapassa os termos da formalidade, guardando algumas distâncias nas trocas entre eles; na estratégia

⁶¹ Pesquisa realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia pelo ISCTE, Portugal, em 1994.

da perenidade informal, o padrasto está completamente envolvido na relação com os enteados, desempenhando o papel de educador e provedor. (1996)

Aproximando as relações parentais padrasto/nora/sogra uma vez que não carregam o fator biológico, e considerando a lógica da perenidade (papel de composição) nas relações parentais por aliança, diria que as estratégias de construção do papel social de nora e da sogra e a inserção da nora na família do cônjuge se inscrevem nos mesmos tipos de estratégias usadas nas recomposições familiares, assinaladas por C. Lobo. Segundo a autora, a estratégia da substituição – o padrasto ocupa o lugar simbólico, afetivo e as obrigações materiais que deveriam ser do pai biológico - é a estratégia mais recorrente entre as famílias recompostas que pertencem às camadas operárias portuguesas⁶² (2009, p. 51). Diria que na relação entre noras e sogras não existe a possibilidade da “substituição” dos papéis de mãe/sogra e filha/nora, mas os outros tipos de estratégia estão presentes na construção deste parentesco por aliança. Assim, no caso de Clara e Celina, o relacionamento de ambas se dá a partir da “perenidade conflitual” da relação entre a nora e a mãe, sendo a sogra a “quase substituta” da segunda, tanto do ponto de vista afetivo como das trocas materiais e de serviço. Fabíola e sua sogra, embora tenham experimentando uma aproximação intensa em função da recuperação do marido, hoje vivem uma relação que segue a lógica da “perenidade formal”, com pouco espaço para visitas, conversas ou trocas mais afetivas. Seguindo esta mesma estratégia percebemos que a maior parte das entrevistadas nesta pesquisa opta por manter este tipo de relacionamento com suas noras ou sogras. A exemplo cito os casos de Dona Elisa (sogra, diarista, 60 anos), Valéria (nora, diarista, 38 anos), Dona Nely (sogra, advogada aposentada, 72 anos), Dona Laura (sogra, pensionista, 64 anos), Elaine (nora, dona de casa, 38 anos), Renata (nora, comerciária, 29 anos). Na composição do parentesco por aliança, somente o caso de Eliane (sogra, doméstica, 48 anos), neste universo pesquisado, se inscreve no tipo de estratégia da “perenidade informal”, posto que a coabitação força o contato mais próximo e íntimo, mesmo que os papéis sociais sejam hierarquizados.

⁶² Segundo a autora, nos meios mais desfavorecidos de Portugal a lógica da substituição é mais percebida porque os divórcios são bastante conflituosos, com ruptura dos contatos entre os ex-cônjuges após a separação, influenciando também na relação entre o pai biológico e os filhos. Os vínculos de parentalidade são confundidos com o laço conjugal. Em casos mais extremos, o pai desaparece e o seu lugar é de imediato ocupado pelo padrasto. (2009)

C. Lemarchant observa que “o casamento implica num indivíduo dentro de um novo laço de parentesco” (1999, p. 24) onde ele reorganiza sua própria rede. O parentesco por aliança não significa agregar um outro grupo ao seu de origem, posto que são novos papéis a serem interpretados. Uma outra fonte de problemas diz respeito aos vários papéis a serem desempenhados no âmbito familiar: filho e marido, nora e mulher, mãe e sogra e, quando há filhos, pai, mãe e avó. Difícil conciliar os múltiplos papéis para atender todas as expectativas e ainda definir limites. A presença da sogra pode colocar em risco a lealdade conjugal. Dentre as diferentes dimensões da identidade masculina qual prevalece, a de marido ou a de filho? Quem casa não fica menos filho, entretanto, a vida conjugal define o modo de organizar as relações com cada família. Implica em ajustar dois pontos de vista individuais sobre a maneira de se posicionar face às duas famílias. Como estratégia, alguns evitam a co-presença para não terem que viver esta dualidade. É o caso de Márcio (taxista, 41 anos). Para sua mulher, (Elaine, 38 anos, dona de casa), ele visita os pais durante o horário de trabalho, evitando assim forçar o encontro entre nora e sogra nos finais de semana já que elas têm uma relação mais distanciada. Rita (53 anos, técnica de enfermagem e instrumentadora) embora declare ter uma relação amistosa com a nora, recebe a visita diária de seu filho Léo (24 anos, administrador de empresas) desacompanhado de sua mulher. Explica que ela e a nora “sempre foram muito reservadas”. E o filho de dona Laura (pensionista, 64 anos) telefona para ela diariamente, embora se encontrem pouco.

Já outros maridos não conseguem definir tais limites. As relações conjugais contemporâneas, legitimadas no afeto e no amor, possuem uma lógica afetiva exclusiva e própria do casal. O casamento implica na construção de um novo universo doméstico, que diz respeito somente aos cônjuges. “Neste contexto, a proximidade entre pais e filhos adultos pode colocar em risco a autonomia dos filhos [...] o cordão umbilical que não foi cortado” (LEMARCHANT, 1999, p. 26). Neste sentido, o equilíbrio entre as relações filiais e conjugais torna-se frágil, uma vez que essas relações íntimas podem entrar em concorrência. O depoimento de Juliana Pontes é muito esclarecedor a este respeito:

Nós fomos passar a lua de mel num resort em Porto Seguro. Como sempre viajávamos juntos resolvemos convidar a mãe dele e a minha mãe. Minha mãe tinha uma amiga que morava lá e ficou o tempo todo com ela, mas minha sogra ligava pra gente às 7:30 da manhã. Como eu estava no início da gravidez, não me sentia muito bem e ficava no quarto. Felipe nem se importava, saía para passear com ela. Eu quase não saí do hotel. E depois ela veio dizer que eu era muito fraca, dando a entender que estava estragando a viagem. Ali comecei a ver quem era ela. (designer, 35 anos)

E Mônica (professora de educação física, 34 anos), que mora em outro país, comenta que seu marido sempre apóia a mãe nas suas intervenções, o que a levou a passar as férias, só com o filho, na casa de sua família de origem, no Brasil, na intenção de que o marido mudasse seu comportamento frente à ingerência da mãe. Ela faz o seguinte comentário sobre sua situação e atitude de se afastar

Eu tenho esperança que mude. Uma vez ele disse no telefone para ela - quando ela reclamava dos problemas com o marido - que agora ele tinha sua pequena família e que não podia mais socorrê-la nos seus problemas, visitá-la sempre. Ele agora tem que visitar os amigos com filhos. Por isso achei bom ele não ter vindo para o Brasil, para ele sentir falta da gente. Nem insisti que ele viesse. Porque até então ela ligava, se ouvisse o Rodrigo chorando já dizia para Henry que eu estava amamentado errado. E ele vinha me dizer que o que mãe disse era o certo. E eu disse pra ele pensar bem, ver se era isso mesmo. Eu tenho família, tenho amigos, se eu for para lá eu fico melhor. E você vai poder ver seu filho sempre! Minha amiga me disse que ele está desesperado, disse que vai fazer faxina, comprar flores. Ele me disse: "eu estou arrumando casa, o que vocês estão precisando?" Ele está apaixonado por causa do filho. Eu falo: "Olha, você vai ficar sozinho no mundo com sua mãe!" Espero que com a gente ele vá melhorar. Com a mãe é: vamos lá, um almoço e vem embora, se ligar eu não atendo! Agora ele vai mudar porque depois dessa, ele sabe que a gente pode voltar [para o Brasil].

Já na coabitação com a família de origem de um dos cônjuges, o outro se vê compelido a ter que se adaptar às regras da família por aliança, principalmente, quando a de origem está longe; isto implica numa assimetria do casal nas relações com a parentela, posto que um tem que conviver mais com a família do outro. Patrícia (cabeleireira, 33 anos) se sentia sufocada por ter que viver com a família do marido num relacionamento tenso com a sogra, e longe de sua família. Diz que era "obrigada a acordar e olhar para ela [a sogra] todo dia". Os constantes problemas com a sogra ameaçaram a ruptura

definitiva do casamento; sem apoio do marido, ela viajou com a filha para o nordeste permanecendo lá durante três meses.⁶³

Os cônjuges têm a expectativa de que a sua união do casal seja mais valorizada, mas quando a relação filial é privilegiada em detrimento da conjugal uma tensão entre o casal é criada, e poder ser percebida como uma infidelidade conjugal. As noras, por exemplo, se sentem mais inseguras diante das sogras, o que pode levar a tensão maior, fermento para uma ira permanente. (1999, p. 163) No caso de Juliana Pontes, o marido e a sogra uniam-se para criticá-la, fazendo com que se sentisse completamente isolada naquele ambiente familiar e, por vezes, deprimida. Não suportando a pressão, ela optou pelo divórcio, rompendo por completo a relação com a sogra, antes companheira de viagens e passeios. A referência à sogra e ao marido é cheia de ressentimentos indicando a mágoa de ter sido rejeitada em favor da família do marido. Leandra se ressentia do fato do marido informar à sogra de todos os passos do casal. A sogra fazia comentários sobre a nora para a vizinhança e foi através de uma vizinha que Leandra tomou conhecimento de que o marido havia vendido um terreno que compraram juntos. Declara que,

[...] tudo ela pedia segredo pra não contar. Ele vendeu o terreno e ela pediu para ele não contar para mim, e ele não contou, aí eu fiquei sabendo que ele vendeu. Tudo ela pedia pra ele não contar pra mim. E ele não contava, obedecia a ela! Eu senti que eu não era nada, não importava em nada para ele. Eu sentia que para ele eu não era nada. Era uma simples escrava para ele e para ela. E na época eu não trabalhava, eu dependia do trabalho dele, então eu me sentia humilhada. Então eu sou escrava dele e dela porque ela ia lá para casa, almoçava e eu tinha que fazer as coisas. Me senti muito humilhada por ele e por ela. (empregada doméstica, 33 anos)

C. Lemarchant (1999) observa que a integração da mulher na família do marido pode favorecer um bom entendimento com a sogra se o acolhimento for amistoso no sentido de fazê-la sentir-se bem quista como um novo membro da família. O que observei, no entanto, é que a receptividade deste primeiro momento não significa que a relação harmônica perdurará. Relembro o caso de Juliana Pontes (designer, 35 anos) que, durante o namoro, viajava frequentemente para a casa da futura sogra, e até mesmo viajava com o namorado em companhia da futura sogra. Foi no decorrer do casamento que

⁶³ Retornou a pedido do marido, que se comprometeu em sair do apartamento da mãe tão logo construísse uma casa no terreno grande da família, situado na Região dos Lagos, Rio de Janeiro. Em 2007 reencontrei Patrícia na rua e ela estava novamente co-residindo com a sogra.

surgiram os conflitos com a sogra. Embora a integração de Juliana na família do marido tenha se dado de forma amistosa, isto não garantiu a superação de tensões e conflitos. O caso de Mônica também aponta para a degradação da relação com a sogra, embora no início fosse mais amistosa. Para ela, sua vida conjugal ainda é ameaçada diante do fato do marido privilegiar o laço materno. Comenta que

Eu tenho que ter muito cuidado com o Henry. Eu quase me separei logo que o Rodrigo nasceu. Minha mãe conversou muito comigo, meus pais já me falaram: “eles têm uma relação muito colada, ele concorda muito com ela e isso não vai mudar”. Eu não posso bater de frente com ele porque do jeito que ele é com a mãe, ele pode dizer: “bom então está bem, a gente se separa e eu fico com a minha mãe!” É bem capaz dele fazer isso!

Tudo leva a crer que na família contemporânea os conflitos e tensões são mais difíceis de serem diluídos entre parentes por aliança, pois em algumas situações permanece a impossibilidade da “escolha de Sofia” – a mãe ou a mulher. Nesta relação parental, tão cara aos indivíduos na contemporaneidade, a dúvida torna a relação ruidosa e sensível à ruptura.

Sabendo da dificuldade para construir a relação por aliança, mesmo nas situações mais tensas, em algumas famílias os cônjuges acionam estratégias de relacionamento mais harmoniosas com seus sogros, na expectativa de que o marido ou a mulher faça o mesmo: questão de evitar conflito com seus próprios pais. Outros decidem que cada um dará conta de sua família seja na hora de demandar ou oferecer as ajudas, evitando assim que o cônjuge entre em um embate, de qualquer natureza, com a família de aliança. Para Glória (pedagoga, 34 anos) e Marcos (analista de contratos em empresa de petróleo, 34 anos) esse acordo é fundamental. Assim ela esclarece,

Quando fizemos o curso de noivos na igreja católica, ouvimos uma palestra que falava sobre isso. Cada um resolveria os problemas com a própria família. Na pior das hipóteses, é muito mais fácil perdoar um filho do que a nora. Entre família, no fim, tudo acaba bem. A relação com quem entrou na família por laços de casamento ou outros é sempre mais frágil, mais vulnerável. E isso é verdade!

Já as sogras, cujos filhos permitem que suas mães participem mais ativamente da sua vida conjugal, não percebem os limites da relação mãe/filho/nora e interferem na vida conjugal dos filhos, sobretudo nos

momentos de crise do casal. Dona Dora (repcionista, 68 anos) intermediou, na sua casa, as discussões entre o filho e a nora numa recente crise do casal. Defendeu o filho e, nos dias que se seguiram telefonou sistematicamente para a nora, questionando seu comportamento e sugerindo a infidelidade dela. Embora seu relacionamento com a nora tenha sido harmônico, pois durante sete anos trocaram elogios e presentes, nesta crise ela não hesitou em fazer críticas raciais preconceituosas à mulher do filho, que é negra, ainda que em seu discurso declarasse desejar que o casal contornasse o problema.

Vale à pena sinalizar, entretanto, que a percepção dos limites não é particular às sogras, cujos filhos casados privilegiam a relação filial. Tanto dona Laura (pensionista, 64 anos) quanto dona Nely (advogada aposentada, 72 anos), declararam não ter dificuldade relacional com as noras. Entretanto, ao serem questionadas sobre o seu papel nas crises do casal, imediatamente apontaram para atitudes ou comportamentos de suas noras que consideraram negativos. Lançam mão da estratégia de tratar as noras bem, considerando que o que lhes interessa é ver a felicidade do filho. Dona Laura declara que,

A minha felicidade é a felicidade deles. Eu não quero nora para me babar, mas que se dê bem com meu filho, não vou lá mas sei que eles estão bem. [...] Eu não tenho ciúme de filho não, nenhum, fico é feliz quando tem uma nora assim que trate bem meu filho. Ela cuida muito bem dele e de minhas netas!

E dona Nely diz que,

Sempre tratei assim e nunca dei muita liberdade para evitar algum conflito. Elas procuravam me tratar do mesmo jeito. Muita intimidade acaba dando confusão. Eu parto do seguinte princípio: Tratar bem minhas noras pra não perder meus filhos. Então, se eu tratar bem elas vai ser com elas trata a gente. Se eu tratar elas mal, elas vão tirar meus filhos de mim, é claro, ele vai por lado dela, sempre leva. Ela tem parente e tal, ele vai por lado de lá, né? Tira neto, tira tudo.

A intervenção e a participação da mãe/sogra nos problemas conjugais dos filhos depende do grau de permissão do filho/marido. Neste sentido, a segurança da nora face à sogra depende do apoio recebido do marido, que nasce de um acordo conjugal (tácito ou como resultado de um confronto) sobre o modo como considerá-la e como se comportar diante dela. (LEMARCHANT, 1999). Quando os cônjuges têm o mesmo ponto de vista sobre os limites da

mãe/sogra, o filho não se ressentia quando a mulher reage às interferências da mãe. No entanto, ao menor sinal de crítica do marido direcionado à mulher, a sogra pode se sentir autorizada a reforçar tal crítica à nora ou mesmo interferir nos assuntos domésticos do casal. Dona Dora também revela não hesitar em se posicionar no casamento do filho mais novo. Diz ela:

Minha nora passa o dia inteiro em casa, quando meu filho chega do trabalho cansado ainda tem que arrumar a bagunça enquanto ela está na academia. Disse que ela é uma bagunceira, aliás, sempre foi bagunceira e não tem desculpa de que está trabalhando. Meu filho é muito organizado, não merecia isso! É pior, meu neto está ficando igualzinho a ela!

Os problemas decorrentes de disputas por espaços aparecem entre noras e sogras de camadas médias, mas as estratégias de superação se dão por processos diferenciados. Mais resguardadas pela distância física do que as famílias que moram no mesmo quintal, noras e sogras podem escolher estar mais perto ou mais longe, o que no entanto não torna os encontros eletivos mais ou menos tensos. Tudo depende de como noras e sogras se percebem no desempenho seus papéis familiares. Lucy, (funcionária pública federal, 57 anos) se ressentia do fato do filho ter decidido morar em outro município, embora ela reconheça que ele precisa ter mais autonomia em relação às famílias de origem.

Na mesma medida em que as trocas são estimuladas como o cuidado dos netos, os apoios materiais e afetivos, muito se valoriza a “boa distância” entre os familiares. O relacionamento de dona Laura com seu filho, a nora e as netas, por exemplo, reforça esta idéia. Depois de muitos conflitos, ela continua ajudando financeiramente seu filho, porém raramente eles se visitam, mantendo o contato através de telefonemas. Ela esclarece,

Há muitos anos eu não vou lá. Ela ficou grávida da minha segunda neta e eu nem vi a barriga dela. Eles vêm aqui de vez em quando e ela está bem melhor comigo. A gente se fala mais por telefone, meu filho é que liga quase todo dia pra mim. (64 anos, pensionista)

Como observa C. Peixoto, a distância geográfica pode favorecer a distância entre as gerações e, algumas vezes, um afastamento afetivo, mas os telefonemas entre eles os reintegram na rede familiar, mantendo os laços

aquecidos. Os telefonemas são uma estratégia da família para minimizar os efeitos das distâncias, posto que

[...] a relação telefônica permite que enfrentem o déficit das visitas e a assiduidade das conversas impede que os laços se afrouxem, ainda que falem mais frequentemente com os filhos e que as conversas telefônicas com os netos sejam sempre mais rápidas. (2000, p. 104).

As relações não amistosas não necessariamente são conflituosas ou tensas. As discordâncias podem ser veladas ou expressas com cautela, tendo como consequência as visitas mais espaçadas, as conversas mais formais e poucas ajudas relacionadas à criança. Algumas mulheres evitam conflitos deflagrados, pois perturbam o funcionamento da relação e interferem no cotidiano. É o caso de dona Nely (advogada aposentada, 72 anos), que se relaciona pouco com uma das noras, mulher de seu segundo filho. O casal se mudou para Londres, e quando dona Nely foi visitá-los não foi bem acolhida pela nora, decidindo passear sozinha já que o filho trabalhava. Ela revela que, mesmo quando moravam no Brasil, sua relação com nora era bem distanciada.

Outra entrevistada, Andreza (secretária, 38 anos), passava as férias na casa da sogra, que mora na Bahia. Como o marido privilegia a relação filial e a sogra é muito autoritária, ela preferia não entrar em embates com a sogra para preservar a sua relação conjugal. Mas, isto não significa que não tenha ressentimentos, ao contrário, para evitar conflitos mais graves, hoje prefere não ir mais para a Bahia com o marido e a filha.

Por outro lado, o bom entendimento entre noras e sogras ocorre quando estas compartilham a mesma concepção de vida familiar. Assim, alguns interesses comuns, a maneira de ser, o grau de formalização e a flexibilidade das relações as tornam cúmplices em inúmeros assuntos familiares.

Ressalto que as relações moderadas são aquelas que valorizam os limites e os papéis na interação familiar, onde as discussões sobre temas de interesse comum, como os cuidados das crianças, são tratados com certa cautela. Em geral, as visitas são regulares e as trocas não tão frequentes. A autonomia financeira do casal pode ser um fator que favorece a definição destes limites e reservas. Dona Rita (técnica de enfermagem e instrumentadora, 53 anos) e sua nora raramente se visitam apesar de morarem em ruas próximas. Ocasionalmente dona Rita é procurada pela mulher do filho

para conversarem sobre alguns problemas do casal. Para ela, os dilemas da nora não são relevantes, acha mesmo que esta precisa ser mais tolerante com seu filho. Contudo, evita expressar sua verdadeira opinião porque

Minha sogra se intrometia muito na minha vida e foi um dos motivos que fez com que meu relacionamento com meu marido ficasse insuportável. Quando casei não conhecia quase nada e ela me ensinou muitas coisas, mas chegou uma hora que eu queria escolher minhas verduras, minhas frutas. Queria não ter que passar o Natal na casa dela, mas meu marido não aceitava. Eu fico pensando nisso quando vejo meu filho e minha nora discutindo porque ele deixou um sapato fora do lugar ou porque não lavou o banheiro. Acho tudo uma besteira, mas prefiro não falar nada. Sei que ainda são novos e têm muito que aprender. Mas, se um dia se separarem vai ser por causa deles mesmos. Não vou cometer o mesmo erro que a minha sogra. Não quero carregar essa culpa!

Diria que a consciência e a flexibilidade de Rita em relação ao seu papel e limites neste parentesco estão ligadas ao fato de ter pertencido a uma geração de mulheres que abriu caminho para o trabalho fora de casa, vivenciou o divórcio, recomposição conjugal e a contracepção controlada, transformações que tiveram repercussões significativas na concepção da construção dos papéis na família. Menos preocupada em estabelecer uma hierarquia de papéis, as trocas entre sogra e nora ultrapassam aquelas mais instrumentais – materiais e serviços -, não por acaso conversam sobre o relacionamento da família conjugal. Sogra e nora compartilham a “nova cultura de intimidade” (ATTIAS-DONFUT; SEGALIN, 1998, p. 283), fortalecendo a solidariedade intergeracional entre aliadas.

A relação moderada entre noras e sogras pode ser definida com a construção da “boa distância”⁶⁴. Nem muito perto, nem muito longe é uma estratégia que equilibra as relações conjugais e valoriza a individualidade na família contemporânea pois, como observa G. Velho, “o casamento torna-se cada vez mais um assunto dos indivíduos diretamente envolvidos e menos de suas famílias e universos de parentesco de origem. Pode-se por outro lado, perceber que não se trata do fim das alianças através do casamento, mas de uma mudança de natureza e qualidade. (VELHO, 2001, p. 48)

A relação entre nora e sogra é, portanto, obrigatória, inevitável, mesmo que o constrangimento seja dissimulado por um discurso que a apresente

⁶⁴ Discussão clássica da sociologia desde G. Simmel e da Escola de Chicago. O modelo espacial fornece um esquema teórico para explicar a distância social entre os atores. Simmel privilegia duas imagens para simbolizar a continuidade e descontinuidade, unidade e explosão, que liga e separa.

como natural ou que seja declaradamente formal. A construção da “boa distância” entre parentes por aliança, portanto, pode variar segundo cada projeto pessoal de vida conjugal e vida familiar que impõe, mais ou menos, os limites e o fluxo das trocas.

A primazia do relacionamento conjugal é apenas um dos princípios do funcionamento da família contemporânea. Outras normas coexistem - tais como evitar os conflitos abertos, buscar negociações, o amor duradouro em relação aos pais. Toda relação demanda uma série de regulagens minuciosas, como mostra o exemplo das relações entre noras e sogras (LEMARCHANTt, 1999). É o dever de amar. “A afeição se transforma em dever e se escolhe a parentela próxima e a família que se quer suportar” (2007, p. 121)

Nas sociedades contemporâneas ocidentais há uma valorização crescente da relação conjugal em detrimento da relação familiar extensa. O amor é a condição do casamento e base da conjugalidade, pois como diz F. de Singly “o amor define o princípio ideológico que dá suporte ao círculo doméstico: a família conjugal só 'funciona' com amor” (1999, p. 26). A relação conjugal é, portanto, fonte de sentido, norma de referência das relações entre os indivíduos. Este modelo que define as normas relacionais não determina o isolamento do casal, mas a modificação da hierarquia das relações em favor deste último (VELHO, p. 25). Assim, diante da relação parental é preciso cuidar da intimidade do casal, velando por sua intensidade já que os dois tipos de relação – parental e conjugal – podem concorrer e atritar.

Vários casais são conscientes de que a relação com os parentes por aliança é inevitável e que existe uma simetria nesta relação familiar: os pais de um são os sogros do outro. Assim, do ponto de vista das relações familiares, poderíamos dizer que marido e mulher estariam em patamares semelhantes, ou seja, lidar com sua própria família e com a do cônjuge. Neste sentido, a maior parte dos conflitos entre casais em recoabitação está muito associada às tensões entre os parentes por aliança. Há sempre a expectativa de que um fortaleça o outro nos embates familiares. A relação conjugal enfraquece quando um dos cônjuges apóia os pais na hora do embate. Há, também, a expectativa de que os parentes consanguíneos sejam bem tratados pelo cônjuge e que este se esforce para se adaptar à família que o recebe. O que se percebe é que os indivíduos tentam conciliar os laços conjugais e os laços

filiais, que nem sempre são compatíveis, principalmente, nas situações de conflito.

4 FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIA: AUSÊNCIAS E DISTÂNCIAS

É mais fácil ver disco voador do que fotografia da sogra na carteira.

As fotografias de família registram e perpetuam a biografia familiar. Configuram-se como um projeto de memória que insere os indivíduos numa trajetória histórica específica. Os instantes congelados e organizados nos álbuns de família e os filmes produzidos por ela reiteram valores sociais que dão sentido ao grupo e garantem às gerações seguintes o conhecimento de sua ascendência, reforçando a identidade e o sentimento de pertencimento familiar. Igualmente, elas superam o tempo linear e perpetuam o que se perderia no cotidiano e no transitório, congeladas nos fotogramas.

Os álbuns e as fotografias de família constituem-se, portanto, como um verdadeiro rito doméstico, como já assinalou P. Bourdieu (1965), é a lembrança que se quer resguardar. São os registros de uma crônica familiar que se constrói, ficcional ou real, mas que pretende ser incorporada à memória familiar como uma memória normativa, hoje mais voltada para atestar os laços afetivos do que a moral da família, como outrora (JONAS, 1996, p. 105). Os retratos de família são, portanto, capturados e armazenados continuamente, assim como contínuas são as relações familiares.

A produção imagética da família, realizada por ela e para ela, é composta por imagens e memórias individuais, mas que na sua parcela faz parte da história coletiva daquele grupo social onde os indivíduos estão unidos por seus laços parentais. Embora possa trazer a perspectiva do olhar de quem a capturou, ela não é individual posto que se refere ao grupo, portanto é carregada significados.

As fotografias e os álbuns de família de algumas noras e sogras entrevistadas nesta pesquisa revelam alguns silêncios imagéticos que se constituíram como o alvo de investigação para este capítulo. Rememorar as histórias das famílias através das fotografias é recuperar narrativas ricas de informações sobre as representações em jogo no contexto do parentesco por aliança, pois, como observa C. Peixoto, “a memória se refere ao passado de forma afetiva já que para lembrar o que passou, é preciso tê-lo vivido” (2008).

4.1 A fotografia de família e os novos contextos digitais

A. Machado (2005) ao constatar, nos anos noventa, a passagem da “película revestida quimicamente” para a “pixalização” da fotografia questiona a autenticidade das imagens produzidas no contexto digital, no que denomina “realismo em crise”. Segundo o autor, a fotografia estaria perdendo seu valor como documento e “atestado de uma preexistência de coisa fotografada, ou como árbitro da verdade” (p. 312). A manipulação digital no potencial gráfico voltado para o alcance de um resultado final vinha, nos meios de comunicação, colocar em xeque a fidelidade ao mundo visível que a fotografia na película poderia retratar. Pois, “diferentemente das imagens convencionais, rígidas e resistentes em sua fatalidade figurativa, a imagem eletrônica resulta muito mais elástica, diluível [...] como uma massa de moldar” (p. 315). Ainda que o autor considere tal processo de mudança como uma transição difícil para sugerir suas conseqüências no momento em que produz o artigo, arrisca prever que a fotografia, ao perder seu poder de produzir verossimilhança, não tardaria a ser excluída, no limite, dos registros de identificação na medida em que a manipulação a tornaria impossível de ser verificada⁶⁵. Considerando que A. Machado está se referindo as fotografias publicitária e editorial do ponto de vista mercadológico e como formadora de opinião⁶⁶, os prognósticos do autor em torno da “hegemonia eletrônica” parecem se ampliar aos demais setores da sociedade, incluindo os usos domésticos. Ocorre que os rumos que a sociedade deu à imagem digital fugiram à sua “previsão” e os recursos específicos da computação gráfica pouco ecoam nas fotografias amadoras produzidas pela família uma vez que se limita a “deletar” aquela imagem desfocada ou a pose e a expressão indesejada. A manifestação da imagem digital, através de programas de informática específicos é mais rara, salvo

⁶⁵ Ao contrário das montagens fotográficas mecânicas de fácil adulteração, rapidamente descobertas por especialistas mais atentos.

⁶⁶ O autor considera que o acesso às imagens contemporâneas é “mais mediado e menos inocente” (2005, p.314), uma discussão que a antropologia visual já vem levantando há algumas décadas sobre o uso da imagem na pesquisa de campo. Para o autor, a imagem, só a partir do advento dos recursos digitais e em função das possibilidades de edição, estaria se tornando um “texto” para ser decifrado ou “lido” e não mais “como paisagem a ser contemplada”. Vale ressaltar a observação de S. Caiuby Novaes, segundo a qual a imagem, assim como os textos, são também artefatos culturais que permitem a apreensão do universo simbólico, seja ela um registro fotográfico, fílmico e videográfico, encontrados em arquivos históricos ou produzidos na pesquisa de campo de ontem como hoje (2005, p.110). Do ponto de vista metodológico, a “montagem digital” também pode ser entendida como um dado uma vez que pode estar nela implícitas a lógica de uma cultura em determinado contexto.

entre aqueles que dominam tais técnicas e se interessem em utilizá-las no âmbito das imagens de família.

É interessante notar que, num mundo aonde a câmera digital vem ocupando o espaço da câmera instantânea, a relação da família com a produção da imagem foi apenas redimensionada. A mudança nos modos de produção da imagem tiveram impacto na confecção da fotografia em película, fixada no papel, pois

O suporte das imagens sintéticas não é mais matérico como na produção artesanal, nem físico-químico como na morfogênese ótica, mas resulta do casamento entre um computador e uma tela de vídeo [...]. (SANTAELLA, 2005, p. 300)

Assim, a preferência gradativa pela imagem digital, na família, relegou a fotografia profissional fixada em papel fotográfico para os álbuns dos registros de momentos cerimoniais como casamentos, formaturas, bodas e festas⁶⁷. Já a câmera digital, amadora, sem limites, capta as cenas cotidianas desritualizadas, pueris, banais, porém não menos carregadas de sentido. Com a câmera digital tudo se torna fotografável. Não se mensura o número de cliques e sim a capacidade de armazenamento das memórias, aumentando o acervo imagético da família numa escala muito superior a de outrora.

Os novos álbuns de família se transformaram em pastas de arquivos virtuais armazenados nos HDs dos computadores domésticos e revisitados através de *softwares* de indexação de fotografias de fácil manipulação⁶⁸. O receio de perder os dados, ou melhor, a memória fotográfica familiar digital, gerou também a preocupação em manter os acervos fora do disco rígido, através de *backup* das imagens em “nuvem”⁶⁹, como os sites de

⁶⁷ Produzida nos estúdios fotográficos ou por fotógrafos Lambe-lambe.

⁶⁸ Os fabricantes de câmeras de fotografia e filmadoras já vendem seus produtos acompanhados de *softwares* exclusivos para indexação e armazenamento das imagens digitais.

⁶⁹ Computação em nuvem (*Cloud Computing*) é um conceito de John McCarthy (década de 1960) que deu à internet um caráter de utilidade pública. Na década seguinte, cientistas da computação fundamentaram o conceito, guiando-se pela perspectiva segunda a qual as redes de comunicação através de softwares e informações circulariam livremente. O conceito, no entanto, só ganhou força a partir dos anos 90, sendo utilizado no contexto empresarial como solução de contenção de memória. Como tendência, estendeu-se ao uso doméstico de modo que as aplicações instaladas no computador migraram para a rede e passaram a ser acessadas pelo navegador. Algumas empresas disponibilizam serviços baseadas no conceito, como o *Google Docs.*, *Adobe* que disponibiliza os serviços do *Photoshop* online através do *Photoshop Express*, e *Yahoo* através do *Flickr* para compartilhamento de fotografias. Esses

armazenamento e divulgação de fotografias. Estas mudanças se inserem num comportamento social mais amplo, onde os processos dinâmicos comunicacionais contemporâneos encontram eco nos *blogs*, *fotologs*, *youtube* e afins, veículos que, ao serem usados para armazenar as fotografias e os pequenos filmes digitais, facilitam o acesso dos membros da família a estas imagens. Assim, a produção imagética da família pode ser compartilhada por todos em ambientes diversos, simultaneamente ou não, em qualquer lugar do mundo, encurtando as distâncias e proporcionando a quem interessar ou autorizado, o acompanhamento das mudanças na vida familiar como o crescimento das crianças, o novo corte de cabelo, os novos móveis, as festas de casamento, formaturas, bodas, aniversários, etc.

L. Santaella, ao definir três paradigmas no processo evolutivo de produção da imagem,⁷⁰ observa que “enquanto a imagem artesanal é feita para a contemplação, a fotográfica se presta à observação e a pós-fotográfica à interação” (2005, p. 307). Suas análises voltam-se para os modos de produção da imagem enquanto um ponto de partida para a compreensão de implicações semióticas (SANTAELLA, p. 298). No caso da família contemporânea, ela usa suas imagens e a facilidade dos recursos digitais bem como da internet, para a distribuição da informação que se quer transmitir no âmbito da família, com mais fluidez do que outrora e na dinâmica da interatividade experienciada nos dias de hoje. Assim, as fotos são trocadas através das *pen-drivers*, nos sites de relacionamento e gravadas em CDs adquiridos a baixo custo, sinal de que a fotografia digital “pós-fotográfica” vem sendo incorporada pela sociedade na vida privada, e uma de suas vantagens é a facilidade de sua disseminação nas redes de relações familiares e, principalmente, de amizade.

Ainda que se possa falar em “democratização” e “popularização” da imagem digital, o uso dos recursos disponíveis e incorporados às práticas do dia-a-dia e menos observado nas camadas populares, é encontrado de modo

produtos oferecem aos usuários a capacidade de criar, editar e armazenar arquivos, guardados na internet para serem acessados a qualquer momento, em qualquer lugar do mundo.

⁷⁰ Baseando-se no critério sobre o qual as imagens são materialmente produzidas, ele considera como primeiro paradigma, o pré-fotográfico, o momento em que a produção das imagens é realizada de modo artesanal. Incluem-se neste paradigma pinturas, desenhos, gravuras. O paradigma fotográfico é formulado em torno da imagem capturada e revelada no negativos do filme ou armazenada na fita magnética do vídeo. O terceiro paradigma seria o pós-fotográfico, onde a imagem é transformada em dados digitais e armazenada no computador. (2005).

mais amplo entre os estratos das camadas médias e altas⁷¹. O modo como são armazenadas e utilizadas as fotografias revela traços de um “estilo de vida”, produto de um novo “*habitus*”, para explicitar os sinais distintivos que determinam comportamentos de grupo e/ou camadas sociais na perspectiva de P. Bourdieu. Segundo o autor, a relação entre condição econômica e social e os traços distintivos, só é identificável a partir dos hábitos,

como uma fórmula geradora que permite justificar, ao mesmo tempo, práticas e produtos justificáveis, assim como julgamentos, por sua vez, classificados que constituem essas práticas e estas obras em sistema de sinais distintivos (BOURDIEU, 2007, p. 162).

Os retratos de família foram, nas suas primeiras produções, consumidos pelas camadas mais abastadas da sociedade dado o alto custo para a contratação dos profissionais que detinham a técnica e o aparelho da fotografia. Era, assim, uma expressão simbólica de posição de classe, quase um elemento distintivo. As primeiras imagens de família entre as camadas populares foram feitas pelos fotógrafos Lambe-Lambes situados nas praças públicas, numa apropriação do ideário de prosperidade imposto pelas camadas burguesas, onde a fotografia vinha confirmar a possibilidade de realização deste anseio, ainda que instantâneo. Embora se diferenciassem em técnica e equipamento, os estúdios fotográficos utilizados pelas camadas mais abastadas e os fotógrafos Lambe-lambes guardavam a semelhança de serem o veículo para a promoção da representação de indivíduos e grupos através da fotografia. Ambos foram também impactados pela criação das câmeras portáteis, que introduziram nas famílias a prática da fotografia amadora, realizada pelos próprios membros da família (ÁGUEDA, 2008, p. 148).

Os efeitos da fotografia quando esta foi introduzida na vida doméstica foram apreendidos de modos diferentes entre as classes sociais. Se para as classes burguesas, acostumadas a serem retratadas através da pintura, a fotografia se tornava uma renovação em termos do “gênero retrato”, entre as camadas populares ela significou a descoberta da identidade pessoal. (MARESCA, 1996).

⁷¹ Talvez agora com os telefones celulares que fotografam, essa prática possa ser incorporada nas camadas populares.

Embora M. Moreira Leite assinale que famílias de diferentes camadas sociais e econômicas, e distintas origens geográficas, detenham retratos de família (2005, p. 35), nesta pesquisa sobre noras e sogras observei que o uso das novas tecnologias e de equipamentos fotográficos digitais, amplamente difundidos nas camadas médias e altas ainda é pouco utilizado, ou pelo menos na mesma escala pelas famílias das camadas populares. Entretanto, ainda que alijadas destes novos recursos, as poucas fotografias encontradas nessas famílias de baixa renda estão inscritas neste mesmo propósito daquelas registradas e guardadas nas camadas médias: o do registro dos momentos solenes a fim de garantir a memória da família para a posteridade. Conforme observa A. Águeda (2008, p. 147), as fotografias de família são também um ritual doméstico que decorre de uma necessidade dos indivíduos e dos grupos de fixar, preservar, reproduzir e transmitir as experiências vividas para as gerações seguintes.

Ao longo do século XX, a indústria fotográfica facilitou o acesso das camadas médias ao registro fotográfico amador, a partir da criação das câmeras portáteis, não tanto populares em termos de custo, mas a fotografia ultrapassou o limite das possibilidades e impossibilidades econômicas sendo introduzida na maioria dos lares. Diria que, muito embora as câmeras digitais dos celulares tenham democratizado o acesso aos registros das imagens de família, os recursos tecnológicos para produzir e revisitar estas fotografias de família não é ainda utilizado amplamente pelas camadas populares, de modo que se configura como um traço de estilo de vida mais praticado entre as camadas médias. Como observa C. Peixoto,

Quando a utilização de um objeto se generaliza para toda a sociedade ou para um determinado grupo social, torna-se impossível rejeitá-lo completamente, [...]. O discurso técnico não é somente enunciativo, mas igualmente formado de referências às quais o indivíduo acaba cedendo para permanecer no grupo que pertence. [...] a difusão de uma técnica não é inerente a uma necessidade natural e sim vinculada a uma exigência social [...]. (2005, p. 59)

Por outro lado, a disseminação em larga escala da telefonia celular juntamente com a aquisição dos aparelhos e os recursos que estes oferecem dá a idéia de que as camadas populares estão inseridas neste contexto de produção da imagem digital na medida em que até o mais elementar aparelho

é munido de uma pequena câmera fotográfica. Entretanto, armazenar as imagens em algum suporte para ser perpetuada é ainda um dilema entre as famílias de baixa renda, conforme demonstraram as entrevistadas desta pesquisa. Os usos restringem-se ao envio das imagens digitais capturadas nos aparelhos telefônicos para as páginas dos sites de relacionamento na internet, geralmente administradas nas *lan houses*. Neste universo restrito e particularizado da captação e do uso de recursos para fotografar há uma seleção criteriosa das imagens que se pretende capturar, considerando a baixa capacidade de armazenamento das memórias das câmeras dos celulares mais simples. Neste sentido, a produção fotográfica na família contemporânea, como um bem material, termina por expressar algumas distâncias sociais ontem como hoje.

É importante ressaltar que as imagens digitais não têm, entretanto, a mesma longevidade das fotos analógicas, considerando a vida útil dos HDs e/ou outros suportes digitais (INARELLI, 2005) e, ainda, o fato de não se ter o controle dos recursos da computação em nuvem (vide nota da pág. 154). Num ambiente doméstico a mídia digital tem certa efemeridade, pois na mesma proporção em que muito se fotografa e se filma a tendência é que as imagens também se percam muito mais com o tempo, a não ser que a família esteja atenta à preservação e conservação de sua produção imagética. Ainda não podemos vislumbrar os efeitos sociais dos usos digitais para a família do ponto de vista de sua perenidade, mas inferir que este novo comportamento põe em risco a memória da família, tornando-a fugaz. Não se trata aqui de levantar uma discussão sobre o impacto das transformações tecnológicas na vida privada, mas apontar algumas possibilidades em torno das vantagens e desvantagens dos recursos digitais no âmbito da família. A questão que se coloca é se a fotografia em suporte de papel cumpre melhor sua função social no que diz respeito a legar às gerações seguintes uma memória das trajetórias familiares e de fornecer uma identidade familiar aos indivíduos. As fotografias instantâneas têm uma temporalidade imensurável, ainda que nos acervos domésticos elas encontrem-se guardadas em caixas de sapato e afins. Por outro lado, J. MacDougall, ao apresentar em filme a relação da sociedade

chinesa com a fotografia⁷², mostra como os recursos digitais podem estar a serviço da recuperação das fotografias não digitais deterioradas com o passar dos anos. Os retoques e montagens realizados por *softwares* próprios para esta finalidade e a impressão da “nova” fotografia proporcionam, aos atores envolvidos, a possibilidade de resgatar um momento congelado no passado, lembranças e sentimentos vêm à tona nas fotografias “salvas” do desgaste do tempo, uma outra faceta da imagem digitalizada. Assim, as fotografias impressas em suporte de papel juntam-se às fotografias digitais e, independentemente de suas respectivas temporalidades, permanecem registrando os momentos da vida familiar.

4.2 A fotografia como um registro intencional

A fotografia de família foi valorizada como um importante registro de fotografia amadora a partir dos anos 1970⁷³. Fugindo do campo das artes, o interesse historiográfico destas fotos ocupou lugar central na documentação de acontecimentos históricos e de registros urbanos como as transformações nas cidades e nas comunidades. O universo familiar retratado nas fotografias também se tornou alvo de artistas plásticos contemporâneos, nos anos 1990, como uma categoria cuja técnica fotográfica tem valor secundário. O interesse pelo “registro do banal e do ordinário” põe em xeque as “pretensões da grande arte”. A fotografia de família é muito mais um “material visual maleável” e “propõe um imaginário do cotidiano” sendo utilizada enquanto um gênero pelas campanhas publicitárias que envolvem o universo doméstico. Como assinala S. Maresca,

A fotografia de família se transformou, a partir de então, em sinônimo de memória e evasão. Curiosa inversão: inicialmente depreciada por sua banalidade, a fotografia de família se impôs como lugar comum na linguagem visual dos produtores de imagens profissionais. (2003, p. 212)

⁷² The Art of Regret. Judith MacDougall, 59 min, 2007.

⁷³ A fotografia de família passou a ser defendida como uma corrente e teve entre seus representantes fotógrafos renomados dos quais destacam-se Meatyard, Gowin, Nixon, Novak. Nos anos 1990 foram organizadas exposições de fotografias de família nos EUA e Inglaterra. Na França, o interesse pelo gênero se deu em menor escala através de iniciativas isoladas, porém não menos valorizada. (MARESCA, 2003)

De todo modo, conforme observa S. Maresca, a fotografia de família segue uma lógica ritual autônoma, obtendo “imagens necessárias a fins privados” [...], “para documentar um acontecimento da vida cotidiana” (MARESCA, 2003, p. 205). Sendo assim, as imagens de família têm objetivos intencionalmente definidos, reúnem cenas que registram e perpetuam momentos para serem lembrados no futuro, sempre alegres e enaltecendo uma suposta harmonia familiar. Não se perpetua cenas sobre momentos difíceis da família, brigas, discussões ou intimidades⁷⁴. As fotografias e os filmes, por outro lado “supostamente inconscientes da arte e de suas tendências”, já que são amadoras, cumprem a função de serem fiadoras da família enquanto locais de felicidade e abrigo das contingências, reiterada pela fixação da imagem positiva que o grupo quer transmitir.

Porque não é das ausências, nem das brigas e contradições que permeiam o seu cotidiano que ela deve falar, e sim de um elo mais permanente e mais profundo que, subjacente àquelas relações, dá significado e consistência àquele grupo: os laços de sangue e afeto, os sentimentos de solidariedade e pertencimento que os une e a partir dos quais se identificam, diante de si mesmos e dos outros, como uma família feliz. (BARROS; STROZENBERG, 1992, p. 22)

Tratam-se de imagens “de” família e não “sobre” a família conforme chamou atenção C. Peixoto (2008) e contém uma riqueza de significados e informações. No entanto, as imagens de família,

[...] não mostram a vida pública, a trajetória pessoal ou o mundo do trabalho de seus membros (ou de apenas um deles), pois registram em imagens os momentos comuns e os lugares coletivos dos encontros e reuniões familiares. Os espaços mais íntimos da casa (quartos e banheiros) e seus usos (exceto as atividades infantis: o banho e o sono) também são raramente filmados [ou fotografados] (p. 4)

Fotografias e filmes de família, como fiadores da história familiar, trazem como temas as cerimônias, as festas, o crescimento das crianças, o cotidiano, os animais domésticos e são, na família contemporânea, imagens vinculadas ao afetivo. O que menos importa nas fotos espontâneas são as poses e as aparências e mais o sentimento que se pretende transmitir.

⁷⁴ Salvo nos casos assinalados por S. Maresca em que artistas plásticos focalizam mais no registro da arte do que da informação (p. 210) e expõem imagens de sua vida privada nas galerias de arte. São cenas da intimidade familiar que jamais seriam reveladas ou produzidas se o objetivo não fosse o de atestar autenticidade à uma obra de arte contemporânea, ou seja, sua finalidade artística. As imagens apresentam a intimidade erótica, nudez, a morte, as brigas. (2003)

Ao legitimizar os laços de família, as fotografias preservam a memória familiar. I. Jonas (1996) observa, entretanto, que existe um padrão e um modelo estético e social que define o que deve ou não ser registrado. Para reforçar a integração do grupo familiar ficam evidentes os momentos alegres, os laços que unem os indivíduos, descartando as intercorrências da vida. Esta seleção em torno do que é fotografado é uma maneira de controlar a memória visual que se quer resguardar e transmitir, “silenciando-se imagetivamente [...] os conflitos, hostilidades, divisões, atritos, tristezas, desvios e desviantes do grupo fotografado [...] o invisível que está por trás do visível” (ÁGUEDA, 2008, p. 142). As fotografias são, portanto, ao mesmo tempo, testemunhas (verdades) e representações (mentiras) de uma realidade, servindo como um meio termo entre a realidade em si e a que se deseja. Assim, acabam “permitindo a construção de representações que se alinham aos interesses e às visões de mundo dos membros do grupo familiar” (ÁGUEDA, 2008, p. 147). Luzia, ao mostrar a fotografia tirada com a nora no dia de seu aniversário, comenta: “aí a gente ainda era amiguinha”.



Luzia, à direita, com a nora nas Bodas de casamento de uma amiga de Luzia. 2008⁷⁵



Sogra e nora na comemoração de aniversário de um amigo do filho de Luzia 2008.

E mais adiante prossegue o relato:

[...] eu e ela, nós não temos amizade. A amizade que poderia ter sido travada foi por conta do casamento, eu percebi que ela estava sendo minha amiga mas foi por interesse, depois que passou, ela voltou a agir como sempre agiu (Luzia, funcionária pública, 57 anos)

⁷⁵ Os rostos desfocados nas fotografias deste texto atendem ao pedido das entrevistadas, que permitiram a publicação de suas imagens de família desde que as identidades estivessem resguardadas.

Porém, a foto da nora abraçada com a sogra está lá, congelando a ação no sentimento que se gostaria de perpetuar e que se traduz na intenção da sogra ao afirmar que “eu gostaria que tivesse dado certo, você vai vendo as fotos do casamento, você não investe no que não acredita e eu gastei muito dinheiro no casamento do Roberto” (ÁGUEDA, 2008). I. Jonas observa que,

No momento em que a qualidade relacional (fotógrafo/fotografado) se torna uma exigência [...] a pose é vivida como um dispositivo que pode dar aos próximos uma idéia falsa daquilo que se vive nos relacionamentos. A vontade de fixar o “vivo” se inscreve num contexto familiar onde doravante se atribui uma enorme importância aos sentimentos (1996, p. 107)

S. Caiuby Novaes ao buscar reter algumas idéias de Mauss e Durkheim sobre os rituais funerários que analisaram, chama atenção para a importância que estes autores atribuem a atuação coletiva quando um grupo sofre alguma perda. Segundo Mauss manifestações orais de sentimentos não são expressões individuais e, sim, fenômenos sociais cujas reações constituem-se como “manifestações não espontâneas e da mais perfeita obrigação”. Durkheim observa que os ritos reforçam sentimentos coletivos e as reações estão na esfera dos fenômenos morais (DURKHEIM apud CAIUBY NOVAES, 2008, p.119) A autora considera relevante as observações de Mauss e Durkheim sobre as reações impostas socialmente e que têm efeito na coletividade na medida em que forçam a coesão do grupo. No entanto, prossegue S. Caiuby Novaes, não se pode descartar a dimensão dos sentimentos individuais. Na digressão do rito funerário para o rito do casamento, diria que Luzia se esforçou para crer na construção de um relacionamento amigável com a nora, ao menos quando preparavam a cerimônia de casamento. Não por acaso as imagens demonstram expressões espontâneas de alegria, dando a idéia de coesão familiar, porém os problemas latentes entre nora e sogra não tardaram a aparecer tempos depois do rito e da festa. Luzia, ao ver as fotos do casamento comenta:

[...] quando eu vi era uma mega festa, a coisa foi tomando proporções, mas ficou muito bonita! Ele disse: “mamãe, pelo amor de Deus, não volta atrás não!” Eu queria fazer a vontade dele. E eu dizia para ela: “vem cá mas não foi isso que a gente combinou!” Mas ela é assim. Ele hoje em dia fica meio frustrado porque queria que o casamento tivesse dado certo! Antes da cerimônia eles já estavam morando juntos. Eles casaram no dia 3 de setembro e um ano depois se separaram e ele deu entrada lá em casa com o casamento acabado.

Sobre as fotografias do casamento, ela faz os seguintes comentários:



“Olha ele e eu aí entrando na igreja”. Niterói. 2008



“Ela e o pai. Eles não se dão muito bem (...) eu acho que o Roberto tem meio que uma história de pai com ela, eu acho que ele dá à ela uma coisa que ela não teve. Niterói. 2008.



Alianças



“engraçado que eu observei casamento, ela em relação a família, você percebe como ela é gorda! Ela parece meio que o patinho feio da Família. Ela é diferente, ela tem um processo meio de exclusão, ela é a única filha que não é batizada”



“Meu filho é bonito! Sou mãe aqui no coruja!”

As fotografias do casamento do filho de Luzia corroboram o discurso imagético da coesão entre grupos familiares dos noivos, que testemunha e apóia o surgimento de uma nova família conjugal. A memória coletiva é então garantida e perpetuada por essas imagens. Vale destacar o tom cerimonial dos retratos de casamento que têm, ainda, os mesmos padrões das fotografias de casamento do século XIX, legitimando a “dignidade do grupo familiar” (LEITE, 2005, p. 37), sinal de que alguns estatutos permanecem apesar das inúmeras mudanças na família contemporânea.

O que se agrega ao lado das fotografias formais desta cerimônia na família contemporânea, são as imagens fixas e/ou em movimento das brincadeiras, danças, os momentos de descontração das festas de casamento, menos registradas no passado. Luzia faz os seguintes comentários sobre as fotografias:



“Olha como eles
estavam felizes!”



A festa.

As festas e comemorações são momentos de sociabilidade do grupo familiar. Nesses encontros as tradições familiares são reificadas e transmitidas às novas gerações e o sentimento de pertencimento é mais do que promovido. As imagens produzidas nesses contextos festivos têm o objetivo de documentar essas ações, prova de que

Atrás da objetiva, um olhar humano, mais ou menos consciente mas nunca ingênuo, porque dotado de intenção e desejo, escolhe e delibera o que e como fotografar. [...] Neutra em si mesma, a técnica de capturar reflexos é, na prática, um instrumento. Nas mãos de quem manipula, a câmera é um recurso de linguagem através do qual alguém elabora uma interpretação do real, atribuindo-lhes significados que irá materializar na imagem. Assim, ao espelhar o mundo, o fotógrafo, no mesmo movimento, o reduplica e re-produz. (BARROS; STROZENBERG 1992, p. 20)

4.3 A fotografia como artefato de memória familiar

O ato de fotografar e colecionar as imagens de família compondo álbuns atesta a importância dedicada à memória da família. Ainda que na contemporaneidade as fotografias e os álbuns digitais, na sua irredutibilidade quantitativa tenham favorecido o registro da pluralidade de pertencimentos, as fotografias de família marcam a identidade primeira nas vivências e lembranças do passado, de lugares, da parentela e de eventos familiares. Conforme apontam M. Lins de Barros e I. Strozenberg, as fotografias de família são,

assim, “um signo distintivo em relação a outros grupos, estabelecendo os limites externos da família”. (1992, p. 45)

Neste sentido, os instantes fixados cumprem uma das finalidades da fotografia no âmbito da família: reforçar a genealogia que é identificada nas imagens revisitadas a posteriori, pois o que se vê são “as minhas origens”, “de onde eu vim”, “meus avós, meus pais e meus tios”. É através da fotografia de família que

[...] a história para quase todos se inicia com essas fotos de desconhecidos e conhecidos, e com as idiossincrasias de cada um, conduzindo à identidade dos leitores das fotos. Ao fixar instantes, garante-se a permanência de condições consideradas “inesquecíveis” [...] momentos da solidariedade familiar em que os indivíduos se transformam em seus papéis sociais – a noiva, a mãe, os filhos, os netos, e as situações se conformam às convenções artísticas e expressivas da ideologia familiar”. (MOREIRA LEITE, 2005, p. 38).

Cumprindo tal função social, portanto, as fotografias e os filmes de família evocam narrativas do passado que, muitas vezes, abrem espaço para uma reflexão sobre o presente e as relações familiares. As fotografias ou vídeos, produzem efeitos nos indivíduos tanto no momento de sua realização como no visionamento (ODIN, 2003) e revelam as lembranças do passado. Essas reações ocorrem a partir da rememoração de situações que a imagem pode detonar. Como observa C. Carvalho,

a fotografia é [...] responsável por uma função de síntese visto agregar fragmentos espaciais e temporais. Tais observações só são obtidas por meio de informantes que possam falar a respeito de suas fotos, caso contrário isso se perde. (2005, p.129)

E. Bucci discorda do valor documental da fotografia, que a insere na escala do tempo. A temporalidade, para o autor, é subjetiva e vai além do constructo linear e intangível que a entende como passado, presente e futuro. Para ele, a fotografia de família tem uma temporalidade própria, “não linear” e “afetiva”. Assim, ao vivificarem o passado elas se “expandem no presente” na medida em que geram emoções com consequência no presente. Como observa “[...] o relato que está inscrito no álbum de família não se tece de pretéritos, mas de presentes. Eles constituem a presença que eu sou” (2008, p. 75).

As conversas em torno das fotografias e álbuns de família, nesta pesquisa, trouxeram à tona as reminiscências de uma época, sinal de que os acervos fotográficos legam à posteridade temporalidades diferentes da cena doméstica. Revisitar essas produções imagéticas é abrir espaço à nostalgia, às lembranças carregadas de emoção, boas ou ruins. Como observa M. Moreira Leite (2005, p. 39) “ao examinar uma fotografia, cada observador acaba sempre relacionando-se consigo, procurando discernir em si mesmo, o que talvez não percebesse sem a visão daquela imagem”. Luzia deixa escapar:

Quando eu estava fazendo a seleção das fotos [para mostrar na pesquisa] a gente revive! Muito interessante! Aí eu vejo o Roberto aqui bebê. [cuja mulher é a nora de Luzia] Eu queria ter pego uma [foto] minha, grávida dele! [...] Olha como eu estava bem mais magra! Isso foi meu primeiro apartamento que eu comprei depois que entrei no banco. A gente estava morando lá de pouco, ainda estava casada... olha eu magra!

As fotografias também expõem sutilezas de relações sociais menos harmoniosas, traduzidas nos discursos em torno de situações tensas apontadas na revisita dos acervos fotográficos das famílias, onde os problemas nas relações entre noras e sogras têm um destaque importante. Assim, Fabíola (estudante de Turismo, 31 anos) se regozija com as fotos do filho ainda bebê, observando que “o tempo passa”. A rememoração desta fase da infância de seu filho leva-a a falar sobre a relação da criança com os demais membros da família. O modo como o filho se refere aos familiares, e a participação das avós na vida dele é um tema recorrente nos relatos de Fabíola. Um fato ocorrido com sua sogra, na festa de quatro anos do filho, é evocado no momento em que observa as fotos do aniversário, já anunciando que a sogra tem uma dificuldade em aceitar a vida madura do filho, motivo de toda tensão entre elas. Assim Fabíola discorre:

Ela [a sogra] chorou no aniversário dele porque fizeram uma brincadeira e o animador colocou o Márcio [o filho/marido] como mulher banana, dançando. Ela chorou dizendo que o filho dela não era banana. [...] Ela queria acabar com a festa. Seguraram ela e tudo.

As memórias em imagem, conforme aponta C. Peixoto, incitam as pessoas a discorrerem sobre as imagens projetadas e/ou revisitadas nas fotografias, pois o que se vê é a “imagem do Outro” e a “imagem de si”. Logo, recuperá-las é retomar registros cognitivos (2001, p. 175) nem sempre

articulados no dia-a-dia. O ato de rever os álbuns e fotografias traz à tona histórias das relações familiares, ainda que o “Outro” não esteja representado na imagem, mas a memória está presente.

4.4 Ausências subjetivas – Onde estão as noras e as sogras?

M, Moreira Leite, ao reler Proust (*apud* 2001), analisa as metáforas fotográficas que o autor utiliza para dar conta da sua relação com o mundo, abrindo espaço para a análise sobre, entre outros aspectos, as relações sociais e as mudanças nas formas de comunicação ao longo do tempo, sobretudo na relação entre imagem e memória. As metáforas fotográficas constroem narrativas para explicar “fenômenos invisíveis” que “prescindem de palavras”. Mas é na constatação da inquietação promovida pela lembrança da avó retratada num fotograma que Proust faz uma reflexão sobre as relações familiares, num movimento que se desloca do semi-esquecimento para a lembrança viva promovida pela fotografia no processo de rememoração das situações vividas. M. Moreira Leite assinala que o autor constrói essa a passagem do visível para o invisível, recuperando a discussão de Merleau-Ponty (*apud* 2001): a imagem pode ser velada pelo esquecimento ou revelar novas lembranças.

[...] como no processo fotográfico, os processos psicológico e social das personagens fluem das imagens visíveis e nítidas dos seres em movimento constante para as imagens amareladas ou ocultas pelo esquecimento e a morte (LEITE, 2001, p. 48)

Nesta perspectiva, a imagem é capaz de eternizar a lembrança daquela ausência *in memoriam*. Existe, porém, uma outra ausência que a fotografia é capaz de revelar: aquela da “não” presença. São os ausentes da realidade viva que não constam nos álbuns e nas fotografias de família.

Se as fotografias selecionadas para figurar nos álbuns revelam os sentimentos e as emoções dos laços familiares que elas reproduzem, as ausências, as fotos rejeitadas, aquelas “indignas de serem apresentadas” revelam as relações deterioradas e as que não devem figurar no acervo familiar, uma vez que fogem ao objetivo primeiro de transmitir o que I. Jonas

chama de “a boa saúde afetiva” da parentela (1996, p. 107), uma exigência da família contemporânea por seu legado imagético.

A questão que se coloca aqui não é tanto a análise da ausência física daqueles que partiram definitivamente, e ainda figuram nos álbuns mas, principalmente, a de entender a ausência de imagens daqueles que fazem parte do grupo familiar. Neste caso, trata-se de avaliar as questões da rejeição da imagem de noras e sogras, mesmo que ela não seja consciente no ato de não fotografar ou de não incluí-la nos álbuns de família.

M. L. Ferreira (1996) em sua pesquisa sobre os acervos fotográficos de pessoas idosas residentes num pensionato no Rio Grande do Sul, analisa as representações e significados dos papéis sociais e valores que estruturam a vida dos entrevistados, utilizando as fotografias de família como instrumento metodológico. A autora observou que dentre as fotografias expostas nas paredes, em cima dos móveis, aquelas dos casamentos e dos entes queridos são as mais recorrentes. No entanto, no universo pesquisado percebeu que existiam também fotografias resguardadas do olhar dos outros uma vez que eram “carregadas de emotividade” e, assim, não se desejava rememorar. Como assinala a autora,

O fato de transportar as imagens para o domínio do olhar está associado à propriedade que a fotografia tem, enquanto representação do referente e o elo simbólico de duas temporalidades, de evocar uma memória de sentimentos e emoções e de exacerbar as imagens do presente em contraposição com aquelas do passado. (FERREIRA, 1996, p.118)

Ocorre que algumas imagens são difíceis de ser revisitadas. Evitá-las é uma estratégia para abafar lembranças das ausências, pois rever uma imagem pode gerar mais tristezas do que trazer boas memórias. A saudade que se origina na distância física ou geográfica de um ente querido, ou dos bons momentos vividos no âmbito familiar, é colocada em suspenso quando a imagem não obriga a reviver situações e momentos indesejáveis. Assim, as fotografias ficam guardadas, embora estejam prontas para serem resgatadas face ao desejo de superar os efeitos negativos que elas possam causar. Diria que o que motiva as ausências das fotografias das noras e sogras nos seus respectivos álbuns é também este mesmo desejo de evitar lembranças negativas das relações mais tensas. Em casos extremos de conflitos severos e

rupturas, a fotografia do parente por aliança sequer é mantida e os indivíduos não tardam por eliminá-la de seus acervos, assim como “eliminaram” o parente de seu convívio. Luzia, faz o seguinte comentário ao visitar as fotografias do casamento do filho:

Eu estou passando isso aqui com você [as fotos digitais arquivadas na memória do computador], mas eu estou bem! Estou tranqüila! Achei que ia ficar mais emocionada! [...] Aquela [fotografia] que eu te falei que estamos eu e ela no rostinho assim [juntas], eu “deletei” mas na realidade eu “deletei” do Orkut. Eu fiquei surpresa em ver aqui. Eu achei que tivesse “deletado” de vez. (funcionária pública federal, 57 anos)

B. Copque⁷⁶, em sua pesquisa sobre menores de rua e fotografia, demonstra que a família é a última a ser retratada no conjunto de imagens produzidas pelos meninos, já que estão “mais próximos das organizações que parecem preencher as atribuições desta”. De todo modo, apontando o distanciamento daqueles atores sociais com a parentela e que decorrem de situações de conflito familiar. E, quando a família aparece, é aquela com quem se tem maior proximidade. Neste sentido, a imagem fotográfica segundo a antropóloga,

[...] permiti-nos descobrir informações que visualmente não se encontram na fotografia, mas que por elas são veiculadas. E, devido às suas particularidades – produzir sentidos, provocar no outro uma atitude interpretativa e, assim, promover diálogos -, a fotografia apresenta-se [...] como um valioso meio de incitar o discurso e analisar representações, sobretudo nos espaços onde a antropologia pode encontrar limites, como no caso [...] em que a rua se impôs como um obstáculo ao diálogo e o silêncio encontra-se em temas como a família. (2003, p. 277)

De todo modo, observar essas “ausências” ou a “pequena presença” das noras e sogras nas fotografias de família é constatar uma “presença silenciosa” no plano das subjetividades. E somente através dos relatos é possível resgatar os efeitos da real presença de umas e de outras em suas relações parentais.

⁷⁶ Para compreender como esses atores sociais interpretam e problematizam suas práticas e valores, a antropóloga promoveu oficinas de fotografia para 15 meninos de rua do bairro da Lapa, Rio de Janeiro. Compreendendo a fotografia como uma forma de expressão e um ato intencional, a pesquisa consistia em fornecer-lhes câmeras instantâneas e rolos de filmes para que retratassem seu cotidiano e discorressem sobre suas imagens e escolhas após serem reveladas. Sobre a pesquisa ver COPQUE, 2003.

As fotografias da festa de aniversário do filho de Fabíola mostram que sua sogra não foi fotografada⁷⁷. Do mesmo modo, as outras sogras e noras entrevistadas possuem poucas fotografias, e praticamente nenhuma da sua parentela por aliança. Esses “silêncios fotográficos” nem sempre são propositais, pois as entrevistadas não demonstraram ter refletido a este respeito da mesma forma como discorreram sobre os motivos dos conflitos e tensões com as parentes afins. Elas indicam, entretanto, que na família contemporânea a fotografia é a representação do ideal de escolha sobre quem irá efetivamente figurar nos álbuns, realizando o desejo de estar mais perto de uns do que de outros.

O contrário expressa o desejo de congelar e manter a continuidade das relações estabelecidas ao longo da existência. Não por acaso, as pessoas mais importantes na rede de relações são as mais fotografadas e lembradas com afeto. Entre as fotos fixadas no papel e as fotografias digitais selecionadas por Luzia, destacam-se aquelas das amigas da época em que cursava o ginásio e que permanecem até hoje. As histórias sobre a vida das amigas, os casamentos desfeitos e refeitos foram citadas com uma euforia não notada nos comentários das fotografias em que aparecia com a nora, salvo os jocosos.

Nas fotografias entrevistadas apareceram os amigos mais íntimos, os parentes consanguíneos, o cotidiano e os eventos em torno das crianças, sempre uma rede de sociabilidade mais restrita. Interessante notar que quatro em cem fotos foi a média encontrada nos retratos onde noras e sogras figuravam nos respectivos álbuns. Talvez seja um indício do distanciamento afetivo ou de um esvaziamento das relações entre elas. Sendo assim, a fotografia de família reforça a integração do grupo doméstico, deixando de fora os membros cuja relação é tensa, aqueles que se afastaram ou, ainda, os que não são vistos como parte daquele universo familiar.

Se os álbuns de família contêm fotografias que fixam situações particulares, aparentemente felizes, é no momento da escolha dos retratos que nele irão figurar que se evita o indesejado. Isto se manifesta em indivíduos de diferentes classes sociais, independentemente do acesso aos recursos

⁷⁷ A festa de aniversário foi um evento para cem pessoas, com a contratação de Buffet, animadores e decoração. Fabíola não contratou fotógrafo e os registros da festa foram feitos por ela e amigos da família.

fotográficos. Luzia (funcionária pública federal, 57 anos), que tem um relacionamento conflituoso com a nora, não hesitou em “deletar” grande parte das fotos onde a mulher do filho figurava. Esta ação também foi reproduzida na sua página em um site de relacionamento, “deletando” a nora de sua rede de amizade virtual. Isto nos leva a refletir sobre os comportamentos familiares na sociedade contemporânea. Se o registro fotográfico, fixado em papel perpetua a presença dos indivíduos “indesejados”⁷⁸ pois, mesmo que recortado é suporte de uma memória, a fotografia digital permite apagar imediatamente a imagem indesejada. Assim, as relações tensas e conflituosas podem ser facilmente postas em suspenso no momento de revisitar os novos álbuns de família.

Sobre a frequência com que a parentela por aliança aparece nas fotografias, o caso de Fabíola (estudante de turismo, 31 anos) é bastante significativo. Durante o namoro, ela e a sogra tinham um relacionamento estável, aparentemente amistoso. Revendo as fotografias dessa época ela diz que a namorada do seu futuro cunhado sentia ciúmes da intimidade que ela tinha com a futura sogra delas:

Essa aqui é a de quatorze anos [namorada]. Vivia reclamando que a Marli dava mais atenção para mim que era recém-chegada na família do que para ela, que estava há quatorze anos namorando meu cunhado. Minha mãe conheceu a Marli primeiro do que os pais dela. O pai do Márcio [o marido] chamou meus pais para conhecerem a casa dele e nunca chamou os pais dela.



Fabíola e a sogra
no início do namoro
com o atual marido.



Fabíola entre a sogra
e o marido

⁷⁸ Um recurso muito comum encontrado nos álbuns de família são os retratos recortados para eliminar a pessoa que deixou de fazer parte daquela rede mais íntima, por motivo de divórcio ou brigas de família, mas preservando os demais componentes da fotografia.

Fabíola tem muitas fotografias ao lado da sogra no período do namoro e primeiros meses de casamento. As fotografias da família do marido, antes de sua chegada, foram presenteadas pela própria sogra logo no início do namoro. Assim, Fabíola possui álbuns do marido ainda bebê, dele com o irmão ainda criança. A sogra, porém, deixou de ser fotografada desde o surgimento das tensões entre elas e deixou de figurar nos álbuns e fotografias digitais armazenadas na página virtual onde Fabíola faz parte em site de relacionamento. Neste, ela armazena seus álbuns fotográficos, entre outras coisas. Fabíola declara que a sogra também não tem o hábito de fotografar o neto e é ela mesma quem presenteia a avó com as imagens da criança. No universo de fotografias apresentado por ela há somente uma da sogra com o neto ainda bebê, hoje com quatro anos, e outra em que aparece na festa surpresa de aniversário do filho, marido de Fabíola.



A sogra de Fabíola com o neto. 2004



A sogra e o marido de Fabíola em primeiro plano. 2003

São cerca de setecentas fotografias no site de relacionamento organizadas em temáticas variadas - sua rotina, as festas e a vida do seu filho

– e elas obedecem a mesma lógica classificatória como dos álbuns de família convencionais, baseada no afeto e na importância dirigida aos indivíduos retratados. Elas são agrupadas de acordo com uma lógica orientada aos grupos de referência, segundo os “momentos retratáveis” na vida de um grupo social (MOREIRA LEITE apud KIM, 2003). Segundo observa J.H.Kim, a partir das considerações de P. Berger sobre fotografia e memória,

Tirar fotografias, guardá-las e expô-las é, certamente, uma forma de memória intencionalmente manipulada, sempre sujeita às “idéias atuais sobre o que é ou não importante” [...]. Mas esse processo de apropriação dos retratos também faz parte de um projeto de memória, de uma “modo de ver” a si próprio em uma rede de pseudo-presenças que expressam a imagem biográfica que se deseja deixar como legado. (2003, p. 230).

Os álbuns virtuais de Fabíola possuem fotografias das situações em que ela está inserida e demonstram seu “estilo de vida”. Remontam, como num quebra-cabeça, sua vida, pois estão organizados segundo eventos, momentos com a família e com os amigos. Um dos álbuns dedicados ao filho e ao marido destaca-se pelo título “Amores”, evidenciado o afeto pela família conjugal.

S. Maresca observou que as primeiras fotografias não eram nomeadas e identificadas, as pessoas retratadas eram, assim, anônimas⁷⁹ (1996). Nos atuais álbuns virtuais os títulos têm um lugar de destaque, sendo a identidade do grupo reforçada em todos os aspectos. A informação imagética está sempre acompanhada de suas referências, dando-lhe identidade e reforçando os pertencimentos sociais, mais do que isto, situando-a no espaço e no tempo. O uso doméstico da fotografia, produzido por ela própria, garantiu a autoria que necessitava para formular suas legendas. Se entre as caixas de sapato onde as fotografias em suporte de papel estão guardadas, a referência depende de mecanismos “discricionários da memória”, no mundo virtual ela é cuidadosamente formulada e apresentada aos seus leitores, garantindo e reforçando a informação que se quer transmitir, ao contrário do que formula E. Bucci ao afirmar que a tecnologia digital ocasionou o esvaziamento da função

⁷⁹ O autor questiona o anonimato nos primeiros retratos fotográficos. Uma vez que se constituíam como “imagens de identidade” não continham nenhuma informação além da própria imagem. Curioso, uma vez que os primeiros usos foram praticados nas camadas superiores da sociedade e num determinado período histórico no qual o “nome” representava a consagração social. O foco estava no desenvolvimento técnico da fotografia, logo, na expertise do fotógrafo. Assim, mais importava a assinatura do fotógrafo do que o nome do retratado. (1996)

documental da fotografia em função da “banalização” da imagem digital. Para ele,

As fotografias voam por aí não mais como registros factuais, mas como migalhas de lembranças em bolha (agora, lembranças sem raízes), figuras sem paternidade que só se articulam em narrativas por força de um olhar afetivo. (2008, p. 80)

Justamente pelo seu teor de afetividade e por sua função de resguardar a memória, as fotografias de família analisadas nos álbuns digitais construídos nos sites de relacionamentos primam pela referência, ainda que seu valor informativo esteja também “(...) no olhar que a tem como objeto e que a tomará como um elo para uma narrativa sentimental” (BUCCI, p. 80). Fotografias de família diferem-se, por sua natureza, das outras imagens veiculadas no universo digital. São mais preservadas de manipulações e portanto, enquanto registro, tem credibilidade.

A fotografia abaixo abre um dos álbuns virtuais no site de relacionamento da mãe de Fabíola. O detalhe importante é o título do álbum: “Eu e Maria aqui na Austrália aguardando a chegada do Pedrinho”.



Mãe e irmã de Fabíola. Austrália. 2004

Os álbuns digitais de Fabíola também compõem um conjunto de imagens significativas e através deles é possível observar, como observa I. Jonas, “um sistema de vida numa época determinada [...]”. Através dos álbuns e fotografias é possível fazer uma leitura “de um tipo de representação do mundo de seus autores”. As fotografias revelam “a articulação entre as

inclinações subjetivo-criadoras do indivíduo e a reprodução de modelos sociais, tanto no seu conteúdo como na sua forma fotográfica”. (1996, p. 105)

Não há, selecionadas nos álbuns, fotografias da sogra, nem mesmo aquelas das festas de seu filho das quais a avó participou. No entanto, seus parentes consanguíneos aparecem muitas vezes no seu acervo digital e em momentos diversos. Fabíola ainda declara possuir mais de quinze CDs com fotografias digitais onde a sogra não aparece. Vale ressaltar que ela compartilha com sua mãe fotos do filho através do site de relacionamento, pois a avó também possui ali uma página, o que torna a relação entre elas bastante próxima apesar da distância geográfica, uma vez que avó reside na Austrália. A conversa em torno dos álbuns digitais de Fabíola fez levantar a questão da ausência da avó paterna na vida do neto e uma comparação entre as avós foi mencionada a partir de uma situação rememorada:

Eu levava o Pedro num parque ali em Botafogo [...]. Ela [a sogra] mora ali perto [do parque]. A minha mãe é mais presente morando na Austrália. [...] minha mãe liga quinhentas vezes por dia [...] de preocupação, de querer falar com ele. Ela colocou internet aqui pra ver o neto na webcam, todo dia e conversam, falam no telefone... A outra mora aqui do lado e não faz isso.



Avó materna com o filho de Fabíola. Austrália. 2009



Festa de aniversário do neto. Avó materna esteve presente. RJ.



Mãe de Fabíola dando banho banhos no neto. Austrália. 2009



Família de Fabíola com o filho recém nascido. RJ. 2004.

Quanto às famílias de baixa renda, mesmo não dispondo de muitas fotografias, o seu acervo revela igualmente essa distância afetiva da parentela por aliança. Algumas noras não têm nenhuma fotografia da sogra e vice-versa.

Assim acontece com Lenita (manicure, 19 anos). Moradora de uma comunidade na zona norte do Rio de Janeiro, ela não tem álbum de fotografias e as poucas fotos dos filhos foram tiradas por profissionais autônomos que oferecem seus serviços em cerimônias nas igrejas. Lenita declarou ter fotografias do batizado das crianças. Os retratos dos filhos no dia-a-dia são feitos pela câmera de seu celular, e como ela não tem computador, tampouco

faz *download* das fotografias. Contenta-se em fotografar com a câmera do celular e nele armazenar as fotos por certo tempo. Após algum período, ela as apaga da memória de seu celular, abrindo espaço para novas fotografias, impossibilitando-a de manter e, assim, de construir a biografia das crianças através das imagens no “(...) tempo individual, sequencial e linear, que dá os parâmetros para o deciframento na construção de uma história existencial” (BARROS; STRONZENBERG, 1992, p. 61). É importante ressaltar que em suas fotos não figuram sua parentela por aliança e o espaço da memória é o espaço reservado aos filhos, ao namorado, às amigas íntimas e auto-retratos, ainda que seja uma memória perene ou fluida.

Leandra (empregada doméstica, 33 anos) teve pouco tempo para construir um relacionamento com a sogra, mãe de seu marido atual, pois esta faleceu logo após o seu casamento. Possui poucas lembranças e entre as suas fotografias só existem duas da parentela por aliança.



O marido atual, a sogra, o sogro e a cunhada de Leandra. RJ. 2004



A sogra e o sogro de Leandra.
RJ. 2004.

Já sua relação com a primeira sogra foi bastante traumática, pois ela tinha muita influência nas ações do filho e, portanto, na vida conjugal de Leandra. Segundo relata, sua parentela de origem não tardou em dar o apelido de “Perpétua”⁸⁰ para sua sogra, modo pelo qual ainda se refere jocosamente à ela. Os laços com a ex-sogra não foram rompidos uma vez que sua filha mais velha nasceu desta primeira união. Face às tensões e conflitos, Leandra rasgou as fotografias, principalmente as da ex-sogra, e jogou fora o álbum do primeiro casamento. Restou somente uma fotografia de sua filha quando bebê, tirada pelo ex-marido numa câmera instantânea.

⁸⁰ Personagem de Joana Fomm na telenovela “Tieta”, exibida na Rede Globo em 1989. A personagem era mal humorada, sombria e mesquinha. Fanática, ela costumava tecer comentários maldosos e julgamentos sobre os outros personagens.

4.5 A fotografia como um ritual

As fotografias do pequeno acervo fotográfico de Leandra, são, em geral, registros de momentos mais descontraídos da família. Segundo declarou, suas fotografias lhe foram presenteadas pelo irmão e uma amiga que registram os eventos de sua família, principalmente, as festas de aniversário das crianças, Natal, Ano Novo e churrascos que organizam eventualmente. Interessante notar que, mesmo nesses momentos descontraídos as pessoas posam para a câmera, raras são as fotografias da família em situações mais espontâneas. O ato de fotografar, na família de Leandra, parece ser um momento solene, independentemente da formalidade ou informalidade dos eventos.

Este modo de se deixar fotografar é bastante semelhante ao modo como a sociedade hindu, retratada por David e Judith MacDougall no filme *Photos Wallahs*⁸¹, se posiciona diante da câmera. O filme foi realizado na cidade de Missoorie que reúne elementos da modernidade e da tradição indiana. A fotografia, como o cinema, são muito populares na Índia, as pessoas se fazem fotografar nas ruas e nos estúdios por fotógrafos profissionais. O ato de fotografar na Índia pode ser percebido como um momento de romper a rigidez do sistema de castas, uma vez que os retratados se vestem com roupas próprias das castas mais elevadas, ou de ofícios que não podem exercer, ou ainda de artistas e músicos. A sensação de ascender socialmente é rápida e efêmera como um flash. As fotografias em poses, os figurinos e os cenários são também um recurso para firmar os acordos dos casamentos arranjados. Neste sentido, a fotografia, na sociedade indiana está no plano da “mídia da imaginação ou da evidência” (BIANCO, 1998, p. 157). Muito embora os usos e significados das fotografias não sejam os mesmos da Índia, na família de Leandra ser retratado é um ato especial, um momento valorizado a ser registrado em pose.

⁸¹ 1991, 58 min.



O irmão, a cunhada, Leandra
e o filho caçula. RJ. 2007



Leandra com os três filhos. RJ
2005

Leandra, que não possui celular com câmera ou câmera digital, não registra o cotidiano de seus filhos da mesma forma que as outras noras e sogras. Assim, as fotografias de sua família são “imagens de eventos”, de momentos especiais, ricos de significação na medida em que privilegiam somente aqueles considerados importantes a preservar. Embora registrem “bons momentos”, como observa Irène Jonas (1989), eles diferem do que a autora classifica de “imagem afetiva”, que são aquelas mais íntimas. As “imagens afetivas” também são posadas, mas o apelo é o da descontração, evocando o momento partilhado e a emoção, desritualizando o evento em si.



Aniversário da segunda filha
RJ. 2005



O filho caçula de Leandra de Leandra. RJ.
2007

I. Jonas observa que as poses honoríficas foram substituídas pelo espontâneo, pois “surpreender o sorriso espontâneo, fotografar sem ser visto e

ser fotografado sem se dar conta, são as novas regras do jogo familiar” (1996, p. 107). Entre as entrevistadas de camadas médias, a pose, não muito raro, forja certa informalidade através de uma “pseudo-espontaneidade”, não se trata de pose solene, como observado nas fotografias de Leandra. Neste sentido, nas suas fotografias a pose é previsível, nunca “desperdiçando” o clique com a foto pega de surpresa. Percebemos que a intenção do fotógrafo e dos retratados é a mesma na construção da imagem: a do registro. Não há espaço para contrariar sequer a expectativa de quem fotografa os indivíduos em pose,

[...] a fonte do prazer lúdico da brincadeira (quase que institucionalizada na relação fotográfica) de fazer o gesto gaiato, a careta ridícula, que surpreende e frustra o fotógrafo no momento decisivo e irreversível em que este aciona o botão da sua máquina. (BARROS; STROZENBERG, 1992, p. 29)

As fotografias demonstram também o interesse em atestar os laços afetivos, mas com o cuidado de indicar a moral da família. Não tão fiel à foto-emblema das fotografias de família do passado, porém dando destaque maior aos papéis sociais através das poses e sorrisos obrigatórios, em detrimento da singularidade dos indivíduos. Pouco se fotografa e o que se registra, como disse acima, são os momentos solenes e eventos familiares. Nas fotografias das noras e sogras de camadas médias também encontramos os retratos dos eventos, mas ao lado deles juntam-se fotografias com uma diversidade temática em contextos variados o que não percebemos nas fotografias de Leandra. Talvez por uma questão econômica, a fotografia produzida pelas camadas médias é praticada de outra maneira, mais descontraída, registrando as brincadeiras e os momentos da intimidade familiar, mais do que se observa nas camadas de baixa renda. Preocupadas em expressar “a face pública da família”, ainda que não “teatralizadas” e “austeras” como as fotografias de época conforme aponta M. Lins de Barros e Strozenberg (1992, p. 76), raras são as imagens que, nas sutilezas, revelam alguma intimidade afetiva ou amorosa da família.

4.6 Poses, hierarquias e representações

As clássicas fotos de casamento onde a família se coloca ao lado dos recém-casados, seguem um padrão de poses bastante tradicional. Os pais do noivo costumam se posicionar ao lado do filho e os da noiva ao lado da filha e assim as fotos se reproduzem ao longo dos anos nestes eventos familiares.

A forma como as noras e sogras figuram nas fotos de família revelou, igualmente, a demarcação de papéis e da posição social na família, posto que as poses, as atitudes corporais e as composições cênicas podem indicar o tipo de inserção do indivíduo na parentela. Tudo indica que, as posições sociais registradas nas fotografias de hoje são menos marcadas que nas de ontem. Ainda assim, percebemos que nos registros de eventos familiares, os indivíduos posam e se posicionam, em situação que, muitas vezes, revela as hierarquias familiares. Por exemplo, as fotografias de família com mais de duas ou três gerações nas quais a primeira geração se posiciona no centro, muitas vezes sentada, os filhos e seus cônjuges do lado direito e esquerdo, os netos mais velhos atrás, os pequenos e bisnetos sentados no chão.

M. Moreira Leite (2000) chama atenção, no entanto, para o fato de que os retratos podem não descrever uma situação real, pois são representações da família, retratada em poses e com sorrisos dissimulados, camuflando conflitos latentes. Embora não possa indicar o nível de interação entre afins e consaguíneos, as declarações de uma nora entrevistada sobre a fotografia de casamento ao lado da sogra viúva, já evidenciava os problemas que enfrentaria com a mãe do marido, mas ela só percebeu anos depois do divórcio, ao revisar seus álbuns. Na hora do registro fotográfico, a sogra se colocou entre ela (a noiva) e o filho (o noivo), abraçada nele. Este é talvez um registro raro nas cenas fotográficas dos casamentos, que revela a intenção da sogra em marcar sua posição na vida conjugal de seu filho. Invasiva, ou possessiva, seu comportamento contribuiu para a dissolução do casamento anos depois⁸².

Nas fotografias do casamento de Elaine (dona de casa, 38 anos) há uma cena na qual ela é beijada pela sogra, revelando uma expressão de afeto entre parentes por aliança. A imagem perde tal representação a partir do relato de

⁸² Infelizmente a entrevistada não autorizou a publicação das fotografias, temendo ser reconhecida por algum leitor dessa tese, já que pertence a uma família de camada alta, cujo sobrenome é conhecido na sociedade carioca.

Elaine, revelando que ambas começaram a se aproximar muito recentemente, ou seja, quinze anos após esse registro fotográfico. A propósito de outro evento familiar, Elaine também faz um relato sobre a relação da sogra com a neta, sua filha. É uma fotografia do aniversário de um ano da criança e a avó está com a neta no colo. Avó e neta estão no primeiro plano, no centro da festa, e a fotografia transmite a sensação de uma intimidade entre elas. Novamente Elaine revela que a avó nunca foi afetuosa e próxima da neta, pois privilegia a relação com o filho em detrimento da neta.



Elaine e a sogra no dia do casamento RJ. 1991



A sogra com a neta. Natal RJ. 2003

Já na sua família consangüínea, a criança tem um lugar de destaque na vida de todos, é “muito paparicada, ela é a princesinha da família”. Elaine se ressentiu dessa relação distanciada entre a filha e a sogra. Diz ela:

Veio a Beatriz e eu achei que fosse o diferencial [na relação entre ela e a sogra], aquele entrosamento... e a Beatriz não conseguiu. Uma vez fomos almoçar [perto da casa da sogra] e eu falei: “Você vai passar na sua mãe e no seu pai?”. Porque eu sempre me preocupei com esse relacionamento, porque eles estão aí, daqui a pouco não estão mais e eu acho que tem que vivenciar isso. Porque eu sempre tive muito isso na minha família, estar sempre reunida, muito ligados um ao outro. E a Beatriz falou assim: “eu não, não vou lá não! Eles nunca conversam comigo [...] é como se eu não existisse”. E eu respeitei! [...] Às vezes eu ficava chateada, a menina pequena... Meu avô, muito mais velho, sentava no chão e brincava na casinha de boneca. E a Beatriz tinha isso de um lado e eu ficava com medo dela comparar porque não tinha do outro [lado]. Incomoda porque eu tive isso com meu avô! E ela não tem isso com o avô dela nem com minha sogra também.

Assim raras são as fotografias da sua sogra, que se restringem aos eventos como o casamento, algumas festas de aniversário de sua filha, somente em eventos familiares e em nenhuma situação mais íntima da família, como por exemplo o nascimento da neta, seus primeiros anos de vida, as brincadeiras, etc. Inversamente, Beatriz (9 anos) aparece frequentemente nas fotografias da família de Elaine, revelando laços mais estreitos com a família materna. Em nenhuma fotografia do cotidiano de Beatriz aparecem os avós paternos. O que ela quer preservar para a filha é sua relação com os avós e assim, garantir-lhe a memória e a identidade familiar, mas sente-se impedida em função do distanciamento afetivo, representado também nos silêncios fotográficos. Assim o uso social da fotografia perde sua função nas ausências de imagens da família por aliança, posto que impossibilita os

[...] comentários, as histórias, as lembranças evocadas [...] [pelas] imagens [...] [apresentando] aos mais jovens uma história que não viveram mas da qual fazem parte, convidando-os assim a incorporarem à sua história essa memória familiar. (PEIXOTO, 2008)

Não por acaso Beatriz se recusa a visitar os avós paternos quando mãe e filha estão próximas à casa deles e chegou a deixar escapar que os avós não lhe dão atenção.

Na mesma medida em que a identidade conjugal é valorizada, as fotos da intimidade da vida familiar revelam uma lógica afetiva na qual se incluem os entes mais próximos e se excluem as relações esvaziadas, num processo de

hierarquização das relações familiares, tendo, no caso de Elaine, a parentela consangüínea um lugar mais privilegiado.



Bisavô materno. RJ. 2001



Família materna. MG. 2001.



Bisavó materna. RJ. 2001



Elaine, no primeiro mês de gravidez e o marido em momento de descontração junto a sua família de origem. RJ. 2000

Dona Laura, ao contrário de Elaine, não possui muitos retratos. Sua condição de classe e de geração restringe suas possibilidades de produção imagética, qualquer que seja o suporte, câmeras fotográficas, celulares com câmeras, dado as dificuldades com o uso das novas tecnologias⁸³. Assim, suas

⁸³ C. Peixoto estudou tecnologia e envelhecimento e analisou a resistência de certas pessoas de idade às inovações, e aponta para o fato de que as representações sociais em torno dos avanços tecnológicos estão associadas às novas gerações. 2005.

fotografias são antigas e nelas figuram seus filhos ainda crianças, alguns parentes e amigos já falecidos e fotos de sua juventude. As mais recentes lhe foram apresentadas pela neta adolescente, criada por ela. Das outras netas dona Laura só possui uma foto da primeira delas aos dois anos de idade, hoje ela tem quinze anos. Não há fotos de eventos recentes⁸⁴, de datas comemorativas, nem de cenas familiares cotidianas, pois raros são seus encontros com a família do filho. A análise das fotografias de dona Laura cuja relação com a nora é distante, também revela o baixo nível de interação entre ambas e por consequência entre a avó e as netas. Dona Laura não possui fotografias da nora.



Dona Laura mais
jovem. RJ. 1969

⁸⁴ No momento da entrevista ela esperava ser presenteada com alguma fotografia da festa de quinze anos da neta, ocorrida recentemente, da qual foi convidada.



Dona Laura e o filho ainda
bebê na porta de casa. RJ. 1978



Primeira Comunhão do filho. RJ. 1986



O filho e a neta. RJ. 1999

As conversas em torno das fotos, ou da ausência delas, demonstraram o grau de participação da sogra na vida das netas. Assim, a fotografia não somente resgata a memória da família mas também constrói “a memória das potencialidades que poderiam ter acontecido” (KIM, 2003, p. 228). Embora seja

um fragmento congelado, a princípio imutável, do passado [...] sempre estará subordinado às apropriações e ressignificações que refletem a interpretação que as pessoas têm ou desejam ter de suas próprias vidas em um dado momento. [...] são vestígios e traços de realidades passadas, interpretadas e articuladas na construção de imaginários visuais que visam a “espelhar” realidades que não existem mais ou existiram apenas como possibilidades. (KIM , p. 230)

Neste sentido, as entrevistadas se ressentem sobre os rumos que tomaram seus relacionamentos com suas sogras ou noras. Resignadas, lançam mão de argumentos pragmáticos para justificarem o não estreitamento dos laços e o pouco afeto na relação parental. Elaine fala sobre seu relacionamento amigável com a sogra, porém sem intimidade, dizendo que “não tem a participação, eu não me dou mal, mas não tem a participação que eu gostaria que tivesse, e que eu tenho da minha família”.

E dona Laura faz o seguinte comentário: “Eu sentia muita tristeza. Queria muito que eu fosse uma mãe pra ela... eu pensava que era ciúme

porque ela não tinha mãe, não tinha ninguém aqui. A família dela era só a gente.”

Curiosamente os laços entre avós e netos é bastante evocado. Mesmo em se tratando de relacionamentos desgastados, como os de Elaine e dona Laura, o exercício do estatuto de avó é valorizado. Noras e sogras são capazes de relevar as rugas, sublimar indiferenças em favor da relação entre netos e avós, pois, como demonstra C. Lemarchant, é importante

[...] manter os laços entre avós/netos, sobretudo tomando como referência uma imagem unificada de família e evocando a necessidade da construção da árvore genealógica dos filhos, reconstruir as linhagens. Há uma lógica de encadeamento das gerações onde o parentesco representa a continuidade. (1999, p. 82)

Neste sentido, conhecer o porquê e para quê os indivíduos foram retratados contribui para a compreensão do significado e conteúdo da fotografia para além dos registros cotidianos do funcionamento da vida privada. Longe de serem ingênuas elas são uma construção e os instantes são selecionadas e só se mostra o que se quer, situadas num contexto privado. Assim, os retratos onde figuram as avós/sogra e os netos apontam para o registro do momento como um objeto cujo uso social tem um sentido muito bem delineado: legar aos mais jovens a memória familiar integrada á história individual. Não é à toa que as sogras pouco aparecem no contexto mais íntimo da família conjugal, em geral só nas clássicas fotografias clicadas durante a festa de aniversário das crianças. É interessante destacar que as noras entrevistadas reclamaram, com certa indignação, a pouca atenção que as sogras dispensam aos netos, não participando dos momentos que consideram importantes da vida dos filhos, como o nascimento e festas da escola, etc. Fabíola, faz por exemplo, questão de presentear a sua sogra com fotos do filho com o marido:

Eu sou assim, eu tiro uma foto “maneira” do Pedro [4 anos] com o Marcio [marido], eu revelo, tenho impressora, e dou para ela... ela não tem muito... eu gostaria como avó [de ganhar fotos do neto]. Assim como eu dou para minha mãe e dou para ela, mesmo eu não gostando dela.

Fabíola, folheando o álbum do filho se ressentiu pelo o fato de que os avós paternos pouco participaram das fases de crescimento do neto: “ Eles não

viram nada disso, Pedro andando, Pedro comendo... Ela não foi no batizado, aniversário de um ano também não foi...”

As ausências nas fotografias são percebidas com pesar também pelas avós, quase uma constatação de que o silêncio fotográfico representa o vácuo impresso nas relações familiares. Dona Laura, ao falar sobre o pouco contato que tem com as netas e remexendo nos álbuns lamenta: “eu nem tenho nenhum retratinho da Raquel [a neta mais nova]... pouca foto”.

4.7 A fotografia na família individualizada

Por fim, as fotografias se revelaram um importante indicador da qualidade da relação entre parentes por aliança. As análises dos álbuns e das fotografias soltas revelaram que a distância afetiva entre noras e sogras se apresenta também na produção das imagens da família. Como observa I. Jonas, se mudaram os modelos de relacionamento na família, mudaram também as representações dos laços familiares na fotografia. Embora cerimônias como batismos, casamentos e festas ainda sejam solenemente registradas, outros sinais de integração da família contemporânea são capturados pela câmera fotográfica. A observação dos álbuns atuais revela que novas tendências se desenham. Novas imagens substituem ou se juntam às antigas, o tipo de fotografia se modifica, dando lugar a tomadas mais espontâneas e mais íntimas (1989, p. 6). Assim, se na família contemporânea é valorizada a escolha de estar mais perto de uns do que de outros, as imagens revelaram que o parentesco por aliança é algo a se construir, e não por acaso observamos mais ausências do que presenças dos afins nas fotografias das noras e sogras entrevistadas.

Ao que parece, o que importa é deixar escapar a alegria que se quer transmitir, pois, assim como

[...] as relações no seio do casal parecem se apoiar muito mais na escolha afetiva das pessoas do que na obrigação jurídica, moral ou religiosa, esta foto tradicional tende não somente a desaparecer em prol de um outro tipo de imagem [...] ela se torna inapta a dar conta do “vivido” (JONAS, 1996, p. 109)

Embora, hoje, pouco se pratique a fotografia familiar aos moldes tradicionais, o que se pretende com elas é ainda compor um patrimônio imagético e simbólico da família a ser revisitado e transmitido às gerações descendentes. Ao lado das poses solenes dos eventos, os acervos familiares parecem se constituir mais pelas “fotos afetivas” que revelam os momentos descontraídos e íntimos da família. Pouco espaço é dado à parentela por aliança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O parentesco por aliança tem características próprias que geram comportamentos e expectativas bastante diferentes do parentesco consangüíneo. A relação nora/sogra, entretanto, tem elementos específicos que a torna diferente dos demais tipos de parentesco desta categoria. Chama atenção o fato de que partes constitutivas desta relação estão presentes em quase todos os contextos culturais e sociais analisados nesta pesquisa. Assim, destacam-se pequenas disputas e/ou o desejo de se criar limites (sobretudo nas sociedades mais individualizadas) como inerentes à relação nora/sogra, considerando seus variados graus de interação. Os conflitos e tensões originam-se nos assuntos em torno dos maridos/filhos, dos filhos/netos, da organização da vida doméstica e das trocas materiais e afetivas - quando este é construído entre elas – conforme assinalado nos capítulos anteriores.

No que tange ao afeto, é importante ressaltar que uma das características observadas nas entrevistas é a obrigatoriedade da relação entre nora e sogra, com pouco espaço para a consolidação de laços afetivos, tendo o tempo um papel importante na definição deste quadro. C. Lemarchant demonstrou que o primeiro encontro entre noras e sogras inaugura um processo de trocas incontornáveis entre afins, tido como preliminar na preservação das relações filiais do cônjuge e, no entanto, ele não é muito adiado. Um terço de suas entrevistadas conheceram os sogros com menos de quatro meses de relacionamento. Segundo a autora, no seu universo pesquisado:

A precocidade dos encontros tem dois argumentos: fatalista – é menos uma questão de resignação constrangida que uma aceitação implícita de um funcionamento interiorizado, colocando na frente a gestação na rede familiar; um argumento pragmático onde o encontro tem como objetivo evitar mal entendidos que teriam impacto numa vida comum não assinalada (LEMARCHANT, 1999, p. 100)

As noras entrevistadas nesta pesquisa também demonstraram seguir esta mesma lógica: o encontro com a família por aliança é mesmo um momento inevitável, qual seja o argumento em evidência. A precocidade do

primeiro encontro, no entanto, é determinada por fatores diferentes segundo o pertencimento social das informantes. Assim, foi notado entre as entrevistadas de baixa renda, que a introdução da nora na família do cônjuge era promovida logo após a confirmação de sua gravidez, geralmente no início do relacionamento com o futuro cônjuge, não ultrapassando mais que dois meses. Já entre as mulheres de camadas médias, a iniciação na família por aliança, muito raro ultrapassava três ou quatro meses, mas a origem do encontro é a idéia de uma nova etapa na consolidação de um relacionamento entre o casal com promessas de um provável futuro em comum, ao menos de uma relação duradoura. A família, neste caso, é fiadora desta proposta. Observou-se que tanto no primeiro caso como no segundo, a apresentação na família por aliança representa a formalização do relacionamento. O uso dos termos de referência “minha sogra” e “minha nora” ocorre logo quando noras e sogras começam a interagir sobre os assuntos familiares, o que não quer dizer que esse estatuto parental, imediato, signifique que exista intimidade na relação. Ao contrário, o afeto se constrói com o tempo. O casamento e/ou o nascimento das crianças dão um ritmo diferente nas relações, posto que as trocas se intensificam. Estes são momentos chave e que definirão os rumos da relação entre noras e sogras.

É importante destacar a valorização e a reivindicação da autonomia entre gerações e a importância da identidade conjugal. A relação conjugal nas sociedades ocidentais contemporâneas tem um peso maior do que as outras relações parentais. As entrevistas indicaram que para alguns casais, sobretudo os mais jovens, é difícil equilibrar as relações filiais e conjugais, pois são relações íntimas que podem competir.

Como observa C. Lemarchant, a construção da “boa distância” aparece como uma estratégia para equilibrar a relação com os afins: “nem muito perto, nem muito longe”. Diria que entre algumas entrevistadas, acrescenta-se à frase: “nem muito perto, nem muito longe, mas sempre presente”. Não necessariamente na presença física, cotidiana, mas a certeza do apoio e da solidariedade familiar. Assim, a construção da boa distância se apresenta nestes termos e é condicionada à emergência das ajudas doadas e recebidas. Pode variar em função dos capitais sociais e culturais, das heranças geracionais e do projeto pessoal conjugal e familiar. Lembro a frase de Celina,

a sogra de Clara, que reforça esta idéia ao declarar que a melhor distância é aquela na qual uma não enxerga a casa da outra. Lembro também a atitude de Doninha em se mudar Vigário Geral, para ficar longe dos problemas do filho com a nora, porém, sempre receptiva e pronta a ajudá-los. Dona Nely afirma manter uma relação cerimoniosa com as noras para evitar conflito. Elisa e Rita pouco visitam os filhos casados. Para citar a noras, lembro os casos de Glória e Andreza, que alcançaram certo equilíbrio na relação com as sogras.

A construção da boa distância envolve também reajustes identitários, posto que a identidade não seja uma unidade fixa, ao contrário, ela é móvel e evolutiva e se constrói a partir das interações (LEMARCHANT, 1999, p. 26). Assim, as etapas nos ciclos da vida conjugal vão redefinindo os papéis na família e tornando as relações entre parentes por alianças mais simétricas. O nascimento das crianças e o novo papel de mãe assumido pela nora podem promover certa inversão de poder dentro da família, nos casos em que as sogras fazem valer sua força como matriarcas. Algumas sogras, transformadas em avós, também evocam o laço de sangue com o neto para opinar na educação e cuidados da criança, usando sua experiência geracional como argumento. É na definição das fronteiras que as relações entre noras e sogras tomam contorno. Os limites podem ser mais flexíveis ou mais duros, porém suficientes para determinar até onde uma ou outra pode ir. Estes acordos tácitos são os da boa distância física ou simbólica. Quando não é possível sustentá-los, ocorrem as rupturas. Retomo os casos de Juliana Pontes e Leandra. Nos casos de dissolução conjugal, o parentesco por aliança se dilui e os laços perdem significado com o passar do tempo, mantendo-se somente o elo entre avós e netos. Lembro os casos de Renata e Celinha. O parentesco por aliança, assim, é um laço tênue e que pode ser desconstruído, ao contrário do parentesco consanguíneo, embora para efeito da lei noras e sogras sejam parentes para sempre.

O caráter incondicional da relação entre noras e sogras é o parentesco que ambas devem evocar, gostando ou não uma da outra. Poderíamos argumentar que nas relações consanguíneas os indivíduos também são chamados a lembrar o elo parental, mesmo que as relações sejam tensas, contudo, o parentesco consanguíneo é percebido como natural. Assim como não se escolhe os pais e os irmãos, menos ainda a nora e a sogra. Contudo,

argumenta-se a favor do peso maior do laço de sangue em função do afeto que se criou ao longo dos anos, isto é, os indivíduos nascem e crescem na família e se identificam através de uma história familiar, de um passado em comum e de características físicas. Os sentimentos e o “dever de amar” impõem aos indivíduos a união a partir dos laços de sangue. Não por acaso F. de Singly chama atenção para o fato de que, na família contemporânea espera-se que os indivíduos sintam amor pelos filhos pelos pais e pelos cônjuges. (2007) Ao compartilharem a mesma morada, integrados no mesmo grupo doméstico e percebendo-se como membros de uma mesma parentela cria-se o vínculo pleno, fundado na solidariedade familiar. Já no parentesco por aliança os laços se fortalecem no tempo, pois o convívio e as interações possibilitam, ou não, as reciprocidades. Assim, se sustenta sentimentos de deveres e dívidas, tal como entre consaguíneos, porém, os aliados têm por base conteúdos sócio-afetivos que nem sempre se mantêm como demonstraram algumas entrevistadas. Tudo indica que o vínculo da aliança não tem a mesma intensidade do vínculo de sangue e está condicionado a muitos fatores no decorrer do tempo.

Na construção dos laços entre noras e sogras, muitas vezes é evocado o vínculo de sangue para, simbolicamente, dar a sensação de que a relação por aliança é equivalente à consaguínea. Não à toa Glória afirma que a sogra a via “como uma filha”. Mais uma vez demonstra-se que os elos consaguíneos são percebidos como os mais coesos e esta comparação é uma estratégia para minimizar a diferença, muito embora M. Lins de Barros (1987) tenha sinalizado que, antes, a estratégia da aproximação já indique a distinção.

São também estratégias para resguardar a fragilidade deste parentesco, os papéis representados na família, que trazem impressos o sentido de que é preciso cuidar/aturar e superar os problemas. Assim, Luzia foi capaz de promover um casamento dispendioso porque, como “mãe”, não podia negar isto ao filho, embora faça mil ressalvas à nora, que apenas “atura”. Fabíola costuma presentear a sogra com as fotos do filho, pois entende que a avó e neto não podem romper os laços. Por outro lado, são os mesmo papéis na família que provocam os conflitos posto que imprimem certa hierarquia. Relembro o caso de Andreza e Leandra cujas sogras faziam valer seu “poder” como “mães dos maridos” para reduzir o papel das noras na vida familiar. Juliana Pontes também experimentou a assimetria do papel de nora em

relação ao papel da sogra no seu casamento. Sinal de que, as relações familiares não estão livres das relações de poder e, como assinala A. Britto da Motta (1998), com destaque para as hierarquias de gênero e de geração. Diria que no caso das noras e sogras, prevalece a hierarquia de gerações.

Outras entrevistadas demonstraram que o parentesco por aliança pode ser também construído nos termos da amizade, deixando claro que os sentimentos não se aproximam do sentido maternal ou filial. Celina declarou que o que sente por Clara é uma profunda amizade; Fabíola sentia-se amiga da sogra, tanto que faziam programas juntas, como os que fazem os amigos: saíam para tomar chope, viajavam e passeavam. Juliana Pontes também se sentia amiga da sogra, no início do relacionamento. E Mônica declarou que, no começo, ela e a sogra eram amigas, tanto que a sogra pedia sua opinião sobre questões pessoais e recebia conselhos de Mônica.

Tudo indica que estas noras e sogras que sustentam a relação por aliança elegem os laços da amizade como estratégia, mas percebendo-os como uma obrigatoriedade desse vínculo parental. Ainda que assimétrico por excelência, em certos casos ele se apresenta mais igualitário. A relação de amizade, na sua organização destaca-se por seu aspecto voluntário e opcional, como demonstrou C. Rezende (2002). Nesta pesquisa, as noras e sogras que conseguiram sustentar o laço parental nestes termos promoveram relações mais íntimas e de afeto; para outras, como demonstraram Valéria e Elisa, os desgastes em função de tensões na família transformaram a relação entre elas mais obrigatórias, com base na doação, no dever de ajudar e corresponder a ajuda, como são algumas relações entre consaguíneos. Como observaram C. Rezende e M. C. Coelho,

A confiança e a doação ao outro são aspectos em geral, presentes, mas a afinidade e a intimidade muitas vezes não existem, o que é explicado pela falta de escolha sobre os parentes (2010, p. 71)

O nascimento das crianças reforça o elo entre nora e sogra, pois estão vinculadas geneticamente à ela, posto que o neto descende de ambas. O filho/neto é, então, o pivô da convergência de interesses e noras e sogras se unem em função do bem-estar da criança. Na mesma medida que provoca a aproximação, porém, a criança pode também ser a causa de muitas tensões e

disputas. De todo modo é este o momento onde observamos que o valor simbólico do parentesco de sangue pesa mais do que o parentesco por aliança. Noras e sogras são capazes de cooperarem a favor da criança, mesmo nos casos onde houve a dissolução do vínculo familiar – para citar um exemplo, retomo o caso de Celinha, que continuou atendendo as solicitações da nora, já separada de seu filho, para os cuidados do neto. A preemência do laço de sangue é também percebida na recorrência da ajuda solicitada à mãe, ao invés da sogra. A maioria das entrevistadas declarou preferir o apoio da avó materna nos cuidados dos filhos. O laço de sangue é determinante nas relações familiares, com raras exceções, independente do pertencimento social. Apóio aqui tanto nos depoimentos das entrevistadas de diferentes estratos sociais como nos dados apresentados por C. Fonseca (2000).

As informações que obtive deram algumas pistas de que os dilemas entre noras e sogras se reproduzem nas classes, sendo o parentesco por aliança uma relação complexa, difícil de construir. As percepções e as estratégias sobre os limites é que podem apresentar algumas diferenças. Embora as histórias e características pessoais demonstrem comportamentos diferenciados, é importante chamar atenção para a individualização como um valor percebido com mais força entre as camadas médias. Nas famílias de baixa renda organizadas em rede, a dependência material e as ajudas, mais do que uma estratégia de sobrevivência, fazem parte da noção família para esses grupos cuja idéia da obrigação moral é arraigada, conforme assinalaram C. Sarti (1996), C. Sadenberg (1998) e S. Guedes (2006, 1998). As entrevistas também apontaram para esta perspectiva. Ressalto a observação de Doninha sobre a nora, que costuma passar alguns períodos em sua casa afirmando que a família do marido terá de “aturá-la” e mesmo com todos os problemas permanecem juntos. Doninha, apesar do comportamento difícil da nora, afirma gostar dela porque ambas nunca discutiram, ela “sempre a respeitou”, nunca “levantou a voz” para ela e ainda a ajuda em casa. Eliane também observa que suas duas noras acatam suas decisões. E Valéria, embora resguarde mais sua privacidade evitando freqüentar as festas na casa da sogra e restringe-se à eventuais cafezinhos na porta da casa dela, também declara que “nunca bateu boca com a sogra”.

Diria que nessas famílias existe, igualmente, uma hierarquia a ser respeitada, onde a mãe do marido tem um papel relevante na organização da família. Neste sentido, os limites para as intervenções da sogra na vida familiar da nora são mais amplos, embora existam situações que ultrapassam essas fronteiras como vimos no caso de Leandra. Configuram certa fratura na ideia de um padrão de comportamento de classe. Já entre as famílias das camadas médias a dependência material tem outro peso nas relações das noras com as sogras. Cito os casos de Patrícia, Andreza e Neide. Por outro lado, destaco o caso de Juliana, cuja ingerência da sogra chegou a ocasionar sua separação. Embora pertença ao estrato mais alto das camadas médias, contraria a expectativa de que neste segmento os espaços autônomos são mais resguardados por todos os membros da família. O universo pesquisado, neste sentido, demonstrou que não se trata de modelos familiares, mas de tendências de comportamento segundo o pertencimento social das noras e sogras. A reivindicação de espaços mais autônomos é, também, mais flexível.

Ressalto, ainda, as diferentes visões de mundo das sogras de pertencimentos geracionais distintos. Assim, as mais velhas assinalaram que têm um relacionamento mais formal com suas noras; enquanto que as sogras mais jovens dizem que são menos cerimoniosas com suas noras. Diria que as sogras mais novas vivenciaram com mais intensidade os processos de transformação na família, e que contribuíram para tornar a relação intergeracionais mais fluidas. De todo modo, ambos os comportamentos não excluem divergências e tensões entre noras e sogras.

Neste sentido, embora as relações na família contemporânea estejam fundadas no discurso da obrigatoriedade do afeto, onde a escolha e o desejo de se aproximar daqueles que se tem maior afinidade é fator primordial, o mesmo é mais difícil de ocorrer na relação entre noras e sogras. Do mesmo modo que não se escolhe a mãe do marido, a sogra não escolhe também a mulher do filho. E, ainda, dado o laço entre mãe e filho, as relações entre elas são rompidas somente em casos de divergências extremas - lembro o caso de Dora, que decidiu não se relacionar com a nora depois de um desentendimento sério do casal, apesar de continuarem casados – ou quando a família consegue manter a autonomia, estabelecer e aceitar os limites criados.

O desafio é, então, o de conciliar a autonomia e os laços com a parentela, sem que concorram entre si. Entretanto há experiências mais individualizadas na vida cotidiana, que nem sempre são percebidas do mesmo modo por todos. Algumas noras reclamam que as tomadas de decisões na vida da família conjugal sofrem interferências da sogra, posto que se sente autorizada, em nome dos laços, a opinar, criticar ou influenciar. Quando as fronteiras são ultrapassadas, cria-se um obstáculo na realização plena de projetos pessoais mais autônomos das noras. Por outro lado, as sogras têm a expectativa de que a nora seja a continuidade de sua existência na família do filho, seguindo suas práticas e orientações. Difícil equacionar todas as expectativas na família contemporânea que, não muito raro, entram em choque no caso das noras e sogras.

Mais complexa ainda é a relação em que a sogra, cujo projeto pessoal mais importante é a vida do filho, se vê preterida por outra mulher. Não por acaso, as entrevistas indicaram que os conflitos entre elas são difíceis de solucionar, alguns causando a dissolução de casamentos. Para lembrar cito os casos de Juliana e Leandra cuja relação com as sogras originou problemas insuperáveis com os maridos.

Há indivíduos que conseguem estabelecer estratégias para superar os desgastes e minimizar os conflitos. Assim, Antônio declarou que, quando se mudou com a mulher da casa da mãe, optou por ficar no mesmo prédio a fim de socorrê-la em caso de emergência, mas chegava a ficar semanas sem visitá-la, embora falassem por telefone. Patrícia e o marido chegaram a se mudar para o município de Itaboraí, buscando a privacidade que precisavam, porém, retornaram mais tarde para a casa da sogra.

O parentesco por aliança é, portanto, difícil de construir em qualquer contexto sociocultural. As estratégias para minimizar os conflitos e tensões estão presentes tanto em sociedades mais rígidas como nas mais flexíveis, com o detalhe de que nas sociedades ocidentais o amor e a escolha são prerrogativas das uniões conjugais.

As imagens produzidas na família, como um patrimônio imagético e simbólico, revelam também a fragilidade do vínculo por aliança, através das ausências das aliadas nas fotografias e na preferência pelos consanguíneos cujos laços afetivos se evidenciam na proporção em que estes indivíduos

aparecem. Se as fotografias e os álbuns de família refletem esses silêncios imagéticos, por outro lado, observamos na sociedade uma rica produção que retrata o parentesco por aliança. São as brincadeiras, as piadas e as músicas. Denotam como esta relação contraria a lógica da escolha e, em grande medida, anunciam a preferência pelos laços de sangue. E, assim, canta Dicró:

A sogra da minha mulher, gente boa,
Adoro a sogra da minha patroa.
A sogra da minha mulher, gente boa,
Adoro a sogra da minha patroa.
Até comida na boca ela me dá.
E faz de tudo, para não me ver chorar.
Se alguém falar mal de mim,
Ela vem em minha defesa.
A sogra da minha mulher é uma beleza.
A sogra da minha mulher, gente boa,
Adoro a sogra da minha patroa (Santa mulher)
Adoro a sogra da minha patroa.

(Trecho da música “Gente Boa”)

REFERÊNCIAS

AASMAN, S. Le film de famille comme document historique. In: ODIN, R (Org) *Le film de famille: usage privé, usage public*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1995.

ABRANCHES, S. H. Política social e combate à pobreza: a teoria da prática. In: ABRANCHES, S.; SANTOS, W.G; Coimbra, M.A. *Política social e combate à pobreza*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ÁGUEDA, A. *O fotógrafo lambe-lambe: o guardião da memória e cronista visual de uma comunidade*. 2008. 266 f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ATTIAS-DONFUT, C. *Des générations solidaires: familles permanence et métamorphoses*. [S.l.] : Editions Sciences Humaines, 2002.

_____. (Org). *Les solidarités entre générations : vieillesse, familles, état*. Paris : Nathan, 1995.

_____. *Génération et repères culturels : loisir et société society and leisure*. Québec : Presses de l'Université du Québec, 1992.

_____. ; SEGALIN, M. *Grands-parents: la famille à travers les générations*. Paris : Odile Jacob, 1998.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. ; STROZENBERG, I. *Álbum de família*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1992.

_____. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987

_____. Mulheres, geração e trabalho. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*. Rio de Janeiro, n.2, 2009.

BIANCO, B. F. Photo Wallahs. *Cadernos de antropologia e imagem*, Rio de Janeiro, 1996.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. *Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Minuit, 1965.

- BOZON, M. Sexualidade, conjugalidade e relações de gênero na época contemporânea. *Interseções revista de estudos interdisciplinares*, Rio de Janeiro, n.2, 2001.
- BRIN, H. *Solidarité ou aide aux familles* : informations sociales, solidarités familiales. Paris : CNAF, 1994.
- BUCCI, E. Meu pai, meus irmãos e o tempo. In: MAMMI, L.; SCHWARCZ, L. M. *8 x fotografia: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.
- CAIUBY, S Novaes. Imagem e memória. In: MAMMI, L.; SCHWARCZ, L. M. *8 x fotografia: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.
- _____. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, E. (Org). *O fotográfico*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2005.
- _____. Um casamento no Paquistão: na captura de imagens. *Cadernos de antropologia e imagem*, n.3, p. 107 -115, 1996.
- CAIUBY, S. Novaes. *Wedding in Pakistan*. Paquistão. 1995 (VÍDEO).
- CAMARANO, A. A.; Ghaouri, S.K. *Família com idosos: ninhos vazios?*. Rio de Janeiro: IPEA, 2003. (Texto para discussão).
- CAMARANO, A. A (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- CARVALHO, C. A. F. *Coisas de família: análise antropológica de processos de Transmissão Familiar*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CICCHELLI, V. Individualismo e formas de apoio: entre lógica incondicional e personalização da parceria intergeracional. In: PEIXOTO, C; SINGLY, F.; CICCHELLI, V (Org). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- CLAVAIROLLE, F ; PEIXOTO, C.H. *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio Janeiro: FGV, 2005.
- COENEN-HUTHER, J.; KELLERHALS, J. ; VON ALLMEN, M. *Les réseaux de solidarité dans la famille*. Suisse : Réalités sociales, 1994
- COPQUE, B. Família é bom para passar o final de semana. *Cadernos de Antopologia e imagem*, Rio de Janeiro, v. 17, n.2, 2003.
- DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter o Anthropological blues. In : NUNES, Edson Oliveira (Org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- FERREIRA, M. L. Olhares fixos na imensidão do tempo. *Cadernos de antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, 1998

FONSECA, C. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Rio Grande do Sul: URRGS, 2000.

GRISARD FILHO, W. *Família reconstituídas: novas relações depois das separações de parentesco e autoridade parental*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

GUEDES, S. L. Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org). *Família e gerações*. Rio Janeiro FGV, 2006.

_____. Redes de parentesco e considerações entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. *Cadernos do CRH*, Salvador, n. 29, 1998.

GIDDENS, A. *O mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GODBOUT, J. T; CHARBONNEAU, J. *L'Affective, l'obligation et le don : informations sociales*. Paris: CNAF, 1994.

GURAN, M. Fotografar para descobrir; fotografar para contar. *Cadernos de antropologia e imagem: campo da imagem*. Rio de Janeiro, n. 10, Rio de Janeiro, 2000.

INARELLI, H. C. Como garantir a memória digital às próximas gerações? *Jornal da Unicamp*. Disponível em: < www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje> Acesso em : 02 abr de 2005.

_____. et al. Preservação de documentos digitais: metodologia prática para identificação de problemas físicos nas mídias de CD-ROM e CD-R. In: CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, 6, 2005, Campos do Jordão. *Anais do VI Congresso de Arquivologia do Mercosul*, 2005.

JARDIM, M. *De sogra para nora para sogra: redes de comércio e de família em Moçambique*. *Cadernos pagu*, Campinas, jul./dez, 2007.

JONAS, I. Mentira e verdade do álbum de fotos de família. *Cadernos de antropologia e imagem*, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Lire enter les pages de L'album. *Informations sociales : publication de la caisse nationale des allocations familiales*, Paris, n. 4, 1989.

KAUFMANN, J-F. Construção dos hábitos conjugais e sexualidade. *Interseções : revista de estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, n.2, 2001.

KIM, J. H. A fotografia como projeto de memória. *Cadernos de antropologia e imagem*, Rio de Janeiro, v. 17, n.2, 2003.

LEITE, M. Moreira Retratos de Família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, E (Org). *O fotográfico*. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2005.

LEMARCHANT, C. *Belles-fille: avec les beaux-parents trouver la bonne distance*. Paris : Presses Universitaires de Renne, 1999. (Colletion le sens social).

_____. O parentesco por aliança, um parentesco desejado? Formas e conteúdos das relações entre noras e sogros na sociedade francesa contemporânea. In: _____. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

LOBO, C. Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares. Disponível em:
<<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a04.pdf>>

_____. Padrastos no cotidiano: estratégias de construção social do papel de padasto. *Sociologia problemas e práticas*, n.19, 1996.

LUZ, G. *O Impacto do desemprego nas relações familiares: solidariedade e conflito em famílias de camadas médias*. 2005. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MACDOUGALL, D.; MACDOUGALL, J. *Photos wallahs*. Cor. 58 min. Índia, 1991. (vídeo)

MACDOUGALL, J. The art of regret. (vídeo) Cor. 59 min. China. 2007. (vídeo)

MACHADO, A. A fotografia sob o impacto da eletrônica. In: SAMAIN, E. (Org.). *O Fotográfico*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

MANNHEIM, K. O problema das gerações. *Sociologia do conhecimento*. Porto: Rés, [19--].

MARESCA, S. Olhares cruzados. Ensaio comparativo entre as abordagens fotográfica e etnográfica. In: SAMAIN, E. (Org). *O fotográfico*. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2005.

_____. A reciclagem artística da fotografia amadora. *Cadernos de antropologia e imagem*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, 2003.

_____.As figuras do desconhecido. *Cadernos de antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

_____.Refletir as ciências sociais no espelho da fotografia. In: REIS, E.; ALMEIDA, M.H.T; FRY, P. (Org). *Pluralismo, espaço social e pesquisa*. São Paulo: ANPOCS, 1995.

MARTIN, C. Solidarités familiales : l'illusion du renouveau. In: Dortier, J-F. (Org) *Familles: permanence et métamorphoses*. [S.L.] : Sciences Humaines Éditions, 2002.

MINONZIO J. *Solidarités familiales et chômage : recherches et prévisions* Chômage et famille, Paris, n.60, 2000.

_____. Morte e fotografia. In: KOURY, M. G. P. (Org.) *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001

_____. *Retratos de família*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

MOTTA, Ademar Brito. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadenos Pagu*, São Paulo, n.13, 1999.

_____. (Org). Dossiê gênero e família. *Caderno CRH*, Salvador, v. 29, 1998.

NEZOSI, G. Quelques éclairages sur les conséquences du chômage sur la famille. *Recherches et Prévisions : chômage et famille*. Paris: CNAF, 2000.

ODIN, R. As produções familiares de cinema e vídeo na era do vídeo e da televisão. *Cadernos de antropologia e imagem*, v.17, n.2, 2003

PARISH, W. L. ; WHYTE, M. K. *Village and family in contemporary china*. London: The University of Chicago Press, 1978.

PEIXOTO, C. E. Relações intergeracionais : da solidriedade aos maus-tratos. *Interseções : revista de estudos interdisciplinares*, Rio de janeiro, n. 2, p.112-124, 2009.

_____. Family film: from family registries to historical artifacts. *Visual Anthropology*, v. 21, 2008.

_____. As transformações familiares e o olhar do sociólogo. In : SINGLY, F de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro : FVG, 2007.

_____. Solidariedade familiar intergeracional. In: ARAÚJO, C; SCALON, C (Org). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____;BOZON, M. Os na da China, uma sociedade sem casamento nem paternidade: sobre livro e vídeo de Cai Hua. *Cadernos de antropologia e imagem* 17, 2003.

_____. (Org). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Memória em imagens. In: KOURY M. G. P (Org). *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001

PEIXOTO, C. E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: PEIXOTO, C. SINGLY, F; CICCHELLI, V. (Orgs.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: AnnaBlume, 2000a.

_____. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, B ; MOREIRA LEITE, M. (orgs). *Desafios da Imagem: fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. [S.L.] : Papirus, 1998.

_____; CLAVAIROLLE, F. *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro : FGV, 2005.

_____; LUZ, G. M. De uma morada à outra: processos de recoabitação entre as gerações. *Cadernos pagu* : repensando relações familiares, São Paulo, n 29, 2007.

RESEDÁ, S. Uma vez sogra, sempre sogra. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8135>. Acesso em: 29 jul. 2010.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. *Os significados da amizade* : duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SAAD, P. M. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza In: CAMARANO, A. A (Org). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

SADENBERG, C. Mães e filhas : etapas do ciclo de vida, trabalho e família entre o antigo operariado baiano dossie gênero e família. *Cadernos CRH*, Salvador, n. 29, 1998.

SANTAELLA, L. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, E. (org.). *O fotográfico*. 2. ed. São Paulo : SENAC, 2005.

SAMAIN, E. Um retorno à câmara clara: Roland Barthes e a antropologia Visual. In: SAMAIN, E. (Org.). *O fotográfico*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

SARTI, C. A. A . Deixarás pai e mãe. *Revista antropológicas*, v. 16, 2005.

_____. *Família como espelho: uma estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Associados, 1996.

SEGALEN, M. Les Nouvelles Familles In: Dortier, J-F. (Org). *Familles: permanence et métamorphoses*. [S.L.] : Sciences Humaines Éditions, 2002.

SEGALEN, M. *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar. 1999.

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. A sociologia da família na França nos últimos trinta anos. *Interseções : Revista de estudos interdisciplinares*, Rio de Janeiro, n.2, 2001.

SINGLY, F. O Nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C; SINGLY, F; CICCHELLI, V (Org). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. Préface sur scène, avec sa belle-mère. In: LEMARCHANT, C. *Belles-filles: avec les beaux-parents, trouver la bonne distance*. Paris: Presses Universitaires de Rennes, 1999.

SOUSA, J.T. P. Apresentação do dossiê: a sociedade vista pelas gerações. *Política & Sociedade: revista de sociologia política*, Florianópolis, v.6, n. 8, 2006.

TORRES, A. *Casamento em Portugal*. Portugal: Celta, 2002.

VELHO, G. Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, dossiê análises contemporâneas sobre os comportamentos familiares, Rio de Janeiro, n.2, 2001.

_____. Observando o familiar. In: _____. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro : Zahar, 1989.

VICENTE, C. F. Fotografia: a questão eletrônica. In: SAMAIN, E (Org). *O fotográfico*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

WOORTMANN, K. A idéia de família em Malinowski. *Revista de Antropologia Social*, Campos, v. 2, 2002.

WOLF, M. *The house of Lim : a study of a chinese farm family*. USA : PRENTICE-HALL, 1968.

ANEXO A – Lista de entrevistas**Noras:****Camadas populares:**

- 1) Lenita – Manicure, 19 anos
- 2) Leandra – Empregada doméstica, 33 anos
- 3) Valéria – Diarista, 38 anos

Camadas Médias:

- 4) Andreza – Secretária , 38 anos
- 5) Clara – Nutricionista, 37 anos
- 6) Glória – Pedagoga, 34 anos
- 7) Daniela – Jornalista, 32 anos
- 8) Fabíola – Estudante de Turismo, 31 anos
- 9) Elaine – Dona de casa, 38 anos
- 10) Juliana Pontes – Designer, 35 anos
- 11) Mônica – Professora de Educação Física, 34 anos
- 12) Janine – Estudante de Comunicação, 27 anos
- 13) Renata – Comerciarista, 29 anos

Obs. Neide – museóloga, 41 anos -, Patrícia – cabeleireira, 33 anos; foram entrevistadas no Mestrado.

Sogras**Camadas populares:**

- 14) Celina – Professora de Biologia,
- 15) Celinha – Empregada Doméstica, 54 anos
- 16) Doninha – Diarista, 38 anos
- 17) Eliane – Empregada Doméstica, 48 anos

18)Elisa – Diarista, 60 anos

19)Laura – Pensionista, 64 anos

Camadas médias:

20)Dora – Secretária, 68 anos

21)Lucy – Funcionária pública federal, 57 anos

22)Nely – Advogada aposentada, 72 anos

23)Rita (formal) – Técnica de Enfermagem e Instrumentadora, 53 anos

ANEXO B - Alguns exemplos da abordagem do tema da internet

1 - SOGRAS: CONVIVER SEM ENLOUQUECER

O relacionamento sogra /nora/genro é pra lá de delicado. E, há razões para que seja complicado: é sempre difícil abrir mão de alguém que amamos para outra pessoa. Pessoas realmente bem resolvidas são um caso raríssimo. O fato de tornarem-se sogras, apenas acentua problemas latentes.

E, quanto melhor soubermos lidar com elas, mais chances teremos de nos preservar. Mas para isso, é preciso "reconhecer" o tipo que nos foi reservado pelo destino. Na qualidade de nora, com sogra viva e atuante, tentarei dar algumas dicas que, se não melhorarem o clima, pelo menos farão você sentir que está fazendo alguma coisa.

- **Sem grande intimidade** - o ex presidente Jânio Quadros estava coberto de razão ao declarar que a intimidade resulta em gripes e filhos. No caso de sogras, um pouco de discrição e distância só pode fazer bem e evita interferência demais em sua vida.

- **Jamais tome partido explicitamente** - nem dela nem de seu companheiro/a. Em um racha familiar, deixe claro que a divergência é deles e reforce sua posição de agregado/a. Nunca se sabe quem e quando mudará de opinião.

- **Pague com a mesma moeda** - para justificar uma decisão sua, use sem o menor pudor as mesmas armas que ela já utilizou. Não hesite em até mesmo repetir frases ditas por ela:

- *"Sabe, como a senhora mesma disse uma vez..."* **ou** :

- *"a senhora sabe o que estou sentindo pois já aconteceu com a senhora ..."*

ou ainda:

- *" a senhora entende, pois já passou por isso..."*

- **Jamais xingue a sogra** - muito menos para o seu marido/mulher. Morda a língua, os punhos, os cotovelos... Se ela é uma mala, seu companheiro já sabe disso (e, acredite, detesta o fato mais que você, que não tem obrigações filiais ou vínculos afetivos). Poupe-o/a. Evite atritos e mostre que você tem classe. E contará muitos pontos a seu favor .

- **Reserve (um pouco) do seu tempo para ela:** se ela gosta de comemorar datas, anote todas . Se ela valoriza mostrar os netos para as amigas, faça-o de vez em quando. Se ela curte algum passatempo, participe (esporadicamente e na medida do possível) ou mostre interesse.

- **Rédea curta** - não explique demais. Aliás, não explique. Mudanças de planos - seja do lazer do fim de semana ou do rumo da vida , decisões de todos os tipos, devem ser meramente comunicadas.

Como se vê, não existe uma fórmula segura para contornar problemas com sogras. Quando a coisa apertar muito, mas muito mesmo, talvez ajude pensar: "será que no fundo, muito no fundo mesmo, ela não está com a razão?"

Simplesmente é preciso conceder a elas alguns créditos e votos de confiança. Lembre-se que talvez, um dia você ainda será sogra e aí poderá conferir até o fim da vida (ou do casamento de seu filho/a) quem é que tinha razão...

Fonte:

<http://www2.uol.com.br/clauidiamatarazzo/encontros19.shtml>

2 – ETERNA MISERICÓRIDA

Há muito tempo, uma menina chamada Lili se casou e foi viver com o marido e a sogra. Depois de alguns dias, passou a não se entender com a mesma.

As personalidades delas eram muito diferentes e Lili foi se irritando com os hábitos da sogra, que freqüentemente a criticava. Meses se passaram e Lili e sua sogra cada vez mais discutiam e brigavam. De acordo com antiga tradição chinesa a nora tinha que se curvar à sogra e obedecê-la em tudo. Lili, já não suportando mais conviver com a sogra decidiu tomar uma atitude e foi visitar um amigo de seu pai. Depois de ouvi-la, ele pegou um pacote de ervas e lhe disse:

Você não poderá usá-las de uma só vez para se libertar de sua sogra porque isso causaria suspeitas. Vou lhe dar várias ervas que irão lentamente envenenando sua sogra. A cada dois dias ponha um pouco destas ervas na comida dela.

Agora, para ter certeza de que ninguém suspeitará de você quando ela morrer, você deve ter muito cuidado e agir de forma muito amigável.

Não discuta, ajudarei a resolver seu problema, mas você tem que me escutar e seguir todas as instruções que eu lhe der. Lili respondeu: - Sim,

Sr. Huang, eu farei tudo o que o senhor me pedir. Lili ficou muito contente, agradeceu ao Sr. Huang e voltou apressada para casa para começar o projeto de assassinar a sua sogra. Semanas se passaram e a cada dois dias Lili servia a comida "especialmente tratada" a sua sogra.

Ela sempre lembrava do que Sr. Huang tinha recomendado sobre evitar suspeitas e, assim, controlou o seu temperamento, obedeceu a sogra e a tratou como se fosse sua própria mãe.

Depois de seis meses, a casa inteira estava com outro astral, Lili tinha controlado o seu temperamento e quase nunca se aborrecia.

Nesses seis meses, não tinha tido nenhuma discussão com a sogra, que agora parecia muito mais amável e mais fácil de lidar. As atitudes da sogra também mudaram e elas passaram a se tratar como mãe e filha. Um dia, Lili foi novamente procurar o Sr. Huang para pedir-lhe ajuda e disse: Querido Sr. Huang, por favor, me ajude a evitar que o veneno mate minha sogra!

Ela se transformou numa mulher agradável e eu a amo como se fosse minha mãe. Não quero que ela morra por causa do veneno que eu lhe dei. Sr. Huang sorriu e acenou com a cabeça. -

Lili, não precisa se preocupar. As ervas que eu dei eram vitaminas para melhorar a saúde dela.

O veneno estava na sua mente e na sua atitude, mas foi jogado fora e substituído pelo amor que você passou a dar a ela. Na China existe uma regra dourada que diz:

"A pessoa que ama os outros também será amada". Na grande parte das vezes, recebemos das outras pessoas o que damos a elas... por isso tenha cuidado! Lembre-se sempre: o plantio é opcional, mas a colheita é obrigatória. Por isso, tenha cuidado com o que planta!

Postado por: Bruno Souza Nogueira, em: 23/06/2008.

Fonte: <http://www.eternamisericordia.com.br/forum/exibe.php?ida=42>

3 - DICAS PARA A CONVIVÊNCIA PACÍFICA

Por parte da nora, do genro ou da sogra, é preciso observar alguns pontos para a convivência pacífica do trio. A psicóloga Odila Faggionato, autora de um livro sobre o conflito entre sogras e noras, dá algumas dicas sobre como proceder:

PARA NORAS E GENROS

Não adianta fugir: Segundo ela, não adianta ir morar longe e só encontrar a sogra na Páscoa e no Natal. "Este distanciamento não resolve, vai postergar apenas. Mas não estou estimulando que todos morem juntos, porque cada um deve ter sua individualidade, seu mundo".

Compreender a boa vontade: Às vezes a sogra pode estar querendo fazer um favor para o casal e ser mal-interpretada. "Os casais mais jovens, principalmente, tem que ter uma compreensão da história de vida dessa mulher, que por 'n' razões se comporta desse jeito. Às vezes ela não faz as coisas por maldade, pode ser por coisas muito pessoais dela, que quer ajudar, e não maltratar o casal".

PARA SOGRAS

Não seja possessiva: "Para a sogra vale a mesma coisa que para a nora: ela

tem que entender que o seu amor é maternal, o que não dá direito a posse, não é erótico e não vai substituir. Entre ela [a sogra] e a outra, nem sempre o homem vai optar pela mãe”, explica a psicóloga.

Liberdade para o casal: “A sogra tem que entender o lugar dela, ter consciência do seu papel. Ela já foi mãe, já realizou o seu papel e agora é sogra”, disse Odila. “Quem sabe agora é o momento de se envolver novamente com o seu marido, pq às vezes a relação está muito mal e ela se apega mais ao filho. Tem que respeitar a liberdade do casal e voltar-se para as suas coisas. Se ela está viúva, pode tentar ver uma nova forma de vida, se envolver com a própria vida, não com a alheia”, sugeriu.

Fonte:

http://delas.ig.com.br/materias/195501-196000/195663/195663_1.html

4 - MINHA SOGRA, MINHA NORA

Eva não teve sogra, e nem por isso sua vida foi um paraíso. Muitas mães não têm noras, mas sofrem por verem os filhos sozinhos. Será que o relacionamento entre nora e sogra precisa ser ruim? Vamos conversar sobre isso...

Existem alguns enfrentamentos que resultam em confusão na certa, Petistas vs. Malufistas, Torcida vs. Juiz e Gato vs. Rato. No mesmo espírito desarmônico encontramos o relacionamento de Nora vs. Sogra, ou vice-versa, pra ninguém achar ruim. Taí uma relação conturbada, cheia de “diz-que-diz”, mágoas, bate-boca e outros desafetos, por hora denominados picuinhas, pendengas ou pandemônio.

“Ela acha que o meu marido é um bebê”, reclama a nora, irritada com os mimos que a sogra destina ao filho, que no caso, já tem 40. “Ela não gosta de mim, tem ciúmes”, rebate a sogra, inconformada com as críticas e cansada das piadas de botequim.

Em busca de respostas para o eterno conflito, a escritora Eden Bowditch e a psicóloga Aviva Samet colheram 53 depoimentos de noras americanas. No livro **“O desafio do relacionamento - nora e sogra”** as autoras debatem os problemas que cercam as relações boas e ruins.

[...]

Para Sônia Blota, o principal tema que rodeia todos os conflitos, é a questão da tolerância. “É preciso cultivar a tolerância, pois a sogra pode ser sim uma segunda mãe, diferente da original, mas não menos gostosa de conviver”.

- Participe do nosso Fórum: como é a relação com a sua nora/sogra?
- Bandeira Branca! Mande um cartão para a sua sogra ou nora

- Para as sogras: leia também "Síndrome do ninho vazio"
- Quer mais sobre noras e sogras? O Farejador acha para você!
-

Sonia Blota Belotti

Psicóloga especialista em psicoterapia clínica

Idealizadora e editora-chefe do Teias (Promoção de Eventos em Qualidade de Vida)

Fonte: <http://www.teias.com.br/teias@teias.com.br>

5 – NORA VERSUS SOGRA

Se quando você pensa na sua sogra, as seguintes imagens vêm à sua mente: de um réptil sibilino chocalhando miríades de guizos; uma bruxa de nariz adunco com verruga bem cabeluda na ponta, cortando o espaço a bordo de uma reluzente vassoura e outros pensamentos desse naipe, saiba que, é bem possível que ela pode estar tendo visões semelhantes a seu respeito.

É difícil essa relação, não?

Nem sempre, há histórias de relações maravilhosas entre noras e sogras. Existem casos de noras que se dão melhor com a sogra que com a própria mãe.

A sogra que inferniza a vida da nora pode estar inconscientemente erotizando a relação mãe/filho. Ela não vê a nora como a companheira que o filho escolheu para construir seu futuro e fazê-lo feliz. Tem a nora como a rival que está roubando esse filho em que ela foi investindo seus sonhos desde que ele nasceu.

E aí, a cobra vai fumar!

Ela inventa mil maneiras de não deixar essa nora ter um minuto de sossego ao lado do companheiro. Entre outras coisas, ela pode invadir a casa dos dois a qualquer hora sem nenhum aviso e sem cerimônia dar palpite em tudo.

O molho do macarrão não é aquele que o filho gosta e que só ela sabe fazer. O bolo que a nora faz não sai bom porque só ela sabe bater até o ponto certo. As camisas do filho não estão separadas por cor no guarda-roupa. As cuecas e meias, não estão dobradas da maneira que ela costumava dobrar. Não coloca as roupas na máquina de lavar separando-as por fibra, por cor, por textura do jeito que ela faz. A casa, na opinião dela, é uma bagunça. Os netos não são bem alimentados porque ela só dá porcaria para eles comerem. Enfim, a nora não limpa, não lava, não cozinha, não ajuda direito nas despesas da casa. Não faz nada... COMO ELA FAZ!

Sogra que se sente traída tem mentalidade fértil para torturar a nora. Geralmente, essa mulher teve um [marido](#) que não satisfaz seus anseios internos, foi um ausente, um banana, um déspota, enfim, não correspondeu a tudo que ela esperava dele. À medida que o marido ia frustrando-a em suas expectativas, ela ia projetando seus desejos no filho, esperando (às vezes inconscientemente) que o filho um dia fosse para ela o que o companheiro não foi ou não pode ser (ele pode também ter morrido).

Muitas vezes também a nora alimenta as atitudes invasivas da sogra entrando no jogo, fornecendo munição e assim acaba promovendo uma disputa ferrenha para ver quem fica com o prêmio (o prêmio em questão é o filho de uma e companheiro da outra).

Como se sente ele (o coitadinho) no meio dessa disputa? Às vezes desconfortável e às vezes lisonjeado, chegando em muitas ocasiões a colocar mais alguns gravetinhos na fogueira, porque as duas [mulheres](#) que ele ama disputando-o lhe dá uma satisfação imensa! Tudo depende da natureza dos [afetos](#) que mobilizam esse triângulo.

Bem... como terminar essa guerra e desarmar os dois lados? A sogra terá que ter uma tomada de consciência e perceber que não está perdendo seu filho para outra. O amor de filho é para sempre. Desinvestir esse filho de seus anseios frustrados e procurar uma forma de resolver suas insatisfações. Deixar os dois construírem sua vida sem interferência externa. Só se manifestar e dar palpite quando for chamada para tanto. É fundamental o respeito pela vida dos dois. Críticas destrutivas não ajudam em nada.

Quanto à nora é bom ir retirando a armadura, abaixando as armas e reconhecer que o marido vai sempre amar a mãe dele, mas, esse sentimento que ele nutre pela mãe, em nada vai interferir no amor que tem por você (companheira). Tente exorcizar mágoas e rancores. Respeito por ela é bom e ela gosta. Tratá-la bem. Manter uma certa distância, não uma distância que cheire a animosidade. Uma distância respeitosa.

As duas podem até vir a ser boas amigas. Afinal, não tem porque viverem se estranhando, pois, se cada uma no seu papel, amam o mesmo homem (o que deveria uni-las é o que determina a contenda e acabam não enxergando que a natureza do amor das duas é diferente).

Se a nora conseguir retirar essas roupagens (de cascavel; bruxa ou se já lá como for que a vê) de cima da sogra, poderá até descobrir uma agradável mulher experiente e com qualidades que os rancores não deixavam aparecer, e conquistar uma aliada.

Outra história

Era uma vez um rapaz, primogênito de uma família de vários [irmãos](#), que gostava muito de berinjelas. A sua mãe preparava-as de diversas formas, e a verdade é que se ia superando progressivamente na elaboração dessa apazível iguaria.

Todos os dias, ao voltar do trabalho, o rapaz chegava a casa e encontrava o seu prato predileto. E não se sabe quem se deliciava mais, se o jovem vegetariano, se aquela mãe que, diante da boa acolhida dispensada ao legume e com uma espécie de secreto orgulho, havia feito da arte de preparar berinjelas um modo de demonstrar o seu carinho e uma autêntica meta profissional.

Em pleno auge de entusiasmo pelas berinjelas, o rapaz casou-se. Um belo dia, convidou a mãe para jantar. A nora serviu como primeiro prato - é claro! - berinjelas. A sogra provou-as: estavam simplesmente ma-ra-vi-lho-sas. E sentiu então uma grande tristeza, mais ou menos como a que a gente sente quando perde o emprego...

Naquele momento, a pobre mulher pensou que acabava de recuar muitos pontos no *ranking* materno. Mas, como era uma sogra diplomática, soube disfarçar o seu desgosto e elogiar abundantemente as habilidades da nora, sem mostrar o menor ressaibo de despeito. Pouco depois, quando se encontravam na sala, a jovem sentiu-se encorajada a abrir-se com essa senhora tão amável e compreensiva, que tinha gostado tanto das suas berinjelas (quanto não tinha ela suado ao prepará-las, sabendo que seria uma espécie de teste "tudo-ou-nada" das suas qualidades culinárias!). Em breve, encontravam-se as duas enfrascadas numa conversa sobre os temores e angústias que uma jovem esposa tem de enfrentar. E a nossa sogra, feliz, ia derramando o seu coração em conselhos e explicações que iam desde os lugares onde se encontravam as melhores pechinchas até o modo de organizar o horário para compaginar um trabalho externo com o cuidado do lar...

Foi assim que essa sogra descobriu que não tinha *perdido*, mas *conquistado* posições. A partir desse momento, devia passar a oferecer a esses filhos outro tipo de alimento, muito melhor do que as berinjelas, e não já passado em ovo e farinha, mas em carinho. Percebeu que, se por força das circunstâncias, não podemos mais continuar a exercer certas atividades, há sempre outras em que podemos continuar a servir.

Nada, nem as nossas limitações, nem as dos outros, nada de nada pode impedir-nos de descobrir sempre novas formas de serviço. Há tanto trabalho a fazer, há tantas ajudas de que os outros estão necessitados, que não vale a pena perdermos o tempo lamentando a falta de um ou outro desses pequenos meios de comprazer os nossos familiares a que já nos havíamos acostumado. Uma pequena renúncia pode abrir-nos imensos horizontes aos nossos desejos de bem-fazer, tão ou mais eficazes do que aquilo que já vínhamos praticando.

Uma mãe dá sempre o melhor ao seu filho, e não porque o dizem as campanhas publicitárias em torno do "dia das mães", mas porque é isso o que Deus espera que ela dê aos seus filhos, noras e genros. E esse "melhor" não se resume nem de longe ao cardápio das refeições. Consiste nada mais nada menos do que na dádiva do próprio coração.

A amizade, o carinho *pessoal*, deve ser a base do nosso relacionamento com as noras e genros. Não há nada tão nefasto como "massificar" as pessoas,

tentando, por exemplo, enxertar uma nora recém-chegada como se fosse apenas "mais uma" no bloco ou clã familiar. Por muito simpáticos que sejam os membros de uma família, por muito agradável que seja ao genro ou à nora sentirem-se parte dessa comunidade inicialmente estranha que é a família da mulher ou do marido, o que eles precisam urgentemente, como primeira coisa, é serem considerados suficientemente [importantes](#) para merecerem uma atenção individual, um tratamento direto e, ao mesmo tempo, cheio de delicadeza.

É preciso, portanto, *personalizar* o nosso relacionamento com todos os componentes da nova família. Explico-me. Ele ou ela devem importar-nos independentemente de serem "o marido da Aninha" ou a "esposa do Carlinhos". Devemos chegar a estimá-los não pelo que representam para nós, mas pelo que realmente são. Devemos chegar a ter uma amizade pessoal, íntima e profunda, com os cônjuges dos nossos filhos. Porque, quando há essa amizade, feita de aceitação e apreço, sempre existe coisas para contar, [alegrias](#) para compartilhar, interesses comuns, desejos de aprender uns com os outros e de melhorar o próprio comportamento, discrição e tato, sal e luz...

Maria Luiza A. Curti
Psicóloga

Fonte: <http://mensagensepoemas.uol.com.br/familiares/sogra/nora-versus-sogra.html>

ANEXO C – As anedotas

Minha mulher é a rosa, meus filhos são jasmim e minha sogra é a praga que estragou meu jardim.

Professor, o senhor domina mesmo todas as línguas?

- Bem, quase! Tem uma que eu não consigo dominar: A da minha sogra!

Como se diz sogra em russo?

- "Storvu".

Como se diz funeral de sogra em russo?

- "KabouStorvu".

Sogra e Madrastra, só o nome basta.

Seja magrela ou gorducha, não ofenda essa coitada. Não chame a sogra de bruxa, pois a bruxa nunca te fez nada!

Um homem chega no bar todo triste senta no balcão e pede uma grande dose de vodka.

O balconista ao ver a situação do homem lhe pergunta:

- O que lhe aconteceu? Está tão triste.

- É que eu fiquei um mês sem falar com a minha sogra.

- Tá, mas qual é o problema?

- O problema é que o prazo termina hoje!

Embora a velha se queixe digo logo: "Não há vaga!" Sogra em casa é que nem peixe: Se passar de um dia, estraga!

Eu amo tanto a minha sogra que decidi fazer uma estátua dela mas a peste não quis comer o cimento.

Morar com sogra é fazer vestibular para o céu.

Sabe qual a diferença entre as Sogra e as Pilhas?
As pilhas tem um lado positivo.

Só não mando minha sogra pro inferno, porque tenho pena do diabo
Frase de caminhão sobre sogra

Sabe por que existe a sogra? Ao contrário de Deus, o diabo não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

A minha era tão boazinha, mas tão boazinha, que antes de me criar problema,
MORREU ...

Se sua sogra é uma jóia, nós temos a caixinha!
Anúncio da Funerária "Já foi Tarde"

Só existem duas sogras boas: a da minha mulher e a da mulher do meu filho.

De todas as tragédias na vida de um homem a sogra e a pior delas.

Minha filhinha conversando com minha Sogra.

Minha Sogra (Professora) disse que era fisicamente impossível que uma baleia engula um ser humano porque apesar de ser um mamífero muito grande, a sua garganta é muito pequena.

Minha filha afirmou que Jonas foi engolido por uma baleia.

Irritada, minha Sogra repetiu que uma baleia não poderia engolir nenhum ser humano; era fisicamente impossível.

Minha filha, então disse:

- Quando eu morrer e for ao céu, vou perguntar a Jonas.

Minha Sogra lhe perguntou:

- E o que vai acontecer se Jonas tiver ido ao inferno?

A menina respondeu:

- Aí a senhora pergunta!

Moral da História:

Minha filha vai ganhar o MP4 no natal!

A velha que não sabia nadar estava andando próximo a um lago, quando de repente tropeçou e caiu dentro da água, e começou a pedir socorro.

Seu Genro mais novo, casado com sua filha mais nova, escutou a velha gritar e de imediato pulou na água e salvou a Sogra No outro dia estava um fusca new beetle, novinho em folhas em frente a sua casa e um bilhete que dizia, "para meu querido genro, da tua sogra que te ama."

Passado alguns dias e novamente, a velha está caminhando no mesmo lugar, quando tropeça e cai novamente (vive bêbada!) e começa a pedir socorro.

Então o outro genro, que é casado com sua filha do meio, está passando no local, atira-se na água e salva a velha. No outro dia estava um fusca new

beatle, novinho em folhas em frente a sua casa e um bilhete que dizia, "para meu querido genro, da tua sogra que te ama."

Passado mais alguns dias, e quem estava no lago novamente? A velha é claro, que tropeça e cai dentro d'água (ô cachaça!), e começa a gritar por socorro. Desta vez o Genro mais velho (que a atura há anos) escutou o pedido de socorro. Ele correu até a beira do lago e ficou apenas observando. A velha gritava e somente ele estava escutando, porém nada fez. Resultado? A Jararaca se afogou!

No outro dia, em frente a sua casa, estava uma Ferrari, zero quilômetro, seguro pago, IPVA pago, e um bilhete: "Para meu querido genro, do teu sogro que te ama."

O bêbado, no enterro da sogra, chegou pro padre e falou:

-Padre, nem sabe o que eu vou fazer pra minha sogra

-Fale, meu filho.

-Vou escrever um poema no túmulo dela.

-Qual poema?

-Um que eu mesmo criei:

"A minha sogra era uma chata e só vivia enchendo o saco. Não tendo mais o que encher veio encher buraco!"

O que o diabo não pode, a sogra consegue!

Da defunta a dentadura cai, o Zé pisa e se corta...A sogra é parada dura: morde até depois de morta!

Um sujeito queria construir uma casa e chamou o arquiteto. Explicou para ele como queria a casa, acrescentando:

- Veja bem. Por dentro eu quero todas as paredes redondas.
 - Redondas por que? perguntou o arquiteto
 - Porque eu não quero que tenha nenhum cantinho pra minha sogra.
-

Duas distintas senhoras encontram-se após um bom tempo sem se verem. Uma pergunta à outra:

- Como vão seus dois filhos, a Rosa e o Francisco?
- Ah! Querida, a Rosa casou-se muito bem. Tem um marido maravilhoso. É ele que levanta de madrugada para trocar as fraldas do meu netinho, faz o café da manhã, lava as louças e ajuda na faxina. Só depois é que sai para trabalhar. Um amor de genro! Deus que o abençoe!
- Que bom, amiga, e o Francisco? Casou também?
- Casou sim, querida. Mas tadinho dele, deu azar demais. Casou-se muito mal!

Imagina que ele tem que levantar de madrugada para trocar as fraldas do meu netinho, fazer o café da manhã, lavar a louça e ainda tem que ajudar na faxina! E depois de tudo isso ainda sai para trabalhar, para sustentar a preguiçosa da minha nora!

Se fofoca rendesse algum dinheiro minha sogra estaria milionária!

Fim de tarde, o genro chega em casa bem humorado e, mais uma vez, encontra a sogra lá. Como quem não quer nada, chega perto da velha e a pronuncia uma frase surpreendente:

— Querida Sogrinha, sabe que eu gostaria muito que você fosse uma estrela?

Ela fica toda contente! Não cabe em si de felicidade e responde:

— Quanta gentileza, meu genro! Por que motivo você fala isso?

— Porque a estrela mais próxima está a milhões e milhões de quilômetros da Terra.

Que sua sogra não se chame Esperança, pois a esperança é a última que morre.

Sogra devia ter dois dentes; 1 para doer e outro para abrir garrafas.

Enviuei, casei com minha cunhada para economizar sogra.

Sogra não é parente é castigo.

Sogra é como cerveja, só é boa gelada e em cima da mesa.

O maior castigo de um Bígamo é ter duas sogras!

O cara voltava do enterro de sua sogra, quando ao passar por um prédio em obras um tijolo caiu lá de cima e quase acertou a cabeça dele... O homem olhou pra cima e gritou:

- Já chegou aí, sua desgraçada! E ainda continua com má pontaria!

A garota chega para mãe, reclamando do ceticismo do namorado.

Mãe, o Mário diz que não acredita em inferno!

Case-se com ele minha filha e deixe o resto comigo!

Um sujeito leva a esposa e a sogra para conhecerem Jerusalém. Chegando lá, a velha

não agüenta a emoção de conhecer a Terra Santa, tem um ataque cardíaco e morre. Depois de tomar as providências necessárias, o casal descobre que o traslado do corpo de volta para o Brasil custará 10.000 dólares.

- Meu bem - diz a esposa - se você quiser, nós podemos enterrar a mamãe aqui mesmo. Eu não me importo.

- Não! - diz o marido - aqui em Jerusalém, eu não a enterro de jeito nenhum!

- Por que, meu amor

- Teve um sujeito que foi enterrado aqui, e depois de 3 dias ressuscitou...

Em dia de tempestades e trovoadas o local mais seguro é perto da sogra, pois não há raio que a parta.

O homem compareceu ao plantão de polícia dizendo que queria confessar um crime.

Com sono, o delegado vem até a sala de interrogatório e pergunta:

-O que você fez?

E o cara:

-Matei minha sogra!

-Bom, meu rapaz, você devia estar muito transtornado quando cometeu esse crime, não se importe, vá pra casa e descanse. Amanhã a gente resolve isso. Está tudo bem.

-Mas doutor eu enterrei a velha!

-Ah me filho, viu que boa alma você é? Enterrou a sua sogra e assim já evitou toda aquela burocracia.

-Doutor! Mas quando eu estava enterrando ela gritava que ainda estava viva!

-Ô meu filho e você não sabe que toda a sogra é mentirosa e teimosa?

Jogou alto, foi "peitudo" e ganhou grana de sobra! Sonhou com sogra, o sortudo, e apostou tudo na cobra!

O sujeito explica no plantão de polícia o problema que se passou com ele:

-Então, doutor, minha esposa falou para eu levar minha sogra para dar umas voltas, de modo a se exercitar. Nós estávamos caminhando quando, numa rua pouco movimentada, apareceu o rapaz, que deve ser um drogado ou baderneiro e começou a surrar a minha sogra sem que ele tivesse dado motivo para isso. Ele bateu até minha sogra cair no chão e mesmo assim continuou chutando.

-O cara estava armado?

-Eu acho que não, seu delegado.

-Era um homem muito grande e forte?

-Era não. Até era meio fraquinho, mas minha sogra já é idosa!

-Eu não estou entendendo - disse o doutor delegado, indignando-se - como é que o você, vendo o sujeito batendo na sua sogra, ficou parado, braços cruzados, sem fazer nada?

- Sabe, doutor, eu até que tava com vontade de fazer alguma coisa, mas...
- Mas, o quê?
- Achei que dois caras batendo numa velhinha seria muita covardia!

Minha sogra caiu do Céu, quebrou a vassoura!

Um cara foi à delegacia e disse:

- Eu vim dar queixa, pois a minha sogra sumiu.
- O delegado pergunta:
- Há quanto tempo ela sumiu?
 - Duas semanas - respondeu o genro.
 - E só agora é que você vem dar queixa?
 - É que custei a acreditar que eu tivesse tanta sorte!

A sogra do cara morreu. Um amigo perguntou:

- O que fazemos? Enterramos ou cremamos?
- As duas coisas. Não podemos facilitar!

O cara voltava do enterro de sua sogra quando, ao passar por um prédio em obras, um tijolo caiu lá de cima e quase acertou a cabeça dele... O homem olhou pro céu e gritou:

- Já chegou aí, sua desgraçada! Felizmente ainda continua com má pontaria!

Na sala de espera de um grande Hospital, o médico chega para um cara muito nervoso e diz:

- Tenho uma péssima noticia para lhe dar... A cirurgia que fizemos em sua mãe...
- Ah!, ela não é a minha mãe... É a minha sogra, doutor!
- Nesse caso, então, tenho uma boa noticia para lhe dar!

O cara chega pro amigo e fala:

- Minha sogra morreu e agora fiquei em dúvida. Não sei se vou trabalhar ou se vou pro enterro dela... O que é que você acha?

E o amigo:

- Primeiro o trabalho, depois a diversão!

O sujeito bate à porta de uma casa e assim que um homem abre ele diz:

- O senhor poderia contribuir com o Lar dos Idosos?
 - É claro! Espere um pouco que eu vou buscar a minha sogra!
-

Qual a punição por bigamia?

- Duas sogras

A mulher comenta com o marido:

- Querido, hoje o relógio caiu da parede da sala e por pouco não bateu na cabeça da mamãe...

- Maldito relógio! Sempre atrasado!

A mulher do João foi trabalhar e fazer um curso de 6 meses nos Estados Unidos.

Crise, sabe como é... contratou uma bela empregada...

Um dia, sua sogra liga e avisa que vai até lá para jantar. Durante a refeição, a velha não pode deixar de notar o quanto a empregada era atraente e sensual.

Após o jantar, ela começa a imaginar se havia mais alguma "coisa " entre seu genro e a empregada, e fica dando umas indiretas.

Falando da labuta da filha numa terra estranha pra juntar dinheiro para a família, essas coisas.

Lendo os pensamentos da sogra, João diz:

- Eu sei o que a senhora deve estar pensando, mas posso assegurar que meu relacionamento com a empregada é puramente profissional !

Os dois deram a conversa por encerrada, terminaram o jantar e a sogra foi embora.

Uma semana depois, a empregada vira para o João:

- Desde que a sua sogra veio para jantar, a concha de sopa de prata sumiu. Você não acha que ela levou, acha ?

João responde:

- Bem, eu achava que aquela jararaca poderia ser tudo, menos ladra... Mas mesmo assim vou escrever um e-mail para ela, só para ter certeza...

Então ele escreve (com cópia pra esposa nos EUA, só de sacanagem):

"Querida sogrinha, eu não estou querendo dizer que a senhora "pegou" a concha de sopa da minha casa, e não estou querendo dizer que a Senhora "não pegou" a concha de sopa.

Mas o fato é que ela sumiu desde o dia em que a senhora esteve aqui para o jantar."

No dia seguinte, João recebe um e-mail de sua sogra (também com cópia para a esposa) dizendo:

"Querido genro, eu não estou querendo dizer que você "dorme" com a empregada, e não estou querendo dizer que você " não dorme" com a empregada.

Mas o fato é que, se ela estivesse dormindo na própria cama dela, já teria achado a concha de sopa que eu coloquei lá, bem debaixo do travesseiro..."

A família inteira estava no carro voltando do feriadão na praia. Quase chegando em casa, um policial rodoviário manda o carro parar:

- Por favor, os documentos, do senhor e do veículo. Sabia que estava a cento e quarenta por hora e que a velocidade permitida aqui é apenas noventa?
- Não seu guarda, eu estava a noventa, tenho certeza disto.

A sogra, sentado no banco de trás entre as crianças, começa a participar da conversa:

- Ah, Paulo Ricardo, que é isso! Você estava a 140 ou mais!

O cara olha para a sogra vermelho de raiva. O policial continua:

- E sua lanterna direita não está funcionando...
- Minha lanterna? Nem sabia disso. Acho que queimou durante a viagem.

E a sogra corrige:

- Ah, Paulo Ricardo, que mentira! Faz quase um mês que você está falando que precisa trocar a lâmpada da lanterna!

O cara fica quase louco e faz sinal à sogra para ficar quieta. O policial:

- E o senhor está sem o cinto de segurança.
- Mas, seu guarda, eu estava com ele. Eu só tirei para pegar os documentos!
- Ah, Paulo Ricardo, mentindo de novo? Você nunca usa o cinto!

O cara explode e grita com a velha:

- Cacete! Dá pra calar a boca?

O policial chega perto da janela da sogra e pergunta:

- Esse sujeito sempre grita assim com a senhora?

E a sogra que colabora responde:

- Não, não senhor, seu guarda. Só quando bebe!

Duas mulheres perguntam o que uma amiga quer ganhar de aniversário:

-- Carla, dá uma idéia. Não sabemos o que comprar para você.

-- Olha, podem me dar uma cigareira com a cara da minha sogra.

As amigas ficam surpresas:

-- Nossa, mas... Você gosta tanto da sua sogra?

-- Não! É que eu quero deixar de fumar, de qualquer jeito!

Marido e mulher têm mais uma briga. Muito chorosa ela liga pra mãe:

- Não aguento mais, mãe. Mas desta vez eu vou dar um castigo nele: vou passar uma semana aí com a senhora.

Ao que a velha retruca:- Se é pra dar um castigo nele, minha filha, deixa que eu vou passar uma semana aí com vocês!

SOGRA, QUAL É O TEU TIPO?

SOGRA TRANQUILA

Nome Científico: *Sogronis nadelas*

Uma espécie bem resolvida. Deixa o filhote livre para namorar sem fazer perguntas. E ainda serve chá com biscoitos quando a conhece. Migra varias vezes por ano, deixando a casa liberada.

SOGRA JARARACA

Nome Científico: *Sogronis peçonhentas*

Essa é um perigo. Sua língua venenosa acaba com as tentativas de namoro do filhote; o tipo mais comum.

SOGRA QUERIDA

Nome Científico: *Sogronis simpaticcus*

Espécie amorosa, que adota as namoradas, escuta seus problemas e torce pelo namoro.

Rara e em extinção, quem captura não solta.

SOGRA INTROMETIDA

Nome Científico: *Sogronis enxeridis*

Se mete quando você menos espera e adora elogiar a ex-namorada dele. Vence sua presa no cansaço. Costuma ir morar com o filhote quando ele se casa.

SOGRA DUPLA FACE

Nome Científico: *Sogronis falsidis*

Faz a linha fina, mas na real quer puxar seu tapete. Nunca faz nada contra você perto do filhão para que ele não acredite nas suas reclamações.

SOGRA FASHION

Nome Científico: *Sogronis modernetes*

Ela não quer saber quem é você, mas o que você veste.

Se você for básica, já era. Para ela, nora ideal usa scarpin com meia, customiza o uniforme e faz artesanato com o copo de requeijão.

SOGRA TRABALHADORA

Nome Científico: *Sogronis workaholics*

Ela tem três empregos, faz hidroginástica, adora levar trabalho pra casa e

quando você aparece te põe para trabalhar. Para ela, nora ideal tem que fazer tudo o que ela faz e ainda estar sempre sexy e bem-humorada. Para o filhote dela isso é o mínimo.